ANNO BIOGRAPHICO

Anno Biographico
Brazileiro

POR

Joaquim Manoel de Macedo

TERCEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO
61 — Rua d'Ajuda, Chacara da Floresta — 61

1876

Commissão Superior

DA

EXPOSIÇÃO NACIONAL

DE

1875

PRESIDENTE

Sua Alteza Real Gaston d'Orleans, conde d'Eu.

MEMBROS

S. Ex. o Sr. Visconde de Jaguary.

S. Ex. o Sr. Visconde de Bom Retiro.

S. Ex. o Sr. Visconde de Souza Franco, finado a 5 de Maio.

O Sr. Commendador Joaquim Antonio d'Azevedo.

Escripta á convite da illustrada commissão superior da Exposição Nacional de 1875 com o fim de apparecer na Exposição de Philadelphia, esta obra é de propriedade da mesma illustrada commissão, e ao seu humilde autor cabe sómente a responsabilidade dos erros e das imperfeições que sem duvida a amesquinhão.

J. M. de Macedo.

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1876.

1 DE SETEMBRO

D. MARIA URSULA DE ABREU E LANCASTRO

Natural do Rio de Janeiro, e filha de João de Abreu de Oliveira, D. Maria Ursula de Abreu e Lancastro contava apenas desoito annos de idade, quando abandonou a casa de seus paes, embarcou-se para Lisboa, e ali assentou praça de soldado no dia 1° de Setembro de 1700 com o nome de Balthazar do Couto Cardoso.

Evidentemente exaltada, romanesca e de animo varonil, nem por isso Maria Ursula merece louvores por estes primeiros actos de reprehensivel olvido de seus deveres de filha. Querem alguns explicar o seu procedimento pela indole bellicosa e pela ambição de gloria que a arrebatavão ; mas algumas livres recordações de familia que chegárão até os nossos tempos attribuem o facto ao vivo resentimento de ardente amor contrariado.

Como quer que fosse, o denodo e os feitos do joven soldado Balthazar do Couto Cardoso fez esquecer a imprudencia e o erro da menina Maria Ursula.

A heroina Balthazar do Couto foi militar na India, nos campos das maiores glorias portuguezas, e illustrou-se por seu indomito valor em numerosas pelejas.

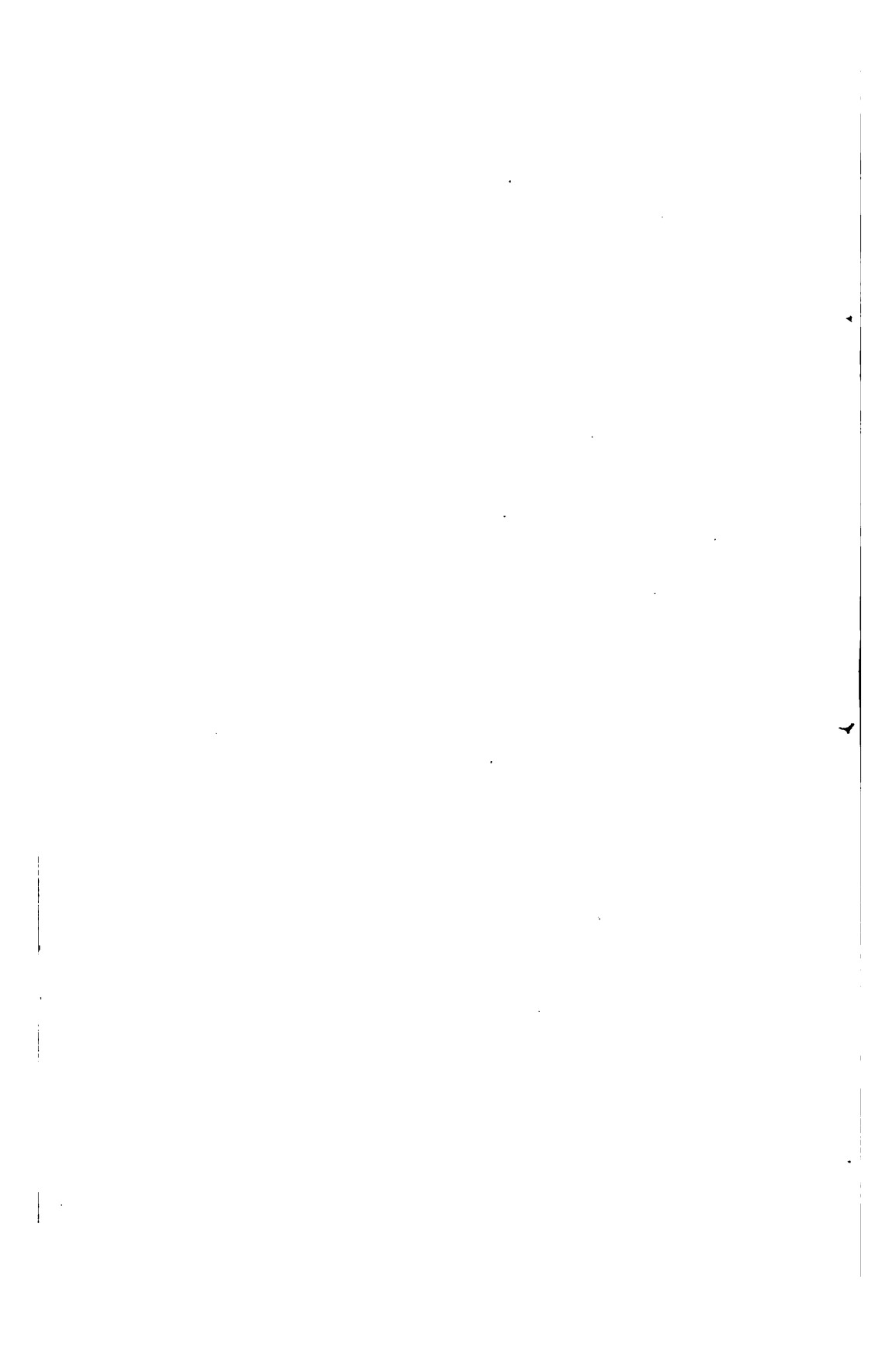
No mortifero assalto de Ambona foi um dos primeiros bravos á entrar na fortaleza; na tomada das ilhas de Corjuem e Panelem distinguio-se tanto que mereceu a nomeação de cabo do baluarte da Madre de Deus na fortaleza de Chaul, e ahi assignalou-se mais pela intrepidéz com que combateu em todos os ataques do inimigo sempre rechaçado. Em muitas outras pelejas continuou á celebrisar-se por suas proezas marciaes.

No fim de treze annos de serviços de guerra obteve baixa á 12 de Maio de 1714, e voltada á doce e grandiosa missão de seu sexo, casou-se com o valente official Affonso Teixeira Arras de Mello, que em Gôa fôra poucos annos antes governador do forte de S. João Baptista.

Desde muito o nome de Balthazar do Couto Cardoso não mais dissimulava o sexo de Maria Ursula nas fortalezas e nos campos de batalha; mas para abonar sua honestidade feminil basta a escolha que um cavalleiro distincto, como Arraes de Mello, fez da heroina fluminense para sua esposa.

A' 8 de Março de 1718 o rei D. João V fez á D. Maria Ursula, a guerreira assignalada, mercê do paço de Panguim pelo tempo de seis annos e de um serafim por dia (moeda que valia cerca de tresentos réis *naquelle tempo*) pago na alfandega de Gôa com a faculdade de testar em seus descendentes, e na falta destes, em quem lhe approuvesse.

Maria Ursula de Abreu e Lancastro morreu em Gôa, sendo até o fim de sua vida objecto da veneração de quantos com ella tratavão, e da admiração dos seus contemporaneos.

Vaidade perdoavel em quem tanto se glorificára, como guerreira, Maria Ursula, ainda depois de esposa, preferia trajar seu uniforme militar.

2 DE SETEMBRO

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

Brazileiro pela primeira joventude, martyr pelo Brazil, — o Petrarca da Laura brazileira — Thomaz Antonio Gonzaga, bem que nascido na cidade do Porto, reino de Portugal, em 1744, e ali baptisado á 2 de Setembro do mesmo anno, pertence á galleria dos brazileiros illustres ao menos pelas raizes do coração.

Era filho legitimo de João Bernardo Gonzaga, *natural do Rio de Janeiro*, e de D. Thomazia Izabel Gonzaga.

Seu pae era magristrado, e Gonzaga acompanhando-o habitára em Pernambuco ainda na infancia, e mais tarde na Bahia : diz elle em seus dulcissimos versos :

Onde passei a flôr da minha idade.

Da Bahia sahio elle para Portugal, onde na universidade de Coimbra formou-se em leis no anno de 1763, e depois de

exercer durante alguns annos lugares de magistratura naquelle reino foi despachado ouvidor de Villa Rica (depois cidade do Ouro Preto, capital de Minas Geraes, no Brazil), para onde logo se passou.

De então por diante a vida toda do Gonzaga se resume nas seguintes palavras: magistrado distincto, apaixonadissimo namorado, poeta insigne inspirado pelo amor, e emfim martyr.

Magistrado rico de instrucção, e de probidade mereceu na capitania de Minas Geraes estima e veneração de todos, sendo até consultado e muito attendido pelos governadores, que o tinhão no mais elevado conceito.

Mas em Villa Rica elle amou a joven D. Maria Joaquina Dorothéa Seixas Brandão, maravilhosa formozura louvada e admirada por quantos puderão ve-la ainda muitos annos depois. Perdido de amores, e docemente amado pela lindissima e honesta donzella, Gonzaga á quem a natureza déra o dom da poesia, manifestou-se poeta lyrico de primeira ordem, cantando sempre e sómente a sua *Marilia*. Apaixonado fez mais do que Petrarca á cantar a sua Laura: com suas mãos que escrevião sevéras sentenças e suavissimas lyras bordou um manto para a sua Marilia, facto que hoje pode-se considerar documentado.

Em sua esphera de magistrado e de homem de illustração, e nas expansivas e louvadas revelações de suas amorosas e enlevadoras lyras acodem-lhe as relações amigas de poetas como Claudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto que então floreseião tambem em Minas Geraes.

Vem á Gonzaga o despacho para desembargador da relação da Bahia; elle porém á espera de effectuar seu casa-

mento com a bella D. Maria Dorothéa demora-se em Villa Rica.

Era o anno de 1789.

A conspiração da independencia e da republica que se tramava em Minas é denunciada, e Thomaz Antonio Gonzaga, *o Dirceu de Marilia*, o amigo de Claudio Manoel da Costa, de Alvarenga Peixoto e de prestigiosos mineiros, todos conspiradores, é preso á 23 de Maio como elles, e carregado de ferros, passa conduzido á pé por diante da casa da sua *Marilia* que desfeita em pranto e agarrada á janella ainda em ancias de amor lhe diz *adeus*!... o adeus extremo de perpetua despedida.

Embora Gonzaga negasse, e negassem outros chefes da conjuração, e notavelmente o *Tiradentes* seu desaffecto, que elle se tivesse envolvido na trama revolucionaria, cahio sobre a cabeça do infeliz a sentença terrivel da alçada, a sentença de morte, e apenas mercê do decreto previo e commutador dessa pena mandado por D. Maria I, lá foi elle em degredo perpetuo para as Pedras de Angoche em 1792, modificando-se por accordão de 2 de Maio a sentença, reduzindo-se o degredo á dez annos em Moçambique.

Não tinhão podido apagar-lhe a flamma da poesia os calabouços da ilha das Cobras : ali como elle proprio diz em sentida lyra, fez tinta do *borrão* da candeia ; penna da *ponta* de uma laranja, e nas paredes do carcere escrevia aquellas lindissimas lyras que hão de sempre ser lidas com enlevo ; mas a cruel sentença que lhe matou a esperança da absolvição, e do amor abateu completamente o seu espirito e fez murchar o seu talento poetico.

Na terra do exilio, em Moçambique o mizero Gonzaga engolphado em profunda melancolia, á chorar saudades de

sua Marilia e do Brazil, vio-se em breve accommettido por gravissima enfermidade, que por alguns dias o ameaçou de morte, e emfim vencida, deixou-lhe em tanta turbação, ou enfraquecimento as faculdades mentaes, que nem se quer lembrava mais o Brazil e a sua bella Marilia.

Silencioso e triste não reconhecêrão talvez molestia que começára á affectal-o : cazou-se quasi logo com D. Julianna de Souza Mascarenhas ; mas esta união nem o tornou feliz, nem restaurou-lhe a saude : ordinariamente na mudança das estações, experimentava accessos de loucura, chorava, gritava, feria-se com as unhas, e com os dentes, e depois cahia em prostração.

Thomaz Antonio Gonzaga morreu em Moçambique no anno de 1807 no fim de quinze annos de desterro ; pois que partira do Rio de Janeiro á cumprir sua fatal sentença á 22 de Maio de 1792.

As *Lyras* de Gonzaga—formão a collecção das poesias eroticas mais suaves, mimosas e repassadas de sentimento que se leem na lingua portugueza.

A primeira edição dessas lyras sob o titulo *Marilia de Dirceu* contem 1ª e 2ª *partes*.

A segunda edição feita em 1800 se apresenta com o augmento da 3ª *parte* que a maior parte dos criticos não considera authentica.

3 DE SETEMBRO

ANGELO DOS REIS

Nascido na Bahia em 1664 Angelo dos Reis começou á estudar com os jezuitas, e entrou para a Companhia, merecendo particular estima do celebre padre Antonio Vieira que foi seu mestre, e depois applaudidor de seu grande talento, e de seus triumphos na tribuna sagrada. Passou por notavel philosopho e profundo theologo. Ensinou humanidades nos collegios da Companhia de Jezus da Bahia e do Rio de Janeiro.

O padre Angelo dos Reis foi socio supra-numerario da Academia Real da Historia Portugueza.

Morreu em 1723 no sertão, occupando-se da catechese dos indios.

Em falta completa de datas averiguadas, seu nome é registrado neste artigo de 3 de Setembro.

4 DE SETEMBRO

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA

Filho legitimo de Raymundo de Figueiredo Tenreiro e de D. Thereza Joaquina Aranha nasceu á 4 de Setembro de 1769 na villa de Barcellos, antiga cabeça de comarca do Rio Negro, hoje provincia do Amazonas, sendo descendente pelo lado paterno do capitão-mór da villa de Gurupá e provedor da fazenda real do Pará, Bento de Figueiredo Tenreiro e pelo lado materno de Bento Maciel Parente, o donatario da capitania do Cabo do Norte.

Tendo perdido seus paes, quando apenas sorria ao mundo, na idade infantíl foi por seu tutor levado para a *roça;* mas aos doze annos ardendo por estudar, valeu-lhe a protecção de seu padrinho o vigario geral José Monteiro de Noronha (de quem se trata no artigo de 15 de Abril) e até os desenove

annos de idade levou á preparar-se em humanidades, distinguindo-se por notavel talento e applicação.

Um sequestro da fazenda real sobre os bens herdados de seu avô impedio sua já determinada partida para Coimbra, e Tenreiro Aranha retirou-se para um estabelecimento rural.

O governador e capitão general Martinho de Souza Albuquerque, tendo conhecimento das habilitações e qualidades moraes de Tenreiro Aranha o nomeou com a patente de alferes de milicias director de Oeiras, villa de indios.

O illustre barcellense ao envez de quasi todos os outros directores de indios procedeu de modo que foi considerado amigo e pae pelos filhos do deserto sujeitos á sua direcção, cujos beneficios attrahirão muitos selvagens, augmentando assim relativamente a população de Oeiras, e os productos do trabalho dos indios.

D. Francisco de Souza Coutinho, successor de Martinho de Albuquerque, contando com a abolição das directorias de indios, não quiz que essa medida apanhasse em Oeiras o distincto director, para que elle não fosse confundido com os interesseiros e barbaros, que a esperada medida viria abater com reprovação solemne; nomeou pois Tenreiro Aranha capitão de caçadores do seu proprio regimento, e ao mesmo tempo escrivão da abertura da alfandega do Pará.

Sobrevindo discordia e intrigas entre o governador, o bispo, e o juiz de fóra Luiz Joaquim Frota de Almeida, e sendo Tenreiro Aranha intimo amigo deste, foi demittido do seu emprego, e de novo se recolheu ao seu retiro campestre até que o conde dos Arcos, tomando pósse do governo, e inteirado da demissão injusta, o chamou para o

lugar de escrivão da mesa grande do Pará, que lhe foi confirmado vitalicio pelo principe regente D. João.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha falleceu na cidade de Nossa Senhora de Belém do Grão Pará á 11 de Novembro de 1811.

Este distincto brazileiro que tanto aspirára e não poude ter louros, o gráo scientifico na universidade de Coimbra, cultivou sempre as lettras na provincia do Pará, e foi poeta de grande merecimento, conforme a opinião de seus contemporaneos; mas suas numerosas composições, dramas, cantatas, idilios, sonetos, perderão-se quasi todos.

Monteiro Baena, de quem se dá noticia em outro artigo, que escreveu e mandou para o Instituto Historico Brazileiro a biographia de Tenreiro Aranha, assevera que de suas composições poeticas imprimirão-se algumas em avulso sómente porém lembra como escapadas á *voracidade do descuido* uma ode horaciana á Martinho de Albuquerque, e outra pindarica á Manoel da Gama Lobo e Almeida, governador do Rio Negro, e um soneto á mameluca Maria Barbosa: informa que elle escrevêra diversas poesias patrioticas, saudando a trasladação da familia real portugueza para o Brazil.

Infelizmente hoje só se conhecem e aprecião de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha uma *Oração ou breve discurso feito por occasião do felicissimo nascimento da Illma. Sra. D. Maria Izabel, infanta de Portugal*, etc., no qual abundão idéas liberaes; e o seguinte soneto á mameluca Maria Barbosa; que soubera preferir a morte ao adulterio:

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe, como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco frio ao corvo altivolante.

Que de um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém que allivio busque á dôr amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que por honra da fé que lhe jurára
A' mancha nupcial prefere a morte.

5 DE SETEMBRO

HONORIO HERMETO CARNEIRO LEÃO

MARQUEZ DE PARANÁ

A villa de Jacahy, provincia de Minas Geraes, foi á 11 de Janeiro de 1801 o berço de Honorio Hermeto Carneiro Leão, filho legitimo do coronel Nicoláo Netto Carneiro Leão e de D. Joanna Silveira Augusta de Lemos.

Tendo estudado preparatorios em Minas Geraes, Honorio Hermeto partio em 1820 para a universidade de Coimbra e nella tomou o gráo de bacharel em direito no anno de 1825.

Estreou na carreira da magistratura no anno seguinte, sendo nomeado juiz de fóra de S. Sebastião, servio em seguida diversos lugares, como os de auditor da marinha e ou-

vidor do Rio de Janeiro, e no fim de quatro annos foi elevado á desembargador da Relação de Pernambuco com exercicio na da côrte: ao tempo em que devia entrar para o Supremo Tribunal de Justiça, aposentou-se; porque a lei lhe vedava exercer as funcções respectivas naquelle tribunal em sua qualidade de conselheiro de estado que já era.

Na magistratura faltou-lhe pois subir ao ultimo gráo da hierarchia judiciaria pela razão exposta.

Como juiz distinguio-se pela sua intelligencia luminosa e penetrante, por espirito de justiça e por certa aspereza natural de seu genio que muitas vezes lhe dava rispidos modos.

A provincia de Minas Geraes o elegeu deputado á segunda, terceira e quarta legislaturas.

Entrando para a camara em 1830, Honorio Hermeto ligou-se ao partido liberal, e começou logo a frequentar a tribuna.

Não era orador, faltavão-lhe alguns dos principaes dotes para sêl-o: sua voz era de som pouco agradavel; as palavras faltavão-lhe muitas vezes, e os seus discursos não se recommendavão por correctos, nem pelo brilhantismo da fórma; Honorio Hermeto porém distinguia-se pela dialectica cerrada.

Não conquistando applausos, nem influencia na tribuna, influio comtudo no seu partido, mostrando logo a actividade e energia que sempre o caracterisárão.

Em 1831 foi um dos deputados que se reunirão na casa do padre José Custodio Dias, e um dos vinte e quatro que assignárão a representação de 17 de Março dirigida ao imperador D. Pedro I, reclamando reparação da affronta soffrida pela nacionalidade nos dias 13 e 14 do mesmo mez.

Depois da abdicação de D. Pedro I, Honorio Hermeto figurou muito nos conselhos do partido liberal moderado que dirigia a situação.

Em 1832 urgido pelas exigencias das provincias, embaraçado pelos claros e positivos preceitos da constituição do imperio em materia de reformas constitucionaes dependendo de poderes conferidos para legislal-as aos deputados pelos seus eleitores, temendo-se de uma parte de revoltas ameaçadoras, e de outra quasi certo de barreira invencivel no Senado, o partido dominante, representado pelos seus chefes parlamentares, reunio-se na casa do padre José Custodio Dias, e em verdadeira e gravissima conspiração resolveu que o ministerio se demittisse, que a regencia permanente mandasse tambem sua demissão á camara dos deputados, a qual para assoberbar a crise se erigeria em *assembléa nacional* e immediatamente decretaria nova constituição, que aliás já estava elaborada.

Assevera-se que Honorio Hermeto combatêra com ardor o perigoso e tremendo plano, e que seus amigos politicos apenas conseguirão delle promessa de silencioso voto na camara.

A' 30 de Julho pronunciou-se o golpe de estado, conforme se concertára na *Floresta*, que era o nome da casa e chacara do padre José Custodio Dias, sitas na rua da Ajuda.

A proposição da *Assembléa Nacional* rebentou na camara: a opposição atacou-a vigorosamente: Martin Francisco, Montesuma (visconde de Jequitinhonha depois) Ernesto França, Calmon (ulteriormente marquez de Abrantes) outros ainda, e mais eloquente, e enthusiasta que todos

esses o venerando Sr. dr. Antonio Pereira Rebouças combatêrão a moção revolucionaria.

Mas no meio da batalha titanica Honorio Hermeto ou não se prendêra á compromisso algum, ou sacrificou-se em face da crise e do seu immenso dever politico: levantou-se e energico fulminou o projecto do golpe de estado: a maioria vacillou, estremeceu, fraccionou-se á voz do máo orador, que se elevára de subito á notavel estadista.

O golpe de estado do 30 de Julho falhou graças em grande parte á opposição esclarecida e forte de Honorio Hermeto que desde esse dia plantou na camara a sua influencia politica.

O poder ministerial escapára ao partido moderado, que o reconquistou em breve, fazendo cahir o ministerio chamado dos quarenta dias.

A' 13 de Setembro de 1832 organisou-se novo gabinete liberal moderado, e nelle tomou Honorio Hermeto a pasta da justiça: tinha então trinte annos de idade, independente e altivo quiz governar por si: Vasconcellos e outros chefes, seus correligionarios, não lhe perdoárão a gloriosa attitude em 30 de Julho, nem a sua digna independencia de acção no ministerio: em Março de 1833 o joven estadista retirou-se do governo; mas embora desgostoso ficou no seu firme posto de liberal moderado.

Em 1834 a morte do ex-imperador D. Pedro I anniquilou as esperanças e planos do partido restaurador, e destruindo os receios da restauração, quebrou a intima alliança dos liberaes.

Bernardo Pereira de Vasconcellos hasteou em 1836 a bandeira do partido conservador, declarando-se em opposição ao governo do regente padre Feijó: Honorio Hermeto

alliou-se pela força de suas convicções ao seu mais implacavel adversario em 1833; foi delle o primeiro, mais intelligente e mais activo auxiliar.

Em 1836 e 1837 Honorio Hermeto principiou á impôr-se na tribuna, como orador de merecimento. A reacção dava á sua voz entonações menos desagradaveis, e ao ataque dos adversarios sua palavra difficil tornava-se torrente impetuosa.

Vasconcellos era paralytico, Honorio Hermeto agil e fervente: sua força de vontade, sua dedicação, sua actividade incansavel, sua energia como que dominadora, e o enexcedivel talento de desciplinador, e de estrategista de partido parlamentar lhe derão o condão instructor, guia e chefe dos seus correligionarios em opposição na camara.

A' 19 de Setembro de 1837 o partido conservador subio ao poder: Honorio Hermeto não foi ministro; mas auxiliou a organisação do ministerio; ficou sendo na camara temporaria o chefe da maioria, e influindo notavelmente na direcção da politica.

Em 1840 combateu a decretação da maioridade do Sr. D. Pedro II, e com herculeos esforços e extraordinaria actividade impedio que fosse maior a defecção de deputados da maioria.

A 23 de Julho o seu partido cahio do poder e elle foi o primeiro á declarar-se em opposição.

Nas eleições desse anno para a legislatura que devia começar em 1842 não foi reeleito deputado: mas em Março de 1841 o partido conservador foi de novo chamado ao governo; no mesmo anno a corôa escolheu senador em lista offerecida pela provincia de Minas Geraes o estadista Honorio Hermeto.

A camara da nova legislatura foi dissolvida antes de installada em 1842: rompêrão depois as revoltas liberaes de S. Paulo e Minas Geraes e Honorio Hermeto que tinha aceitado do ministerio de Março a presidencia do Rio de Janeiro, seguio para os municipios mais proximos daquellas outras provincias e prestou importantes serviços á causa da ordem.

Tendo-se demittido o ministerio de Março de 1841, foi elle encarregado de organisar o gabinete de 20 de Janeiro de 1843, no qual tomou a pasta da justiça e depois a de estrangeiros até Fevereiro do anno seguinte, em que com a viveza e força de seu caracter provocou questão de gabinete que mudou a politica do paiz.

Nesse ministerio coube-lhe a honra de assistir ao casamento de S. M. o Imperador e de preparar os esponsaes da serenissima princeza brazileira a senhora D. Francisca e saudar o seu consorcio com o illustre principe de Joinville, filho de Luiz Philippe então rei de França.

De 1844 á 29 de Setembro de 1848 Honorio Hermeto fez constante e fortissima opposição aos ministerios liberaes.

O partido conservador voltou naquelle dia de 1848 ao poder.

Honorio Hermeto já era conselheiro de estado desde 1842; mas em 1849 deixou a capital do imperio, aceitando a presidencia da provincia de Pernambuco, onde a revolta praieira, embora já vencida, não estava de todo extincta e ali teve de lutar com as exigencias e paixões dos vencedores, e com os resentimentos vehementes dos vencidos; mas a ordem publica lhe deveu consideraveis serviços, embora sua energia motivasse queixas da parte dos chefes revoltosos presos.

De volta para o Rio de Janeiro teve logo em 1851 de partir para o Rio da Prata como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil, e nessa missão manteve no mais alto gráo a dignidade do imperio, cujos interesses justissimos soube nobremente zelar.

A 10 de Julho de 1852 S. M. o Imperador lhe conferio o titulo de visconde de Paraná, e á 5 de Dezembro de 1854 o de marquez.

Mas á 5 de Setembro de 1853 já era presidente do conselho e ministro da fazenda do gabinete nessa data organisado por elle.

Foi esse o ministerio chamado da *conciliação.*

O marquez de Paraná vio o partido liberal fóra de todas as posições officiaes, e o conservador estragando-se pelo abuso da victoria, no espirito publico descrença, e cansaço, no parlamento lutas estereis, nas eleições desde 1840 o governo sendo o unico e verdadeiro eleitor.

O estadista de 30 de Julho de 1831 manifestou-se outra vez no gabinete de 5 de Dezembro de 1854.

O seu programma politico foi o da concordia : o ministerio aproveitaria o concurso leal de todos os cidadãos brazileiros sem distincção de partidos.

Arvorando a bandeira da *conciliação,* o marquez de Paraná comprehendeu que se arredava dos seus amigos chefes conservadores, como á 30 de Julho de 1832 se arredára dos seus amigos liberaes : era porém estadista que convencido da conveniencia de uma idéa, realisava-a com toda a franqueza, decisão, e grandeza de seu animo.

O marquez de Paraná annunciou, proclamou a politica da *conciliação,* os chefes conservadores em respeito á seu prestigio no partido contemporisárão á principio, fazendo

apenas ouvir observações, e moderados protestos; mas em 1856 em face do projecto de reforma eleitoral, creando eleições de deputados por districtos das provincias levantárão-se em opposição á idéa que enfraquecia abusiva acção eleitoral do governo, e que com certeza abria as portas da camara á adversarios seus.

A luta foi gigantesca e desesperada; mas o marquez de Paraná sabia querer, e só elle era capaz de alcansar victoria na campanha herculea á que se abalançou: venceu á custa de trabalho sobrehumano; esgotou suas forças nas discussões, e nos combates de antesala da camara temporaria: elle soffria de affecção chronica biliosa, causa principal de seus dias, ou de suas horas de rispida rabugem, e de irascibilidade facil: essa affecção aggravou-se no correr do pleito laboriosissimo, doloroso por desillusões de algumas seguranças de dedicação pessoal; por noites perdidas em conferencias longas e irritantes e em insomnias á que o obrigavão a meditação do estadista, e o altivo e orgulhoso empenho da palma da victoria.

Alguns amigos observárão ao marquez de Paraná, que era patente a alteração da sua saude.

Elle respondeu:

— Com certeza em quanto durar esta luta o meu espirito será mais forte, do que o meu figado: depois da victoria cahirei doente; mas então se tratará do figado.

Esta resposta foi assegurada pelo testemunho de dous intimos amigos do marquez de Paraná.

A' campanha da camara temporaria succedeu a do senado, e a vontade inabalavel daquelle homem extraordinario o fez ostentar na tribuna toda a gloria dos seus mais brilhantes triumphos. Arcou com os mais pujantes oradores: sobre

todos Euzebio de Queiroz em eloquentissimo, vigoroso e profundo discurso atacou o seu projecto de reforma eleitoral. Levantada a sessão, o marquez de Paraná, encontrando ao sahir um amigo commum, disse-lhe :

— Vá de minha parte dizer ao Euzebio que lhe bastava este discurso para perpetuar seu nome na historia parlamentar do Brazil.

E no dia seguinte respondeu a Euzebio, afogando-o entre os braços de ferro de sua dialectica cerradissima.

Em um dos dias mais adiantados do mez de Agosto a ultima votação do senado firmou a completa victoria do marquez de Paraná.

O gigante poude apenas sorrir aos louros que vinhão coroar sua altiva fronte...

Em derradeira quebra de lanças o marquez de Paraná reagira offendido contra a accusação de *scepticismo* que lhe lançára um dos principaes chefes conservadores.

Poucos dias depois o marquez de Paraná já vencedor cahio no leito.

O espirito não tinha mais que combater.

A acção do figado enfermo, e gravemente inflammado pronunciou-se ameaçadora.

Baldárão-se todos os esforços dos medicos.

Na noite de 2 de Setembro o marquez de Paraná abatido de forças, e delirante pronunciou suas ultimas palavras já entrecortadas e sem nexo :

« Scepticismo....... o nobre senador...... patria...... liberdade......

Na madrugada do dia 3 de Setembro morreu.

O immenso esplendor politico do marquez de Paraná eclypsa seus grandes serviços administrativos no ministerio

de 1853 a 1856, como os que prestou a estrada de ferro de Pedro II e á diversas companhias industriaes e de colonisação.

Fóra do governo do Estado foi elle o successor de José Clemente Pereira na provedoria da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro e seu continuador na construcção das grandes obras, e no zelo administrativo da mesma piedosa instituição.

Honorio Hermeto Carneiro Leão deputado, depois senador do imperio, conselheiro de estado, desembargador aposentado com honras de membro do Supremo Tribunal de Justiça, visconde e marquez de Paraná, official da Ordem do Cruzeiro, gran-cruz da de Christo, foi tambem gran-cruz da Aguia Branca da Russia, e da militar da Conceição de Villa Viçosa de Portugal.

Homem que reunio qualidades raras não escapou á alguns dos defeitos correspondentes.

Na vida particular, como na vida publica era de lealdade sem falha, e de dedicação até o sacrificio pessoal: servindo a amizade, não conhecia embaraços, nem recuava ante difficuldade alguma: nas lutas politicas atirava-se á frente dos seus correligionarios atacados, recebia por elles os golpes mais fortes e nem se arreceiava de doestos e de insultos: não sabia mentir: era de vontade e de energia inabalaveis.

Com essas qualidades superiores, apezar de irascivel e as vezes aspero, exigente de serviços e de apoio dedicado, sem dissimulação no seu querer imperioso, quando era impellido pela idéa que abraçava, nenhum outro teve, como o marquez de Paraná, maior numero de amigos fieis.

Elle tinha memoria prodigiosa; agudeza e perspicacia ex-

traordinarias, e grande intelligencia, embora sem variada illustração.

Como orador conservou até o fim de sua vida, bem que um pouco menos pronunciados os seus notaveis senões, palavra difficil e incorrecta, fraqueza de imaginação e de brilhantismo; mas o ardor da discussão vinha anima-lo, e irritado pela contrariedade, ou ferido por acrimonioso *aparte*, sua voz se elevava, seu discurso corria sem hesitação, e a logica que era a sua eloquencia admirava aos proprios adversarios.

Respondia de improviso á tres ou quatro oradores, combatendo um por um todos os seus argumentos sem jámais tomar apontamento algum.

O marquez de Paraná foi estadista gigantescamente moldado para as grandes crises do Estado e para as épocas dos mais difficeis, e disputados empenhos politicos.

6 DE SETEMBRO

JOAQUIM JOSÉ RODRIGUES TORRES

VISCONDE DE ITABORAHY

Filho legitimo de Manoel José Rodrigues Torres e de D. Emerencianna Mathilde Torres nasceu Joaquim José Rodrigues Torres á 13 de Dezembro de 1802 na freguezia de S. João de Itaborahy no então nascente povoado depois freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Porto das Caixas.

Estudou humanidades no seminario de S. José da cidade do Rio de Janeiro e em 1821 partio para Coimbra em cuja universidade seguio o curso de mathematicas, recebendo o gráo de bacharel formado em 1825.

A brilhante reputação que mereceu na universidade tanto

pela sua intelligencia e applicação, como por seu comportamento exemplar chegou ao Brazil, de modo que voltando para o Rio de Janeiro em 1826, foi no mesmo anno e aos vinte e quatro de sua idade nomeado lente substituto da Academia Militar.

Pouco tempo floresceu no magisterio; porque logo em 1827 fez uma viagem á França e em Paris se demorou até 1829, aperfeiçoando seus estudos, e frequentando academias e escolas scientificas; e de volta para o Brazil a politica o arrebatou ao magisterio, pedindo elle sua demissão de lente substituto em 1833.

O nome de Joaquim José Rodrigues Torres não apparece na historia dos conflictos e da exaltação nacional no mez de Março e do pronunciamento de 6 de Abril de 1831 seguido pela abdicação de D. Pedro I no dia 7; certo é porém que suas idéas politicas já o tinhão ligado ao partido liberal moderado, no qual começou á distinguir-se immediatamente.

Revelou-se como homem politico na imprensa e no governo.

Na imprensa escreveu o periodico *Independente*, sustentando principios liberaes adiantados com vigorosa força de argumentação e com aprimorada fórma: sua gazeta que aliás não teve longa duração, passou por uma das mais bem escriptas, e de estylo mais apurado naquelle tempo.

Na administração publica começou por onde os outros acabão. A' 16 de Julho de 1831 entrou, tomando a pasta da marinha, para o famoso ministerio do qual forão membros Lino Coutinho, Bernardo de Vasconcellos, o padre Feijó, e Manoel da Fonseca Lima depois barão de Suruhy. Além da pasta da marinha Rodrigues Torres occupou in-

terinamente a da fazenda, da qual se retiràra a 10 de Maio de 1832 Vasconcellos. Pedio sua demissão de ministro á 29 ou 30 de Julho de 1832, o que parece indicar que não foi estranho á tentativa do golpe de estado naquelle ultimo dia.

A' 7 de Novembro do mesmo anno voltou ao governo outra vez com a pasta da marinha no ministerio, que á 13 de Setembro succedêra ao dos quarenta dias e nelle se conservou até 30 de Julho de 1834.

Rodrigues Torres foi portanto ministro da marinha (salvo o intervallo de quatro mezes e seis dias) desde 16 de Julho de 1831 á 30 do mesmo mez de 1834, isto é nos annos trabalhosos e afflictivos de sedições militares, de revoltas de partidos, e de grandes crises. Elle provou sua actividade e energia sempre que a marinha teve de concorrer para que se mantivesse ou se restabelecesse a ordem na capital, ou levando auxilios desta e de algumas provincias para outras onde a anarchia alçava o collo, e ainda poude occupar-se muito da academia de marinha, e do arsenal da côrte que recebeu melhoramentos importantes, e que por sua ordem foi arborisado.

Eleito deputado á terceira legislatura pela côrte e provincia do Rio de Janeiro, tomou assento na camara em 1834, e concorreu para as reformas da constituição do imperio.

Promulgadas estas, ou o Acto Addicional, e entrando em execução, foi Joaquim José Rodrigues Torres nomeado presidente da provincia do Rio de Janeiro (da qual ficára separado o municipio da côrte), cabendo-lhe pois a gloria de inaugurar o governo, e crear toda a administração provincial do Rio de Janeiro.

Em sua presidencia que foi longa mereceu a confiança plena da assembléa provincial que em seu seio contava então estadistas, homens provectos, grandes illustrações e notabilidades de todos os partidos politicos : a provincia inteira o apoiou e applaudio.

Mas desde 1836 Bernardo Pereira de Vasconcellos declarado em opposição ao governo do regente padre Diogo Antonio Feijó, déra o signal da scisão no partido liberal moderado, e hasteára a bandeira do partido conservador.

O redactor do *Independente* tambem como tantos outros liberaes de 1831 á 1834 tinha modificado suas idéas politicas, e livre de suspeições de impulso menos digno ; pois que sua honestidade e honra erão geralmente, ou antes por todos sem excepção reconhecidas, e forte pela consciencia do dever, em 1836 fez ouvir protestos e observações contrarias á direcção que levavão os negocios do Estado, e na sessão de 1837 pronunciou-se decidido conservador e na tribuna fez viva e vigorosa opposição aos ministerios do regente Feijó, que resignou a regencia á 18 de Setembro do mesmo anno.

No dia seguinte o partido conservador subio ao poder e Rodrigues Torres foi pela terceira vez ministro da marinha no historico ministerio de 19 de Setembro, que se manteve no governo até 16 de Abril de 1839, demittindo-se todo, por justificada desintelligencia com o regente, com a solidariedade politica que sempre ostentára.

A 23 de Maio de 1840 Rodrigues Torres entrou pela quarta vez para o ministerio com a pasta do imperio e interinamente com a da marinha e foi como que o representante da politica ministerial; mas sua influencia já muito consideravel não poude resistir á causa da decretação

da maioridade do imperador adoptada pela opposição liberal. O ministerio cahio á 23 de Julho.

Rodrigues Torres, declarando-se em opposição, foi nesse anno, á despeito dos esforços hostis do governo, reeleito deputado pelo Rio de Janeiro. A nova camara não chegou a installar-se; porque a corôa a dissolveu, quando ella estava em sessões preparatorias em 1842.

De novo reeleito deputado, Rodrigues Torres incluido em 1844 em lista triplice offerecida pela provincia do Rio de Janeiro, foi escolhido senador por S. M. Imperial.

No senado fez constante e severa opposição aos gabinetes liberaes desde 1845 até 1848.

Neste ultimo anno entrou com a pasta da fazenda para o gabinete conservador de 29 de Setembro.

Desde 1840 Rodrigues Torres estudava profundamente systemas economico-politicos e administração financeira: em oito annos de leitura e de cogitações de homem sabio, e de administrador pratico elevára-se á chefe de escola, e á financeiro de alto movimento: no ministerio de 1849 creou o Banco do Brazil, e na discussão do respectivo projecto lutou na camara gigante contra gigante com o esforçado e grande orador e financeiro Souza Franco.

Em 1852 Rodrigues Torres assumio a presidencia do conselho e foi chefe do gabinete de 11 de Maio que a 6 de Setembro de 1853 entregou o poder ao visconde depois marquez de Paraná.

No mesmo anno de 1853 foi nomeado conselheiro de estado, no qual servio com esclarecido zelo e especialmente na secção do ministerio da fazenda com as altas habilitações que sobre a materia lhe davão seus grandes estudos.

A' 2 de Dezembro de 1854 S. M. o Imperador o agraciou com o titulo de visconde de Itaborahy.

Fallecendo o conselheiro Lisboa Serra, presidente do Banco do Brazil, foi o visconde de Itaborahy nomeado para esse cargo que soube desempenhar dignamente, como era de esperar do ministro que creára a importantissima instituição.

Deixou a presidencia do Banco do Brazil em 1857 em face do gabinete de 4 de Maio, ao qual fez vehemente opposição, atacando sobre tudo o systema financeiro do ministro da fazenda Souza Franco, chefe da escola economica absolutamente contraria á sua.

Em 1859 e 1860 foi inspector geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte, presidio a execução de uma reforma de estudos do Imperial Collegio de Pedro II e prestou outros notaveis serviços.

Em 1864 passando o governo para o partido liberal, o visconde de Itaborahy tomou o seu posto de opposição.

Era desde mais de vinte annos um dos principaes chefes do partido conservador ; mas a morte tinha já levado primeiro Vasconcellos, depois o marquez de Paraná, peior que a morte cruel enfermidade peára a lingua, inutilisára a eloquencia de Euzebio de Queiroz ; restava-lhe por companheiro dos mais prestigiosos directores do partido o visconde de Uruguay e esse mesmo já doente e esquivo á influencia politica falleceu em 1866.

O visconde de Itaborahy foi desde 1864 o chefe principal e a primeira influencia parlamentar dos conservadores que unidos o rodeavão, e sem attender-lhe a escusa que elle fundava em sua idade e em molestias o mantiverão no commando e á frente do partido.

Em 1867 o iilustre estadista foi procurar linitivo á seus padecimentos em viagem que fez a Europa ; voltando porém no anno seguinte, e dando-se o facto de crise ministerial, e da retirada do gabinete progressista, foi elle chamado a organisar novo ministerio, do qual a 16 de Julho tomou a presidencia do conselho e a pasta da fazenda.

A mudança de politica era completa : o gabinete de 16 de Julho, sendo conservador puro, dissolveu a camara que o recebera com ostentoso e formal voto de opposição dado nominalmente por muito grande maioria.

Durava ainda a guerra do Paraguay e o gabinete de 16 de Julho de 1868 matendo-se no poder até 29 de Setembro de 1870, viveu bastante para ter a gloria de saudar a victoria perfeita das armas brazileiras, para a qual concorrera com patriotica solicitude.

Mas a prolongada guerra forçosamente impunha enormes sacrificios ao paiz ; a situação financeira peiorava cada dia mais, e tornara-se afflictiva : o visconde de Itaborahy assorberbou o perigo, e com sabias medidas, e com os recursos que lhe inspirou sua grande intelligencia e habilidade financeira, e consummada pratica administrativa perpetuou sua memoria, como benemerito da patria.

Foi exagerada e muito mais do que era preciso ao novo gabinete conservador a reação partidaria em 1868, as eleições eivadas de abusos, e marcadas por violencias de autoridades derão ao governo unanimidade de votos na camara : a imprensa e os senadores do partido liberal atacarão por isso com o mais vivo ardor o ministerio. O visconde de Itaborahy achou-se em muitas das censuras victima dos excessos do seu proprio partido ; mas generoso e forte atirou-se adiante e recebeu os golpes.

A 28 de Setembro de 1870 o visconde de Itaborahy e todos os membros do gabinete pedirão sua demissão e retirárão-se do governo.

No anno seguinte fiel ás suas idéas conhecidas o visconde de Itaborahy pronunciou-se em opposição ao projecto que se tornou lei á 28 de Setembro desse anno, declarando livres todos os nascidos de ventre de escravas no Brazil. O illustre estadista não era apologista da escravidão; mas temia-se das consequencias desastrosas que do principio da emancipação dos escravos resultarião para o paiz, arruinando e fazendo secar a fonte principal da sua riqueza.

O estadista dominava o philosopho, e é justo e de dever imprescindivel respeitar a razão e a consciencia de cada um.

A 8 de Janeiro de 1873 o visconde de Itaborahy falleceu na cidade do Rio de Janeiro.

Elle foi deputado, senador do imperio, conselheiro de estado, em 1841 official da Imperial Ordem do Cruzeiro, membro do Instituto Historico Brazileiro, do Instituto Agricola do Rio de Janeiro, e de sociedades scientificas.

A marinha brazileira deveu-lhe importantes serviços, a administração financeira do estado ainda maiores: em finanças propendia muito para a escola restrictiva e severa: preferia ser mais pratico do que idealista: era seu empenho avançar; caminhando porém por terreno solido e seguro.

No parlamento frequentou a tribuna, e soube honral-a com a sua illustrada palavra: tinha defeito organico que lhe desengraçava a pronuncia, não se distinguia por brilhante imaginação, nem por arrebatamentos de volcanica eloquencia; era porém orador simples, severo, e rigido, tendo por arma de ataqne, e por couraça de defesa a logica, e com a

logica argumentação sempre forte e muitas vezes indestructivel. Tomando a palavra, fitava o seu objecto, e ninguem era capaz de desvial-o delle. Reunia á clareza de idéas, correcção de palavra e de estylo, e fórma sempre urbana e de perfeito cavalleiro.

Mas ácima de seus dotes de orador, de seu alto merecimento como administrador e estadista resplendeu no visconde de Itaborahy a luz suavissima e bella de sua honestidade.

Em quarenta e dous annos de vida publica, e de lutas politicas nunca se ouvio uma voz de adversario que puzesse em duvida sua probidade.

Em sua vida particular deixou preclaro exemplo de costumes puros, de moralidade sem quebra, e de admiradas virtudes.

7 DE SETEMBRO

FRANCISCO DE MELLO FRANCO

No arraial hoje cidade de Paracatú, provincia de Minas Geraes nasceu á 7 de Setembro de 1757 Francisco de Mello Franco

No seminario de S. Joaquim, na cidade do Rio de Janeiro fez elle estudos até a idade de quinze annos, revelando intelligencia potente, e travesso talento : sahio d'ali forte latinista, e com outros conhecimentos incompletos de humanidades, sendo além disso muito apreciador de poetas, e joven cultor de musa traquinas : foi para a Universidade de Coimbra, matriculou-se nas faculdades de medicina e de philosophia, e tendo facil, prodigiosa comprehensão, era estudante distincto nas aulas, e tinha sobra de horas para dedicar-se á poesia, preferindo as eroticas e as satyricas

composições animado por celebre companhia de academicos daquelle tempo.

Entre os seus trabalhos poeticos, em maxima parte perdidos, avultou o poema — *Reino da Estupidez* — louvado e applaudido por muitos dos lentes, e por todos os condiscipulos; mas aborrecido e condemnado por não poucos, que se reputárão (talvez com razão) objecto da satyra do estudante poeta.

Acudio o tribunal do Santo Officio ás queixas do resentimento e do odio, e vendo offensas á moral e á religião nas poesias do joven brazileiro, sobre elle poz suas garras, e arrastou-o para seus carceres medonhos, onde feroz o reteve quatro annos! . . . .

Aqui resplende bella e digna acção depois correspondida por outra não menos digna e bella.

O joven Mello Franco amava e era amado, e a senhora objecto de seus extremos aliás pouco dissimulados, generosa assoberbou as ameaças e os furores do Santo Officio, não quiz depôr contra o seu amado, e gemeu reclusa por espaço de um anno nos carceres do tribunal sacrilego: Mello Franco apenas recobrou a liberdade, correu a encontral-a, e deu-lhe a mão de esposo.

Continuando á estudar, tomou o grão de doutor em medicina, estabeleceu-se em Lisboa, adquirio extensa clinica, e grande reputação, ganhou a amizade de elevadas personagens, escreveu trabalhos e obras de sciencia medica, foi membro e chegou a ser vice-presidente da Academia de Sciencias de Lisboa, que frequentava assiduo; e feliz e mais que abastado vivia, quando as aguias de Napoleão invadirão Portugal em 1807.

O dr. Francisco de Mello Franco já era grande notabili-

dade : em 1799 tinha sido um dos fundadores da Academia de Geographia e o principe-regente D. João o tinha nomeado medico honorario da sua camara; mas ou a lembrança de quatro annos de abandono cruel, em que ficára impunemente á provar os furores da Inquisição, ou suas idéas liberaes que o fazião desestimar o systema de governo de Portugal, ou algum outro sentimento que não explicou, levou-o á deixar-se ficar em Lisboa, parecendo indifferente á invasão estrangeira.

Era patriota, dedicado, enthusiasta, e conhecido fôra na Universidade de Coimbra por intrepido e audaz: seus amigos os brazileiros José Bonifacio, o bispo d'Elvas, e Luiz Paulino Pinto da França debalde o chamárão, e derão-lhe o exemplo heroico e esplendido contra as hostes invasoras: o dr. Mello Franco não se moveu, ficou impassivel em Lisboa á curar seus doentes.

Muitos o julgárão egoista.

A invasão foi repulsada e vencida; o meteóro Napoleão apagou-se em Waterloo: Mello Franco soube tudo isso em Lisboa sem indiciar enthusiasmo e jubilo patriotico: era como coração morto: só vivia pelo espirito para a sciencia.

Mas em 1817 carta escripta pelo proprio D. João VI, rei de Portugal, Brazil e Algarves, o convidou á dirigir-se á Italia para reunir-se ás pessoas que devião acompanhar para o Brazil a archiduqueza d'Austria D. Maria Leopoldina, noiva do principe real D. Pedro.

O dr. Mello Franco obedeceu, e chegado ao Rio de Janeiro servio dedicadamente á familia real, como medico da camara, e teve na cidade clinica ainda mais exigente e rendosa, do que tivera em Lisboa.

E todavia ainda no seio da patria o dr. F. de Mello Franco indifferente á marcha dos negocios do Estado era apenas medico abalisado e exclusivamente entregue aos cuidados de sua clinica.

Mas rompe em Portugal a revolução de 1820, retumba no Brazil no anno seguinte o grito electrico da liberdade, e o dr. Mello Franco, resuscitado seu coração, se pronuncia immediatamente e com ardor pela causa constitucional, e pelo triumpho das idéas democraticas.

D. João VI já magoado pelo procedimento do dr. Mello Franco em Lisbôa no anno de 1807, e em 1821 ainda mais resentido do seu enthusiasmo pela revolução constitucional, facilmente achou pretexto para dispensa-lo do serviço de medico da camara real, e para negar-lhe entrada no palacio.

O dr. Mello Franco doeu-se do castigo da intolerancia, e quasi logo a fallencia de um negociante, seu amigo, á quem confiára toda a sua fortuna, o reduzio já velho á pobreza extrema, á ruina completa de sua fortuna, e á necessidade de trabalho diario e constante para comprar o pão quotidiano.

Affectado por grave molestia subsequente foi para S. Paulo, e em mais de um anno ali se conservou padecendo cada vez mais; perdida a esperança dos milagres do clima, embarcou-se para voltar ao Rio de Janeiro, e em Ubatuba, á que aportou quasi agonisante, morreu á 22 de Julho de 1823.

O dr. Francisco de Mello Franco foi medico de grande e bem merecida nomeada, poeta de merecimento notavel, e deixou de sciencias e de letras os seguintes trabalhos, e obras estimaveis:

O Reino da Estupidez, poema heróe-comico em quatro cantos.

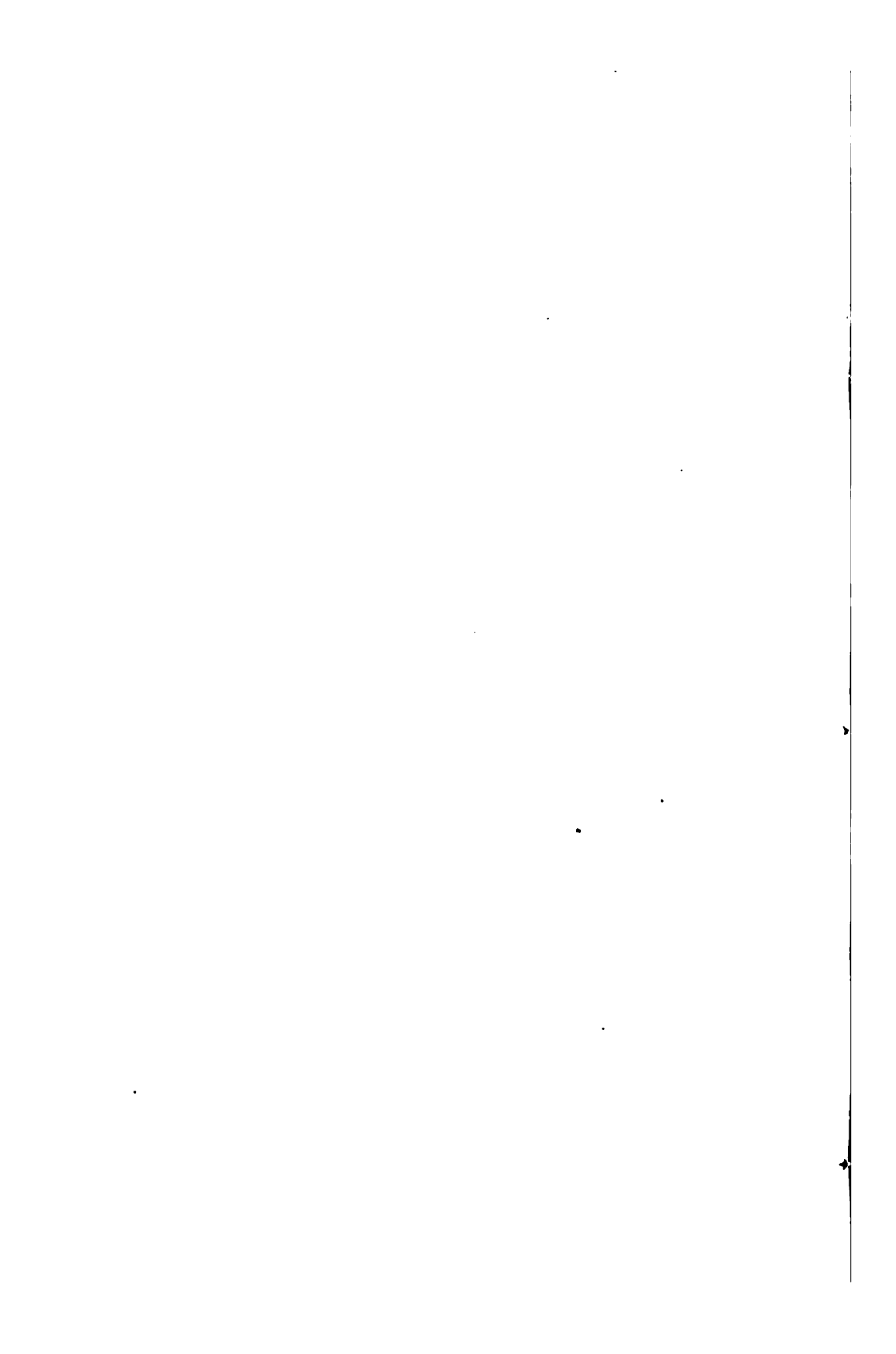
Tractado da educação physica dos meninos, para uso da nação portugueza—publicado por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Elementos de Hygiene.

Ensaio sobre as febres, com observações analyticas ácerca da topographia e clima do Rio de Janeiro.

Discurso recitado na sessão publica da Academia Real de Sciencias de Lisboa, sendo vice-secretario.

Alem destes trabalhos deixou outros e poesias em manuscripto.

---

8 DE SETEMBRO

PADRE MIGUEL LUIZ TEIXEIRA

Filho legitimo de Simão de Abreu Teixeira nasceu á 8 de Setembro de 1716 Miguel Luiz Teixeira na freguezia de S. Gonçalo da villa depois cidade da Cachoeira, na Bahia.

Dotado de feliz intelligencia, recebeu excellente educação, estudando com seu tio paterno, Gaspar da Cunha Coutinho, latim, rhetorica, philosophia e theologia com tanto aproveitamento, e mostrando tal engenho poetico que aos dezoito annos de idade compoz sua primeira obra, um poema epico em latim e em doze livros, cantando o—*Triumpho de Jesus Christo Senhor nosso sobre a morte.*

Foi depois estudar sciencias maiores no collegio dos jesuitas, e ahi obteve o gráo de mestre em artes: abraçou o estado ecclesiastico, aprofundou seus conhecimentos theolo-

gicos, e brilhando na tribuna sagrada, passou na Bahia pelo melhor pregador do seu tempo.

Deixando a patria o padre Miguel Luiz Teixeira estudou na universidade de Coimbra o direito canonico, e, doutorado, mereceu tanta estima e consideração do bispo de Algarves, que este o nomeou vigario geral e provisor, applaudindo-se sempre da acertada escolha que fizera.

Ignora-se a data do fallecimento do padre Miguel Luiz Teixeira.

Deixou obras algumas das quaes forão impressas, perdendo-se outras em manuscripto.

9 DE SETEMBRO

ANGELA DO AMARAL RANGEL

No fim do primeiro quartel do seculo decimo oitavo nasceu; mas não vio a luz no Rio de Janeiro; porque *céga* entrára no mundo Angela do Amaral Rangel, da já antiga e distincta familia dos Rangel.

De seus paes recebeu zelosa educação moral e religiosa, por seus paes tinha abastada fortuna, da natureza tivera o dom da formozura; mas ao seu rosto encantador faltava aquelle encanto que faz radiar o sentimento, a paixão, o enthusiasmo, a alma emfim nos olhos.

Angela era cega de nascença: longe estava ainda o tempo, o dia de hontem, em que na cidade do Rio de Janeiro o mais caridoso, consolador, santo, prodigio de visão sem olhos, inspirado por Deus, o invento do abbade de Calais progres-

sivamente aperfeiçoado, offerecesse no Instituto dos Meninos Cegos educação litteraria e artistica aos infelizes, que nascem privados do sentido da vista.

Se alguma instrucção recebeu do ouvida Angela do Amaral Rangel, ignora-se: é provavel, quasi certo que para consola-la, e para servir ás doces exigencias de seu natural talento poetico, lhe lessem obras de poetas portuguezes.

Em todo caso é positivo que a menina Angela se tornou famosa pelos versos que compunha ou de improviso, ou depois de breve reflexão.

O povo a admira-la em suas aliás ligeiras composições poeticas, esqueceu-lhe o nome baptismal tão bello e que tanto lhe assentava, deixou de chama-la *Angela*, chamou-a —a *Ceguinha*.

Angela, a—*Ceguinha*—não podia ter, não teve o cabedal de instrucção indispensavel ao poeta: foi genio; mas genio sem luz dos olhos, foi brilhante preciosissimo; mas não lapidado.

Nunca pudera ver o céo, nem os astros, nem o mar, nem as flôres, nem apreciar a luz, nem o sol, nem as estrellas, e, pobre mulher, nem o rosto de um homem, e ainda assim foi poetisa!

Quando a Academia dos Selectos no Rio de Janeiro pagou tributos de gratidão, em festa litteraria e de exagerada lisonja propria do tempo ao illustre governador Gomes Freire de Andrade que a tomára em muito louvavel e civilisadora protecção, Angela, a *Ceguinha*, enviou á essa Academia sonetos, e dous romances poeticos em honra do heróe festejado, e na sessão de 9 de Setembro forão lidos outros sonetos de sua inspiração.

Não podião ser, não forão primores de arte essas composi-

ções poeticas de Angela—a Ceguinha; mas sua autora não tinha, nem podia ter instrucção, e poetisava apenas com a inspiração rude de sua natureza sem luz de ensino, sem mestre, e abandonada á si mesma.

Os seus sonetos e outras poesias carecem por certo daquelle merecimento, que depende de apuros de arte e de estudo; mas revelão estro natural e notavel talento em quem tanto faltou a lição dos mestres.

10 DE SETEMBRO

FRANCISCO GONÇALVES MARTINS

VISCONDE DE S. LOURENÇO

Natural da provincia da Bahia onde nasceu em 12 de Março de 1807 no Rio Fundo termo da cidade de Santo Amaro, Francisco Gonçalves Martins filho de um abastado fazendeiro, foi ainda muito joven mandado para Portugal.

Estudou humanidades no seminario de Sarnache, em 1823 matriculou-se na faculdade de Coimbra, graduou-se bacharel em 1827, cursou o quinto anno e habilitou-se para a formatura ; mas perseguido pelo governo de D. Miguel por manifestar idéas favoraveis á causa constitucional da rainha D. Maria II, não poude fazer acto do quinto anno, sahio de Portugal, e depois de viajar pela Hespanha, França, e Inglaterra veio chegar a Bahia em 1830.

Trazia grande cabedal de instrucção e notavel conhecimento da litteratura classica.

Exerceu a advocacia até que em 1833 foi nomeado juiz de direito e chefe de policia da comarca da cidade da Bahia por decreto de 15 de Julho.

Na carreira da magistratura subio á desembargador da relação da Bahia em 1851, á presidente desse tribunal em 1853, e foi aposentado com as honras de ministro do supremo tribunal de justiça em 1858.

Era chefe de policia, quando á 6 de Novembro de 1837 rompeu a revolta que tinha por fim a separação da provincia; e tendo na capital dominado os facciosos, elle emigrou para o Pirajá, e ali prestou serviços relevantes á causa da legalidade até 14 de Março de 1838, em que a cidade de S. Salvador foi restituida ao imperio da lei.

Ao mesmo tempo que se distinguia por illustrada intelligencia e rectidão de juiz na magistratura, revelava-se no parlamento orador de tanto talento como espirito.

Na terceira legislatura de 1834 a 1837 teve sempre assento na camara como supplente, e na quarta e seguinte foi deputado até 1850, em que passou para a camara vitalicia escolhido senador pela corôa em lista offerecida pela provincia da Bahia.

Tambem foi membro da assembléa provincial da Bahia e nella influio muito pelo seu saber e habilidade.

Militou sempre nas fileiras do partido conservador.

Na camara temporaria pertenceu de 1845 á 1847 ao grupo de opposicionistas que se chamou *patrulha,* e nesta se singularisou pelos seus finos epigrammas, e pelo estylo humoristico que á seus discursos dava.

Em 1848 subindo ao poder o seu partido, aceitou a

nomeação de presidente da provincia da Bahia, e pronunciada quasi logo em Pernambuco a revolta praieira, Gonçalves Martins no breve espaço de vinte e quatro horas fez marchar para aquella provincia, em defesa da legalidade, toda a tropa de linha existente na Bahia e até as proprias guarnições das fortalezas, sendo por tão consideravel serviço um dos principaes restauradores da ordem em Pernambuco.

Na presidencia da Bahia occupou-se muito de obras e melhoramentos materiaes, attendeu solicito ao empenho da navegação dos rios S. Francisco, Mucury, Pardo e Belmonte : em 1850 energico e activo tomou providencias na capital e nas diversas povoações invadidas pela febre amarella para acudir com soccorros a população flagellada. Favoreceu quanto poude o trabalho livre, fazendo executar á despeito de queixas e de protestos que venceu sem medidas severas e por meio da persuasão e de sua influencia pessoal, uma lei provincial, que excluia os escravos do trafego do porto da Bahia, feito por saveiros. Creou a directoria geral da instrucção publica, e melhorou esta com uteis reformas. Além do mais promoveu a navegação á vapor costeira, e a interna ou fluvial, contratando ambas com a companhia *Bahiana*.

O progresso material da provincia deveu-lhe incontestavel impulso patriotico : na influencia do governo sobre as cousas politicas o presidente Gonçalves Martins foi puro e dedicado conservador; soffreu por isso vehemente e incessante opposição dos liberaes ; mas em compensação ficou sendo até a sua morte o chefe aceito, reconhecido e mais influente do partido conservador bahiano.

Em 1852, achando-se na côrte para occupar sua cadeira

de senador na sessão legislativa, foi por decreto de 11 de Maio nomeado ministro do imperio, e exerceu esse elevado cargo até 6 de Setembro do anno seguinte.

Durante o seu ministerio forão promulgadas medidas legislativas de consideravel importancia, e o poder executivo expedio decretos de acção grandiosa para o progresso do paiz.

A primeira estrada de ferro do Brazil, a de Mauá, ferro carril de tão curta extensão, como de influencia immensa, pois que inflammou enthusiasmo, e animou grandiosos empenhos, perpetúa o nome do ministro Gonçalves Martins.

Deixando o ministerio apoiou no senado com a sua voz e com o seu voto os gabinetes conservadores.

De 1860 a 1863 inclusive não compareceu ás sessões legislativas.

Em 1864, tendo subido ao poder a politica opposta á do seu partido, voltou ao senado e em notavel discurso, disse:

« Sou emfim, senhores, um resuscitado que vem de um paiz, onde as paixões não dominão, nem mesmo penetrão.»

O paiz, de que fallava, era a sua provincia, ou o seu retiro de quatro annos?...

Pronunciou-se em opposição de 1864 á 1868, em que com a volta do partido conservador ao governo, de novo recebeu a nomeação de presidente da Bahia, onde fez sentir a mesma acção de homem partidario politico, e o mesmo influxo de habil administrador dedicado ao progresso material do paiz.

Na sua segunda presidencia da provincia da Bahia protegeu e animou diversas emprezas de grande utilidade publica.

Annos antes de 1868 já tinha sido agraciado com o titulo de barão de S. Lourenço, sendo mais tarde elevado a visconde.

Lavrando a discordia no seio do partido conservador da Bahia, o visconde de S. Louranço pedio e obteve em 1871 a sua demissão de presidente da provincia.

Foi esse tambem o ultimo anno, em que compareceu e fallou no senado.

A 10 de Setembro de 1872 falleceu na cidade da Bahia.

Foi 1° barão com grandeza e 1° visconde de S. Lourenço, conselheiro, senador do imperio, desembargador aposentado com honras de ministro do supremo tribunal de justiça e commendador da ordem de Christo.

Era na provincia da Bahia o chefe mais influente e legitimo do partido conservador, e como ministro do imperio e presidente de provincia prestou na administração serviços importantissimos.

No senado aprimorou seus dotes de orador de valente argumentação amenisada pela naturalidade e graça do estylo.

Homem de convicções politicas profundas morreu sem que tivesse uma só vez em sua vida mentido á ellas ou hesitado em defendel-as na maior adversidade ou nos tempos de mais descrença politica.

E morreu pobre e individado.

11 DE SETEMBRO

CASSIANO SPIRIDIÃO DE MELLO E MATTOS

Cassiano Spiridião de Mello e Mattos teve por berço patrio a cidade da Bahia, onde nasceu aos 11 de Setembro de 1793.

Destinado á carreira das letras, mais pelo talento que logo aos primeiros annos mostrou, do que pela fortuna de seus paes, fez os seus estudos de humanidades em sua provincia natal, e em 1814 partio para a Europa, e na universidade de Coimbra frequentou com distincção as aulas da faculdade de leis, em que se formou em 1819.

Apenas terminára os seus estudos e colhêra a palma de seus trabalhos litterarios, tornou á patria, e chegado ao Rio de Janeiro foi despachado juiz de fóra para Ouro Preto, seguindo a entrar no exercicio do seu emprego em Maio de 1820.

As portas de Astréa tinhão-se aberto com facilidade e promptidão ao joven adepto: mas a época era difficil; rugia a tempestade da revolução, e um tão novel piloto devia correr serios perigos no meio da desabrida tormenta.

Ao grito de liberdade, soltado nas margens do Tejo e repetido em toda a extensão do Brazil, á retirada de D. João VI, e ás imprudentes medidas da constituinte portugueza, que com impotente e louca vaidade sonhava em tranformar louros em algemas, e um reino em colonia, respondêrão os brazileiros alçando o estandarte sagrado da sua regeneração politica.

Os acontecimentos precipitárão-se; o carro da revolução rodava impetuoso, e o principe que devia ser o fundador do imperio pronunciou a primeira palavra da independencia no glorioso *Fico* de 9 de Janeiro de 1822.

No meio do patriotico enthusiasmo dos brazileiros, uma voz que parecia um protesto contra a mais nobre das causas, e que era talvez o receio dos resultados de uma empreza que á um ou outro parecia menos prudente, partio do seio do governo da provincia de Minas Geraes; era um voto contrario ás heroicas aspirações dos patriotas, e para esse voto tinha contribuido Cassiano Spiridião de Mello e Mattos. O que se podia tolerar em Avilez e Madeira, não se perdoava a um brazileiro. Cumpre confessa-lo: Cassiano Spiridião de Mello e Mattos commeteu então grave erro; era o piloto novel que corria o risco de sossobrar no mais violento ardor da borrasca.

Mas o historiador deve estudar as causas de certos actos para que não se receba em conta de uma grande culpa o que muitas vezes não passa de erro.

Em 1822 havia ainda alguns brazileiros, patriotas dedi-

cados sem duvida, e que no entanto julgavão inopportunos os pronunciamentos pela independencia, temendo vê-la retardada pelo que suppunhão precipitação do patriotismo.

Os liberaes mais adiantados tambem vião na constituinte portugueza o elemento liberal, a representação victoriosa da revolução constitucional de 1820, e temião apoiar contra ella o principe regente, suppondo-o representante da realeza absoluta em reacção, e creando obstaculos áquella constituinte: Cassiano pensára assim.

Elle errou como alguns outros e como esses recebeu o maior castigo do seu erro não sendo contemplado entre os benemeritos, que a seus olhos erão cobertos das acclamações da nação inteira, e dignamente premiados pelo soberano.

Perdoado pelo heróe do Ypiranga que se tornára imperador do novo imperio, fez esquecer bem cedo a infelicidade de não ter contribuido para a independencia da patria, dedicando-se depois a esta, servindo-a até o seu dia ultimo de vida.

Desempregado durante dous annos, foi em 1824 nomeado desembargador para a relação de Pernambuco. O grito da Federação do Equador, que seguio á dissolução da constituinte brazileira, transformára a bella provincia de Pernambuco em um campo de guerra: a hydra revolucionaria erguia ufanosa o collo; e quando Cassiano aportou ao Recife, estava no pleno gozo do seu ephemero triumpho o presidente illegal Manoel de Carvalho Paes de Andrade. O novo desembargador negou-se á reconhecer a legitimidade de um tal governo, não cedeu, não recúou diante do poder que dominava; o presidente intruso, irritado, o mandou vir á sua presença e quiz ouvir a razão por que o desembargador nomeado não

tomava posse do lugar que lhe competia. « A minha carta de nomeação, respondeu este, é dirigida ao presidente Paes Barreto, que ainda não foi demittido pelo governo de Sua Magestade ; a elle pois, e só á elle, a entregarei. »

A' noite que se seguio ao dia desta entrevista a casa de Cassiano foi cercada, e elle preso, e mandado entregar a bordo de um dos navios de guerra que bloqueavão o porto do Recife.

Algum tempo depois Cassiano Spiridião de Mello e Mattos teve assento na relação da Bahia, e emfim nos ultimos annos de sua vida, tocou o termo da carreira da magistratura, subindo ao supremo tribunal de justiça.

De seus deveres de magistrado foi sómente distrahido para corresponder aos votos do povo e á escolha do regente, em nome do Imperador, que o chamarão ao corpo legislativo, e lhe derão um papel importante na scena politica.

Eleito deputado pela sua provincia para a legislatura que começou em 1830, teve de ser testemunha das tremendas peripecias do anno de 1831, e das que se seguirão : sentado entre os sustentadores da monarchia constitucional, conservando-se calmo no fervor das tormentas, impavido diante do perigo, sem desesperar da salvação da patria, foi sempre firme paladim da constituição e da corôa.

Em Julho de 1832, quando os espiritos exaltados do partido que dominava, e que aliás tão relevantes serviços prestou, tendião a revolucionar profundamente o paiz, plantando n'elle uma dictadura que devia leval-o á ruina, Cassiano Spiridião de Mello e Mattos foi um dos primeiros a levantar-se em honra do seu juramento e do seu dever, fazendo boa companhia aos Rebouças, Honorio e outros. O partido que até então salvára a nação das garras da anar-

chia, cedendo á uma vertigem fatal, ia ser anarchia por sua vez, e entre os vigilantes sentinellas do throno e da liberdade avultou Cassiano sendo portanto n'essa época uma das fortes columnas sustentadoras da monarchia.

Em 1836 as portas da camara vitalicia abrirão-se á Cassiano Spiridião de Mello e Mattos, e ahi mereceu elle por vezes a distincção de ser escolhido para vice-presidente, cabendo-lhe em 1840 a honra de ir, na qualidade de orador da deputação da assembléa geral legislativa, annunciar a Sua Magestade que acabava de ser proclamada a sua maioridade.

Cassiano Spiridião de Mello e Mattos morreu aos 64 annos, victima de uma longa enfermidade, no dia 5 de Julho de 1857, exhalando o derradeiro alento no meio de sua familia e cercado de amigos.

Seus serviços forão galardoados pelo monarcha, que o honrou com altas distincções; e pela nação que, com a voz das urnas eleitoraes, o proclamou digno da sua confiança: na magistratura subio ao gráo mais elevado á que podia chegar, e era, além disso, senador do imperio, do conselho de Sua Magestade, fidalgo cavalleiro da casa imperial e commendador da Ordem de Christo.

No parlamento não pôde gozar fóros de orador brilhante; mas a sua argumentação era cerrada, e em seus discursos ia direito ao ponto que fitava.

12 DE SETEMBRO

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

Filho legitimo do dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo e de D. Maria Luiza da Motta Azevedo, Manoel Antonio Alvares de Azevedo nasceu na cidade de S. Paulo aos 12 de Setembro de 1831, quando seu pae seguia o curso da escola juridica; pois que se casára, sendo ainda estudante.

Patenteou desde a infancia extraordinaria intelligencia.

Trazido para o Rio de Janeiro, donde seu pae era natural, e onde seguio por alguns annos a carreira da magistratura, que abandonou pela advocacia, começou na capital do imperio a sua educação litteraria com admiração de todos os seus mestres á quem surprehendião seu raro talento e brilhante imaginação.

Em 1845 feitos os necessarios exames matriculou-se no quinto anno do Imperial Collegio de Pedro II e no de 1847 tomou o gráo de bacharel em letras.

Em 1848 matriculou-se no primeiro anno do curso juridico de S. Paulo, e até 1851, em que completou o seu quarto e penultimo anno academico radiou como estudante de primeira ordem á quem não contentáva o estudo das materias nos autores magistraes adoptados, illustrando-se com a consulta e accurado exame do obras numerosas de grandes jurisconsultos.

Mas ainda assim sobrava muito tempo á essa intelligencia privilegiada para em vôos de joven aguia perlustrar os immensos espaços da litteratura : aguia procurou as eminencias : a Biblia, os Cantos de Ossian, Gœthe, Uhland, Shakspeare, Chenier, Lamartine, o Tasso forão os livros e os poetas de sua predilecção.

E de todos o mais querido, o mais seu enthusiasmador, talvez o mais influente foi Byron.

Alvares de Azevedo principiou á escrever, e revelou-se desde o primeiro dia poeta inspirado, e prosador de grande merecimento.

Tendo feito os seus exames do quarto anno, retirou-se de S. Paulo afim de passar os mezes de ferias com seus paes ; mas, notavel presentimento ! apoderou-se de Alvares de Azevedo a idéa de que proximo estava o termo de sua vida, e que não lhe seria dado completar o curso academico e laurear-se com o gráo de doutor que com direito aspirava.

No corpo dos academicos de S. Paulo era aceito o prejuizo de que no quinto anno morria sempre um dos estudantes que o cursavão.

Alvares de Azevedo dizia :

— Sou eu o quintanista que hade morrer em 1852.

E com effeito foi elle !...

Terrivel e inesperada enfermidade o prostrou no leito em principio de Março daquelle anno, e depois de quarenta e seis dias passados em tormentos, em apprehensões sinistras, e em dubias esperanças, veio emfim a morte, e aquelle genio apagou-se aos vinte e um annos de idade.

Extremos, alvoroços, lagrimas e afflicções, quasi o infinito em cuidados, todos os recursos imaginaveis, todo o empenho estremecido dos paes e dos irmãos, e dos medicos forão infructiferos.

O joven poeta recebeu resignado e contricto os soccorros da religião.

Na manhã de 21 de Abril consolou—sua mãe, simulando piedosa esperança que não tinha, e momentos depois, vendo-a afastada, e só junto de seu leito o desvelado dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, que sem poder fallar lhe apertava as mãos, disse tristemente:

— Que fatalidade, meu pae!...

Forão suas ultimas palavras. Perdeu a voz, cerrou os olhos, e horas depois o anjo do amor, e o anjo da harmonia em suas azas candidas levárão ao Senhor a alma daquelle mancebo *genio.*

Poeta de imaginação volcanica, Manoel Antonio Alvares de Azevedo quasi que assombra pelos severos estudos que fez em jurisprudencia: era conhecedor muito apurado do direito romano: no direito mercantil deixou annotado com luzes esclarecidas o livro adoptado para o ensino no curso juridico de S. Paulo, e o codigo do commercio do Brazil fôra por elle analysado e confrontado com os codigos de outras nações, do que derão testemunho apontamentos, observações e notas, que escreveu.

Como poeta e prosador Alvares de Azevedo deixou com-

posições que enchem tres volumes publicados depois de sua morte.

Poeta e prosador era o homem que se extreava sem pretenções, e como escrevendo ao acaso e de improviso.

E é preciso não esquecer que todas essas composições são anteriores, e apenas algumas filhas dos seus vinte annos de idade.

Tudo quanto escreveu foi primeira flôr de primavera apenas rompente; nenhuma de suas composições foi fructo sazonado.

E no entanto que arroubos!... que idéas arrojadas e as vezes estupendas!... que imaginação volcanica, que inspirações muitas vezes tão suaves e delicadas!...

O seu lugar estava marcado entre os primeiros poetas da lingua portugueza, se a morte o não tivesse roubado tão cedo á patria.

A sua evidente predilecção por Byron foi causa de alguns defeitos que se notão em composições poeticas, em que ostentou certa originalidade extravagante; mas ainda nellas flammeja sua romanesca e rica imaginação.

E sempre que Alvares de Azevedo poetou, deixando-se levar pelo proprio genio, e livre da influencia dos grandes poetas que amava, melhor e mais puro se revelou pela originalidade e pelo sentimento.

Sua ultima poesia, canto do Cysne inspirado (dias antes de adoecer) pela idéa do proximo termo de sua vida, foi a seguinte

Se eu morresse amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria,
Se eu morresse amanhã!

Quanta gloria presinto em meu futuro !
Que aurora de porvir e que manhã !
Eu perdera chorande essas corôas,
Se eu morresse amanhã !

Que sol ! que céo azul ! que doce n'alma
Acorda a natureza mais louçã !
Não me batera tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã !

Mas essa dor da vida que devora
A ancia de gloria, o dolorido afan...
A dor no peito emmudecera ao menos,
Se eu morresse amanhã !

13 DE SETEMBRO

NICOLÁO PEREIRA DE CAMPOS VERGUEIRO

Nasceu este assignalado varão á 20 de Dezembro de 1778 na freguezia de S. Vicente Ferrer, em *Valporto*, termo naquelle tempo da cidade de Bragança, no reino de Portugal.

Em 1808 tomou na universidade de Coimbra o grão de bacharel em direito civil, e passando-se no anno seguinte para o Brazil, foi estabelecer-se em S. Paulo, onde exerceu por algum tempo a profissão de advogado.

Essa magnifica provincia conquistou-o pela admiração, e logo o prendeu pelo coração, desposando Vergueiro digna e virtuosa paulista, D. Maria Angelica de Vasconcellos.

Vergueiro abandonou a advocacia, e, filho de lavradores, foi para o sertão de Pirassicaba fundar estabelecimento agricola que prospero radiou melhoramentos, e acendeu animação na fraca industria que ali havia.

Em 1821, rebentando em S. Paulo o pronunciamento

electrico e favoravel á revolução portugueza de 1820, foi Vergueiro, sem que o pensasse, nomeado membro do governo provisorio: escravo do dever aceitou o cargo, dizendo ao tomar posse delle : « Como disto me sahirei, não sei ; mas embora com todos fique mal, heide ficar bem com a minha consciencia. »

No mesmo anno foi eleito pela provincia de S. Paulo deputado ás côrtes portuguezas.

No acto da eleição o dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, vice-presidente do governo provisorio, e eleitor, disse á Vergueiro, mostrando-lhe sua cedula : « Não lhe dou o voto ; porque o senhor faria aqui muita falta ao governo. »

Na constituinte de Lisboa Vergueiro distinguio-se como defensor da causa de sua patria adoptiva, e em voto separado que lavrou, como membro da commissão politica dos negocios do Brazil, escreveu parecer, que foi atacado como energico propugnador da independencia do reino transatlantico.

Não quiz assignar a constituição elaborada pela constituinte portugueza, e voltou para o Brazil com a fronte coroada dos louros devidos á fiel e denodado brazileiro.

Em 1823 foi deputado da constituinte brazileira, e nella se manifestou franco e decidido liberal: dissolvida essa assembléa, entrou no numero dos deputados que forão prezos, e poupado ao degredo que os Andradas e outros seus collegas deputados soffrerão, solto pouco depois, voltou para S. Paulo, onde outra vez todo se dedicou á agricultura.

Em 1826 eleito deputado na primeira legislatura do imperio tomou assento na camara, e pronunciou-se liberal, como d'antes.

Em 1828 foi escolhido senador em lista offerecida pela provincia de Minas-Geraes.

No senado primou como inabalavel, e estrenuo liberal, e tornou-se um dos homens mais populares e mais influentes da opposição.

O nome de *Vergueiro* era então como um emblema do partido liberal; sua influencia moral valia um exercito; porque o povo depunha nelle a mais decidida confiança.

Em Março de 1831 foi elle o primeiro signatario da representação dirigida ao imperador D. Pedro I por um senador (elle) e vinte tres deputados sobre a situação perigosissima e ameaçadora do Estado.

Na noite de 6 de Abril e em face da revolução, ou do pronunciamento exigente da demissão do ministerio organisado na vespera, dizem e sustentão muitos que D. Pedro I mandára procurar Vergueiro para encarregal-o da organisação de gabinete, que sem duvida contentaria o povo em revoltosa desconfiança.

Vergueiro, se de facto o procurárão, não foi encontrado.

O imperador D. Pedro I abdicou a corôa á uma ou duas horas do dia 7 de Abril, e tendo então o Sr. D. Pedro II, o herdeiro do throno cinco annos e quatro mezes de idade, os senadores e deputados que estavão na côrte, reunirão-se no paço do senado e nomeárão a regencia provisoria, e um dos tres membros que a compuzerão, foi Vergueiro.

Em 1832 entrou para o ministerio, occupando a pasta do imperio, e interinamente a da fazenda.

De 1837 á 1842 exerceu o cargo de director do curso juridico de S. Paulo.

Em 1840 foi no senado um dos mais fortes propugnadores da maioridade de S. M. o senhor D. Pedro II; e

no anno seguinte na grande solemnidade da coroação o imperador o agraciou com a grã-cruz do cruzeiro.

Em 1842 o senador Vergueiro foi com outros chefes liberaes de S. Paulo processado por causa da revolta que nessa provincia rebentára e fôra suffocada ; mas o senado julgou improcedente esse processo.

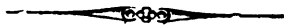
Cinco annos depois voltou o illustre cidadão ao governo, aceitando a pasta da justiça ; mas tocando aos setenta annos e acabrunhado por molestias, esgotou suas forças e sahindo do ministerio, soffreu gravissimo ataque de febre cerebral.

Vergueiro viveu ainda annos, e em cada sessão legislativa o venerando ancião levantava-se sempre e fazia ouvir sua voz tremula, mas energica em defesa dos principios liberaes : em cada discurso era quasi certa uma idéa como que predominante — a liberdade do voto, a eleição livre, — que elle reclamava com ardor.

Fóra das questões politicas de partidos, pugnava constante pelos interesses e necessidade da colonisação.

Benemerito da patria pertenceu ao numero dos gloriosos palladinos da independencia, nas lutas politicas e parlamentares do imperio do Brazil foi durante perto de quarenta annos ou até sua morte um dos mais prestigiosos chefes do partido liberal, e nunca, nem um só dia, arrefeceu, e menos hesitou na sustentação de suas idéas.

Coube-lhe tambem a gloria de iniciar em S. Paulo o trabalho agricola livre, introduzindo em suas fazendas grande numero de colonos europeus, com os quaes ensaiou o systema de parceria.

Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro falleceu tendo perto de 80 annos.

14 DE SETEMBRO

ANTONIO ELZIARIO DE MIRANDA E BRITO

Natural de Lisboa, onde nascêra em 1786, Antonio Elziario de Miranda e Brito destinado á carreira militar jurou bandeiras em 1796.

Matriculou-se na academia de marinha de Lisboa em 1802, anno em que foi reconhecido cadete, e alli seguio o curso mathematico, sendo com distincção approvado nos dous primeiros annos de fortificação, artilharia e desenho.

Em 1808 passou a servir no Brazil na qualidade de alferes no 3° regimento de infantaria de linha da côrte, e por decreto de 19 de Julho do mesmo anno servio como 2° tenente no corpo de engenheiros, sendo empregado nos telegraphos ás ordens do respectivo director.

Desta data em diante assignala-se a sua vida por uma serie de serviços relevantes prestados como engenheiro, como soldado, e como administrador.

De 1809 á 1816 o joven official incessantemente se occupou ora em levantar as plantas das fortalezas e de diversos pontos da nova capital da monarchia portugueza e de lugares vizinhos, ora em nivelamentos e trabalhos para o encanamento das aguas que devião servir ao chafariz do Campo da Acclamação.

Em 1817 foi prestar o seu valioso contingente para o restabelecimento da ordem em Pernambuco, e quando tornou a embainhar a espada, voltou e proseguio nos trabalhos que interrompêra, e outros novos executou.

Em 1822 nobre e galhardamente se conservou fiel ao principe regente do Brazil, e portanto adherio á causa da independencia, que lhe assegurou nova, bella e reconhecida patria. Conquistou honrosamente as dragonas de tenente coronel servindo sob o commando do coronel Nobrega, e executando com zelo e actividade a insigne commissão de reunir no campo do Brandão as milicias do reconcavo que devião oppor-se á divisão lusitana commandada por Avilez, conforme elle proprio havia por escripto proposto ao principe D. Pedro, depois primeiro imperador do Brazil. Por um serviço tão esclarecido mereceu distincta menção em ordem do dia, como ha de ter um lugar de honra entre os benemeritos da regeneração politica do Brazil.

Em 1826 Antonio Elziario de Miranda e Brito marchou para os campos do sul, onde se atêara a guerra, e lá servio na qualidade de quartel-mestre-general do exercito ; tornou-se notavel por louvaveis acções, e tomando parte na batalha do Passo do Rosario foi despachado coronel graduado por distincção. Os postos que se conquistão ao sibilar das balas, e ao estrepito das armas, são os mais bellos e irrecusaveis testemunhos do valor e do merecimento do soldado.

De 1829 á 1831 foi governador das armas do Maranhão. Em 1836 a rebellião do Rio-Grande do Sul tinha tomado incremento, e impunha ao Imperio a necessidade de empregar o esforço dos seus subditos mais bravos e leaes para combatêl-a. Antonio Elziario não podia ficar esquecido, foi commandar uma força no sul, pouco depois foi nomeado presidente e commandante das armas da provincia, sendo nesse mesmo anno removido para exercer as mesmas funcções em Santa Catharina.

De 1837 á 1839 voltou e permaneceu no Rio-Grande do Sul na qualidade de presidente da provincia e commandante das forças em operações. Mais que nunca ameaçadora e altiva laborava a rebellião naquella extremidade do Imperio; a commissão era portanto ardua, importantissima, e cheia de grave responsabilidade; Antonio Elziario mostrou que a não desmerecia: se não voltou com a fronte ornada dos louros da victoria, deixou ao menos na provincia um exercito disciplinado e apto para alcançar arrojados triumphos, como depois soube demonstral-o. O governo reconheceu e premiou os serviços de Antonio Elziario promovendo-o a marechal de campo graduado.

Recolhendo-se á côrte o illustre general foi chamado a desempenhar diversas commissões, e tomou interinamente em 1845 o commando das armas da capital, e conservando-o até o anno seguinte. Em 1846 foi nomeado vogal do conselho supremo militar, e por decreto de 2 de Dezembro de 1850 foi ainda nomeado membro da commissão da nova classificação dos officiaes do exercito, e presidente da commissão de engenheiros creada por decreto de 14 de Setembro do mesmo anno, e emfim pelo de 22 de Abril de 1852 foi

reformado no posto de marechal de exercito effectivo, continuando no exercicio de conselheiro de guerra.

Intelligencia e zelo no commando, fidelidade e disciplina em todos os tempos e circumstancias, prudencia e sagacidade para prevenir um desastre, placidez e valentia no ataque, e força inabalavel na resistencia, eis alguns dos principaes dotes que recommendavão o marechal Elziario, como soldado. Bom amigo, parente estremoso, cidadão honrado e beneficente, eis o que era elle na sociedade.

No anno de 1858 uma antiga e rebelde enfermidade, que se exacerbou de subito, prostrou o velho general no leito das dôres, donde só devia sahir para ser levado ao jazigo. Longa e torturadora foi a molestia, mas nem por isso venceu a paciencia e a resignação do nobre veterano que soube morrer placido e resignado, como bom catholico, dizendo quasi a sorrir seu ultimo adeus á terra.

Antonio Elziario de Miranda e Brito era marechal do exercito effectivo, conselheiro de guerra, commendador da ordem de Aviz e official da do Cruzeiro.

15 DE SETEMBRO

D. FREI BERNARDO DE NOSSA SENHORA

Este piedoso e illustre varão nasceu em Pernambuco no seculo decimo oitavo.

Dedicando-se ao sacerdocio, distinguio-se tanto por sua profunda instrucção e exemplares virtudes, que foi eleito e sagrado bispo de Meliapor; era da ordem de Santo Agostinho, foi confessor do marquez e da marqueza de Tavora, quando esse fidalgo portuguez occupou o vice-reinado da India.

Em precioso manuscripto deixado pelo general Abreu Lima, diz este que D. Thomaz de Noronha, bispo resignatario de Olinda, o informára do immenso merecimento intellectual e moral de D. frei Bernardo de Nossa Senhora, sendo transcendente a sua illustração, e taes as suas virtudes, que por sua morte em 1788 a população do seu bispado o teve em conta de santo.

O mesmo D. Thomaz de Noronha asseverou á Abreu Lima, que vira o retrato de D. frei Bernardo de Nossa Senhora em corpo inteiro, abaixo do qual se lia o seu nome, e a declaração de que era natural de Pernambuco.

Não subira á altura de principe da igreja um filho do Brazil-colonial sem que tivesse extraordinaria e bem merecida reputação de sabio e virtuoso, como elle por certo o foi.

Em falta de datas precisas e debalde procuradas; pois que o proprio general Abreu Lima não as poude marcar no seu apontamento biographico do illustre bispo de Miliapor, fica o nome de D. frei Bernardo de Nossa Senhora registrado á 15 de Setembro.

16 DE SETEMBRO

FREI JOSÉ DA COSTA AZEVEDO

Em humilde berço, o que lhe poderão dar seus paes honestos; mas pobres, nasceu José da Costa Azevedo na cidade do Rio de Janeiro á 16 de Setembro de 1763, e mostrando ainda em tenra idade talento notavel e amor ao estudo, cursou as aulas que então havia no Rio de Janeiro, podendo logo depois, graças ao concurso generoso de alguns protectores, transportar-se para Lisboa, onde entrou para o collegio dos nobres.

Terminado o curso de preparatorios, foi matricular-se na universidade de Coimbra, na qual grangeou consideravel reputação, e sentindo-se com vocação para o claustro, tomou o burel franciscano, e quasi logo a cadeira de lente de theologia no seu convento da ordem Seraphica.

Além de profundos conhecimentos, como theologo e philosopho, estudou com ardor sciencias naturaes.

De Lisboa foi chamado para ali reger uma cadeira publica de philosophia: e em breve mereceu ser escolhido para socio correspondente da academia real das sciencias.

Sendo eleito bispo de Pernambuco D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, seu amigo, reclamou este a coadjuvação de frei José da Costa no seminario que ia fundar naquella diocese, e conseguindo do governo o necessario beneplacito, incumbio ao padre mestre, seu compatriota, da direcção do seminario e da regencia das cadeiras de philosophia e rhetorica.

No desempenho de commissão tão delicada e nobre o padre mestre José da Costa deixou lembrança gloriosa.

Tanto avultava o seu provado merecimento, que o grande ministro conde de Linhares, quando na capital do Rio de Janeiro se creava a academia militar, chamou o padre mestre José da Costa e Azevedo para esta cidade, destinando-lhe naquella escola a cadeira de mineralogia, e despachando-o depois director do Muzêo.

Neste ultimo emprego se manteve frei José da Costa Azevedo até o dia de sua morte á 7 de Novembro de 1822.

Deixou este venerando religioso muitos sermões, nos quaes *a belleza d'estylo de S. Carlos se casa com a pureza de dicção de Vieira,* conforme pensa e disse o illustrado Sr. conego Fernandes Pinheiro, *que os leu* e delles falla na biographia do padre José da Costa e Azevedo, que é devida á sua penna, e foi a fonte deste artigo.

Mas os sermões alludidos ficárão todos em manuscripto e ainda ao menos se conservão em poder dos herdeiros do illustre finado.

O padre José da Costa não quiz imprimir seus trabalhos.

O bispo Azeredo Coutinho em carta que lhe dirigio, abonava muito a—*dissertação sobre a salubridade dos ares de Olinda,* que elle lhe mandára.

Adriano Balbi lamenta que frei José da Costa não tivesse dado á luz da imprensa os elementos de mineralogia que seguindo o methodo de Wermer, escrevêra para seus discipulos.

Ha certeza de que tambem compuzéra e communicára á seus amigos diversas memorias sobre assumptos pertinentes ás sciencias que cultivava ; ninguem sabe porém, onde ellas párão.

O frade era pobre, a imprensa apenas começava á dar luz ao Brazil ; mas essa luz pagava-se caro.

17 DE SETEMBRO

AURELIANO DE SOUZA E OLIVEIRA COUTINHO

VISCONDE DE SEPETIBA

Na parochia de Itaipú, municipio da villa da Praia-Grande, mais tarde cidade de Nictheroy, capital da provincia do Rio de Janeiro, nasceu á 21 de Julho de 1800 Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, filho do coronel de engenheiros do mesmo nome e sobrenome.

Aureliano estudou o latim no seminario de S. José, merecendo os maiores elogios e particular estima de seu professor, o celebre latinista padre João Baptista Soares de Meirelles: em seguida matriculou-se na academia militar, na qual em dous annos consecutivos alcansou o primeiro premio.

O rei D. João VI em attenção aos serviços do pae de Aureliano, concedeu á este modesta pensão com a expressa clausula de ir formar-se em sciencias naturaes na universidade de Coimbra.

O joven estudante brazileiro seguio para Portugal á 21 de Julho de 1820; mas não poude aproveitar-se do favor do rei; porque preferio formar-se em direito.

Logo que tomou o seu gráo, voltou para sua patria em 1825 e foi despachado para S. João d'El Rei e Ouro-Preto, como juiz de fóra e ouvidor: cumprindo á risca seus deveres de magistrado, repartio a justiça com rectidão exemplar, arrecadou avultadas sommas que se reputavão perdidas e homem activo e de progresso tentou a fundação de uma bibliotheca, honrou com sua estima os jovens talentosos, e procedeu emfim de tal modo que a provincia de Minas-Geraes o elegeu deputado á segunda legislatura, e tendo elle por isso de vir para o Rio de Janeiro, foi em despedida acompanhado por numeroso concurso de cidadãos, e recebeu em escripto assignado por seiscentos destes o testemunho de sua gratidão e saudade, no qual se lião as seguintes memoraveis palavras: « ide coberto de bençãos, homem probo e leal: a pureza de vossa consciencia grangeou-vos um titulo glorioso; bem sabeis que vos chamão aqui — o juiz recto. »

Em 1830 Aureliano aceitou a presidencia da provincia de S. Paulo então abalada por ardente exaltação politica, e ali se achava ainda desempenhando aquelle cargo, quando na capital do imperio precipitárão-se os acontecimentos que terminárão pela abdicação do imperador D. Pedro I á 7 de Abril de 1831.

De volta para o Rio de Janeiro Aureliano occupou o lugar

de juiz dos orphãos, depois o de intendente geral da policia, e foi nomeado desembargador da relação da côrte.

Na camara temporaria de que era membro, ligou-se ao partido liberal moderado, e distinguio-se no circulo predominante do benemerito Evaristo Ferreira da Veiga, apoiou sempre o famoso ministerio em que, de Julho de 1831 em diante, a energia do ministro da justiça, o padre Diogo Antonio Feijó, salvou por mais de uma vez a ordem e as instituições.

Esse ministerio demittio-se de plano, e com elle pedio demissão a regencia, conforme fôra combinado para effectuar o golpe de estado de 30 de Julho de 1832, pelo qual a camara dos deputados instituindo-se assembléa nacional promulgaria nova constituição já preparada.

O golpe de estado frustrou-se : a regencia prestando-se á retirar seu pedido de demissão á convite e instancias patrioticas da camara, nomeou para o governo homens que não representavão o partido liberal moderado em maioria, e, como era de esperar, esse ministerio, que se chamou dos *quarenta dias*, foi derribado por votação parlamentar de confiança, e de importancia financeira.

O partido moderado voltou ao poder com toda a sua influencia : tinha duas grandiosas e principaes tarefas á cumprir : — manter a ordem, a integridade do imperio, e as instituições monarchicas — e dar á nação as reformas constitucionaes promettidas e asseguradas ás provincias. — Organisou-se o novo ministerio, e nelle teve a pasta da justiça o deputado Aureliano.

Muito modesto, Aureliano não era conhecido como orador notavel, fallava com precisão, simplicidade, segurança, e

perfeita cortezia : tinha palavra facil, concisão, e imponente gravidade ; não frequentava porém a tribuna.

Apreciado nos conselhos do partido, e nos estudos de commissões, quizerão experimental-o no governo, e elle mostrou-se tal que além da pasta da justiça, foi encarregado depois da dos negocios estrangeiros, e dos do imperio.

Logo nesse ministerio que para elle durou de 23 de Maio de 1833 até 16 de Janeiro de 1835 Aureliano revelou-se com as duas principaes e muito salientes qualidades que acentuadamente o carecterisárão em sua vida publica.

Administrador notabillissimo e activo, era alavanca de progresso, luz de civilisação : onde e quando sua influencia se fazia sentir, davão della testemunho instituições e grandes trabalhos que sua intelligencia e sua força de vontade fazião realisar.

Na politica ostentou-se nelle o homem temperado para resistir, e assoberbar todas as tormentas. Natureza suave, coração benefico, alma candida, na magistratura o — *juiz recto,* honestissimo, zeloso escravo da lei, Aureliano era, foi no governo o estadista admiravelmente preparado pela sua propria natureza para as grandes crises e para as mais terriveis lutas politicas: sempre sereno, imperturbavel nos dias mais perigosos, tranquillo, sem perder jámais o encanto de sua amabilidade, sem uma ruga na fronte, nem uma palavra de escusa, a força de sua vontade inabalavel, obedecendo ao imperio da convicção do dever, e manifestando-se nos actos mais energicos, o celebrisou no governo Hercules esmagador de conspirações politicas, e de violenta, e provocadora opposição de adversarios politicos.

Aureliano entrou para o ministerio em situação difficilima

e arriscadissima: o governo não tinha exercito, contava quasi que exclusivamente com a guarda nacional e rompião revoltas em algumas provincias.

Na capital do imperio o partido restaurador organisava-se fortemente e em 1833 conspirava audacioso: em Agosto desse anno installou-se no Rio de Janeiro a *Sociedade Militar* com o fim apparente de cuidar dos interesses da respectiva classe; mas desde logo suspeita de planos politicos para realisar a restauração do ex-imperador como regente do imperio: passava por principal influencia desse partido o tuctor do imperador em menoridade, o venerando José Bonifacio de Andrada e Silva, sabio, patriota, e um dos patriarchas da independencia do imperio.

Ao aproximar-se o fim do anno de 1833 as circumstancias erão gravissimas.

A' 2 de Dezembro á noite grupos de populares despedaçárão a illuminação da Sociedade Militar, e na noite de 5 de novo reunidos e impunemente em face de juizes de paz invadirão a casa da mesma sociedade, lançárão os moveis pelas janellas e em seguida atacárão duas ou tres typographias que publicavão gazetas do partido restaurador.

Tudo faz crer que o governo desejando um pronunciamento popular que explicasse a necessidade de medidas extraordinarias, deixou que o partido moderado preparasse os motins de 2 e 5 de Dezembro com tolerancia indesculpavel, dos juizes de paz que erão as autoridades policiaes do tempo e sem o menor signal de repressão da parte do governo.

Os motins tinhão excedido muito os calculos dos instigadores; nesse desenfreamento de gente exaltada e furente a paixão politica chegára a violencias lastimaveis e escandalosas.

A capital ficára agitada, estremecida ; o partido restaurador profundamente resentido e em colerica fermentação, e Aureliano, o ministro da justiça prostrou-o com tremendo golpe, suspendendo e prendendo o tuctor, que foi retirado para a ilha de Paquetá, sendo substituido na tuctoria pelo marquez de Itanhaem.

A crise de 1833 tinha sido terrivel : o governo da regencia escapou á sua quéda, e a capital á sanguinolenta revolta pela energia de Aureliano, que tambem a fez sentir nas provincias. As facções forão abatidas : faccinoras audazes, que aproveitando as desordens politicas, perpetravão frequentes roubos e outros crimes na cidade do Rio de Janeiro e em seus arrabaldes, cahirão nas mãos da autoridade, ou desapparecêrão pelo vigor das medidas do ministro da justiça, que ainda muitos outros serviços prestou.

Bernardo de Vasconcellos, que se declarára adversario do illustre estadista, vendo os esforços deste no governo coroados de felicissimo resultado, nobre e generosamente disse : «o Sr. Aureliano gravou seu nome na base da nossa monarchia.»

Firmada a ordem, tranquilla a sociedade, o ministro politico, sereno, mas forte, decidido e inabalavel na repressão esmagadora das conspirações e revoltas, lançou-se no campo do progresso com o seu genio creador : as linhas de carros que se chamavão *Omnibus*, a casa de correcção, o monte pio, a caixa economica, a nova *Carioca* e outras obras e melhoramentos lembrão e perpetúão o nome de Aureliano.

Elle se occupou de tudo, de systema de viação, de navegação de rios, e de projectos de grandes trabalhos que não teve tempo de realisar.

Deu o primeiro regulamento para as legações do imperio e secretaria dos negocios estrangeiros.

Em vesperas de sua retirada do governo, o deputado Ramiro que era tão illustrado como independente, disse do alto da tribuna: « o Sr. Aureliano dentro e fóra da camara é o melhor cidadão! são muitos e de immensa importancia os seus serviços: estão ahi bem patentes e praza á Deus que não nos esqueçamos nunca, nós todos brazileiros, de apreciar e respeitar tão benemerito cidadão. » *Apoiados* quasi unanimes cobrirão a voz do orador.

A 17 de Setembro de 1837 o regente Feijó depois da formal recusa de Alves Branco á ficar com a pasta do ministro do imperio que era, para substitui-lo na regencia, dirigio-se á Aureliano; mas não poude conseguir delle o tomar tão grande encargo.

Em 1840 o deputado Aureliano entrou com a pasta dos negocios estrangeiros á 24 de Julho no ministerio da maioridade do Imperador o Sr. D. Pedro II, da qual fôra propugnador, e continuou ministro da mesma repartição no gabinete organisado em Março de 1841. Começava apenas o exercicio de seus direitos magestaticos o joven Imperador, e elle muito dedicado ao monarcha não fizéra questão de partido na mudança de gabinete; mas vencidas as revoltas liberaes de S. Paulo e Minas, e fortalecido e sem contrapeso de opposição na camara, o partido conservador quiz ser em toda sua pureza e em todo o seu exclusivismo politico, aliás da indole do systema, governo do imperio. Aureliano demittio-se e com elle o ministerio, no qual tivera a honra e a felicidade de dirigir os actos diplomaticos para o casamento do Imperador com a virtuosa Princeza que é a Imperatriz

do Brazil e objecto do mais justo amor de todos os brazileiros.

Em 1844 houve mudança politica no governo, e o gabinete do visconde de Macahé guerreado á todo trance pelo partido conservador, apoiou-se no concurso e na grande força dos liberaes.

Aureliano foi então nomeado presidente da provincia do Rio de Janeiro.

A camara fôra dissolvida: na provincia do Rio de Janeiro todas as posições officiaes, e administrativas, policia, commandos de guarda nacional, todo o poder, toda a influencia pertencião desde annos exclusivamente aos conservadores, que receberão o presidente liberal com altiva e desabrida opposição.

Tinhão esquecido o ministro da justiça de 1833.

Aureliano imperturbavel em sua serenidade caracteristica em poucas semanas mudou a face politica da provincia, bastando-lhe para isso mudar a face official das influencias locaes; mas nesse empenho sua vontade forte só teve por limite a completa exclusão dos conservadores das posições officiaes. Estava no seu direito, não podia governar com agentes policiaes, e empregados de confiança seus adversarios em actividade hostil: a imprensa conservadora o atacava violenta, descomedidamente pelas demissões que em grande numero elle arrojava contra os opposicionistas; mas Aureliano proseguia sorrindo em sua obra.

Procedendo-se a eleição de deputados, nem um só candididato conservador foi eleito pela provincia do Rio de Janeiro.

Sempre o mesmo homem, tendo abatido, esmagado no campo da politica o partido que altiva e furiosamente o hos-

tilisára e combatêra, Aureliano radiou esplendido na provincia com a sua iniciativa, e com o seu espirito de progresso moral e material.

A industria serica tentada em grande exploração, o canal de Magé, chafarizes, estradas e outras obras guardárão a memoria de Aureliano.

Decidido apologista do trabalho livre, e fazendo construir a nova estrada da serra da Estrella, mandou engajar para se empregarem nella quinhentos trabalhadores allemães : o correspondente fez vir em vez de homens solteiros quinhentas familias de colonos que chegárão de subito.

Ao presidente Aureliano que se achou em difficuldades para accommodar tanta gente, acudio em auxilio o seu intimo amigo o conselheiro Paulo Barbosa da Silva, mordomo da casa imperial, e ambos planejárão inspiradamente a fundação de uma colonia no alto da serra da Estrella, idéa aliás já antes lembrada pelo engenheiro Frederico Keller. As terras (que se chamavão do *Corrego Secco)* pertencião ao Imperador.

O Senhor D. Pedro II foi além do que propunha ou pedia o seu mordomo ; além de ceder as terras, abrio os cofres de sua generosidade particular, e quasi de improviso se fundou a colonia, que teve a denominação de *Petropolis* e é hoje a cidade desse mesmo nome.

Em principios de 1848, Aureliano pedio e obteve demissão de presidente da provincia do Rio de Janeiro.

Desse anno em diante só figurou na scena politica do imperio, como senador que já era.

Quasi retirado á vida particular, occupado zelosamente da educação dos filhos, era no entanto assiduo frequentador do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, no qual

occupava desde muitos annos uma das cadeiras de vice-presidente.

O Imperador o agraciou com o titulo de visconde de Sepetiba.

A' 25 de Setembro de 1855 o visconde de Sepetiba falleceu na cidade de Nictheroy.

O senador Manoel de Araujo Porto Alegre, actual barão de Santo Angelo apreciou perfeitamente este homem illustre, como politico e administrador nas seguintes palavras:

« A idéa era por elle meditada, e discutida no gabinete, e logo que se convencia da sua utilidade, executava-a. Titão impassivel, caminhava com passo regular ao seu fim, derrocando friamente todos os embaraços até conseguir o escopo desejado. »

Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, foi visconde de Sepetiba, grande do imperio, do conselho de S. M. o Imperador, fidalgo de sua casa, gentil-homem de sua imperial camara, senador do imperio, desembargador da relação do Rio de Janeiro, cavalleiro das ordens de Christo e da Rosa, dignitario da imperial do Cruzeiro, grão-cruz de Leopoldo I da Belgica, de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa de Portugal, da Real Ordem de Fernando de Napoles, da nobre e antiga ordem de Carlos III de Hespanha, de Alexandre Newshy, dos quatro imperadores da Russia, cavalleiro de S. João de Jerusalém, vice-presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, membro da sociedade Ethnologica de Paris, da sociedade Archeologica de Bruxellas, da Real Associação das sciencias, letras e artes de Antuerpia, etc.

18 DE SETEMBRO

JOSÉ DA COSTA CARVALHO

MARQUEZ DE MONTE ALEGRE

Apresenta-se aqui uma das maiores grandezas sociaes do Brazil creada, erguida pela democracia e enobrecida e honorificada pela magestade imperial.

José da Costa Carvalho, filho legitimo de José da Costa Carvalho e de D. Ignez Maria da Piedade Costa, nasceu á 7 de Fevereiro de 1796 na freguezia de Nossa Senhora da Penha, na provincia da Bahia.

Formou-se em leis na universidade de Coimbra em 1819, e foi juiz de fóra e ouvidor da cidade de S. Paulo no Brazil, sua patria, em 1821 e 1822.

Abraçou com enthusiasmo a causa da independencia,

prestou-lhe serviços, concorrendo muito para as representações de S. Paulo, pedindo ao principe-regente D. Pedro que *ficasse no Brazil*, foi deputado da constituinte brazileira eleito pela provincia da Bahia, onde nascêra, e dissolvida esta assembléa, retirou-se para S. Paulo profundamente desgostoso e resentido desse golpe de estado.

Foi eleito deputado á primeira e segunda legislatura do imperio pela mesma provincia que o elegêra para a constituinte; ligou-se estreitamente á Paula e Souza, Feijó, Vergueiro e á outros chefes liberaes: pertenceu no primeiro reinado á opposição intransigente: foi presidente da camara dos deputados por alguns annos: fundou e manteve em S. Paulo o periodico *Pharol Paulistano*, orgão de exaltadas idéas democraticas, fazia nelle escrever talentosos academicos, e á um delles, e talvez á outros estudantes, escrevia, quando estava no Rio de Janeiro presidindo a camara dos deputados, cartas em que sempre dizia: « *não se esqueça de deitar azeite no nosso Pharol.* »

Era um dos homens mais queridos do povo, e potente influencia do partido liberal.

A' 7 de Abril de 1831 estava em S. Paulo; vindo porém tomar assento na camara foi sem o pedir, e sem o desejar nomeado membro da regencia permanente á 17 de Junho do mesmo anno.

No parlamento não se distinguira, como orador: era homem de estudo, e de gabinete; mas de grande modestia, e de palavra timida e pouco fluente.

Na regencia sentio a responsabilidade do poder: adoptou as idéas de moderação e de ordem de Evaristo, e cansado de lutar, desgostoso da marcha dos negocios, e doente aban-

donou a regencia em 1833, retirando-se para S. Paulo em Julho desse anno.

Em 1835 e 1836 foi director da academia juridica de S. Paulo, e em 1837 esta provincia o elegeu deputado.

Costa Carvalho alterára profundamente suas idéas politicas: o partido liberal vio-o em 1838 ligado ao partido conservador ao lado de Vasconcellos, Rodrigues Torres (depois visconde de Itaborahy) e Honorio Hermeto (depois visconde e marquez de Paraná) tambem antes exaltados liberaes como elle o fôra. A convicção bem ou mal fundada os tinha feito mudar de opinião; mas o patriotismo os dirigia.

Em 1839 Costa Carvalho entrou para o senado brazileiro, tendo sido escolhido em lista triplice offerecida ao regente pela provincia de Sergipe.

Em 1841 o imperador agraciou o filho da democracia, o membro da regencia permanente, o patriota Costa Carvalho com o titulo de barão de Monte Alegre, elevando-o depois á visconde em 1843, e á marquez do mesmo titulo em 1854: além disso nomeou-o conselheiro de estado extraordinario em 1842, fazendo-o passar ao serviço ordinario em 1853.

Em 1842 em face de conspiração que rebentou logo depois em revolta, o barão de Monte Alegre foi nomeado presidente da provincia de S. Paulo, e soube mostrar-se digno da nomeação em circumstancias tão melindrosas: sua influencia na provincia, o prestigio do seu passado, a doçura e bondade do seu caracter concorrêrão muito para desarmar nos animos de alguns influentes o impulso do exaltamento arrebatado.

Em 1848 o visconde de Monte Alegre foi o organisador do gabinete conservador que adiou e depois dissolveu a camara liberal; que esmagou após combates lamentaveis á

revolta praieira em Pernambuco, e que levou á feliz e glorioso termo a guerra contra Rozas, o dictador da Confederação Argentina.

Em 1843 Monte Alegre tinha sido presidente do senado; assistio como testemunha ao casamento da Serenissima Princeza a Senhora D. Francisca com o Senhor Principe de Joinville, sendo por isso condecorado com a gran cruz da Legião de Honra pelo rei Luiz Philippe.

O marquez de Monte Alegre foi presidente da sociedade de Estatistica do Brazil e da Associação Central de Colonisação, membro honorario da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, socio do Instituto Historico do Brazil, e de muitas outras sociedades patrioticas e civilisadoras.

Sobrárão-lhe graças e condecorações á ornar-lhe o peito, e á lembrar seus serviços.

Era homem rico, e soube applicar parte de seus rendimentos em obras de caridade, e na educação litteraria de alguns jovens talentosos e pobres.

Sua probidade nunca foi atacada nem por leve suspeita.

Quando já era senador, conselheiro de estado e marquez todos o achavão accessivel, simples, modesto, bom, benefico, tal qual o tinha sido em seus tempos de exaltado democrata. Mudára-lhe a opinião politica sem que soffresse nelle mudança o coração.

O marquez de Monte Alegre, sympathico e venerando brazileiro por muitos amado por todos estimado, falleceu á 18 de Setembro de 1860.

Homem de bem, e homem bom, benemerito da patria, morreu sem deixar um inimigo e desceu á sepultura geralmente abençoado.

19 DE SETEMBRO

ANTONIO PEREGRINO MACIEL MONTEIRO

BARÃO DE ITAMARACA'

Natural da provincia de Pernambuco, onde nasceu no seculo actual entre os annos de 1802 á 1804, Antonio Peregrino Maciel Monteiro estudou preparatorios na cidade de Olinda, e passando á Europa, seguio o curso de medicina na faculdade de Paris e tomou o gráo de doutor pela universidade.

Talento descommunal, intelligencia clara e feliz, imaginação brilhante e faceira, Maciel Monteiro cultivou as lettras, e a poesia, e não foi um dos primeiros poetas da lingua portugueza no seu tempo, sómente porque não quiz sel-o.

A provincia de Pernambuco o elegeu deputado á terceira

legislatura, e Maciel Monteiro tomou logo na camara lugar distincto entre os mais estimados oradores, pronunciando-se em opposição ao governo do regente Feijó.

Elle tinha voz sonora, mas não afeminada, palavra fluente e jamais interrompida pela mais leve hesitação, pureza de estylo, eloquencia arrebatadora, e gesto moderado e agradavel : nunca faltou á um seu discurso a belleza da fórma, e todos os seus discursos se affiguravão preparados com trabalhoso esmero.

Completa illusão !... Maciel Monteiro frequentava apaixonado os theatros, os bailes, as sociedades dos circulos mais elegantes, e elle proprio era o typo da mais exigente e caprichosa elegancia no trajar sempre rigorosamente á moda, e no fallar sempre em mimos de delicadeza e de refinada cortezia em que sem pretenções nem demazia seu espirito subtil e sua imaginação de poeta radiavão suave e encantadoramente.

Após longas horas passadas em saráos, em companhias aristocraticas, em sociedades de excellentes amigos, ou nos theatros, Maciel Monteiro dormia á somno solto até ás dez horas da manhã seguinte : lembrava-se então ás vezes de que devia fallar na camara, e pensava no seu discurso emquanto apurava cuidados no seu vestir esmerado.

Logo depois a camara ouvia eloquente discurso, lindissimo na fórma, com perfeito plano na ordem das idéas, pujante na argumentação, e revelador da illustração de quem o proferia. O auditorio convencia-se do laborioso e longo estudo a que se déra o orador, que apenas acabava de improvisar !...

Talento maravilhoso, que teria feito, e que teria sido no seu paiz Maciel Monteiro, se menos se deixasse arrebatar

pelos gozos licitos e honestos, mas tão inebriantes como vãos da vida de festas, de fulgentes salões, e de triumphos de elegancia, e de aristocraticos enlevos?...

Essa fraqueza, innocente defeito de Maciel Monteiro, privou a patria de um grande estadista, ou de um dos seus primeiros poetas.

Mas o merecimento de Maciel Monteiro era tal, que á 19 de Setembro de 1837, organisando-se o primeiro e o mais uotavel gabinete do partido conservador, foi elle escolhido para ministro dos negocios estrangeiros.

Nesse ministerio occupou-se Maciel Monteiro principal mente da questão do *Oyapock* com a França, mostrando, como sempre, superior habilidade.

Depois da demissão do gabinete de 19 de Setembro em 1839, elle o defendeu nesse mesmo anno na camara, pronunciando um discurso, que bastaria para sua gloria parlamentar.

Reeleito deputado para a quarta legislatura, e outra vez para a de 1843 a 1845; foi a camara dissolvida em 1844, e Maciel Monteiro, fóra do parlamento durante a situação liberal, voltou a elle em 1850; mas não frequentou como d'antes a tribuna; porque digna e esclarecidamente occupou a cadeira de presidente da camara.

Logo depois dessa legislatura o governo imperial o nomeou Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brazil para a côrte de Portugal, e nessa alta commissão diplomatica soube Maciel Monteiro estreitar os laços de amizade dos dous governos, e dos dous povos irmãos, zelando sempre os interesses do imperio.

S. M. o Imperador agraciou o illustrado brazileiro Antonio

Peregrino Maciel Monteiro com o titulo de barão de Itamaracá com honras de grandeza.

O barão de Itamaracá falleceu em Lisboa a 5 de Janeiro de 1868: toda a tropa de guarnição daquella capital, e tres baterias de artilharia prestárão as ultimas honras ao illustre finado.

O barão de Itamaracá nascêra com os mais superiores dotes para ser grande poeta, e grande orador. Na tribuna parlamentar, e em numerosas, mas fugitivas composições poeticas pela maior parte perdidas; algumas porém felizmente conservadas lampeja e fulgura o seu prodigioso talento.

Mas elle poetava, como pronunciava discursos, improvisando sempre!...

E em seus discursos como em seus versos, embora uns e outros improvisados, aprecia-se em gráo distincto a elegancia e a belleza da fórma, cujo cuidado foi á outros respeitos a fraqueza desse homem rico de faculdades para ser gigante na republica das lettras!...

20 DE SETEMBRO

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

Aos 27 de Abril de 1755 nasceu na cidade da Bahia Alexandre Rodrigues Ferreira, e ahi fez os seus estudos de humanidades, mostrando talento não vulgar: seu pae Manoel Rodrigues Ferreira o destinava á vida ecclesiastica e fe-lo tomar ordens menores á 20 de Setembro de 1768; mas no empenho de receber mais extensos conhecimentos e aprimorada instrucção Alexandre Ferreira seguio para Portugal, e em 1770, aos quatorze annos de idade, matriculou-se no primeiro anno do curso juridico em Coimbra, cuja universidade se reformou no anno seguinte.

A reforma interrompera os estudos do talentoso bahiano, que arrebatado por forte e irrisistivel inclinação deixou a faculdade de direito, e cursou a de philosophia com tanto ardor e proveito que dous annos antes de concluir o curso

já exercia gratuitamente o cargo de demonstrador de historia natural da universidade, e no ultimo anno conquistou o laurel do premio academico.

Tendo tomado o gráo de doutor na faculdade de philosophia, Alexandre Rodrigues Ferreira para quem se destinava uma cadeira de lente naquella mesma faculdade, aceitou logo outro destino.

O ministro Martinho de Mello e Castro, comprehendendo que o governo tinha grande necessidade de conhecer bastante as immensas riquezas naturaes do Brazil, ordenou ao dr. Domingos Vandelli, primeiro cathedratico da faculdade de philosophia, que lhe propuzesse uma pessoa em tudo capaz de desempenhar o pensamento do governo em viagem philosophica. Vandelli e a congregação propuzerão o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que aceitou a commissão e seguio de Coimbra para Lisboa á 15 de Julho de 1778.

Demorando-se ou demorado ainda em Portugal cinco annos, occupou-se no exame da mina de carvão de pedra de Buarcos com o naturalista João da Silva Feijó, na reducção e descripção dos productos naturaes do Real Museu d'Ajuda, em experiencias physicas e chimicas ordenadas pelo governo e em escriptos importantes dos quaes muitos se lamentão perdidos.

A Academia das Sciencias de Lisboa nomeou o dr. Ferreira seu membro correspondente á 22 de Maio de 1780, e elle correspondeu á essa honra, lendo na Academia diversas memorias de sua lavra.

Em Setembro de 1783 partio para o Brazil e foi desembarcar no Pará. Ali começou sua *viagem philosophica* ou de naturalista pela ilha de *Joannes*, e em nove annos de investigações e de trabalhos pelo sertão do Pará e Rio Negro,

pelo Rio Branco, Madeira, Guaporé, pela serra de Cuanurú, por Matto Grosso fez indagações importantissimas, e ao mesmo tempo que estudava os thesouros da natureza, escrevia, defendendo os direitos de Portugal sobre territorio invadido pelos hespanhóes, descrevendo enfermidades endemicas de Matto Grosso, e historiando a nascente civilisação dos *muras*.

De volta á capital do Pará, onde se demorou nove mezes, servio de vogal nas juntas de fazenda e de justiça, e casou-se com a filha do capitão Luiz Pereira da Cunha, o seu correspondente ou encarregado da remessa dos productos naturaes que recolhia e mandava para a côrte.

O casamento determinado provavelmente por mutua e suave affeição, foi proposto com alguma originalidade.

Pereira da Cunha queixou-se de que o governo não o reembolsava de avultadas quantias que despendêra na remessa daquelles numerosos productos, e que lhe consummira o capital destinado ao dote de sua filha.

— Esse inconveniente desapparece; respondeu-lhe o dr. Ferreira; porque eu estou prompto á receber por esposa sua filha, prescindindo do dote.

Chegando á Lisboa no anno de 1793, o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira foi nomeado official da secretaria de estado dos negocios da marinha, e dos dominios ultramarinos, e em 1794 dispensado desse emprego para encarregar-se da administração do Real Gabinete de Historia Natural, Jardim Botanico, e seus annexos.

O tempo que de suas occupações officiaes lhe restava, era pelo illustre brazileiro dedicado á apurar os materiaes preciosos que colhera em sua longa e laboriosa viagem; elles porém erão em tão grande numero, e os progressos da

sciencia nos nove annos da vida do sabio naturalista nos sertões tinhão sido taes, e tão exigentes de aperfeiçoada applicação, e tanto era a insufficiencia de recursos pecuniarios para obra requerente não só de paciencia e profundo estudo, como de dispendios de capital, que faltava ao sabio pobre, que antes de concluir a organisação de seus trabalho scientificos o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, já desde algum tempo engolphado em fatal melancolia, falleceu em Lisboa á 23 de Abril de 1815.

O imperio do Brazil honra como gloria sua o nome deste seu illustre filho, e em galardão ao thesouro de sua memoria tem sabido proteger seus descendentes.

O dr. Alexandre Rodrigues Ferreira deixou numerosos e preciosissimos manuscriptos, que ainda se guardão em Portugal.

21 DE SETEMBRO

JOSÉ CANDIDO DE MORAES E SILVA

No districto actual de Itapicurú-mirim, na provincia do Maranhão nasceu á 21 *de Setembro* de 1807 José Candido de Moraes e Silva, filho legitimo de Joaquim Esteves da Silva, natural de Lisboa e de D. Maria Carolina de Moraes Rego natural do Maranhão.

Aos nove annos de idade José Candido e mais cinco irmãos perderão pae e mãe em menos de um mez.

O commendador Antonio José Meirelles, negociante portuguez, agazalhou paternalmente José Candido, deu-lhe na cidade de S. Luiz a instrucção primaria, e fel-o partir em 1818 para França, onde em um collegio da cidade do Havre elle estudou as disciplinas necessarias para o commercio.

O joven maranhense tomou-se de amor pelas lettras, e mandado pelo seu protector para a universidade de Coim-

bra, ali em 1821 e 1822 fez o seu curso de grego, e do primeiro anno de mathematicas, destinando-se á formar-se em medicina; mas a proclamação da independencia do Brazil levou diversos estudantes brazileiros á retirarem-se de Coimbra, e José Candido, um desses, chegou ao Maranhão em 1823.

Antonio Meirelles, tendo-se pronunciado contra a independencia, ficára mal visto entre os populares do Maranhão, e retirára-se temporariamente para o Rio de Janeiro, deixando o seu protegido recommendado ao guarda-livros, á quem confiára a direcção de sua casa commercial.

O guarda livros era portuguez, e nesses tempos de mesquinho odio recebeu menos cordialmente do que devia o joven brazileiro filho adoptivo de seu amo, e empregando-o como caixeiro, quiz impôr-lhe serviços tão baixos e tão proprios sómente dos ultimos serventes, que o ex-estudante de Coimbra deixou a casa do generoso protector e na de seu avô materno reunio-se á suas irmãs; mas quasi logo retirou-se para um sitio que possuia á margem do Itapicurú.

Dous annos depois morre-lhe o avô, elle toma conta das irmãs, entrega-se ao magisterio, funda um collegio, no qual se associa com o seu collega de Coimbra Manoel Pereira da Cunha, e em 1827 á 27 de Dezembro publica o primeiro numero do *Pharol Maranhense* que foi tambem o primeiro orgão do partido liberal, que teve a provincia do Maranhão.

Naquella época de tirocinio do governo constitucional no Brazil a imprensa periodica do partido liberal como a dos governistas abusárão muito, e por isso mesmo as gazetas doutrinarias, moderadas, e de polemica séria e polida forão verdadeiros elementos de civilisação, ensinadoras de tole-

rancia, e poderosos instrumentos de ordem: como a *Aurora Fluminense* de Evaristo, o *Pharol Maranhense* de José Candido fulgurárão desempenhando taes condições, bem que o *Pharol* da provincia estivesse longe, muito longe de igualar á influencia da *Aurora* da capital do imperio.

Mas em 1828 o governo da provincia não tolerou a opposição energica, porém séria e decente do *Pharol*, e José Candido accusado por vezes pelo promotor publico e sempre absolvido pelo jury, foi preso, recrutado, coagido á assentar praça no corpo de artilharia e perseguido; até que poucos dias depois baixou ao hospital, onde o physico-mór dr. Soares de Souza (pae do visconde de Uruguay) generosamente o protegeu, e, mudado o presidente da provincia, teve emfim a victima baixa de praça do exercito.

Este acto de justiça e de respeito á liberdade da imprensa foi um dos primeiros com que inaugurou a sua illustrada e benefica presidencia do Maranhão o sabio Araujo Vianna, depois visconde e marquez de Sapucahy.

O *Pharol* reappareceu e tornou-se *semi-official*: o governo de Candido José de Araujo Vianna satisfazia ao partido liberal: não só por gratidão, mas de consciencia, e pagando justiça por justiça José Candido o apoiou na imprensa, e quando benemerito presidente fundou a bibliotheca publica do Maranhão (tres annos antes Costa Ferreira, o barão de Pindaré, fizera votar pelo conselho da provincia a sua creação) promoveu elle uma subscripção que a enriqueceu com a compra de dous mil volumes.

A abdicação de D. Pedro I á 7 de Abril de 1831 foi seguida em quasi todo o imperio de agitados movimentos perturbadores da ordem: infelizmente por toda a parte o antagonismo de brazileiros e portuguezes, reacendido nos ulti-

mos annos do primeiro reinado, pronunciava-se violento : o contagio chegou ao Maranhão.

O moderado redactor do *Pharol* soffrera muito nas perseguições, na cadeia, e no corpo de artilharia, no qual o tinhão obrigado á assentar praça : era verdadeiro patriota; mas ou o resentimento affigurou-lhe inspiração do amor da patria, ou o exaltamento electrico de 1831 o allucinou, arrojando-o á tornar-se cabeça de dous motins ou revoltas lamentaveis.

O primeiro á 12 de Setembro acabou, vendo-se o presidente da provincia obrigado á ceder á exigencias reaccionarias contra brazileiros adoptivos, religiosos, e outros, cuja deportação fôra imposta. O presidente submetteu-se; mas contemporisou; porque abandonado pela força publica, só lhe cumpria restabelecer a ordem.

E José Candido, satisfeitas as exigencias, foi dos primeiros á proclamar a ordem, e a trabalhar por mantel-a ; logo porém sentio profundo desgosto no arrefecimento das relações com que o distinguira o illustre Araujo Vianna, a cuja autoridade a revolta offendêra.

O presidente da provincia não cumprio á risca as condições de sua condescendencia forçada com a revolta imponente, e fôra tomando providencias cautelosas contra novo e provavel motim.

Os exaltados exacerbárão-se, e outra vez conspirando, accusárão de subserviencia e de traição os conselhos prudentes, e pacificos de José Candido, que zeloso de sua popularidade, e de sua reputação de patriota, deixou-se arrastar á segundo rompimento revoltoso á 19 de Novembro, que dessa vez foi abafado ; mas sem derramamento de sangue.

Os cabeças da projectada revolta que não passou de motim forão presos, menos dous, um dos quaes José Candido, que foi esconder-se nas mattas visinhas do Itapicurú.

Odorico Mendes chegára no entanto ao Maranhão, e á seu chamado José Candido voltou á cidade de S. Luiz, homisiou-se na casa daquelle patriota e depois em outras, e a despeito daquelle então prestigioso patrocinio, experimentou grandes anciedades, vendo-se procurado por deligencias policiaes para prendel-o.

Adoeceu então gravemente : cercado de amigos fieis e de habeis medicos, poupado na molestia, e respeitado na agonia pela autoridade que o procurava em nome da lei, falleceu á 19 de Novembro de 1832, um anno contado dia por dia depois da segunda, ultima, e malograda revolta, tendo de idade apenas vinte e seis annos incompletos.

José Candido de Moraes e Silva não póde ser esquecido nos annaes da patria : a exaltação de seu espirito nacional nos ultimos quatorze mezes de sua vida, os erros filhos do seu ardor patriotico, de seus exagerados brios de brazileiro fervoroso, enthusiasta inflammado pelo contagio revolucionario de 1831, não riscão da memoria viva e perpetua da gratidão do Brazil a lembrança do redactor do *Pharol*, que em pureza, em fórma polida, em elevação de idéas, e em polemica grave, decente, e tolerante foi, como orgão do partido liberal no Maranhão o que na capital do imperio mostrou-se com extraordinaria e benemerita influencia a *Aurora Fluminense* de Evaristo Ferreira da Veiga.

22 DE SETEMBRO

AMADOR BUENO DA RIBEIRA

Era grande no Brazil o antagonismo dos colonos e dos jesuitas na questão dos indios: aquelles padres mandárão a Roma o jesuita Dias Tãno, e a Madrid Montaya, os quaes trouxerão, um do Papa Urbano VIII, bulla de excommunhão e o outro do rei, providencias contra os captivadores de indios, e chegados á cidade do Rio de Janeiro, o padre Tãno leu a bulla de excommunhão na igreja dos jesuitas.

Convém saber que a cidade do Rio de Janeiro offerecia então numeroso mercado de escravos indios, dos quaes erão os principaes e terriveis *caçadores* os sertanejos paulistas inimigos já tradiccionaes dos jesuitas.

Alvoroçou-se o povo da cidade e cercou ameaçadoramente o collegio dos padres da companhia; mas acu-

dindo o governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, e o senado da camara, conseguirão serenar os animos, suspendendo os jesuitas a publicação da bulla, emquanto o povo requeria a revogação della ao Papa.

Em S. Paulo declarou-se verdadeira revolta: os jesuitas forão expulsos dos seus collegios e da capitania: formou-se um governo de quarenta e oito membros que negou obediencia ao governador Salvador Corrêa chegado á Santos, e o povo representou ao rei expondo as causas do seu pronunciamento e medidas violentas, e pedindo que «*para governar a capitania fossem mandados fidalgos de sangue christão desinteressado, e que se nomeasse provedor da marinha Amador Bueno natural destas partes, homem rico e poderoso, bem entendido e capaz de todos os cargos.*»

Rompeu a revolução regeneradora de Portugal e D. João IV foi acclamado em todo o Brazil, menos na capitania de S. Paulo que continuava em revolta.

Era afortunado o ensejo para deporem os revoltosos as armas, prestando obediencia á D. João IV que lhes perdoaria de boa vontade as hostilidades ao governo hespanhol; mas com os seus habitos de independencia e de sobranceria julgárão os paulistas muito melhor ter o seu rei na capitania, e em 1642 proclamárão rei a Amador Bueno da Ribeira, que fugindo ao tumulto e aos levantados, foi refugiar-se no convento dos Benedictinos, onde em breve se vio cercado, e urgido, embora resistisse com energia paulistana.

A desordem e a grita continuavão: alguns homens sensatos e dedicados começárão a aconselhar ao povo o seu dever e o seu bem, até que emfim no dia seguinte, ainda insistentes porém menos exaltados, os proclamadores do

soberano paulista, Amador Bueno sahio de espada em punho á bradar por entre elles: Viva D. João IV nosso rei!...

Immediatamente reunio-se o senado da camara, que nomeou dous commissarios para irem á Lisboa prestar juramento de preito e homenagem em nome dos paulistas á nova casa reinante.

Em carta regia de 22 de Setembro de 1643 D. João IV agradeceu aos paulistas a sua acclamação e a Amador Bueno da Ribeira a sua fidelidade.

23 DE SETEMBRO

BENTO DO AMARAL

Bento do Amaral foi o nome de um heróe de quem infelizmente apenas se conhecem averiguados os feitos dos dous ultimos annos de sua vida.

Era natural do Rio de Janeiro, onde nascêra no seculo decimo setimo.

Elle se manifesta grande, intrepido, e resplendente de bravura em 1710 combatendo á frente dos *seus estudantes* os francezes que commandados por Duclerc, e tendo desembarcado em Guaratiba, vierão por terra atacar a cidade do Rio de Janeiro á 19 de Setembro.

Bento do Amaral, á quem accrescentão alguns o cognome *Grugel*, que aliás não foi usado officialmente, pois que commandava os *seus estudantes* era portanto professor ou mestre; mas de que disciplina ou materia?... ignora-se: que-

rem uns que por ventura o fosse de algum ensino militar, ou especialmente de artilheria; outros o suppõe ter sido professor de latim porque então dizião rudemente «*aprende-se a musica com baba, e o latim com barba*», proverbio falso, e de falsidade demonstrada por frequentissima experiencia no Brazil.

Como quer que fosse, Bento do Amaral com os seus estudantes, e com o auxilio de paisanos por seu valor electrisados, foi o heróe de Setembro de 1710; porque emquanto o governador Franscisco de Castro de Moraes cobardemente se conservava immovel á frente de tropas numerosas no Campo do Rozario, deixando Duclerc invadir a cidade, elle com os seus estudantes e paisanos auxiliares dava em cada quina de rua combate ao inimigo, tomava-lhe o passo, e o repellia á fogo e ferro frio da casa dos governadores, que era na rua Direita (hoje de 1° *de Março*) então á beira mar, e onde Duclerc se queria fortalecer.

Duclerc foi vencido, ficou prisioneiro com todos os seus e poucos mezes depois, tendo já a cidade por homenagem, morreu misteriosamente assassinado.

Em 1711 Duguay Trouin tambem no mez de Setembro forçou a barra do Rio de Janeiro com esquadra e forças poderosas; não porém sufficientes para tomar a cidade, se esta tivesse governador digno della.

O governador era ainda o mesmo Castro de Moraes já famoso pela sua cobardia.

De 12 á 22 de Setembro Duguay Trouin occupou posições ameaçadoras da cidade sem que ellas lhe fossem ao menos disputadas.

Dizem os informadores dos acontecimentos desses dez

dias que Bento do Amaral fez improficuos, e esbanjados prodigios de bravura, atacando e tomando postos dominados por francezes.

A' 21 de Setembro á noite o mizero governador evacuou a cidade, retirou-se, fugio com as tropas, causando subita e desastrosa retirada de todos os habitantes.

A' 22 Duguay Trouin entrou na cidade, tomou-a e saqueou-a sem opposição.

Mas Bento do Amaral não tinha sabido fugir, e nem prudente se retirára.

Em patriotico desespero lembrára-se de ir alentar a resistencia na fortaleza de S. João: em caminho soube que ella se rendera, e voltando com os seus estudantes que não passavão de cincoenta foi em 22 *de Setembro* cercado e atacado nas proximidades do Outeiro da Gloria por forças francezas progressivamente augmentadas com reforços, que accudião ao ruido da peleja, e no dia seguinte 23, encontrou-se e reconheceu-se o seu cadaver.

O numero esmagou com seu peso a bravura patriotica.

Bento do Amaral, combatendo indomito e furente, vio morrer com herocidade inexcedivel a maior parte de seus jovens discipulos, e emfim cahio morto no meio dos cadaveres amados.

A' 22 *de Setembro de* 1711 Bento do Amaral salvou a honra e a gloria do Rio de Janeiro comprommettidas pela cobardia do governador Castro de Moraes, fazendo-se heroicamente matar com os seus admiraveis estudantes ali... em sitio para o caso felizmente denominado, perto ou junto da altura que se chama — *da Gloria*.

Encontrado e reconhecido o seu cadaver á 23 de Setem-

bro, os francezes o honrárão, dando testemunho da bravura do heróe.

O rei D. João V em acto official honrou a memoria de Bento do Amaral, louvando o seu heroismo, e mandando assegurar sua gratidão aos parentes do inclito bravo.

24 DE SETEMBRO

FREI ANTONIO DE SANTA MARIA

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu no anno de 1700, Antonio de Santa Maria dedicou-se á vida religiosa e entrou para a Ordem Seraphica, na qual se distinguio muito. Foi lente de theologia e pregador famoso.

Compôz numeroso sermonario que no seu tempo e ainda depois mereceu louvores de autorisados juizes.

Deixou nome tão famoso e respeitado, como theologo, e orador sagrado que no fim do mesmo seculo e ainda no seguinte S. Carlos e S. Paio, os grandes pregadores, fallando de frei Antonio de Santa Maria, dizião:— foi o mais brilhante astro do orbe seraphifico brazileiro.

Faltão completamente datas de seu nascimento, de sua morte, e outras de sua vida. Seu nome é registrado arbitrariamente á 24 de Setembro.

25 DE SETEMBRO

LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA

Fidalgo portuguez, descendente da familia dos condes de Castello Melhor, Luiz de Vasconcellos e Souza foi nomeado para succeder ao marquez de Lavradio no governo do Brazil colonial á 25 de Setembro de 1778, veio chegar ao Rio de Janeiro á 23 de Março do anno seguinte, e á 5 de Abril tomou posse do seu alto cargo com a patente de 4° vice-rei.

Ser successor do marquez de Lavradio habilissimo administrador e estadista devia ser para elle difficilima tarefa; mas era prova de sua reconhecida capacidade, á que não mentio.

O governo de Luiz de Vasconcellos começou sob máos auspicios. Enorme pezo d'aguas em consequencia de chuvas torrenciaes destrüio boa parte dos acquedutos da

Carioca. Logo depois tremenda epidemia, que então se chamou Zamperine, do nome de uma dançarina muito em voga nesse tempo em Lisboa, flagellou a cidade do Rio de Janeiro.

Luiz de Vasconcellos fez promptamente restaurar os acquedutos e multiplicou providencias contra a peste.

Renovou e deu muito maiores proporções á casa da Alfandega.

Melhorou a antiga *Praça do Carmo*, depois *Largo do Paço*, hoje *Praça de D. Pedro II*, removeu o chafariz que havia no meio della, e que por muitos annos ficou junto do mar com o maior proveito dos navios, que ali tomavão agua, e fez calçar toda a praça, dividindo-a em quadros com fios de lagedo e completou esta obra com um formoso caes.

No sitio então denominado *Campo da Lampadosa* (no lugar da *rua do Sacramento)* mandou levantar a *Casa dos Passaros* destinada ao preparo e guarda dos passaros que se mandavão para o Gabinete de Historia Natural de Lisboa.

Fez arrazar o *monte das Mangueiras*, e á custa delle entulhar a *lagôa do Boqueirão*, sobre a qual fundou o—*Jardim ou Passeio Publico* do Rio de Janeiro com magnifico terraço sobre o mar. No lugar do monte arrazado marcou a rua que conserva o nome das *Mangueiras*. Em frente ao portão do Passeio abrio a rua que se chamou das *Bellas Noites* e no fim della mandou construir a graciosa fonte das *Marrecas* com interessantes obras de arte.

Por ordem do rei e para cohibir o excesso de castigos dados aos escravos nas casas de seus senhores, creou o calabouço publico, feia e sinistra innovação ; mas inspirada por louvavel sentimento.

Creou novos corpos de milicianos, fez abrir estradas, des-

envolveu a povoação e cultura das terras do actual municipio de Cantagallo, repartindo-as por colonos que chegavão do reino.

Incendiando-se e completamente reduzido á cinzas o *Recolhimento de Nossa Senhora do Parto*, fel-o reconstruir em poucos mezes e augmentou-lhe o patrimonio.

Animou o commercio e a lavoura, e empenhou-se muito, mas com pouco fructo em criar o cultivo do linho-canhamo e a industria da Coxonilha em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul.

Em suas consideraveis construcções e obras no Rio de Janeiro Luiz de Vasconcellos teve por auxiliar o *mestre Valentim*, artista celebre, á quem conservou amizade distincta ainda depois de retirar-se para Portugal.

Como vice-rei Luiz de Vasconcellos teve os defeitos do seu tempo e do systema de governo, mostrando-se muitas vezes arbitrario e despota; sempre porém levado por boas intenções e por empenho de fazer o bem. Era facilmente accessivel e agradavel.

A conspiração mineira de 1789 turbou o ultimo anno do seu vice-reinado. Severo e terrivel para com os presos e infelizes *inconfidentes*, fel-os encerrar nas masmorras da Ilha das Cobras, onde os manteve incommunicaveis; elles porém erão réos de lesa-magestade, conspiradores de independencia e de republica, e o vice-rei deve ser julgado conforme a época em que governou, e as leis que devia observar.

Em todo o caso Luiz de Vasconcellos e Souza foi potente alavanca de progresso, e fonte de civilisação da capital do Brazil, além de habilissimo administrador geral da colonia.

O seu nome perpetuado em disticos de chafarizes, e do Jardim Publico, e em tantas obras de maxima utilidade, pertence á memoria agradecida da nação brazileira.

A' 9 de Julho de 1820 Luiz de Vasconcellos e Souza entregou o bastão de vice-rei ao seu successor, o conde de Rezende, cuja lembrança não póde ser abençoada.

26 DE SETEMBRO

D. ANTONIO FELIPPE CAMARÃO

Filho das selvas brazileiras o indio *Poty* (Camarão) tem o seu berço disputado por duas provincias do imperio, a do Ceará, e a do Rio Grande do Norte; parece porém que pertence á esta ultima, onde nascêra em alguma taba dos Potyguarés.

Ignorão-se as primeiras façanhas deste indio; mas em 1614 já elle era chefe entre os seus, e viera á pé do Rio Grande do Norte, para acompanhar Jeronymo de Albuquerque á conquista do Maranhão; chegára porém muito estropiado ao ponto marcado para o embarque e não poude seguir na expedição.

Camarão tomára no baptismo o nome *Antonio*, mais tarde addicionou á este o de *Felippe* em lembrança das honras que recebêra do rei de Hespanha e Portugal, e aos dous

ajuntou o seu primitivo nome que não quiz deixar. Casou-se com D. Clara, india como elle, e tambem heroina.

Em 1630 depois da conquista de Olinda e do Recife pelas hollandezes, e quando Mathias de Albuquerque fortaleceu-se no campo que chamou Arraial do Bom Jesus, Camarão ali se apresentou, capitaneando os seus indios para servir contra o estrangeiro invasor.

Assevera-se que Camarão fôra para ali levado pelo padre jesuita Manoel de Moraes, isso é pelo menos verosimil ; porque o indio Poty, catechisado pelos jesuitas, e tendo delles recebido alguma instrucção, obedecia naturalmente á sua influencia.

No *Arraial do Bom Jesus* Camarão foi o mais habil capitão de emboscadas, e provou em grande numero de pelejas a sua indomita bravura : De 1630 á 1635 elle se bate constantemente, e os hollandezes o conhecem e distinguem pelo impeto com que elle á frente dos seus indios costuma atacal-os.

Em 1636 o novo general D. Luiz de Rojas y Borja, successor do bravo Mathias de Albuquerque, toma imprudentemente a offensiva, e perto de Porto Calvo perde a batalha da Mata Redonda, é nella morto, e é Camarão, que com o capitão Rebello salva o exercito pernambucano de total destruição.

No mesmo anno o general Ragnuolo concentrado em defensiva com todas as forças pernambucanas em Porto Calvo, deu a Camarão o commando da mais perigosa expedição, mandando-o com trezentos indios, dous capitães com trinta soldados, e o intrepido Henrique Dias com alguns negros á percorrer o campo até onde pudessem chegar,

destruindo as fazendas dos inimigos, e fazendo á estes todo o mal possivel.

Menos de trezentos e sessenta erão os combatentes, que Camarão levava comsigo.

O audaz indio metteu-se á 9 de Junho pelas mattas, e atravessando-as foi além de sessenta leguas romper sobre o rico districto de Goyanna, tomou ali um reducto aos hollandezes, matou não poucos destes, assolou fazendas, e tomou boa quantidade de mercadorias e de assucar. O conselho politico do Recife alvoroçado com a noticia do atrevido feito de Camarão, mandou logo contra elle forte columna de tropa commandada por Artichofski, o seu mais notavel general então. Avisado do perigo, o indomito índio desprezou-o, em vez de retirar-se, e foi ao encontro do inimigo, com o qual se encontrou na manhã de 23 de Agosto : travou-se a peleja que durou até a noite e interrompeu-se indecisa.

Artichofski furioso lamentava que o Camarão pudesse escapar-lhe, aproveitando a noite para fugir, mettendo-se pelas mattas ; mas ao romper do dia seguinte admirou-se ao vel-o occupando as mesmas posições da vespera.

O orgulhoso general ordenou immediata e energica investida ; mas no fim de quatro horas de vivissimo fogo foi elle quem confundido, e receioso de completo desastre, e de desbarato de sua columna, bateu em retirada, deixando o campo ao chefe indio.

Bastaria o resultado quasi inverosimil dos combates de 23 e 24 de Agosto de 1636 para a maior gloria de Camarão, que assim vencêra columna de tropa regular commandada por general já famoso, e muito superior em numero aos seus indios sem disciplina militar.

Entretanto o intelligente indio reconheceu que não poderia demorar-se no territorio dominado pelo inimigo, que por certo voltaria a cercal-o com quadruplicadas forças, e então operou a sua retirada pelo meio das florestas, escoltando e levando cerca de tres mil habitantes de Goyana e de proximos districtos que preferirão emigrar á viver sob o dominio hollandez.

A 26 de Setembro, seu bello e grandioso dia, Camarão entrou em Porto Calvo com os seus heroicos expedicionarios, e com o sequito patriota e glorioso de tres mil emmigrantes homens e mulheres, velhos, mancebos, jovens donzellas, meninos, e criancinhas que fugião ao jugo estrangeiro.

Camarão foi recebido com acclamações.

Bagnuolo não tinha imaginado a possibilidade de tão estupendos feitos.

A' 18 de Fevereiro de 1637 ferio-se horrivel peleja ainda nas vezinhanças de Porto Calvo : commandava cinco mil hollandezes o general principe Mauricio de Nassau, e Bagnuolo enviou á desputar-lhe o passo cerca de mil e duzentos homens, entre os quaes Camarão á frente de trezentos indios : apezar da desproporção das forças foi longo, e desesperado o combate, e Mauricio de Nassau emfim senhor do campo, vio os pernambucanos, os indios e os negros de Henrique Dias recuarem ; mas não conseguio derrota-los. Camarão bateu-se como furente leão, e tanto mais, que á seu lado sua esposa D. Clara pelejava heroicamente.

Em 1638 retirado o exercito pernambucano para a Torre de Garcia d'Avila na Bahia, o bravo chefe dos indios commanda uma das celebres guerrilhas que tanto mal causárão aos hollandezes, e no mesmo anno illustra-se ainda mais na

gloriosa defeza da cidade de S. Salvador sitiada e atacada pelo principe Mauricio de Nassau. O rei de Hespanha e Portugal não o esqueceu, galardoando os valentes defensores da capital do Brazil, agraciou-o com o habito da ordem de Christo e deu-lhe o tratamento de Dom.

Camarão não descansou: no commando da sua guerrilha multiplicou suas audazes emprezas, até que a revolução restauradora de Portugal foi seguida do armisticio aliás mal respeitado.

Em 1645 elle marchou com os seus indios á apoiar a insurreição pernambucana: penetrou nas Alagôas e excitou o pronunciamento, fez depois juncção com Vieira e Vidal de Negreiros, e até 1848 cobrio-se de louros em diversas pelejas. Neste ultimo anno á 19 de Abril commandou a ala direita do exercito dos independentes na primeira e famosa batalha dos Guararapes, na qual forão derrotados os hollandezes commandados pelo general Schkoppe.

Poucos mezes depois e ainda no mesmo anno de 1648 D. Antonio Felippe Camarão, capitão-mór e chamado governador dos indios falleceu victima de uma febre violenta no Arraial Novo do Bom Jesus, em cuja capella se sepultou o seu cadaver conduzido á ultima morada pelos gloriosos companheiros de guerra do bravo indio.

27 DE SETEMBRO

DAMIÃO BARBOZA DE ARAUJO

Este é o nome de pobre artista riquissimo de talento, e á quem só faltou escola severa para tornar-se notabilidade no mundo.

Damião Barboza de Araujo filho legitimo do official de sapateria Francisco Barboza de Araujo, nasceu na ilha de Itaparica, em 27 de Setembro de 1778.

O humilde sapateiro era apaixonado da musica, cultivava-a como amador; mas sem ter tido mestre, e destinou á essa bella arte tres filhos varões que teve: dous lhe forão tomados precocemente pela morte, e só lhe restou Damião Barboza, que o consolou, tornando-se na Bahia musico tão insigne, como era possivel, onde não havia escola regular.

Era segundo violino na orchestra do theatrinho de Guadelupe, e apenas sahido da direcção de seu mestre, já

compunha arietas, duettinos, e córos para as burletas e operas portuguezas que se representavão.

Da Bahia veio Damião Barboza para o Rio de Janeiro em 1808 aggregado á brigada real para com outros musicos amenisarem a viagem do principe regente depois rei D. João VI.

Na nova capital da monarchia elle não achou o conservatorio de musica, nem o esmerado cultivo da arte, que encorajado então, e desfallecido depois só muito mais tarde começárão á illustrar a cidade do Rio de Janeiro; encontrou porém o mestre Marcos Portugal, insigne compositor que D. João trouxera de Lisboa, e o padre José Mauricio, o genio musical brazileiro, o grande mestre, o compositor severo e inspirado, que Haydn e Mozart reconhecerião como profundo e fiel interprete da escola classica.

Relacionado com esses dous eminentes e provectos musicos Damião Barboza aprendeu muito; já porém quando tinha passado além da juventude, e um pouco tarde para elevar-se ás regiões grandiosas da arte firmada em principios, e em ensino de escola sabia e severa.

Damião Barboza foi empregado na Capella Real como violinista, e na brigada á que fôra aggregado como chefe de banda musical, e compositor de musica para ella.

Não limitando-se ao desempenho desses dous empregos que lhe davão pão, começou a distingnir-se, compondo.

Estreou-se em um quarteto que dedicou ao ministro Antonio de Araujo.

Compoz duas missas e matinas funebres com dedicatoria ao professor de musica José Baptista Lisboa.

Escreveu a musica da burleta *Intriga Amorosa* com letra

italiana, que não foi levada á scena por opposição rival portugueza.

Compoz grande missa offerecida á D. Pedro I já imperador do Brazil.

E de 1822 em diante e até sua morte, cuja data ignora-se, abundou em composições de musica para missas, *Te-Deum*, matinas, quartetos, arias, concertos, romances, etc.

O genero de sua predilecção foi a musica religiosa ; mas na profana em romances, *modinhas* e *lundús* mostrou todo o seu sainete bahiano.

Suas composições, principalmente as religiosas, resentem-se da falta da simplicidade grandiosa, e da solemne magestade do culto catholico, que só a arte profunda é capaz de comprehender e executar.

Grande artista da natureza, Damião Barboza de Araujo fraqueou na pureza da arte.

Não foi delle a culpa.

Brilhante preciosissimo, quiz, e não teve apurado lavor.

Mas foi brilhante de muito alto quilate apezar de imperfeitamente lavrado.

28 DE SETEMBRO

ANTONIO PEREIRA

Jesuita celebre e muito illustrado, Antonio Pereira nasceu no Maranhão em 1641: entrando muito joven para a companhia de Jesus, distinguio-se logo por brilhante talento, e por severa applicação e no fim de poucos annos tornou-se pregador famoso, e abalisado theologo.

As glorias do pulpito, e a veneração rendida á sua sabedoria não puderão arredal-o da tarefa e do empenho que mais o arrebatavão, a catechese do misero gentio.

O padre Antonio Pereira foi dedicado, esclarecido, e admiravel missionario, e infelizmente missionario martyr.

Para isso estudou elle a lingua dos indios, que chegou á fallar senão com perfeito conhecimento de sua natureza, como elle proprio suppunha; ao menos melhor que todos os missionarios que até então a tinhão fallado.

Escreveu tratados ou estudos sobre as linguas dos gentios, e um *Vocabulario da lingua brasilica*: esses trabalhos filhos de labor, de paciencia, de combinações, e de methodo sorprendentes não resistem hoje ás profundas, e ainda incompletas excavações scientificas, e extraordinarios estudos, que vem em grandioso systema dar luz mais racional e logica para melhor conhecimento e filiação das linguas falladas pelos indios do Brazil; mesmo hoje porém os escriptos do padre Antonio Pereira são thesouros de immenso valor, que se procurão, se explorão, e aproveitão.

Esse grande missionario teve a corôa do martyrio: á 28 de Setembro de 1702 morreu de uma flexada de arco de gentio, quando em missão no Pará, procurava santamente os indios para catechisal-os.

29 DE SETEMBRO

D. ANTONIO JOAQUIM DE MELLO

Filho legitimo do capitão Theobaldo de Mello Cezar e de D. Josepha Maria do Amaral, Antonio Joaquim de Mello nasceu na actual cidade de Itú, provincia de S. Paulo, a 29 de Setembro de 1791. Pertencia tanto por seu pae, como por sua mãe ás familias mais distinctas de S. Paulo, e entre os seus parentes contou por muito amigo, e durante algum tempo por companheiro de estudos o seu primo, o illustradissimo e virtuoso brazileiro Francisco de Paula Souza e Mello.

Seus paes erão honrados; porém pobres, e tiverão de transportar-se para a capital de Minas Geraes, onde os chamava a protecção já experimentada do general D. Bernardo José de Lorena, que fôra removido de S. Paulo para Minas Geraes.

No mez de Agosto de 1799 o futuro bispo de S. Paulo

encetava uma carreira absolutamente opposta áquella em que tanto devia servir a Deus e á patria. O general D. Bernardo offereceu ao capitão Theobaldo a praça de cadete para seu filho, recebendo este o soldo competente sem prestar serviço.

O extremoso pae aceitou a graça offerecida; mas sob a condição de ser a praça de simples soldado em razão da sua pobreza.

O menino foi soldado no mesmo dia em que entrava na escola; mas não era aquella a milicia em que o esperavão lidas e triumphos: no seculo decimo nono os bispos da meia idade trazendo ao mesmo tempo, ou successivamente na cabeça a mitra e o capacete, no peito a cruz e a couraça, na dextra o baculo e a espada, serião anachronismo que offenderia o catholicismo.

A vida trabalhosa e rude do soldado, vida que Antonio Joaquim de Mello foi em breve obrigado a experimentar em todas as suas severas condições, desde a idade de doze annos, habituou-o ao menos na juventude a arrostrar privações e vexames que mais tarde e em seus velhos annos tinha de vencer de novo no desempenho de uma missão mais nobre e grandiosa.

Em 1810 o joven Antonio Joaquim de Mello abandonou uma carreira para a qual não fôra talhado, obteve a sua baixa, e voltou á terra de seu berço: chegou a Itú no dia 2 de Dezembro desse mesmo anno, e, meditando sobre o seu futuro, pensando no caminho que lhe cumpria seguir, em um momento de feliz e santa inspiração concebeu e adoptou uma idéa que os homens tiverão de applaudir na terra, e Deus abençoou desde logo no céo.

O joven ituano tinha ido assistir á missa do natal na

igreja dos carmelitas: a pompa da solemnidade, a hora misteriosa da meia noite em que ella tinha lugar, o sagrado pensamento que a presidia produzirão uma impressão profunda no seu espirito: o mancebo sentio-se commovido e elevado: quando, porém, os carmelitas derão-se mutuamente a paz e se abraçárão, symbolisando a fraternidade catholica, a sua alma foi tocada de subito pela graça do Senhor, a luz divina da fé brilhou com todo o sublime esplendor á seus olhos, e elle deixou no templo o voto da sua consagração ao estado ecclesiastico.

Quatro annos depois recebia na cidade de S. Paulo ordens de presbitero, e, voltando para Itú, ligava-se ao grande cidadão e virtuoso padre Diogo Antonio Feijó e a outros sacerdótes, e com elles sustentava uma luta porfiada e gloriosa contra os principios de uma philosophia, cuja exageração plantava a descrença, e que em Itú era abraçada por alguns jovens estudiosos, ardentes; mas então ainda impetuosos e precipitados, atirando-se ao erro, e suppondo render cultos á verdade.

A' revolução de Portugal em 1820 seguio a da independencia do Brazil em 1822; á esta a vida fervorosa que reclamava o concurso patriotico de todos os bons cidadãos. Paula e Souza e Feijó vierão sentar-se no parlamento brazileiro; não os acompanhou, porém o illustre padre Antonio Joaquim de Mello: amava como elles o paiz, que os vira nascer; mas todo consagrado ao altar, servia á patria, orando por ella aos pés de Deus, e ensinando no pulpito e no confessionario as verdades do catholicismo.

E assim permaneceu no seu tranquillo e piedoso retiro, estudando sempre com ardor, e alimentando o seu espirito

com a leitura dos santos padres, até que, sem que elle o esperasse, veio o decreto imperial de 5 de Maio de 1851 chamal-o ao solio episcopal de S. Paulo. Na idade de 60 annos, quando alquebrado o corpo já lhe pedia descanço, o illustrado sacerdote dobrou-se á vontade de Deus e á escolha do Imperador, e no dia 6 de Junho de 1852 recebeu D. Antonio Joaquim de Mello o annel e o baculo sagrado das mãos do sabio e virtuoso bispo do Rio de Janeiro, o conde de Irajá.

De curta duração foi o episcopado do venerando D. Antonio Joaquim de Mello; oito annos durou apenas; mas nesses oito annos notaveis forão os triumphos do seu apostolado.

Zeloso e infatigavel o bispo de S. Paulo tratou logo de regular a iniciação do sacerdocio e as rendas da igreja: restabeleceu o costume da explicação da doutrina á hora da missa parochial nos domingos e dias santificados, abrio o chrisma geralmente, e fez ouvir a sua palavra cheia de unção e de piedade do alto da tribuna sagrada.

Desempenhados estes primeiros deveres, o illustre prelado lançou a primeira pedra do seminario diocesano de S. Paulo, e em seguida deu principio ás suas salutares visitas, correndo grande parte do bispado, *levando o seu amor* á ultima aldêa da diocese, administrando o chrisma, pregando sobre os mandamentos e sobre o Evangelho, e pedindo e recolhendo as esmolas dos fieis para as duas obras pias, monumentos do seu apostolado, o seminario diocesano que elle teve a satisfação de inaugurar a 9 de Novembro de 1856, e o seminario das irmãs de S. José, estabelecido em 1859 na cidade de Itú, e destinado á educação da mocidade do sexo feminino.

Quatro vezes sahio o incansavel pastor a visitar o seu numeroso rebanho: nem a inclemencia do tempo, nem as fadigas de longuissimas viagens, nem as enfermidades do corpo abatião-lhe o animo; no quarto periodo das suas visitas porém impossivel foi ao venerando bispo resistir ao mal que devia leval-o á morte. A 24 de Dezembro de 1859 vio-se elle forçado a voltar dos sertões de Araraquara, e conseguindo apenas alcançar a cidade de Itú, ahi deu ainda o exemplo da constancia, da paciencia e da resignação, esperando em um leito de dôres, durante 14 mezes, a hora do seu eterno descanço.

D. Antonio Joaquim de Mello, do conselho de S. M. o Imperador, bispo diocesano de S. Paulo, conde romano, prelado domestico de Sua Santidade, e assistente ao throno pontificio, deu a alma a Deus na cidade de Itú, no dia 16 de Fevereiro de 1861, querendo a Divina Providencia que elle tivesse a consolação de cerrar pela ultima vez os olhos, onde pela primeira os abrira.

Cumpre fazer aqui simples; mas justissima declaração que é de dever de consciencia e ao mesmo tempo de suave tributo de coração amigo.

Este artigo, e tambem outros, muito especialmente os dos benemeritos Martin Francisco Ribeiro de Andrada e padre Diogo Antonio Feijó forão em maxima parte devidos á esclarecidas e averiguadas informações que se encontrão em estudos historicos e biographicos do illustrado Sr. conselheiro dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, á quem a patria já deve escriptos preciosissimos, e trabalhos historicos e geographicos de alto valor.

30 DE SETEMBRO

BERNARDO VIEIRA RAVASCO

A 18 de Julho de 1697 abalou-se a cidade de S. Salvador da Bahia ao annuncio do passamento do velho, mas grande e famoso padre Antonio Vieira, e dous dias depois á 20 de Julho falleceu tambem na mesma cidade Bernardo Vieira Ravasco, irmão daquelle padre.

Filho legitimo de Christovão Vieira Ravasco e de D. Maria de Azevedo, que tinhão vindo de Lisboa para a Bahia, trazendo com sete annos de idade Antonio Vieira, nasceu Bernardo Vieira Ravasco na cidade de S. Salvador no anno de 1617.

Estudou como seu irmão nas aulas dos jesuitas ; seguio porém diversa carreira : tendo feito o curso de humanidades, illustrou-se com estudos de gabinete, e servio ao Brazil, do

qual nunca sahio, na guerra, na administração, e cultivo das letras.

Como capitão de infantaria illustrou-se por sua bravura e feitos d'armas da defeza da cidade da Bahia atacada pelo principe Mauricio de Nassau em 1638, e ainda na ilha de Itaparica contra as forças do general Segismundo von Sckop, sendo ahi ferido, e reformando-se depois.

Recebeu as honras de uma commenda de Christo e a alcaidaria-mór de Cabo-Frio, e exerceu o emprego de secretario de estado e guerra do Brazil.

Em 1682, determinando o governador-geral Antonio de Souza Menezes suspender o regimento da administração, Bernardo Vieira que se achava em desavenças com elle, e que tinha em grande confiança a influencia de sua familia e a sua propria no Brazil, não quiz como secretario obedecer ao governador ; sabendo porém que este ordenára a sua prisão, fugio para o reconcavo. Logo depois, sendo revogada a ordem que o mandava recolher-se preso, voltou á exercer o seu emprego, e a 30 de Setembro quando mal o esperava, o proprio governador o prendeu, pretextando que Ravasco com seu filho e irmão projectavão assassinal-o.

Os factos forão sindicados por ordem do rei, que aliás limitou-se á dar por findo o tempo da governação de Antonio de Souza Menezes, e á condemnar Bernardo Vieira á pena de prisão ; mas evidentemente para salvar o principio da autoridade do governador ; porque cumprida a pena, voltou Ravasco ao exercicio do seu emprego de secretario.

Afóra este nebuloso e triste episodio, cuja apreciação tão obscura se deixou, a influencia de Bernardo Vieira Ravasco na administração foi benefica e illustrada ; e apenas

em alguns casos talvez demasiado sujeita ás inspirações do sabio irmão, o jesuita padre Antonio Vieira.

Como litterato deixou Bernardo Ravasco publicadas em quatro tomos numerosas composições poeticas em portuguez e castelhano que forão muito applaudidas no seu tempo e ainda no seguinte seculo.

O abbade Diogo Barboza na sua *Bibliotheca Lusitana* diz que vio e encarece muito uma outra obra, a principal deste brazileiro, que era a «Descripção topographica, ecclesiastica civil, e natural do estado do Brazil» em manuscripto.

Bernardo Vieira Ravasco foi sepultado no convento do Carmo da cidade de S. Salvador da Bahia.

1 DE OUTUBRO

FREI FABIANO DE CHRISTO

Simples religioso leigo do convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, homem sem instrucção; mas exemplar de caridade, Fabiano depois chamado de Christo, nasceu em Portugal, no arcebispado de Braga, veio para o Rio de Janeiro sendo ainda muito moço, e depois de alguns annos á 1 de Outubro de 1706 acolheu-se áquelle convento, onde tomou o habito de frade capucho, com o qual viveu piedosamente quarenta e um annos, dos quaes os ultimos trinta e sete forão empregados no serviço de enfermeiro.

Seus costumes erão tão puros, suas virtudes tão raras, sua caridade e paciencia tão evangelica que todos os frades, e ainda as principaes autoridades da casa o veneravão.

O povo da cidade tinha o humilde frei Fabiano em conta de religioso abençoado por Deus, e ás vezes ião enfermos

pedir ao pobre leigo orações e preces para seu restabelecimento.

Como enfermeiro era prodigio de zelo, de amor, e de paciencia.

Entre muitos factos que a tradicção guardou, ha um que basta para seu completo elogio.

De noite e muito tarde um frade velho e irascivel que se achava doente, pedio um caldo á frei Fabiano que acudira ao toque da campainha, e este, não querendo perturbar o somno dos serventes da cosinha, dirigio-se para esta, preparou e trouxe o caldo; o frade porém não o achando de seu gosto, atirou com a chicara ao rosto do pobre leigo, que com a face ferida e queimada, disse humildemente:

— Perdoe-me, meu padre! eu vou preparar-lhe outro caldo.

O frade lançou-se fóra do leito, poz-se de joelhos e exclamou:

— Pelo amor de Deus! . . . perdoe-me a offensa que de mim recebeu! . . .

Frei Fabiano falleceu á 17 de Outubro de 1847 no convento de Santo Antonio.

A cidade commoveu-se toda: o povo invadio a capella do capitulo, onde se depositára o cadaver do leigo, cujo habito foi cortado aos pedaços por homens e mulheres, que tinhão frei Fabiano por santo, e delle querião *reliquias*.

Propalárão-se cousas extraordinarias, e, o que é mais o bispo D. frei Antonio do Desterro, e o provincial mandárão proceder a inquirição juridica sobre os *numerosos milagres que fez o Senhor em testemunho da santidade daquelle seu servo* e vinte nove pessoas derão depoimentos

que se achão lançados no livro do tombo da provincia de folhas oitenta e quatro á cem.

O bispo D. frei Antonio do Desterro, e o governador Gomes Freire de Andrade lavrárão e assignárão attestados no mesmo extraordinario sentido.

Sobre a sepultura de frei Fabiano lê-se a inscripção seguinte :

Ut quondam ægris quærebas, Fabiane, salutem.
Nunc etiam votis auxiliare tuis.

2 DE OUTUBRO

ANTONIO MANOEL DE MELLO

A vida deste preclaro varão de opulento merito se resume em breves palavras: — trabalho e honra; culto do dever e virtudes; sabedoria e modestia.

Antonio Manoel de Mello filho legitimo do marechal de campo Antonio Manoel de Mello Castro Mendonça e D. Gertrudes Maria do Carmo nasceu na provincia de S. Paulo á 2 de Outubro de 1802.

Aos onze annos de idade assentou praça de alferes por decreto de 2 de Abril de 1813, ficando aggregado ao terceiro regimento de cavallaria de 1ª linha, e começou á contar antiguidade á 8 de Dezembro de 1802.

Quasi em activo serviço revelou-se typo de disciplina, admiravel pela circumspecção, e exemplar por indifferença

á folguedos e distracções e por amor do estudo em expontaneo recolhimento.

Em 1823 obteve licença para seguir o curso da escola militar, e nelle foi premiado nos dous primeiros annos; mas a guerra veio interromper sua conquista de louros scientificos: marchou para o sul, fez as campanhas da Cisplatina, e voltou capitão e vogal do conselho de guerra permanente.

Nessa campanha, commandando uma vez piquete de cavallaria em guarda avançada do exercito, vio por entre o nevoeiro de uma aurora rompente tres esquadrões de cavallaria inimiga que de surpreza vinhão atacal-o: « Guarda! em linha, preparar clavinas!... » gritou, e em vez de recuar, esperou a carga, travou combate desigual; mas tão feliz que no fervor da peleja o exercito chegou para applaudil-o e victorial-o, vendo em derrota e fuga o inimigo tão superior em numero.

Antonio Manoel de Mello distinguio-se ainda nessa guerra, tomando parte em cargas de cavallaria que merecêrão renome.

Voltando para a academia o modesto bravo que havia de ser modestissimo sabio, alcançou o primeiro premio no terceiro, quarto e quinto annos do curso.

De 1831 em diante prestou serviços relevantes á ordem publica, ajudou á crear o corpo municipal de permanentes da côrte, do qual foi major; em 1834 passou para o corpo de engenheiros, e teve a nomeação de vice-director da fabrica de ferro de Ipanema: em 1837 depois de brilhantes provas academicas foi nomeado lente substituto do curso de pontes e calçadas e dous annos depois lente da escola de architectos da provincia do Rio de Janeiro.

Em 1840 recebeu a condecoração do habito da Ordem de Aviz, e a nomeação de director da fabrica de ferro de Ipanema.

Em 1844 depois de outras promoções teve a de tenente coronel effectivo, no anno seguinte foi nomeado lente de geometria descriptiva da academia militar, e em Dezembro de 1846 obteve o titulo de doutor em mathematicas e sciencias physicas.

A 31 de Março de 1847 o governo imperial nomeou-o director das obras civis e militares de marinha ; logo porém á 11 de Maio seguinte o distincto e sabio Antonio Manoel de Mello teve de deixar essa commissão para sentar-se nos conselhos da Corôa, aceitando a pasta de ministro da guerra, na qual deu provas de alta capacidade e de grande conhecimento dos negocios daquella repartição.

Por decreto de 9 de Setembro de 1850 foi nomeado director do observatorio astronomico, e ao mesmo tempo na academia militar passou á reger a cadeira do quarto anno, deixando a de geometria descriptiva.

Fôra longo enumerar todas as commissões scientificas e administrativas, que esse illustre varão desempenhou sempre com o maior zelo, brilho, e honra.

O imperador o Sr. D. Pedro II que apreciava muito os altos dotes do conselheiro Antonio Manoel de Mello, quiz tel-o de mais perto e a 14 de Março de 1855 nomeou-o seu guarda-roupa: e alguns annos depois deu-lhe insigne honra, encarregando-o de dirigir o estudo de astronomia de Sua Alteza Imperial e da sua augusta Irmã, a Serenissima princeza D. Leopoldina.

O conselheiro Mello pedio e obteve á 12 de Março de

1853 sua jubilação no lugar de lente da escola militar, que se reformára.

Por avsio de 6 de Agosto de 1858 foi nomeado membro da commissão astronomica que em Paranaguá observou o eclypse do sol á 7 de Dezembro seguinte.

A 2 de Dezembro de 1861 foi promovido á brigadeiro, tendo-o sido seis annos antes á coronel de engenheiros.

A 12 de Maio de 1863 voltou ao ministerio, sendo pela segunda vez ministro da guerra até 15 de Janeiro de 1864, e por decreto de Fevereiro do mesmo anno teve a nomeação de vogal do conselho supremo militar.

Chegára o anno de 1865 e com elle a guerra do Paraguay.

Invadida a provincia do Rio Grande do Sul por phalange inimiga, o imperador voou para aquella extrema do imperio zeloso da honra e da gloria da patria, seguido do principe, então seu genro o Sr. duque de Saxe.

O conselheiro Mello, o velho soldado, teve de esperar Sua Alteza o Sr. conde d'Eu prestes á chegar da Europa com sua augusta esposa a Sra. Princeza Imperial, para acompanhal-o á mesma provincia do Sul.

O principe chegou, e partio com accelerado e ardente empenho; chegados porém á cidade do Rio Pardo naquella provincia, o velho brigadeiro Mello recebeu ordem para reunir-se ao exercito em operações em Corrientes, e lá no mesmo dia de sua chegada, á 24 de Setembro, foi nomeado commandante geral de artilharia.

O velho de sessenta e tres annos pareceu remoçar ao toque das trombetas, ao rufar dos tambores, e sobre tudo ao desfraldarem-se as bandeiras auri-verdes nos campos de Corrientes.

Infatigavel no ensino, nos exercicios, na disciplina pre-

parando os corpos de artilheria para as proximas e iminentes batalhas, o brigadeiro Mello contou de mais com a fortaleza de seu corpo. O grande mathematico errára pela primeira vez em calculo : errára no calculo de sua idade e de suas forças, e abatido em poucos dias de subita molestia determinada por fadigas e rudes trabalhos de campanha morreu á 8 de Março de 1866.

Foi bravo soldado nas pelejas ; foi general illustrado e manobrista habil ; na cadeira de lente a verdadeira eloquencia do magisterio, clareza, precisão, profunda sciencia ; foi ministro zeloso, rico de experiencia e activo na administração ; quiz ser e fez-se sabio ; foi exemplo de probidade, e um abysmo de modestia.

Além de outras honras teve as commendas da ordem de Aviz e da Imperial da Roza, e a gran-cruz da Ordem de Christo.

3 DE OUTUBRO

JOSÉ DE ABREU

BARÃO DO SERRO LARGO

Descendente de uma familia açoriana estabelecida no *Porto Novo*, lugarejo situado entre o Rio Grande e Pelotas, nasceu no ultimo trintenio do seculo decimo oitavo José de Abreu que havia de ser um dos mais illustres dos bellicosos heróes rio-grandenses.

Tão sem protectores, e em posição social notavel de seus paes, que bem pouco se sabe de sua infancia, José de Abreu, acabando seus estudos primarios, adoptou a carreira das armas, e alistou-se no regimento de dragões, no qual, fazendo as campanhas de 1801 e ás de 1811 e 1812, chegou ao posto de capitão, graças as provas de sua valentia,

actividade e bom senso, que supprião a falta de educação litteraria, e de estudos academicos da arte militar.

Em 1814 foi nomeado commandante dos esquadrões de milicias de *Entre-Rios*, e teve a patente de tenente coronel e o commando militar do districto daquelle nome, comprehendendo a linha de fronteiras de *Quaraim* até *Sant'Anna do Livramento*.

Em 1816 começa a epopéa deste Alcides.

A campanha de 1812 rapidissima e feliz ficára sem resultado por triste armisticio ajustado em Buenos-Ayres, e a Banda Oriental em completa anarchia. O celebre caudilho José Artigas habil, ambicioso e atrevido zombava do governo de Buenos-Ayres e de Montevidéo, estendendo sua influencia além do Uruguay á *Entre-Rios*, *Santa Fé*, *Corrientes* e ainda além.

D. João VI receioso de que Artigas ouzasse invadir a provincia do Rio Grande, pois que ameaçava já as fronteiras e mais que tudo, ambicionando a conquista da Banda Oriental determinou effectuar a intervenção de 1816 e occupar militarmente esse paiz.

A campanha de 1816 começou.

Artigas não desanimára, sabendo que se preparava a guerra e ao contrario vaidoso regeitára auxilios que de Buenos-Ayres lhe offerecêra o director Puyrredon: audacioso já tinha por vezes mandado tronspôr o *Quaraim* e penetrar no territorio rio-grandense á fortes partidas suas que José de Abreu derrotára sempre, levando-as em fuga até além das fronteiras.

A historia dessa guerra seria muito longa, embora necessaria para o completo esclarecimento da importancia das victorias de José de Abreu.

Artigas planejára habilmente: postou-se com tres mil homens em posição bem escolhida para invadir o Rio Grande, em quanto seus tenentes, commandando numerosas columnas ameaçassem os generaes portuguezes Lecor na linha do Jaguarão, e Curado na fronteira do Quaraim, no *Ibirapuitan-Chico*.

Esse plano foi em maxima parte desfeito pela bravura, pericia, e celeridade de marchas de José de Abreu.

Incumbido de obstar a passagem de Sotel no Uruguay, e sua juncção com André Artigas que com mil e quinhentos homens ameaçava S. Borja, recebeu apenas seiscentos e cincoenta homens das tres armas e duas peças de artilheria, e com essa força á 21 de Setembro bateu Sotel no passo de *Japejú*, derrotou-o logo depois em *Ibicuhy*, atravessou difficilmente este rio engrossado pela cheia, voou para S. Borja, á 27 de Setembro destroçou em *Ituparay* duzentos homens que levantavão gado para a esperada columna de Sotel, e a 3 de Outubro chegou inopinado em frente de S. Borja e em rigidissima peleja esmagou as forças aliás muito superiores de André Artigas.

Em menos de quinze dias José de Abreu com seis centos e cincoenta soldados batera perto de tres mil inimigos, derrotando Sotel em dous combates, transpondo o Ibicuhy em grande cheia, e não tendo para fazel-o nem canôas, nem material apropriado, pondo em debandada em Itupuray duzentos gauchos, dos quaes trinta e oito ficárão mortos, e sem descanso, marchando celere em soccorro de S. Borja, e ali vencendo em peleja que merece o nome de batalha mais que o dobro dos heroicos e fatigados guerreiros que commandava.

O nome de José de Abreu tornou-se legendario, e

atterrador dos gauchos de Artigas, aos quaes só em S. Borja elle tinha morto quatrocentos.

Perto de mil mortos e prisioneiros, bagagens, artilharia, secretaria militar de André Artigas, copia de armamento, mais de dois mil cavallos, muito mais do que isso em rezes deu José de Abreu ao general Curado, como fructo do seu commando de seiscentos e cincoenta homens á quem soubera inspirar bravura, e como que insensibilidade á marchas forçadas, á fadigas, e á privações experimentadas até o momento do travar das pelejas.

As victorias de José de Abreu facilitárão duas outras alcançadas por generaes portuguezes.

A campanha toca á dia decisivo : La Torre, tenente de Artigas, avançando e contramarchando se acha á retaguarda do exercito portuguez, emquanto o mesmo Artigas o ameaça pela frente, acampando em *Arapehy*.

Resolve-se o immediato ataque de *Arapehy* e José de Abreu é delle incumbido : o legendario avança na noite de 2 de Janeiro de 1817 e ás 7 horas da manhã do dia seguinte ataca posições, e desfiladeiro que se reputavão inexpugnaveis: a derrota de Artigas foi completa e horrivel. Na noite do mesmo dia 3 José de Abreu extenuado de fadiga incorporou-se victorioso ; mas humanamente alquebrado ao exercito.

A 4 de Janeiro pela madrugada La Torre com tres mil e quatrocentos homens atacou o campo portuguez : ferio-se terrivel e durante horas indecisa batalha : o marquez de Alegrete, e o general Curado, dando exemplo de inexcedivel valor, encorajavão as tropas ; começavão porém á temer o resultado da acção ; quando surge no meio da peleja o raio da guerra, José de Abreu que dirigindo impetuosas cargas

de cavallaria põe em desordem, e em derrota as hostes inimigas, e conquista a victoria.

No fim dessa campanha José de Abreu já era brigadeiro.

De 1819 a 1820 elle continúa á prestar os maiores serviços na guerra, e á 20 de Janeiro desse ultimo anno contribue muito no commando em chefe do conde da Figueira para a victoria na batalha de *Taquarembó*, que poz termo ao poder e á influencia de Artigas, que fugindo para o Paraguay foi lá internado pelo dictador Francia.

O brigadeiro José de Abreu subio á marechal de campo graduado.

Pacificada a Banda Oriental elle ficou na fronteira, commandando as forças que devião guardal-a.

A independencia do Brazil foi proclamada e o marechal de campo José de Abreu nomeado governador das armas da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, mandou consideraveis reforços ao visconde da Laguna que sitiava Montevidéo (capital da Cisplatina, provincia do Brazil desde Julho de 1821) e marchava á frente de forte columna, quando as tropas portuguezas capitulárão naquella cidade.

Já marechal de campo effectivo e sempre governador das armas, José de Abreu, ao romper a guerra da Cisplatina em 1825, invadio essa provincia com uma divisão, e ganhou nesse anno louros novos em alguns combates parciaes; mas triste e mesquinha rivalidade aceza entre chefes brazileiros, aliás todos valentes custárão logo depois lamentaveis revezes, aliás não soffridos pelo invencivel Abreu, que entretanto reduzido á pouco mais de trezentos homens por haverem-no privado da maior força destacada ao commando de

outrem, evacuou a Cisplatina ainda não vencido; mas já ferido pela intriga.

O titulo de barão do Serro Largo vem então apenas consolal-o, e já o encontra occupado á dispôr a defesa das fronteiras: com o seu nome levantou centenas de bravos, fez prodigios de actividade e energia, e preparava-se á entrar em campanha; a aleivosia porém venceu e o bravo dos bravos foi demittido do commando das armas do Rio Grande.

A guerra da Cisplatina continuava desfavoravel ao Brazil. O imperador D. Pedro I partira para o Rio Grande do Sul em Novembro de 1826 afim de pessoalmente ver o estado do exercito, e providenciar o que mais conveniente fosse na difficil situação das cousas; apenas porém teve tempo de nomear o marquez de Barbacena general em chefe; porque a morte da imperatriz o obrigou á voltar para a capita em Janeiro de 1827.

No entanto o barão do Serro Largo se offerecêra ao imperador para levantar um corpo de voluntarios.

O marquez de Barbacena pedio ao barão que aceitasse ol commando de uma divisão do exercito; elle porém recusou-se á isso; mas insistio em commandar o corpo de voluntarios, e partindo para S. Gabriel, ao seu grito de—*ás armas!...* acodiram ardentes seus já conhecidos companheiros de combates, e muitos novos guerreiros que se exaltárão e corrêrão ao nome de José de Abreu.

O barão do Serro Largo reune-se ao exercito com o seu corpo de voluntarios no passo dos *Enforcados*. Está proxima uma batalha: o marquez de Barbacena exige que elle commande a vanguarda: em face da batalha imminente José de Abreu, o barão do Serro Largo não sabe negar-se á exigencia.

A' 20 de Fevereiro...

Eis a data nefasta; mas heroica tomada para historico registro do nome de José de Abreu, barão do Serro Largo.

A 20 de Fevereiro de 1827 ferio-se a batalha do *Passo do Rozario*, ou de *Ituzaingo.*

O exercito brazileiro constava de seis mil homens das tres armas; o argentino e oriental subião á onze mil. O primeiro chegava cansado por marchas não interrompidas á quasi desconhecido campo de batalha; o segundo desde dous ou tres dias acampára no lugar que escolhêra, e que estudára para a acção.

Imprudente; mas intrepido o marquez de Barbacena na madrugada do dia 20 de Fevereiro accelerou a marcha do exercito, e mandou dar batalha, atacando o inimigo.

Commandando pequena columna de quinhentos e sessenta homens á guardar o flanco esquerdo do exercito o barão do Serro Largo vio-se atacado por tres mil e cem homens commandados pelo general Lavalleja e dispunha retirada em ordem para apoiar-se na divisão commandada pelo general Callado quando, além desse ataque pela frente, foi accommettido por cerca de setecentos cavalleiros pelo flanco: erão quasi quatro mil contra menos de seiscentos homens: o herôe não poude conter os seus soldados em grande parte *paisanos voluntarios* que fugirão destroçados pelas cargas do inimigo, e o levárão em sua fuga sobre a divisão Callado.

Este general não podendo distinguir os guerreiros irmãos á fugir dos numerosos inimigos á carregal-os, e á ameaçar a sorte da sua divisão já formada em forte quadrado, deu o signal de fogo, a artilharia troou, a fuzilaria rompeu em

rolante fogo, e o barão do Serro Largo, o Alcides rio-grandense nunca vencido pelos inimigos, cahio morto, atravessado por balas arrojadas pelo exercito da patria!...

Sahido de humilde e obscuro berço, e sem que se saibão ao certo os nomes de seus paes, puro e legitimo plebeu sem protectores e todo e só entregue á si, de simples soldado chegára á marechal de exercito, e merecêra o tituló nobiliario de barão do Serro Largo.

Em combates e batalhas venceu dezenas de vezes, e nem uma só vez foi vencido.

Morreu em defesa da patria, e infelizmente morto pelas armas da patria.

Em sua vida brilhante e gloriosa não houve uma jaça.

Sua bravura apenas foi igualada pela sua modestia.

De 1816 á 1827 não houve guerreiro, nem heróe que igualasse ao barão do Serro Largo.

Esse barão, José de Abreu é o mais illustre e legendario dos heróes bellicosos da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

4 DE OUTUBRO

FRANCISCO GÊ ACAIABA DE MONTESUMA

VISCONDE DE JEQUITINHONHA

Filho legitimo de Manoel Gomes Brandão Montesuma e de D. Narciza Thereza de Jesus Barreto nasceu á 23 de Março de 1794 na cidade da Bahia Francisco Gomes Brandão.

Seu pae destinou-o para religioso da Ordem Seraphica dos Franciscanos Descalços para a qual entrou á 4 de Outubro de 1808; mas no fim de sete mezes sahio do convento contra a vontade paterna, e quiz assentar praça no regimento de artilharia, o que não effectuou porque á isso se oppuzerão vivamente seus paes.

Na Bahia seguio o curso medico-cirurgico, e no fim de tres annos, tendo feito os respectivos exames, mudou de plano de carreira e em 1816 foi para a universidade de

Coimbra, na qual se formou em leis, sendo premiado no terceiro anno.

De Coimbra levou para a Bahia os germens da sociedade politica e secreta que com outros academicos fundára sob o nome de *Keporatica* ou dos *Jardineiros*.

Na cidade de S. Salvador á que chegára em Setembro de 1821 installou a sociedade dos *Jardineiros* e em Outubro tomou a redacção da parte politica do *Diario Constitucional* que ali se publicava.

Era ardente liberal e fez-se campeão da independencia do Brazil, sustentando a união da Bahia com o Rio de Janeiro sob o governo de D. Pedro ainda principe regente e um anno depois imperador.

Membro da camara da cidade nomeado por alvará da mesa do desembargo, assim como outros, no dia 18 de Fevereiro de 1822 contribuio muito para que se negasse a posse do commando das armas ao brigadeiro Madeira, chefe das tropas portuguezas da guarnição da cidade e para aquelle cargo nomeado pelo governo de Lisboa.

Seguirão-se os terriveis conflictos do mesmo dia 18, e dos 19 e 20 de Fevereiro entre os corpos militares luzitanos e brazileiros, retirando-se estes batidos para o interior.

Montesuma deixou-se ficar na cidade, conspirando sempre para a independencia e trabalhou muito para a reacção patriotica que rompeu á 24 de Junho na Cachoeira e villa de S. Francisco, depois cidades.

Fugindo para o Reconcavo, chegou á villa de S. Francisco, influio muito na organisação do governo provisorio, e foi eleito membro delle pela villa da Cachoeira ; e installado no dia 6 de Setembro esse governo sob o titulo de Conselho interino, foi seu secretario; e logo depois

nomeado membro da commissão que em nome do conselho era mandada ao Rio de Janeiro á felicitar o principe regente D. Pedro e á expor-lhe a situação e as urgentes necessidades da provincia e dos patriotas em armas, seguio por terra até *Ilhéos* e d'ahi por mar em pequena lancha, correndo os maiores perigos.

Chegando á cidade do Rio de Janeiro a 14 de Novembro, achou proclamada a independencia do Brazil, e acclamado imperador constitucional o principe D. Pedro.

A commissão bahiana teve condigna, solemne e ostentosa recepção: Montesuma mereceu grandes distincções da parte do imperador, e teria tido a graça do titulo de barão da Cachoeira no dia da coroação de D. Pedro I, á 1 de Dezembro, se não houvesse demonstrado a inconveniencia politica de tão elevada graça capaz de excitar desgostos na Bahia ainda em guerra com as tropas luzitanas, não sendo elle de familia rica, nem prestigiosa da provincia.

Não aceitando o baronato, recebeu a dignitaria da Ordem do Cruzeiro então creada.

A' 7 de Dezembro entrou para a *nobre ordem dos Cavalleiros de Santa Cruz*, sociedade secreta e maçonica regida por conselho que tinha o titulo de *Apostolado*, cujo chefe era o imperador D. Pedro I com o nome symbolico de *Romulo*.

No dia 10 de Dezembro Montesuma partio para a Bahia, e chegou á Cachoeira, vencendo difficuldades. Publicou o periodico *Independente Constitucional*, e tomando conta do lugar de secretario do conselho interino, prestou relevantissimos serviços.

Foi então que, como muitos outros, para excitar por todos os modos o patriotismo brazileiro, tirou de seu nome

os appelidos portuguezes, e começou á assignar-se *Francisco Gé* (nome de uma tribu de indios) *Acayaba* (nome de bella arvore do interior da America) de Montesuma.

Ainda antes de expulsas da cidade de S. Salvador as tropas lusitanas, fez-se na provincia a eleição dos deputados á assembléa constituinte brazileira, e Montesuma foi um dos eleitos ; mas tinha já de novo seguido por terra para o Rio de Janeiro, com officios documentados do conselho concernentes ao estado do exercito.

Nessa viagem pessissima feita, como a primeira, á sua custa, gastou setenta e cinco dias, dos quaes em raros falhou, e em poucos andou menos de dez leguas por jornada.

A 24 de Julho de 1823 Montesuma tomou assento na constituinte, distinguio-se como orador, e por suas idéas liberaes, fez opposição ao ministro da guerra Costa Barros com o qual esteve á ponto de bater-se em duello, tornou-se objecto do odio dos reaccionarios, e á 12 de Novembro, na dissolução da Constituinte foi preso com os Andradas, Rocha e o padre Belchior á porta da camara, e como elles desterrado para a Europa, e em França soffreu muito no disputado gozo de sua liberdade individual.

Em 1828 passou-se para Inglaterra, onde como em França viveu á estudar, voltou depois a este paiz, visitou a Belgica e a Hollanda, e embarcou para o Brazil á 7 de Abril de 1831, no dia que o imperador D. Pedro I abdicava a corôa do imperio !...

Em sua ausencia e no desterro tivera tantos votos para deputado pela Bahia que ficára no lugar de primeiro supplente, e no dia seguinte ao de sua chegada ao Rio de Janeiro foi chamado a tomar assento na camara para preencher vaga que se tinha dado.

A regencia permanente o convidou á entrar no primeiro ministerio que organisava: Montesuma excusou-se, e logo depois em opposição franca e energica atacou quasi todas as medidas e projectos consequentes da inexoravel reacção liberal.

Coube-lhe a gloria de atacar o trafico de africanos; commetteu o erro, ou honrou suas convicções, combatendo e votando contra as reformas constitucionaes que salvárão o Brazil.

Não foi reeleito. Em toda a provincia da Bahia obteve apenas trinta e seis votos! . . . consequencia de se ter distanciado dos liberaes, tomado o partido dos *caramurús*, e escripto na côrte o periodico *Ypiranga* contrario ás idéas e victoria de 7 de Abril.

Publicou em seguida notavel folheto sob o titulo — *A liberdade das republicas*—contra os principios federalistas.

Viveu nobre e fulgentemente da advocacia, e na tribuna do jury fulgurou famosamente.

Em 1837 entrou para o ministerio, o ultimo, do regente Feijó, á quem fizera ardente opposição em 1831 e 1832, sendo este ministro da justiça e na sessão legislativa daquelle anno, bateu-se galhardamente contra a numerosa opposição conservadora dirigida por Vasconcellos, Honorio, Calmon, Rodrigues Torres, Maciel Monteiro e outros parlamentares de primeira ordem.

A' 18 de Setembro do mesmo anno deixou de ser ministro, tendo Feijó resignado a regencia.

Em 1838 eleito deputado Montesuma ligado outra vez aos liberaes foi vehemente e torturador opposicionista: em 1840 propugnador da maioridade do Sr. D. Pedro II, e no mesmo anno seguio para a Inglaterra como enviado

extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil, cargo que apenas exerceu durante nove mezes.

De volta ao Brazil, e fóra do poder o partido liberal, Montesuma voltou á advocacia, concorreu para a fundação do Instituto dos Advogados e o presidio desde sua installação á 7 de Agosto de 1843 até 14 de Setembro de 1850, em que foi nomeado conselheiro de estado, e julgou por isso dever abster-se da responsabilidade que lhe impunha aquella presidencia. O Instituto deu-lhe então o titulo de presidente honorario.

Entretanto elle tivera assento na assembléa provincial do Rio de Janeiro desde 1847 á 1850, e dizia brincando que estava ali fazendo o seu noviciado parlamentar.

A 1 de Maio de 1851 foi escolhido por S. M. Imperial senador em lista triplice offerecida pela provincia da Bahia, e em 1854, á 2 de Dezembro, teve o titulo de visconde de Jequitinhonha.

No senado primou como orador.

Benemerito da independencia seus louros de 1851, 1822, e 1823 não podem murchar na historia.

Deputado da constituinte mostrou-se digno do seu recente e glorioso passado, e revelou-se valente palladim parlamentar.

De 1841 em diante ou sceptico em politica, ou descrente de partidos, ou só guiado pelas proprias inspirações ou por systema de opportunidades de principios governamentaes, ora apoiou a escola liberal, ora a conservadora, e fez opposição ou defendeu á ministerios de todas as côres politicas; mas em todos os casos foi admiravel na tribuna do parlamento.

Os Annaes das camaras legislativas do Brazil perpetúão

seus discursos, alguns dos quaes são verdadeiros triumphos de sabedoria e de logica de ferro : não podem porém levar aos vindouros certos dotes especiaes de tribuna parlamentar, que fazião de Montesuma orador pungente, satyrico, e por assim dizer caricaturador, e adversario desesperante, algoz de tormentos, que exigiria mais do que tachigrapho, photographo de minuto em minuto.

Montesuma, o visconde de Jequitinhonha, em opposição, e á protelar discussões era capaz de fallar sobre a minima questão um dia inteiro.

E isso era o menos.

No empenho de incommodar, de aturdir, de enfurecer, de desesperar o ministro á quem fazia opposição, á um eloquente opposicionista, á quem julgava dever desarmar, encher de vexame, cobrir de ridiculo, Montesuma tinha nos olhos setas ervadas, na voz todas as entonações concebiveis, em certos risos endemoninhados sarcasmos, em momentos de silencio inesperado ou de reticencias malignas provocadoras insinuações, e em mimica sómente delle, e em subitas e passageiras expressões physionomicas horrivel apparelho de torturas á despedaçar o adversario.

Montesuma foi orador que precisava *ver-se* fallar na tribuna para se apreciar bastantemente o seu poder de aggressor.

O visconde de Jequitinhonha falleceu no Rio de Janeiro no anno de 1870.

5 DE OUTUBRO

DIOGO ALVARES — O CARAMURU'

Em 1560 naufragou sobre os baixos ao norte da Bahia de Todos os Santos náo portugueza em navegação para as Indias, e das ondas conseguirão salvar-se Diogo Alvares e mais oito companheiros.

Salvo o numero dos naufragos que se diz terem chegado á terra, e que é ou não exacto, parece verdadeira aquella informação.

Agora começa o fabuloso de mistura com a realidade. Referem chronistas, que os *tupinambás* selvagens dominadores então daquella parte do territorio da Bahia, aprisionárão os naufragos e os forão devorando em seus banquetes horriveis, até que emfim restando só Diogo Alvares, este, servindo-se de um mosquete que do navio trouxera, derribou uma ave e que ao estampido do tiro os indios bra-

dárão aterrados *Caramurú! Caramurú!...* e reputando-o ente de natureza superior á humana, o respeitárão e cada dia mais sujeitos á sua influencia se mostrárão.

Rocha Pitta diz que os *tupinambás* devorárão os naufragos; mas que se agradárão muito de Diogo Alvares, que lhes facilitára o recolherem os despojos da náo, e conta, como tantos outros o episodio do tiro.

Não ha aqui lugar para investigações historicas.

O caso do tiro, e o effeito do estampido sobre os selvagens que não tinhão idéa de armas de fogo, são apenas verosimeis.

O que é facto incontestavel é que Diogo Alvares naufragára e se salvára em 1510, que soube fazer-se amado do gentio, e que recebeu por consorte *Paraguassú*, filha do principal *morubixaba*.

Ainda referirão chronistas (e delles se fez écho Rocha Pitta) que Diogo Alvares tomára com *Paraguassú* passagem em um navio francez e que em França o rei Henrique II e a rainha Catharina de Medicis levárão Paraguassú á pia baptismal, dando-lhe a real madrinha o seu nome, e que em seguida ambos forão testemunhas do casamento do portuguez e da *tupinambá*.

Tudo isso é imaginario: Diogo Alvares e Paraguassú nunca sahirão do Brazil.

O *Caramurú* estabeleceu-se com sua consorte no sitio onde o donatario Francisco Pereira Coutinho muito mais tarde fundou a povoação depois chamada *Villa Velha*: pelos serviços que principalmente em guerras com outras cabildas prestou áquella que o recêbera, e pela influencia de Paraguassú sobre seus irmãos selvagens, veio a adqui-

rir não pequeno poder moral, que opportunamente empregou em proveito da colonisação.

Diogo Alvares santificou sua união com a honesta e dedicada *tupinambá*, sua companheira, casando-se com ella logo depois de fazêl-a receber o baptismo; quando porém?... é ponto duvidoso.

Em 1531 Martin Affonso de Souza chegou com a sua expedição á Bahia, entreteve-se ahi com Diogo Alvares que lhe deu informações da terra, e deixou-lhe dous portuguezes por companheiros e sementes de plantas uteis.

Em 1537 ou 1538 o donatario da capitania da Bahia encontra em Diogo Alvares o mais precioso auxiliar, que lhe dá a amizade e os serviços dos indios; mas no fim de poucos annos acende-se a desharmonia, e rebenta a revolta, cujas causas não estão verificadas: ou assasinato de um filho de maioral de tupinambás, pondo estes em armas, ou indisciplina de colonos portuguezes enfezados contra o governo do donatario, ou por temor da grande influencia de Diogo Alvares a perseguição e ainda a prisão deste, e os indios levantados á voz de Paraguassú, como tudo isso se escreveu, certo é que Coutinho foi batido, expulso, recolhido á capitania de Porto Seguro, onde em má hora, no fim de mais de um anno o Caramurú foi chamal-o á voltar para a Bahia; pois que violenta tempestade fez naufragar o donatario infeliz nos baixos da ilha de Itaparica, sendo ali, escapo do mar, victima do odio dos *tupinambás* que o matárão.

Em 1549 Thomé de Souza, primeiro governador-geral do Brazil, chegando á Bahia, onde lhe cumpria fundar a cidade capital do Brazil colonia, teve por consideravel e grande alavanca de facil conquista e de respeitado poder

a Diogo Alvares, que lhe assegurou a submissão e o concurso do trabalho dos indios, como em carta para o reino informou o padre jesuita Nobrega no mesmo anno, e todos os chronistas e historiadores o confirmão.

Tudo faz crêr que Diogo Alvares em 1549 já estava casado com Paraguassú, chamada, como christã, e sua esposa Catharina Alvares: o proprio Nobrega na carta alludida escreveu: « Este homem *com um seu genro* é o que mais confirma as pazes com esta gente (os indios) por serem elles seus amigos antigos. Tambem achamos um principal delles (dos indios) já christão baptisado, etc. »

De 1549 em diante a influencia e importancia de Diogo Alvares na Bahia forão naturalmente offuscadas pelo poder official e imponente do governador-geral, e pela organisação regular do governo da grande colonia; elle porém continuou sempre e embora já velho e abatido á servir á causa da civilisação, até que á 5 de Outubro de 1557 entregou a alma á Deus.

Em um caderno antigo de obitos da Sé da Bahia lia-se a seguinte nota que Jaboatão copiou na segunda parte da sua chronica:

« Aos cinco dias do mez de Outubro de 1557 falleceu Diogo Alvares Corrêa, Caramurú, da povoação do Pereira; foi enterrado no mosteiro de Jezus: ficára por seu testamenteiro João de Figueiredo, seu genro: o cura João Lourenço a fls. 70. »

Heróe do bello poema de Santa Rita Durão, vulto legendario, e o legendario mais antigo das creações romanescas, poeticas, imaginarias dos velhos chronistas, Diogo Alvares despido de todas as ficções, e de todos os phantasticos adornos, com que lhe fabulisárão a memoria, se ma-

nifesta real, positivo e incontestavel como elemento providencial, que preparou e facilitou a conquista da civilisação na Bahia de Todos os Santos, a rainha, e estrella brilhante da colonisação no Brazil.

E bem merecidamente coube ao naufrago de 1510, ao dedicado auxiliador da conquista civilisadora da terra da Santa Cruz, á Diogo Alvares emfim a gloria de primitivo tronco de muito enobrecidas familias bahianas oriundas de Caramurú o legendario e benemerito, e de Paraguassú, selvagem filha de morubixaba, e princeza em suas florestas.

Diogo Alvares e Catharina Alvares tiverão de sua união forçosamente natural á principio; mas depois santificada, quatro filhas que todas se casárão, e das quaes são conhecidos os nomes de tres, á saber:

Magdalena Alvares esposa de Affonso Rodrigues, natural de Obidos:

Felippa Alvares esposa de Paulo Dias Adorno:

Apollonia Alvares esposa de João de Figueiredo Mascarenhas.

A lembrança daquelle tronco chamado Diogo Alvares — o Caramurú, e Catharina Alvares—a Paraguassú é zelosamente guardada por aristocraticas familias bahianas, como na idade média guardavão e perpetuavão os principes e barões os gloriosos registros dos legados gloriosos de seus avós e paes nas guerras das cruzadas.

6 DE OUTUBRO

PERO LOPES DE SOUZA

Capitão portuguez morto desastrosa e precocemente, Pero Lopes de Souza foi um dos primeiros donatarios de capitanias hereditarias do Brazil.

Era irmão de Martin Affonso de Souza, e mais moço que elle que só contava trinta annos, quando em 1530 veio commandando a armada que devia explorar o Rio da Prata, bater e tomar navios francezes, que indiciavão tendencias de estabelecimentos dessa nacionalidade em Pernambuco e na Bahia, e fundar colonias regulares em pontos do Brazil.

Pero ou Pedro Lopes fez parte da expedição que se compoz de duas náos, um galeão e duas caravelas, e teve o commando da caravela *Rosa*, com a qual na altura do Cabo de Santo Agostinho combateu durante toda a noite de 1 de Fevereiro, e rendeu ás sete horas da manhã seguinte uma

náo franceza, á que deu o nome de *Nossa Senhora da Candelaria* em lembrança do dia em que a tomára, e cujo commando lhe foi dado por Martin Affonso.

Depois de successos e trabalhos diversos Martin Affonso navegava para entrar no Rio da Prata, quando sobrevindo violenta tempestade a náo capitanea deu á costa no arroyo Chuy, chegando felizmente á soccorrer o capitão-mór seu irmão Pero Lopes.

Em fins de Outubro de 1531 dera-se este desastre.

Em resultado de conselho que Martin Affonso convocára e ouvira, resolveu o capitão-mór ir esperar na pequena ilha das Palmas por Pero Lopes mandado á subir e explorar o Rio da Prata e á pôr padrões.

Pero Lopes de Souza seguio em desempenho de sua tarefa á 23 de Novembro, subio o Paraná muito além da confluencia do Uruguay, venceu grandes trabalhos, deu provas de valor e constancia e a 27 de Dezembro do mesmo anno de 1531 chegou á ilha das Palmas.

Em Maio de 1532 Pero Lopes por ordem de seu irmão o capitão-mór parte de S. Vicente, commandando as náos que devião voltar para Portugal: em Agosto chegou á vista de Pernambuco e tomou dous navios francezes, e aprisionou a guarnição que estava em um forte construido na ilha de Itamaracá, e tres mezes depois largou para Lisboa.

Em carta datada de 28 de Setembro de 1532 D. João III fez saber á Martin Affonso, entre outras cousas, que lhe doava cem legoas de costa nos melhores sitios do Brazil, e cincoenta á seu irmão Pero Lopes de Souza.

A' 6 de Outubro de 1534 foi passado á Pero Lopes o foral confirmando a doação não de cincoenta, mas de oitenta legoas de sua capitania que se chamou de Santo Amaro, e

que comprehendia no sul quarenta legoas entre a terra de Sant'Anna, e a ilha de Cananéa, dez entre o rio Curupacé, e o rio de S. Vicente, e no norte trinta legoas do rio Iguarassú á bahia da Traição.

Pero Lopes de Souza não voltou mais ao Brazil: Gonçalo Affonso nas terras do quinhão do sul e João Gonçalves nas do norte forão seus loco-tenentes, correndo a fortuna das colonias das primeiras como sob a tutella judiciaria e protectora das autoridades superiores da capitania de S. Vicente que era a de Martin Affonso de Souza.

Pero Lopes de Souza morreu em um naufragio na costa oriental d'Africa, ou perto da ilha de Madagascar em 1539.

O seu nome se recommenda ao Brazil não só pelos serviços que ficão mencionados, como pelo seu esclarecido e importante *Diario* da expedição de 1530 á 1532, que muito abona sua intelligencia, e que é fonte de luz esclarecedora da historia da importante viagem e commissão de Martin Affonso, e de alguns pontos da historia do Brazil antes daquelles annos.

Além de muito mais Pero Lopes de Souza foi o primeiro capitão portuguez que entrou no estuario do Prata, e subio e explorou boa parte do baixo Paraná.

7 DE OUTUBRO

ALEXANDRE MARIA DE MARIZ SARMENTO

Filho legitimo do dr. Francisco Luiz de Mariz Sarmento e de D. Maria Amelia de Figueiredo, nascido em Portugal na cidade do Porto á 9 de Novembro de 1791, Alexandre Maria de Mariz Sarmento veio com seus paes para o Brazil em 1799.

Em 1803 o favor de D. João principe-regente deu-lhe o lugar de praticante da contadoria da junta de fazenda da capitania do Ceará Grande, e tres annos depois Mariz Sarmento passou ali á escrivão de receita e despeza do hospital militar, em 1807 á segundo official da junta de fazenda; e depois á primeiro official.

A 1 de Abril de 1811 passou-se para o Rio de Janeiro, donde não sahio mais: foi empregado no real erario e em 1812 encarregado de escripturar a entrada e sahida dos diamantes na fabrica de lapidação.

Por fortuna o favor acertára com o merecimento: Mariz Sarmento reunia á intelligencia muito zelo e inexcedivel probidade. Sempre na administração da fazenda foi pouco e pouco melhorando de emprego, e cumprindo severamente o seu dever. Era typo de empregado publico activo e todo dedicação.

Brazileiro desde oito annos de idade, e pela educação e costumes, em 1822 adoptou de coração a independencia do Brazil.

Em 1828 foi condecorado com o habito da ordem de Christo.

Durante o governo da regencia subio ao logar de official da contadoria de revisão do tribunal do thezouro. A' 10 de Setembro de 1840 foi nomeado official maior da mesma contadoria; á 17 desse mez recebeu a carta de conselho e á 2 de Dezembro seguinte a commenda de Christo.

Em 1842 a provincia do Ceará o elegeu deputado da assembléa geral legislativa: o conselheiro Mariz Sarmento não era politico; mas na camara prestou valiosos serviços em commissões de fazenda.

Em 1844 foi contador geral do thezouro; em 1850 director geral da despeza, em cujo caracter se aposentou a 29 de Janeiro de 1859.

Contava então sessenta e oito annos, e aos setenta e um cedendo á instancias do governo aceitou a nomeação de membro do conselho inspector da caixa economica e monte do soccorro do Rio de Janeiro em 1862 e á 4 de Junho desse anno a de presidente do mesmo conselho. Em 1866 abatido e doente pedio e obteve a sua demissão.

O nobre e virtuoso ancião gastára demais a vista alinhando cifras e numeros por mais de sessenta annos:

cegou e cego em triste retiro esperou a morte ainda um lustro.

Fóra da administração elle foi socio honorario da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e membro fundador, effectivo e prestante do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

O Imperador o elevára á dignitario da Ordem da Roza.

O conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento falleceu no Rio de Janeiro á 7 de Outubro de 1870.

Honestissimo de costumes, modesto em seu viver, e economico e methodico em seu tratamento aliás condigno sempre, deixou fortuna superior á quatrocentos contos de reis, e legou em testamento á estabelecimentos pios e uteis duzentos e quarenta e cinco contos de reis, dos quaes cem á Casa da Misericordia do Rio de Janeiro. A Sociedade Auxiliadora tambem foi justamente aquinhoada em seus generosos e patrioticos legados.

Homem de trabalho e de honra, empregado publico intelligente, habillissimo, severo, de tanta actividade, que se dizia que elle *não tinha tempo, nem direito para adoecer*, Mariz Sarmento, brilhante sem jaça, deixou muito mais precioso do que a fortuna que philantropica e patrioticamente repartio, o exemplo de dedicação rara ao serviço publico.

Morreu cégo ; porque durante mais de meio seculo tinha querido e sabido ver muito na fiscalisação dos dinheiros e das despezas do Estado.

8 DE OUTUBRO

PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUZA

VISCONDE DO URUGUAY

Filho legitimo do Dr. José Antonio Soares de Souza e de D. Antonia Magdalena Soares de Souza nasceu em Paris no anno de 1807 Paulino José Soares de Souza, que ainda na infancia levado por seus paes para a provincia do Maranhão, ahi fez os seus estudos primarios, e alguns de humanidades, seguindo aos quinze annos para Portugal, onde foi matricular-se na universidade de Coimbra, e seguia nella o quarto anno de direito e canones, quando a reacção absolutista de D. Miguel de Bragança o obrigou a interromper o seu curso academico pelo facto de fechar-se a universidade.

Voltando para o Brazil foi á S. Paulo pedir á recentemente fundada Academia de Direito, o que não conseguira em Coimbra, o seu gráo de bacharel, que tomou com reputação de estudante muito notavel em 1831.

Abraçando a carreira da magistratura, Paulino José Soares de Souza teve pouco depois o despacho de juiz de fóra de S. Paulo, passando no fim de oito mezes á juiz do crime do bairro de S. José, á que tambem foi annexado o expediente da intendencia da policia, na capital do imperio.

Com a execução do Codigo do Processo deixou aquelle juizado do crime, sendo nomeado juiz da segunda vara do civel na mesma cidade.

Promulgado o acto addicional, foi Paulino de Souza eleito membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro logo na primeira legislatura, e já tão conceituado era que a mesma assembléa o incluio na lista dos vice-presidentes da provincia.

O governo do regente Feijó nomeou-o pouco depois presidente da provincia do Rio de Janeiro, e esta em 1836 o elegeu deputado da assembléa geral, sendo depois sempre reeleito, menos na legislatura que começou em 1845, na qual aliás servio, tomando assento na camara, como supplente.

Na presidencia da provincia do Rio de Janeiro prestou serviços importantes, e deu provas de illustrado e habil administrador.

Na camara ligou-se ao partido conservador, no qual firme se manteve até morrer.

Começou a distinguir-se como orador de fortissima dialectica e de grandes estudos, sendo na tribuna o principal

defensor do projecto de interpretação do acto addicional, projecto que apresentou como relator da commissão especial respectiva.

A 23 de Maio de 1840 entrou para o ministerio nesse dia organisado, tomando a pasta dos negocios da justiça, sahindo do governo no fim de dous mezes com todos os seus collegas em consequencia da acclamação da maioridade do imperador o Sr. D. Pedro II, á qual se tinhão opposto o ministerio e o partido conservador.

Em 1841, no fim de oito mezes de governo, cahira por sua vez o gabinete liberal da maioridade, e Paulino voltou á pasta da justiça no ministerio de 23 de Março.

Sustentou então no senado e na camara temporaria as reformas do Codigo do Processo (logo depois lei de 3 de Dezembro) e o projecto da creação do novo conselho de estado, que adoptados em resolução pelo corpo legislativo, e obtendo a sancção imperial, motivárão as revoltas liberaes de S. Paulo e Minas Geraes em 1842.

No empenho de abater e esmagar essas revoltas, filhas de extensa e ameaçadora conspiração, o ministro da justiça levou sua energia á medidas que nem todas escapárão ao excesso do rigor, e á violencia; as circumstancias, porém, erão extraordinarias, e pezava sobre o governo enorme responsabilidade perante a nação.

Em 1843 dissolveu-se o ministerio de 23 de Março, á que succedeu o de 20 de Janeiro desse anno: Paulino de Souza continuou neste a occupar a pasta da justiça, passando á 8 de Junho para a dos negocios estrangeiros, tomando áquella Honorio Hermeto, depois visconde e marquez de Paraná.

Demittindo-se este gabinete, e organisado o de 2 de

Fevereiro de 1844 de caracter favoravel ao partido liberal, Paulino de Souza foi para a camara declarar-se em opposição.

Dissolvida a camara nesse mesmo anno, Paulino foi derrotado na eleição immediata; em 1845, porém, tomou sua cadeira no parlamento, como deputado supplente: em 1848 ganhou na opposição brilhante victoria eleitoral sempre pela provincia do Rio de Janeiro, e saudou á 29 de Setembro a volta do seu partido ao governo.

A 21 de Março de 1849 foi escolhido senador em lista triplice offerecida á corôa ainda pela provincia do Rio de Janeiro, que antes já lhe tinha dado honra e premio iguaes, bem como a do Maranhão, que o disputava por tel-o adoptado filho em sua bella e auspiciosa infancia.

A 8 de Outubro de 1849 substituio o marquez de Olinda na pasta dos negocios estrangeiros no gabinete de 29 de Setembro de 1848.

A substituição não podia ser mais honrosa e desvanecedora; pois que então ardião as complicações diplomaticas, e ameaçadoras de guerra com o dictador da Confederação Argentina D. João Manoel Rosas, que tomára á peito a absorpção do Estado Oriental do Uruguay, cuja independencia o governo do Brazil estava obrigado a defender, e tinha interesse politico em fazel-o.

Paulino de Souza vio no seu ministerio rebentar essa guerra, e teve a gloria de applaudir sua prompta terminação com honra fulgente do Brazil, que foi o regenerador da liberdade da Confederação Argentina, e o mantenedor generoso da independencia do Estado Oriental do Uruguay.

Com esta republica e com a do Perú concluio tratados de commercio, de limites e de navegação fluvial, e em 1850

tinha já defendido com eloquencia patriotica os direitos e a honra do imperio contra as violencias prepotentes da Inglaterra na questão gravissima do trafico de africanos escravos, e em seguida concorreu com a sua influencia para a mais nobre das causas, auxiliando o ministro Euzebio de Queiroz na gloriosissima obra da extincção daquelle trafico maldito, o que era aliás idéa e aspiração pronunciadas do partido liberal, atacado nesse terreno por estrategia e exploração politicas da opposição conservadora.

Em todo o caso a extincção do barbaro trafico de africanos escravisados é titulo de gloria, que honra a memoria do gabinete de 29 de Setembro.

A 6 de Setembro de 1853 esse ministerio deixou o poder, e Paulino de Souza poz termo nesse dia á sua vida politica activa nas lutas dos partidos constitucionaes e legitimos do seu paiz, embora sempre continuasse sob a sua antiga bandeira do partido conservador.

A 8 de Setembro de 1853 foi nomeado conselheiro de Estado, á 2 de Dezembro de 1854 recebeu, por graça imperial, o titulo de visconde de Uruguay, com grandeza.

Em 1855 foi, como enviado extraordinario, e ministro plenipotenciario, incumbido de missão especial relativa aos limites do imperio com a Guyanna-franceza junto á côrte de Luiz Napoleão, imperador dos francezes. A justiça da causa do Brazil, e a ambiciosa obstinação do governo da França levarão este á adoptar o recurso do adiamento de negociações, e da negativa á terminante solução amiga das questões; mas o visconde do Uruguay cumprio á risca o seu dever, e sua tarefa de habil diplomata brazileiro.

Recolhido á patria o visconde de Uruguay distanciou-se, quanto poude dos combates parlamentares, e do campo fe-

bricitante dos partidos politicos: senador e conselheiro de Estado, achou ainda tempo de sobra para seu gabinete de profundo e illustrado prosador coordenar trabalhos o rematar importantes obras já de muito tempo planejadas.

Elle escreveu e publicou:

Em 1862—*Ensaios sobre o Direito Administrativo*—2 vol. em 4.°

Em 1865—*Estudos Praticos sobre a Administração das Provincias do Brazil*—2 vol. em 4.°

Pouco sobreviveu á esta ultima obra; pois que falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 15 de Julho de 1866, morrendo pobre, e legando somente á seus filhos a riqueza de seu bello nome, e de seus grandes serviços, e a memoria de sua probidade sem mancha.

O visconde do Uruguay foi membro do Instituto Historico Geographico Brazileiro, e de muitas sociedades scientificas e litterarias.

9 DE OUTUBRO

DON AGOSTINHO BEZERRA

Grande pregador, e bispo, Agostinho Bezerra nasceo na Bahia em 1610, e dedicando-se ao sacerdocio, digno delle se mostrou por sua sabedoria e suas virtudes.
Seu nome foi geralmente venerado. Passou por theolago profundo e consummado philosopho; primou no pulpito pela eloquencia.

Don Agostinho Bezerra foi bispo de Ceuta, e depois de Angra.

Seo nome em falta completa de datas relativas á sua vida, serviços, e passamento, é por dever patriotico lembrado: seja conferido á sua memoria o dia 9 de Outubro.

10 DE OUTUBRO

PERO DE CAMPOS TOURINHO

Portuguez de nobre linhagem, navegador experimentado e perito e já notavel por bons serviços que prestára, Pero de Campos Tourinho recebeo D. João III á 27 de Maio de 1534 carta de doação da capitania de *Porto Seguro* com cincoenta leguas que começavão ao sul na barra do rio Mucury.

Veio elle de Portugal, trazendo o que mais amava, sua espoza Ignez Fernandes Pinto, seu filho Fernão de Campos, diversos parentes, alguns bons amigos, e colonos que engajára.

Aportou no mesmo ponto, onde Pedro Alvares Cabral estivera em 1500, e onde Christovão Jacques em proximo sitio fundára em 1503 a feitoria de *Santa Cruz*.

Tourinho ali encontrou ainda alguns portuguezes deixados

na feitoria por Christovão Jacques, e que se apresentarão ao donatario com indios á que se tinhão ligado, e com filhos provindos de suas uniões. Foi-lhe isso de bom agouro, que não falhou.

Fortificando-se em Porto seguro; mas com todos os seus laços do coração e com todos os seus interesses no Brazil, Pero de Campos Tourinho habil e prudente vio nos indios antes auxiliares á explorar do que inimigos á destruir: obrigado a rechaçal-os, quando á principio o vierão atacar, dominou-os pela benevolencia, por amigavel tratamento, e com frequentes mimos e prezentes de insignificante valor; mas de grande estima para os miseros selvagens.

Dentro em pouco reinou perfeita e fructuosa a paz. Os indios amarão o donatario, e forão uteis a colonia que se desenvoveu com animada prosperidade.

O trafico do páo-brazil, a lavoura da canna e a fabricação do assucar e da aguardente, a agricultura de cereaes, e a pesca abundantissima occupavão os colonos, pagavão exhuberantemente o seu trabalho, e davão á capitania de Porto Seguro a perspectiva do mais lesongeiro futuro.

Mas á 10 de Outubro de 1553 morreu o intelligente, habilissimo e dedicado donatario Pero de Campos Tourinho.

Colonisador sem oppressão dos indios, donatario identificado com a sua capitania, todo occupado della no Brazil, Pero de Campos Tourinho foi verdadeiro elemento de civilisação; mas não poude, não teve tempo de legar tão firmada a obra de sua consummada habilidade, que a não deixasse compromettida nas consequencias de sua morte.

Fallecendo Pero Campos, faltou á capitania de Porto Seguro a alma que vivificava-a, a sabia direcção que a fazia prosperar.

Fernão de Campos era seu filho; mas herdando a capitania, não herdara o espirito esclarecido, e a sciencia pratica de seu pae: a capitania abateu-se sob o seu dominio.

Sua irmã D. Leonor de Campos que depois a herdou, vendeu-a ao duque de Aveiro, que nem soube o que comprara nem poude de longe comprehender o que perdia, deixando desfallecer em decadencia filha da incuria a capitania que tão facilmente florescera.

Pero de Campos Tourinho não teve herdeiros dignos de seu nome no Brazil; mas sua memoria tem direitos á radiar na historia deste paiz.

11 DE OUTUBRO

URBANO SABINO PESSOA DE MELLO

Filho legitimo do brigadeiro José Camello Pessoa de Mello nasceu em Pernambuco no anno de 1811 Urbano Sabino Pessoa de Mello.

Depois de fazer com distincção os seus estudos de humanidades, matriculou-se na academia de sciencias sociaes e juridicas de Olinda, e nella tomou o gráo de bacharel em 1834.

Foi magistrado, e homem politico; mas a politica arrancou-o á magistratura para dar-lhe completa independencia do governo na banca de advogado.

Como magistrado, tendo sido juiz municipal de Goyana em 1836, passou á juiz de direito, e abandonou a carreira em 1849, deixando merecida reputação de juiz integerrimo e de superior intelligencia.

Em 1836, na primeira legislatura da assembléa provincial de Pernambuco, exhibio logo notavel merecimento, como orador.

Sua provincia o elegeu deputado a assembléa geral na legislatura de 1838 á 1841, e na seguinte de 1843 á 1844 terminada por dissolução. Nesse ultimo anno ligou-se decididamente ao partido liberal e em Pernambuco foi um dos seus principaes chefes, tomando ali o partido a denominação de *praieiro*.

Voltou reeleito deputado em 1845, e ainda em 1848, em que subio ao poder o partido conservador á 29 de Setembro, sendo poucos dias depois adiadas as camaras legislativas em consequencia de pronunciar-se na dos deputados grande maioria em opposição.

Estavão os dous partidos politicos liberal e conservador em ardentissima attitude hostil, e na provincia de Pernambuco tão inflammadas as paixões, que havia os mais bem fundados receios de rompimento revoltoso.

Adiadas as camaras, os deputados e senadores liberaes reunidos em conselhos de partido, resolverão que se empenhassem todos pela manutenção da ordem em suas respectivas provincias, arredando os correligionarios politicos de qualquer manifestação illegal.

Urbano era considerado chefe da deputação pernambucana; mas em Pernambuco o homem mais popular entre os praieiros era o deputado Dr. Joaquim Nunes Machado, o qual, como á prever sinistro e proximo futuro, negava-se á voltar com os seus collegas para a provincia, repetindo insistentemente que—*se fosse para Pernambuco, teria de ser victima*.

Mas Nunes Machado era reputado influencia indispensavel para conter a revolta imminente.

Urbano, amigo intimo e predilecto daquelle exaltado patriota, e tribuno enthusiasta, foi quem com as mais generosas e puras intenções, venceu-lhe a resistencia em reunião parcial dos deputados de Pernambuco e de alguns outros na noute de 11 de Outubro.

Nunes Machado partio: a sua previsão realisou-se completamente; porque as intrigas dos adversarios, e as suspeitas injuriosas de correligionarios politicos arrastarão os deputados á pôr-se á frente da revolta que apezar delles rebentára, e o generoso e ardente tribuno ferido por uma balla cahio morto no dia 2 de Fevereiro de 1849, quando levava ao combate uma columna de revoltosos.

Urbano que tivera de ficar no Rio de Janeiro, chorou o amigo, lamentou-se por tel-o impellido á ir para Pernambuco; mas não só desde Dezembro de 1848, como depois de 2 de Fevereiro de 1849 mostrou-se alliado fiel e dedicadissimo: defendeu assiduo e energico na imprensa da côrte, escrevendo no *Correio Mercantil*, a causa dos revoltosos, e ainda com maior força depois da victoria legal na horrivel peleja daquelle dia: e no mesmo anno de 1849 publicou *A Revolta Praieira* em um volume em 16°, historia desse pronunciamento armado, cheia de interessantes noticias e esclarecimentos; mas sem duvida eivada de suspeição, e muitas vezes apaixonada.

Foi em taes circumstancias que o Dr. Urbano Sabino Pessoa de Mello deixou a carreira da magistratura, e na cidade do Rio de Janeiro começou á exercer a advocacia, ganhando credito e nomeada, que justamente o collocárão entre os primeiros advogados da capital do imperio.

Cahindo do governo o partido conservador em 1863, tornou Urbano no anno seguinte á camara eleito por um dos districtos da sua provincia, e com os *liberaes historicos* fez vigorosa opposição aos ministerios então chamados *progressistas* desde 1865 até 1866, em que terminou a sua vida parlamentar e politica.

Na tribuna da camara dos deputados foi sempre orador muito estimado pelos seus notaveis dotes: elle tinha voz agradavel e insinuante, palavra facil e prompta, força potente na argumentação, e energia no ataque: parecia sempre empenhado em mostrar-se mais logico, do que rhetorico.

Urbano Sabino Pessoa de Mello falleceu na cidade do Rio de Janeiro aos 7 de Dezembro de 1870.

Foi pae de familia exemplar, e homem de costumes sãos e de grande probidade.

12 DE OUTUBRO

D. PEDRO DE ALCANTARA BOURBON

PRIMEIRO IMPERADOR DO BRAZIL

Segundo filho varão do principe D. João, herdeiro presumptivo da corôa de Portugal, e de sua esposa a princeza hespanhola D. Carlota Joaquina, filha do rei Carlos IV, D. Pedro nasceu em Lisboa á 12 de Outubro de 1798.

Foi embalado no berço e correrão-lhe os annos da infancia ao estrepito das armas e ao ruido tremendo da guerra européa.

Tinha apenas nove annos de edade, quando o governo portuguez, prevendo imminentes perigos ameaçadores da familia real e da independencia do reino, resolveu mandal-o para o Brazil com o titulo de condestavel, trazendo por se-

cretario e mentor Fr. Antonio de Arrabida, depois bispo de Anemuria.

Com a data de 2 de Outubro de 1807 foi redigida uma proclamação, em que o governo portuguez annunciava aos brazileiros a transcendente providencia. Evidentemente o condestavel seria seguido pela familia real no caso de invasão de Portugal que se temia.

O tratado que a França e a Hespanha assignarão em Fontainebleau á 27 de Outubro, e a immediata marcha do exercito francez commandado por Junot sobre Portugal precepitarão os acontecimentos. A' 29 de Novembro a familia real portugueza emigrou para o Brazil, e com ella D. Pedro, que por isso deixou de vir no caracter de condestavel.

Em Março de 1808 a cidade do Rio de Janeiro tornou-se capital da monarchia portugueza e no seu seio floresceu desde então e até Abril de 1831 o principe D. Pedro.

A rainha D. Maria I em consequencia da alteração de suas faculdades mentaes tinha da magestade apenas o titulo e condigno tratamento, e seu filho D. João, principe regente, podia já considerar-se rei, como D. Pedro herdeiro presumptivo da corôa; pois que seu irmão, o primogenito, á muito tempo fallecêra.

Todavia nem esta ultima consideração foi attendida para que o principe D. Pedro recebesse educação desvelada, e de arte á preparal-o em relação aos destinos que naturalmente o esperavão.

De 1808 á 1820, isto é, dos dez aos vinte annos de edade D. Pedro manifestou grandes qualidades que por falta de esmerada direcção se desenvolverão com os seus defeitos correspondentes: era dotado de notavel talento, de imaginação viva, e de genio ardente: recebeu apenas muito limitada e

superficial instrucção, e não teve mentor que lhe mostrasse a vida pelo seu lado real e pratico, e que o aconselhasse á conter a impetuosidade do animo. Era franco, e generoso, energico e corajoso, leal e dedicado aos que erão ou se dizião seus amigos; mas os annos de sua juventude forão correndo envenenados pela educação e pela indigna e baixa obediencia de creados ignorantes e de lisonjeiros que fingião admiral-o no proprio abrazamento das paixões, e que servião á seus caprichos com o ardor que só a sabedoria devera merecer. Finalmente elle teve por companheiro seu irmão o principe D. Miguel, que estava muito longe de igualal-o em dotes de intelligencia e de coração, e que o excedia muito em graves defeitos de caracter.

A' este abandono de sua puericia e de sua joventude em grande parte se deverão os erros que o comprometterão, como imperador constitucional.

Aos desoito annos de edade pela elevação de seu pae ao throno em 1816, D. Pedro achou-se effectivamente herdeiro presumptivo da corôa; mas de todo afastado dos negocios publicos não tinha educação alguma politica.

Os paes e o desmazelo dos ministros deixarão o principe D. Pedro cegamente confiado á sua propria natureza, e foi elle que por gosto e entretenimento cuidou ligeiramente da acanhada instrucção litteraria que teve, e cultivou a musica. Fóra disso, naturalmente inclinado ás armas, amava o exercito, ostentando desde muito cedo admirado garbo militar, e era habilissimo na arte hypica, cavalleiro muito dextro, e capaz de dirigir um carro puchado á quatro ou seis animaes com a força, e com a galhardia dos laureados nos antigos jogos olympicos.

Em 1818 D. Pedro cazou-se com a archiduqueza

d'Austria D. Maria Leopoldina, depois primeira imperatriz do Brazil, e augusta mãe do Senhor D. Pedro II, actual imperador, senhora de preclaras virtudes, e que foi muito amada pelos brazileiros.

Em 1820 a revolução constitucional victoriosa no reino, antiga metropole, veiu affligir o rei D. João VI por um lado offendido na quebra do seu poder de rei absoluto, e por outro vivamente contrariado pelas exigencias da volta da côrte portugueza para Lisboa.

Em quase todas as provincias do Brazil as tropas portuguezas de guarnição e o povo adherirão á revolução de Portugal : o rei procurou contemporisar, e fortemente empenhado em não deixar a capital do Rio de Janeiro, publicou o decreto de 18 de Fevereiro de 1821, pelo qual mandava o principe D. Pedro para Lisboa, onde as cortes constituintes devião elaborar a constituição do reino, ao mesmo tempo que convocava para o Rio de Janeiro procuradores eleitos pelas camaras das cidades e villas do Brazil e das ilhas do Atlantico que tivessem juizes letrados afim de consultarem o que dos artigos da futura constituição portugueza fosse adoptavel no reino do Brazil, e proporem as necessarias reformas.

Estas reminiscencias historicas são aqui indispensaveis; porque é no fervor destes acontecimentos que o principe D. Pedro entra na scena politica.

O decreto de 18 de Fevereiro era, embora dissimuladamente, contra-revolucionario : á 25 do mesmo mez a guarnição luzitana pronunciou-se em sedição no Largo do Rocio (depois Praça da Constituição) no sentido da revolução de Portugal e de obediencia ás côrtes constituintes. O principe real D Pedro correu á saber o que a tropa queria, e in-

formado foi dar parte de tudo ao rei em S. Christovão, donde voltou com um decreto datado de 24, pelo qual era approvada a constituição que se hia fazer em Lisboa, e adoptada no reino do Brazil. Immediatamente o principe real e seu irmão D. Miguel em nome do rei e nos seus proprios prestarão juramento no sentido deste decreto.

D. Pedro começou á exaltar-se na vehemencia das idéas revolucionarios; mas aié 25 de Fevereiro não indiciou empenho algum de autoridade, como até o fim de 1821 nem manifestou-se constitucioual, nem favoravel á independencia do Brazii. A' 25 de Fevereiro a sua acção foi passiva, e nella toda a fraqueza recahe sobre o rei.

A' 7 de Março novo decreto annuncia a partida do rei e da familia real para Lisboa, ficando no Brazil como regente o principe real D. Pedro. D. João derramára lagrimas, depois de assignar esse decreto. Voltava violentado por indeclinavel dever, e grande interesse politico; mas contra o elemento liberal da constituinte deixava no Brazil o elemento real e monarchico representado pelo herdeiro presumptivo da coroa.

D. Pedro deslumbrado pelo brilho da regencia, parece que não soube conter o desejo de que este se apressasse a retirada de seu pai, e querem alguns que este se doesse de semelhante sentimento.

O primeiro erro grave de D. Pedro em politica está confessado na ostentação imprudente que fez, alludindo á lamentavel e violento acto em uma das cartas que escreveu ao rei seu pai em 1821.

Reunida na Praça do Commercio para a eleição de deputados á constituinte portugueza a assembléa eleitoral do Rio de Janeiro, tornou-se desde a primeira hora de seus

trabalhos á 20 de Abril, desvirtuada e anarchica : entre outras resoluções que tomou, obteve do rei por commissão que lhe enviou, um decreto adoptando a constituição hespanhola, e além disso, *oppondo-se á retirada do mesmo rei para Portugal, mandou ordem ás fortalezas para não deixarem sahir do porto a esquadra que devia conduzir a familia real.*

Tudo isso era mais do que revolucionario e anarchico, era absurdo; mas tudo isso deliberação tumultuaria do eleitores apoiados por populares exaltados; mas completamente desarmados, e incapazes de resistencia á primeira intimação com força armada.

E ás tres horas da madrugada de 21 de Abril forte destacamento da divisão portugueza sem intimar previamente a justa dissolução da assembléa eleitoral, após terrivel descarga de mosquetaria sobre a Praça do Commercio, invadiu as salas á bayonetas caladas, expelliu brutalmente os eleitores e o povo, matando alguns, e ferindo muitos.

Deste facto sinistro e barbaro resultou exarcebação de antagonismo e de odio entre brazileiros e portuguezes, e fria indifferença daquelles, vendo partir D. João VI que muito amava o Brazil, e que fora estranho ao ataque da madrugada de 21 de Abril.

Mais tarde impressas as cartas de D. Pedro á seu pai, o autor do acto condemnavel se denunciou em uma dellas, dizendo em allusão aos conspiradores da indenpendencia do Brazil, que já tinha dado aos revolucionarios o panno de amostra na Praça do Commercio,

Mas D. João VI dias antes de sua retirada para Portugal, tinha no palacio de S. Christavão, e em confidenciaes conselhos á seu filho, o principe real, acendido no es-

pirito deste a flamma de fulgurante e gloriosa ambição: o rei prevendo proxima, e certa a independencia do Brazil, dissera ao filho : « *Pedro, em tal caso, põe a corôa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della.* »

Em uma das suas cartas da collecção publicada, D. Pedro escrevendo á seu pae em 1822, e explicando a sua adhesão á independencia do Brazil, de cuja revolução se tornara chefe, appella para sua memoria, recordando-lhe o conselho e até o lugar, o quarto, onde o recebera.

Em todo o correr de 1821 desde a partida de D. João VI á 26 de Abril, D. Pedro principe regente do Brazil e nelle lugar tenente do rei foi á este leal, e procedeu como principe herdeiro presumptivo da coroa, de accordo com seu pai á temporarisar mais cuidadoso do poder soberano, do que das conquistas liberaes da revolução representada pelas cortes constituintes portuguezas, e como futuro herdeiro do throno muito mais ambicioso da soberania dos reinos e de todas as conquistas e possessões de Portugal, do que de chefe, rei ou imperador do Brazil independente.

No exercicio da regencia D. Pedro lutou com os mais graves embaraços: achara o thesouro exhausto, e o Banco do Brazil em tal situação que chegou ao extremo de suspender seus pagamentos : as despezas e onus creados pelo patronato elevavão-se á avultada e ruinosa somma. Contra esse mal desenvolveu elle os recursos da mais restricta economia, começando pela sua mezada que redusio á um conto e seis cento mil réis, além de ceder o palacio real da cidade para as secretarias dos ministros e para algumas repartições, que se achavão em casas alugadas : diminuio quatro centos contos nas despezas da ucharia, e com outras

medidas semelhantes melhorou quanto poude o estado das finanças,

Em relação á politica houve-se com habilidade e moderação no empenho de manter o Brazil unido á Portugal : procurou, debalde embora, destruir a rivalidade que já separava os brasileiros e portuguezes, e sempre que officialmente fallou ao povo em proclamações, e documentos publicos, e particularmente á quantos o rodeavão, pronunciou-se com energia e firmeza contra as idéas de independencia.

Neste seu proceder D. Pedro não pode merecer censuras· era filho e regente leal ao pai e ao rei ; era portuguez e zelava os interesses da mãi patria ; era emfim herdeiro presumptivo do throno, e naturalmente ambicionava reinar sobre todos os reinos e possessões da monarchia.

Mas a força dos acontecimentos e o proprio caracter do principe esmagarão todos esses sentimentos que prendião o regente do Brazil aos interesses monarchicos de Portugal.

Pouco depois da partida de D. João VI e da familia real chegarão de Lisboa para serem juradas no Brazil as bazes da constituição ; D. Pedro porém esperando noticias dos effeitos da chegada do rei áquella capital, demorava o acto do juramento.

As tropas lusitanas da chamada *divisão auxiliadora* de guarnição no Rio de Janeiro em novo pronunciamento armado e sedicioso á 5 de Junho de 1821 obrigaram D. Pedro á jurar e fazer jurar as bazes da constituição, á mudar o ministerio, e indo além, crearão uma junta provisional de nove membros, e uma commissão de commando militar, que á não se terem dissolvido logo depois, reduzirião á completa nullidade a regencia do principe real.

Esta sedição militar deixou vivo resentimento no animo de D. Pedro, que desse dia em diante tomou-a em desconfiança, e em repugnancia apenas dissimulada.

O 5 de Junho foi dia de fraqueza na vida politica de D. Pedro ; elle porém não podia oppor á sedição militar portugueza força alguma ; e nem ao menos tinha o apoio dos brazileiros, que o consideravão contrario aos principios liberaes da revolução de 1820 representados pela constituinte reunida em Lisboa , e tambem opposto ás aspirações de independencia : por outro lado o principe era regente, a regencia commissão transcendente, e melindrosa que o rei seu pai lhe confiára, e renuncial-a para não ceder ás imposições da sedição militar teria sido sacrificar ao mais completo abandono a politica boa ou má, que de accordo com D. João VI e á elle responsavel moralmente cumpria-lhe manter no Brazil.

As côrtes portuguezas tomarão desastradamente á si lançar o principe real D. Pedro nos braços dos brazileiros e á frente da revolução da independencia,

D. Pedro não tinha até então á apoial-o decididamente no Brazil, senão o partido absulutista, fraco em numero, e composto em sua quasi totalidade de velhos portuguezes, e de alguns cortezãos.

Os brazileiros estavão divididos : os democratas erão oppostos á D. Pedro, e querião adiar todas idéas de independencia, apoiando com energia a constituinte portugueza por amor das instituições livres : os monarchistas liberaes moderados querião a independencia do Brazil com D. Pedro por monarcha constitucional ; mas ainda se retraião desanimados : porque este principe era o sustentador da união do Brazil com Portugal.

D. Pedro era, como regente, o representante no Brazil dos dous principios mais impopulares—o do elemento real contra o da democracia constituinte, e do interesse politico portuguez contra a independencia do reino americano.

Se a constituinte portugueza se limitasse á atacar, e revogar a regencia de D. Pedro no Brazil para que neste reino vingasse victoriosa e sem opposição mesmo de inercia a sua politica democratica, o principe regente do Brazil não teria achado pontos de apoio, nem recurso para resistir.

Mas aquellas côrtes constituintes procederão com o mais feliz e abençoado desacerto: em successivos decretos ao mesmo tempo que amesquinhavão e pretendião reduzir á simples governo de capitania a regencia de D. Pedro, centralisando em Lisboa toda a acção politica e administrativa das provincias brazileiras; fulminava o reino do Brazil com a extincção de tribunaes que elle já possuia, degradavão-no privando-o de instituições indispensaveis, e desde annos gozadas, e em debates ardentes deixavão ser offendidos os deputados brazileiros, e o Brazil por doestos e insinuações imprudentes, que devião sómente provocar a reacção.

Procedendo assim, as côrtes portuguezas levarão á fraternisar na resistencia os dous offendidos, as duas victimas, a identificar-se em uma só e gloriosa cauza o Brazil, e D. Pedro, seu principe regente.

A 10 de Dezembro de 1821 chegarão ao Rio de Janeiro os decretos ns. 124 e 125 que as côrtes constituintes arrojárão tão impoliticamente sobre o reino do Brazil: um abolia os tribunaes mais importantes que tinhão nelle sido creados, o outro ordenava a retirada do principe regente D. Pedro que deveria seguir para Europa e ali *aprimorar a sua educação* viajando pela Inglaterra, França, Hespanha, e dispondo

que o Rio de Janeiro ficasse governado por uma Junta que se elegeria dentro de dous mezes.

O conhecimento desses dous decretos e a noticia de que o principe se dispunha á partir alvoroçarão os patriotas do Rio de Janeiro, onde já conspiravão em sociedades secretas, e tinhão no periodico *Reverbero* prudente e cautelozo orgão.

A effervescencia era grande: distintos patriotas seguirão immediatamente para Minas Geraes e S. Paulo afim de promoverem representações ao principe, pedindo-lhe que ficasse no Brazil.

Em Dezembro o partido da independencia por alguns de seos membros foi certamente ouvido pelo principe D. Pedro, que soube das viagens politicas dos patriotas commissionados e não se oppoz á ellas, bem que guardasse reservas explicaveis em seu caracter e posição officiaes.

Uma tradicção desse tempo manifesta que D. Pedro estava perfeitamente informado do empenho e dos trabalhos dos patriotas, e que sem ainda conspirar com estes, já sorria á sua conspiração.

O commissario mandado á provincia de S. Paulo foi Pedro Dias Paes Leme (depois marquez de Quixeramobim) de nobre e opulenta familia, de natureza agreste, mas leal, franca, ardente, e magnanima. Pedro Dias montou a cavallo, e partio; passando porém por S. Christovão, deixou a estrada, foi apeiar-se á porta do palacio da Boa Vista, e logo recebido por D. Pedro, que o estimava, disse-lhe para onde hia, e a tarefa que o levava.

O principe em vez de responder á confidencia fallou em caçadas a quem sabia apaixonado caçador, fallou-lhe de outros assumptos, e vendo que Paes Leme com rudeza

habil demorava sua visita a ouvil-o e apenas a responder-lhe por obrigação de cortezia, levou-o a uma janella do palacio e fitou os olhos no horisonte, demorando-se á fital-o como a refletir.

O sol de Dezembro ardia abrasadoramente.

Paes Leme esperava em teimoso silencio.

De repente D. Pedro exclamou:

— Que excellente dia para se viajar!...

Era a resposta.

Paes Leme beijou a mão do principe, e sahio, seguindo acceleradamente para S. Paulo.

O resultado daquellas commissões e dos esforços dos patriotas do Rio de Janeiro, foi a chegada de representações de S. Paulo, e a representação da do povo fluminense que levada pelo senado da camara respectiva ao principe regente no dia 9 de Janeiro de 1822, teve delle em resposta a declaração solemne, desobediente ao governo supremo de Portugal, revolucionaria emfim que a historia perpetúa nas seguintes palavras: « como é para bem de todos e felicidade geral da nação diga ao povo que—*Fico.* »

O 9 de Janeiro, o *Fico no Brazil* foi o rompimento da revolução da independencia, sendo seu chefe o principe D. Pedro.

Impellido por seu caracter, por sua natureza elle levou o enthusiasmo á cauza que acabava de abraçar.

Habituado á ser obedecido até em seus caprichos, forte, dominador, vehemente, fizera prodigios de paciencia, suffocára todos os transportes volcanicos de seu genio, curvando-se por lealdade á seu pae, e por esperanças de reacção dos antigos monarchistas, á todos os decretos e ao dominante poder da constituinte portugueza; mas á 9 de Janeiro o

volcão suffocado prorompeu, e em D. Pedro radiou a ambição gloriosa de ser o heróe da independencia de uma nação e o fundador de novo imperio.

Lançado á frente da revolução brazileira D. Pedro começou pela revolução de suas ideas.

Tinha sido no Brazil em 1821 o representante do elemento real ou monarchico contra o elemento democratico da constituinte portugueza, e a forte garantia da união do Brazil com Portugal. Em 1822 D. Pedro foi no Brazil o proclamador, o enthusiasta pregoeiro official e campeão exaltado da liberdade constitucional e o mais ardente e ostentoso propugnador, e activo chefe do movimento revolucionario da independencia.

O 9 de Janeiro provocou a 11 do mesmo mez terceira sedição militar das tropas portuguezas no Rio de Janeiro; mas já então o principe regente contava com o mais fervoroso concurso dos brazileiros e de alguma força regular do paiz, e a divisão lusitana bem que aguerrida e valente não ouzou combater, submetteu-se, e foi retirada para a Praia Grande, sendo obrigada a sahir para Portugal a 15 de Fevereiro.

Um mez antes nomeára D. Pedro o illustre e sabio José Bonifacio de Andrade e Silva ministro do reino e dos negocios estrangeiros.

José Bonifacio foi o principal ministro da independencia e o director dos acontecimentos.

O joven D. Pedro principe regente do Brazil á despeito da constituinte e do governo de Portugal levou á revolução da independencia toda a energia e impetuosidade do seo genio.

A 16 de Fevereiro promulgou o decreto, convocando um

conselho de procuradores geraes das provincias do Brazil para reunir-se no Rio de Janeiro.

A 25 do mesmo mez ordenou por outro decreto que lei alguma promulgada pelas côrtes de Lisboa fosse no Brazil obedecida sem o seu *cumpra-se.*

A 5 de Março mostrou-se e ficou á barra do Rio de Janeiro uma esquadra portugueza e só cinco dias depois D. Pedro permittio-lhe a entrada no porto sob a intimação de não desembarem, senão as praças que quizessem passar para o serviço do Brazil, e a 23 do mesmo mez a esquadra retirou-se, levando de menos a fragata *Real Carolina,* cuja guarnição abraçou a causa do principe.

Annuncião-se desordens imminentes em Minas Geraes, cujo governo provisorio, suspeitando intenções anti-liberaes no *principe real* portuguez, negava-lhe obediencia. A 25 de Março D. Pedro vae áquella provincia, e sua presença excita inexcedivel enthusiasmo popular; nas povoações, nas villas, que atravessa, mesmo nas estradas sua passagem rapida é sempre triumphal: chega á Villa Rica, a capital da provincia, o povo o victoría com ardor, o governo provisorio o applaude: a concordia é geral, e elle volta seguido de acclamações, coberto de flôres e de bençãos, e a 15 de Abril é recebido com explosões de jubilo patriotico na cidade do Rio de Janeiro.

Quasi logo publicão-se noticias de medidas hostis tomadas pelo governo de Portugal contra o Brazil: a resposta é prompta: D. Pedro aceita o titulo de *Defensor Perpetuo do Brazil* que em nome do povo foi offerecer-lhe a 13 de Maio o senado da camara municipal.

Acto mais energico e transcendente, por decreto de 3 de

Junho D. Pedro convoca uma assembléa constituinte e legislativa.

Em Julho elle modifica o ministerio em sentido mais decididamente pronunciado pela revolução da independencia.

A 1 de Agosto o principe publica o decreto que declara inimigas, e como tal devendo ser tratadas, todas as tropas que *de Portugal* ou de qualquer outra nação fossem mandadas ao Brazil sem prévio conhecimento seu: na mesma data dirige fervorosa proclamação aos brazileiros, recommendando união e coragem em nome e em honra da patria.

A 6 de Agosto falla ao mundo em eloquente manifesto aos governos e nações amigas, expondo a marcha dos acontecimentos e a situação do Brazil, declarando continuarem abertos os portos ao commercio de todas as nações, e offerecendo-se a estabelecer e cultivar relações diplomaticas.

Immediatamente depois dá principio á guerra em nome do Brazil, fazendo partir uma expedição sob o commando do general Pedro Labatut em auxilio dos patriotas bahianos contra as tropas luzitanas do general Madeira.

Lavra em S. Paulo a desarmonia: D. Pedro não se demora: corre á essa provincia, sahindo do Rio de Janeiro a 14 de Agosto; como cinco mezes antes em Minas Geraes, leva a S. Paulo a magia, e lá encontra o enthusiasmo do patriotismo: desfazem-se as intrigas, a reconciliação é geral: da cidade de S. Paulo se dirigia á Santos seguido de jubiloso cortejo, a 7 de Setembro, quando teve de parar á margem do ribeiro *Ypiranga* para ler despachos vindos de Lisboa e officios dos seus ministros do Rio de Janeiro: o rosto do principe radia, seus olhos lampejão, e subito, tirando o chapéo, e levantando o braço, brada:

Independencia ou morte!...

Comprehende-se; mas não ha palavras que exprimão apenas sufficientemente a commoção, o ardor, a alegria estrepitosa que produzio o *grito do Ypiranga.*

D. Pedro voltou a S. Paulo e immediatamente partio para o Rio de Janeiro e com tal celeridade que foi deixando em caminho extenuadas de fadiga e com os cavallos estafados e cahidos as pessoas que formavão o seu sequito. Effectuando a viagem mais rapida que até então se fizera de S. Paulo ao Rio de Janeiro, chegou quasi só á esta cicidade, e na noute de 15 de Setembro, sem tomar horas para descanso, apresentou-se no theatro de S. João, logo depois de S. Pedro, levando no braço esquerdo o distinctivo em aureas lettras : *independencia ou morte* !

Não se descreve, mal se imagina o triumpho e o jubiloso e sancto delirio patriotico dessa noute memoravel, em que o principe recebeu mais do que explosões de amor, quasi cultos de idolatria do povo.

A 12 de Outubro do mesmo anno de 1822 D. Pedro foi no Rio de Janeiro solemnemente proclamado *Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil,* e a 1 de Dezembro seguinte effectuou-se a ceremonia da sua coroação. Nesses dous faustosos dias, e em todos em que o imperador se mostrou, ainda mesmo passageiramente, o enthusiasmo popular a victorial-o não tinha medidas.

O anno de 1822 foi todo da mais esplendida gloria para D. Pedro : não se contempla sem justa admiração um principe, herdeiro presumptivo do throno de vastos dominios, e amamentado aos seios do poder absoluto, collocando-se á frente de um povo, levando-o á conquista da sua regeneração politica, fundando um imperio, e exaltando-se abraçado o systema representativo e com instituições liberaes.

Mas o periodo dessa gloria triumphal infelizmente durou pouco. A assembléa constituinte brazileira installou-se á 3 de Maio de 1823 : o ministerio da independencia ou dos Andradas foi demittido á 17 de Julho ou por intrigas de antigos cortezões portuguezes de nascimento, segundo alguns, ou explicavelmente de harmonia com uma votação daquella assembléa por exageração da politica ante-luzitana, e, o que foi peior, por um dos seus primeiros actos o novo ministro da guerra offendeu a susceptibilidade nacional, favorecendo o elemento portuguez no exercito.

Vozes de opposição ou antes discursos de censura fizerão-se ouvir na constituinte : a queixa de um brazileiro que fôra espancado por officiaes portuguezes excitou ali calorosa discussão, irritarão-se os animos e tres dias depois á 11 de Novembro o imperador nomeou novo ministerio, e logo no dia seguinte a constituinte brazileira foi dissolvida, tendo sido o seu paço cercado por numerosa força militar, e sendo presos e mandados em desterro para a Europa seis deputados, todos mais ou menos benemeritos da independencia, e entre elles os tres irmãos Andradas.

Quasi todos os liberaes do Brazil arredarão-se do imperador D. Pedro I desde 12 de Novembro de 1823, e o principe proclamador da independencia no Ypiranga, e fundador do imperio perdeu nesse dia toda a sua immensa popularidade.

D. Pedro I apressou-se em demonstrar que, dissolvendo a constituinte, não tinha a idéa de governar com poder absoluto. Por decreto de 13 de Novembro nomeou o conselho de Estado, ao qual incumbio a tarefa de organisar e redigir o projecto de constituição que seria depois offerecido ás observações das camaras municipaes do imperio. O con-

selho de Estado trabalhou com ardor e sabedoria : o projecto da constituição acabado no fim de Dezembro, foi em Janeiro de 1824 remettido ás camaras municipaes, e á pedido de muitas destas effectuou-se o juramento da mesma constituição á 25 de Março seguinte.

Embora outorgada pelo imperador, a constituição abrandou o vivo resentimento dos liberaes das provincias do sul, e na capital D. Pedro I recebeu espontaneas acclamações do povo á 25 de Março ; em algumas provincias do norte porém a irritação era mais profunda e em Pernambuco rompeu a revolta que se chamou « *Federação do Equador*, » e que foi em breve e facilmente esmagada pelas armas imperiaes.

Depois do recente abalo da dissolução da constituinte dava-se opportuno ensejo para a manifestação grandiosa da magnanimidade imperial por meio da amnistia ; que de tão consideravel effeito politico seria então, uzando o imperador dessa abençoada prerogativa, que lhe dava a constituição á 25 de Março desse mesmo anno jurada ; faltarão porém á corôa ministros sabios ou leaes. Os rebeldes já vencidos e presos forão julgados por commissões militares, e não poucos morrerão na forca ou fuzilados.

Os liberaes de todo o imperio contrahirão-se dolorosa e desconfiadamente, e dahi em diante forão exagerando o antagonismo que resultára da dissolução da constituinte.

De 1825 á 1831 o reinado de D. Pedro I foi uma luta constánte, acerba com o espirito liberal da maioria da nação. Em breve de uma e outra parte principiou a pronunciar-se o peior de todos os conselhos politicos—a intransigencia.

Além disso grandes e lamentaveis contrariedades se accumularão para comprometter o imperador D. Pedro I.

A primeira foi a revolta da Banda Oriental seguida quasi logo da guerra da Cisplatina, de 1825 á 1828.

A guerra foi peior do que infeliz, sendo desde o seu começo muito impopular no Brazil: o partido liberal explorou-a quanto poude contra D. Pedro I; mas o imperador fazendo a guerra em nome do Brazil, estava no seu direito, e no seu dever; porque a Banda Oriental era a—provincia Cisplatina—do Brazil desde 1821, e combatendo a revolta que ali alçara o collo, o imperador defendia a integridade do imperio, como depois cumpriu-lhe fazer a guerra a Confederação Argentina, que francamente protegia a revolta, e ostentosamente declarou a Banda Oriental provincia á ella pertencente.

A' 27 de Agosto de 1828 assignou-se a paz, a Banda Oriental ficou independente, e essa solução que foi a melhor, e tambem a mais desagradavel para a republica vesinha; incorreu ainda em graves; mas injustas censuras.

Em 1825 D. João VI rei de Portugal reconheceu a independencia do Brazil, cedendo á influencia da Inglaterra; mas o tratado e a convenção que firmarão diplomaticamente o reconhecimento da independencia desagradarão por algumas de suas estipulações aos brazileiros que as reputarão menos dignas do imperio, attribuindo-as á condescendencia filial de D. Pedro I.

Em Maio de 1826 teve verdadeiramente começo o systema constitucional representativo do Brazil com a installação da primeira legislatura da assembléa geral legislativa; ainda porém nesse importante acontecimento o imperador foi arguido de algumas illegalidades na escolha de senadores para dar assento na camara vitalicia á amigos dedicados seus. Essa camara achou-se com effeito composta dos ministros, dos conselheiros, e de titulares grandes do imperio em

sua quasi unanimidade, e bem que rica de capacidades, e de varões illustrados incorreu logo nas suspeitas dos liberaes.

A camara temporaria em compensação contou em seu seio numerosa phalange liberal, e hesitante, como que duvidosa da realidade do seu poder, como que temerosa de fazer sentir sua influencia, mostrou-se no primeiro anno tibia; mas do segundo por diante energica e fervorosa em opposição, e em 1828 a primeira legislatura terminou effervescente e preanunciadora de mais exaltado antagonismo politico.

A imprensa periodica politica já em notavel desenvolvimento, e em maxima parte redigida com desabrimento, apoiava e exagerava as censuras da opposição parlamentar.

Em pouco tempo a maioria liberal da camara temporaria e o imperador tinhão chegado ao extremo de olhar-se com prevenção hostil; os liberaes tocavão ao excesso de reputar transfuga do partido um ao outro dos seus deputados que aceitarão pastas ministeriaes; o imperador organisava e modificava os seus ministerios, dentro do circulo dos seus conselheiros, titulares, homens já condemnados pela opposição, e só excepcionalmente entrava nelles algum liberal dos mais moderados, ou menos enfileirado em partido. O resultado disso foi que para os liberaes todo o ministerial ou amigo do imperador foi tido em conta de absolutista, e todos os liberaes se affigurarão republicanos á D. Pedro I.

As circumstancias do Estado não erão favoraveis: as finanças se achavão em situação penosa: o tratado de 1825 com Portugal onerára o imperio com uma divida de dous milhões de libras esterlinas, a guerra da Cisplatina impuzéra grandes sacrificios, e os ministros da fazenda nomeados pelo imperador não provavão ser habeis financeiros, nem seus collegas se distingurão por zelosa economia: a

opposição explorava esse grande mal no parlamento, e fóra delle toda a culpa era lançada sobre o imperador aliás irresponsavel em face da constituição.

Em 1826 o fallecimento de D. João VI viera abrir nova fonte de compromettimentos para D. Pedro I no Brazil: como herdeiro da corôa foi este reconhecido e acclamado rei de Portugal pela regencia.

Ficou então em segredo; mas é facto que D. Pedro não repellio immediatamente a idéa de reunir sobre sua cabeça as duas corôas, a do imperio e a do reino; pois que ouvio o parecer de seus conselheiros de Estado sobre o direito e conveniencia ou inconveniencia de fazel-o.

A consulta o levou á abdicação da corôa de Portugal em sua filha D. Maria da Gloria, princeza brazileira; mas nascida ainda no tempo em que o Brazil era reino da monarchia portugueza. Em todo o caso é evidente que D. Pedro aceitára a corôa de Portugal; porquanto não poderia abdical-a sem tel-a aceitado.

A imprensa liberal do Brazil censurou D. Pedro I por esse facto, lembrando e repetindo muitas vezes palavras que elle tinha repetido nos patrioticos exaltamentos de 1822: « *de Portugal nada, nada queremos.* »

E' evidente que essa declaração ardente, e electrisadora da revolução brazileira de 1826 apenas servia de pretexto para opposição; porque D. Pedro, abdicando a corôa de Portugal, ao menos ostensivamente a desempenhava, e aos brazileiros não devia, nem podia deixar de ser agradavel o ver uma princeza sua compatriota, e que não era herdeira presumptiva do throno do imperio elevada á rainha de Portugal.

Mas a consequencia infortunada, ou antes o facto de

graves e compromettedoras consequencias politicas para D. Pedro I foi que elle, o imperador do Brazil, abdicando a corôa de Portugal em sua filha, a princeza Maria da Gloria, desde então chamada D. Maria II, creou ainda assim na Europa, no pequeno, mas glorioso reino da peninsula iberica um interesse dynastico, empenho de ambição politica e de amor de pae, que absorverão de mais os cuidados do imperador do Brazil.

A questão dynastica da monarchia portugueza complicou-se : o principe D. Miguel fez-se proclamar rei absoluto de Portugal, e rompeu em furente reacção ante-liberal. A rainha D. Maria II mandada para a Europa, levando por aio e tutor o marquez de Barbacena, senador do imperio, teve de voltar para o Brazil, perdidas as esperanças de apoio da Austria e da Inglaterra. Facto muito mais grave, os liberaes portuguezes emigrando em consideravel numero para escapar aos tormentos, e aos patibulos, conspiravão contra D. Miguel na Inglaterra, e o ministro brazileiro junto a côrte de Londres despendeu dinheiros do Brazil em protecção á elles, e esteve á ponto de achar-se em desintelligencia diplomatica com o governo inglez.

Ainda mais : muitos emigrados portuguezes passarão-se para o Rio de Janeiro, D. Pedro I teve de attendel-os, e de mostrar-se grato ao seu pronunciamento pela causa de sua filha, e naturalmente de sorrir á colonia portugueza da capital do imperio ; pois que as sympathias portuguezas lhe erão necessarias em favor da rainha D. Maria II.

Mas a independencia do Brazil datava apenas de 1822, as rivalidades internacionaes estavão ainda inflammadas, D. Pedro I era portuguez de nascimento, e seus adversarios e seus inimigos aproveitavão tudo para guerreal-o ; porque

já então erão muitos e principalmente os liberaes mais adiantados á desejar derribal-o do throno.

A 16 do Outubro de 1829 chegou ao Rio de Janeiro a princeza D. Amelia de Leuchtemberg, augusta noiva do imperador, viuvo de sua primeira esposa desde 11 de Dezembro de 1826. Celebrou-se á 17 de Outubro a ceremonia das bençãos nupciaes, e a nova imperatriz foi objecto de brilhantes festas na capital do imperio.

Mas as alegrias publicas não podião durar sempre, e a situação polilitica do imperio continuava sempre a enublar-se cada vez mais.

O imperador D. Pedro I abriu em 1830 a primeira sessão da segunda legislatura, e teve de reconhecer que ainda mais numerosa e exaltada era a opposição liberal da camara temporaria.

A accusação de dous dos seus ministros foi proposta, na camara e deixou de ser approvada por muito poucos votos, e graças a alguns deputados liberaes mais moderados, e ainda nesta questão D. Pedro I deixou-se arrebatar pelo seu genio generoso, tomando á peito mais ostensivamente do que lhe era licito a causa dos ministros.

A imprensa já tinha denunciado, e na camara forão atacados em ardentes discursos, planos e tentativas de proclamações do governo absoluto.

Em semelhantes ataques D. Pedro I, evidentemente illudido, foi victima dos peiores amigos. Houve com effeito nesse tempo empenhos de ministros mais monarchistas, que o rei para realisar tão compromettedora e indigna idéa ; D. Pedro I porém foi alheio á essa criminosa trama, e logo que a conheceu, a desfez, condemnando-a ; mas tendo a fraqueza de

não expellir de seu paço, e de seus conselhos os falsos amigos do seu throno.

O partido liberal agitou-se ardente fóra da camara, e em 1830 alçou na imprensa a bandeira da *federação das provincias*.

Organisarão-se sociedades *federalistas*; pregou-se a necessidade de reformas da Constituição, e a noticia da revolução que derribara Carlos X do throno da França foi festejada, como faustoso acontecimento.

A questão dynastica de Portugal e o procedimento do ministro brazileiro em Londres deu motivo á vehementes censuras na imprensa, e nas camaras.

Presentia-se latente conspiração.

Em tal conjunctura o ministro marquez de Paranaguá (Francisco Villela Barbosa) propôz em conselho ministerial a dissolução da camara, e nesse sentido foi apoiado por seus collegas.

D. Pedro I que ouvira silencioso a proposição de um, e o assentimento dos outros ministros, exclamou por fim.

— E quem me responde pelo sangue que terá de correr?.. não aceito semelhante conselho : não dissolverei a camara.

Em 1830 ninguem soube nem da proposição do ministro, nem da resposta do imperador.

D. Pedro I, a entidade constitucional irresponsavel, era o responsabilisado por todos os actos censuraveis dos seus ministros.

Em seu reidado desde 1826 até 1831 o seu grande e inegavel erro foi a realidade do seu governo pessoal devido principalmente a organisação ante-parlamentar dos ministerios ; mas D. Pedro I entendia ao pé da letra o artigo da

constituição que o autorisava a nomear livremente os ministros.

Não era elle então o unico á desconhecer os preceitos essenciaes do systema representativo em tal assumpto.

Ignorava-se muito naquelle tempo o que era solidariedade ministerial, isto é, pensamento politico uniforme dos membros do governo. Homens notaveis, varões de caracter independente, e mesmo altivo, e de idéas liberaes, como José Bernardino Baptista Pereira, e Hollanda Cavalcanti, depois visconde de Albuquerque, forão e conservarão-se membros de ministerios, achando-se em franca opposição com idéas politicas de outros ministros seus collegas!...

Mas em 1830 a propaganda da *federação das provincias*, e a excitação popular produzirão vivo abalo no animo de D. Pedro I.

Parece que então elle reconheceu ao contrario das constantes seguranças dos seus conselheiros que a opinião publica o abandonava no Brazil, e julgando o povo illudido e estraviado pelos tramas dos liberaes e por propaganda revolucionaria, resolveu empenhar-se em reconquistar a popularidade perdida, e assoberbar assim a crize politica imminente, levando a influencia de sua presença, onde os liberaes contavão com maior apoio na população.

Este proposito coincidia com idéas e planos estranhos ao imperio de que D. Pedro fôra o fundador. A causa dynastica da rainha D. Maria II, e no pensar de alguns, os sonhos do imperio iberico, que de Londres lhe vinhão, preoccupavão o espirito do imperador, que já tinha filho varão e brazileiro á quem deixar a corôa do Brazil.

Sem a menor duvida estas idéas agitavão-se no animo de D. Pedro I, quando determinou fazer viagem de visita á

provincia de Minas-Geraes bem escolhida para a experiencia premeditada; porque nella fervião mais do que em nenhuma outra os sentimentos de ardente liberalismo, e em 1822 tambem lá flammejavão aspirações ultra-liberaes, e bastára á D. Pedro então principe-regente o prestigio de sua pessoa aos olhos dos mineiros para acender o mais vivo enthusiasmo, e desfazer toda apposição.

D. Pedro I, partio para a provincia de Minas-Geraes em Dezembro de 1830, levando na memoria os triumphos de 1822.

A viagem deu-lhe sómente amargo e triste desengano. Excepto as recepções e festas officiaes só encontrou nas villas e povoações daquella provincia frieza, e como que simples curiosidade sem manifestações de amor da parte do povo.

D. Pedro I não soube ou não poude abafar o seu resentimento e entrando na cidade de Ouro Preto, capital de Minas, publicou a proclamação de 22 de Fevereiro de 1831, que produzio no espirito publico desagradavel impressão, e ainda mais, quando a imprensa da opposição em Minas, e no Rio de Janeiro fizerão sobre ella vigorosos commentarios.

D. Pedro I voltou de Minas-Geraes profundamente desgostoso.

Em caminho para o Rio de Janeiro apresentou-se á beijar-lhe a mão Manoel Antonio Galvão, que ia tomar posse da presidencia de Minas-Geraes.

D. Pedro I que em elevada e justissima estima tinha aquelle distincto e honrado brazileiro, chamou-o á conversação confidencial, e nella recommendou-lhe grande prudencia no seu governo presidencial de Minas, prevenindo-o

em segredo, de que era possivel que em breve tivesse de abdicar a *corôa do imperio*.

Este facto que é de transcendente importancia para a historia dos acontecimentos de Março e Abril de 1831 foi annos depois referido, e assegurado pelo conselheiro Manoel Antonio Galvão, homem de honra, e de sã consciencia, cuja palavra nunca houve quem puzesse em duvida. O caracter de Galvão era de ordem tal, que o seu testemunho basta para satisfazer todos os escrupulos do historiador mais cauteloso.

D. Pedro I chegou ao palacio de S. Christovão no dia 11 de Março e sua entrada solemne na capital do Rio de Janeiro foi aprazada para o dia 15 do mes mo mez.

Excitados por imprudentes cortezãos muitos portuguezes imigrados, não poucos brazileiros adoptivos, e com estes grande numero de subditos portuguezes empregados no commercio do Rio de Janeiro tinhão-se preparado para festejar a volta e chegada de imperador á capital e logo na noute de 12 de Março derão principio ás suas manifestações de regosijo com illuminações, fogos de artificio, e fogueiras nas ruas da Quitanda, do Rosario e em outras tambem commerciaes quasi exclusivamente habitadas por portuguezes.

Grupos de brazileiros mostrarão-se observando esses festejos: portuguezes desastrados dirigirão-se á elles bradando: « viva o imperador ! » e recebendo em resposta o grito de: « viva o imperador em quanto constitucional ! » atacarão os curiosos observadores e os puzerão em fuga, jogando sobre elles pedras e garrafas.

Nas noutes de 13 e 14 repetirão-se as illuminações e as fogueiras e derão-se graves conflictos entre brazileiros e portuguezes, chegando estes na noute de 14 ao excesso

escandaloso e revoltante de sahir em grupos numerosos e armados á apedrejar casas de liberaes que não estavão illuminadas e notavelmente a do deputado Evaristo Ferreira da Veiga, redator do periodico *Aurora Fluminense*.

Entretanto a força publica apenas appareceu na ultima dessas noites, quando já o pronunciamento portuguez tinha offendido mais que muito os brios nacionaes, e feito o maior mal possivel ao imperador, á quem tanto aquelles estrangeiros victoriavão no ardor do seu phrenesi.

D. Pedro I fez sua entrada solemne na capital no dia 15 de Março, sendo enthusiasticamente saudado pelos portuguezes e recebido ou olhado com frieza pelos brazileiros.

No mesmo dia um senador e vinte tres deputados liberaes que se achavão na côrte reunirão-se e deliberarão representar ao imperador contra os attentados impunes dos portuguezes, e pedir o castigo dos culpados ultrajadores dos brios nacionaes nas noutes de 13 e 14 de Março.

A representação foi entregue ao ministro do imperio no dia 17 do mesmo mez.

O peior de tudo é que a opinião dos brazileiros cada vez se pronunciava mais contra o imperador, considerando-o protector dos portuguezes altanados, e criminosos impunes.

A situação era quasi desesperada. A intervenção revoltante, louca dos portuguezes nas cousas politicas do paiz, os seus brutaes insultos a nacionalidade brazileira derão extraordinaria força á opposição liberal; porque com ella se colligarão todos os brazileiros, e ainda os mais indifferentes e estranhos á politica.

No dia 20 de Março emfim D. Pedro I demittio o ministerio, dando satisfação ao vivissimo resentimento nacional; mas em vez de chamar para o governo os chefes libe-

raes mais prestigiosos da camara, nomeou ministros á liberaes sem influencia, e alguns que nem ao menos erão deputados.

O novo ministerio tomou immediatamente medidas que abaterão a audacia dos portuguezes: os liberaes moderados o applaudirão e aconselharão ordem, e confiança no governo ao povo ; os exaltados porém que já conspiravão, continuarão á fazêl-o contra o imperador, excitando a revolução.

Não é verosimil; mas é verdade: em noutes seguidas muitas centenas de populares com reconhecidos chefes á frente reunião-se no Largo de Moura e em outros pontos diante dos quarteis de corpos militares, fallavão á soldados e á officiaes, e não havia nem policia, nem providencia do governo que dissolvesse taes reuniões tão ameaçadoras !...

Quem era o culpado de semelhante negligencia, que poderia chegar á afigurar-se traição?...

D. Pedro I era de tudo sabedor: como pois tolerava esses factos altamente condemnaveis, e a revolução á preparar-se ostentosa e francamente?... tolhia elle a acção do ministerio, querendo abandonar-se á marcha já precipitada dos acontecimentos?...

A' 25 de Março D. Pedro I apresentou-se na igreja de S. Francisco de Paula para assistir ao Te-Deum que os *liberaes* fazião celebrar em acção de graças pelo anniversario do juramento da constituição. Conselheiros intimos tinhão procurado desvial-o desse acto que reputavão imprudente, receiando projectos de assassinato. Elle desprezou os conselhos e foi: nem uma só voz o saudou á sua chegada : finda a solemnidade religiosa, sahio apertado entre duas alas de povo: quando hia montar á cavallo um exaltado gritou de perto : «viva o imperador emquanto cons-

titucional!...» elle respondeu sereno e sem hezitar:— « Fui, sou e serei sempre constitucional. » Já tinha dado de redea ao cavallo, e ouvio outro grito: «viva D. Pedro II!» sorrio-se, voltou a cabeça, e disse em resposta: « ainda é muito creança. »

Honrando a firmeza e coragem do imperador, muitas vozes o victoriarão então.

Os dias arrastavão-se pezados por sinistras apprehenções: as circumstancias peioravão: o governo mostrava-se tibio, ou peado, e a attitude dos liberaes exaltados cada vez mais ameaçadora.

Na tarde ou noute de 5 de Abril D. Pedro I, tomando resolução que devia considerar-se decidida e energica, mudou o ministerio, organizando o novo com seis senadores titulares, já por vezes ministros, todos muito impopulares, e entre elles o marquez de Paranaguá, que tanto figurára na dissolução da constituinte.

Era evidentemente ministerio de reação ante-liberal e adrede formado para esmagar, se podesse, a revolução que se antolhava prestes á romper.

A noticia da mudança ministerial publicada na manhã de 6 de Abril foi como um toque de rebate: ao meio dia começarão a reunir-se no Campo de Sant'Anna (actual Praça da Acclamação) grupos de paizanos que erão excitados por discursos violentos de tribunos exaltadissimos: ao anoutecer a reunião já era muito numerosa, e o povo reclamava em altas vozes a reintegração do ministerio de 20 de Março que fôra demittido.

E até o anoutecer desse dia o novo ministerio não tinha tomado providencia alguma com o fim de impedir a revo-

lução que aliás já se estava pronunciando na praça publica!...

Para fazer ouvir as reclamações do povo os juizes de paz que tinhão-se reunido tambem no Campo de Sant'Anna partirão para S. Christovão e apresentarão-se ao imperador que depois de ouvil-os, respondeu, negando-se á satisfazer á exigencia popular, e assegurando que era constitucional, que marchava com a constituição e que por esta lhe competia a livre escolha dos ministros.

No entanto ião avultando no Campo as massas populares já dirigidas por alguns deputados liberaes. A's oito horas da noute o commandante das armas (brigadeiro Francisco de Lima e Silva) sahio do quartel general (na mesma Praça da Acclamação) e foi dar conta ao imperador do estado das cousas e do pronunciamento do povo. D. Pedro I não se abalou, e manteve-se firme em não reintegrar o ministerio de 20 de Março.

Estavão no paço de S. Christovão ao lado do imperador todos os seus ministros, a situação não podia ser mais melindroza, e todavia a inacção era completa, e nem se ordenava medida alguma, que indicasse força e energia da parte do governo!...

Das dez horas da noute em diante os corpos militares de guarnição na capital forão marchando para o Campo e fraternizando com o povo que á esse tempo já se ostentava mal ou bem armado.

Em face da intervenção do elemento militar o general das armas despachou para S. Christovão o major Miguel de Frias Vasconcellos á participar ao imperador, quanto se estava passando e á rogar-lhe que cedesse aos pedidos do povo.

Recebendo o major Frias, e tendo acabado de ouvil-o, o imperador exclamou, referindo-se á reclamada reintegração do ministerio de 20 de Março.

— O mesmo ministerio, de fórma alguma!... isso é contra a minha honra e contra a constituição. Antes abdicar, antes a morte.

Diz-se que depois de reflectir por algum tempo, D. Pedro ordenára ao major Frias que esperasse, e mandára o intendente da policia, dezembargador Lopes Gama, procurar o senador Vergueiro para encarregal-o de organizar novo ministerio, e que infelizmente não fôra encontrado aquelle chefe liberal.

O certo e positivo é que D. Pedro I, tendo-se recolhido por alguns minutos, voltou commovido, trazendo na mão uma folha de papel aberta, e a entregou ao major Frias, dizendo-lhe:

— Aqui tem a minha abdicação. Estimo que sejão felizes. Eu me retiro para a Europa, e deixo um paiz que sempre amei e ainda amo.

Erão então duas horas da madrugada do dia 7 de Abril.

Ao romper do dia D. Pedro I ex-imperador com sua augusta espoza, com a rainha D. Maria II, o duque e a duqueza de Loulé, e alguns criados, sahio do palacio da Boa Vista, e embarcando em escaleres no caes de S. Christovão recolheu-se á bordo da náo ingleza *Warspite*.

Por decreto datado de 6 de Abril D. Pedro nomeou tutor de seus filhos que ficavão no Brazil ao conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, o venerando sabio e benemerito ministro da independencia.

Da náo *Warspite* escreveu cartas de despedida a seus

amigos, e consolado por saber que seu augusto filho, o Sr. D. Pedro II, fôra com o maior enthusiasmo do povo reconhecido e acclamado Imperador do Brazil, passou-se com a Imperatriz, no fim de tres dias, para a fragata ingleza *Volage*, ao mesmo tempo que a Rainha D. Maria II e os duques de Loulé tambem se transferião para a fragata franceza *Seine*.

No dia 13 de Abril de 1831 as duas fragatas sahirão do porto do Rio de Janeiro e D. Pedro deixou para sempre o Brazil.

A ultima phase do reinado do Imperador D. Pedro I, é na historia do Brazil curto periodo de quatro semanas incompletas, cheio, porém, de acontecimentos gravissimos, de erros lamentaveis, e, sobre tudo, de inacção e de fraqueza sem exemplo da parte do governo, as quaes serião indesculpaveis, se fosse possivel admittir que o Imperador as ignorasse, ou as tivesse tolerado por illusões de irresistivel fortaleza do seu poder.

Não se explicarão facilmente a vacillação e as contradicções politicas na organisação dos ministerios de 20 de Março e de 5 de Abril, e a pasmosa inercia deste em face da revolução á pronunciar-se no campo de Sant'Anna no dia seguinte!...

D. Pedro I estava profundamente desgostoso da opposição que soffria do partido liberal do Brazil, e tanto mais que esse partido tinha o apoio da grande maioria da nação.

Com esse desgosto coincidião as preoccupações da causa de sua filha, a Rainha D. Maria II, e as perspectivas da esplendida gloria da regeneração da liberdade constitucional portugueza.

Não faltavão insentivos á chamar á Europa o Imperador do Brazil, que aliás já tinha para deixar no throno do Imperio um filho, brazileiro de nascimento.

A idéa da abdicação da corôa preoccupava D. Pedro I ainda antes da sua chegada á cidade do Rio de Janeiro, em 11 de Março, quando voltava de Minas Geraes.

De 12 de Março á 6 de Abril as hesitações do Imperador comprehendem-se na lucta de dous sentimentos — o amor da filha e ambição de gloria na Europa — e o seu amor ao Brazil, cujo imperio independente fundára.

Foi por isso que entregando o auto de abdicação ao major Miguel de Frias, D. Pedro I desfez-se em lagrimas somente devidas á generosa commoção.

Não ha quem ponha em duvida que se o imperador quizesse á 6 de Abril resistir á revolução e combatte-la, teria de seu lado, pelo menos, uma parte dos corpos militares; e ninguem havia então, nem houve depois, que não désse testemunho da coragem e da bravura de D. Pedro I: elle, porém, não quiz appellar, nem consentio que se appellasse para o emprego da força armada, e não honra pouco sua memoria o ter poupado o sangue que se derramaria na capital do Imperio e nas provincias.

A abdicação de D. Pedro I, á 7 de Abril de 1831, sem que a precedessem medidas violentas e, menos ainda, choque de armas e combate, salvou a sua dignidade, e, o que é mais, salvou a monarchia constitucional no Imperio.

Acaba aqui a vida de D. Pedro I no Brazil. A historia de Portugal passou á dever-lhe paginas brilhantissimas registradoras de feitos heroicos e de serviços glorificadores.

A frente de immortal cohorte de bravos D. Pedro foi escrever aquella homerica epopéa do desembarque na cidade do Porto, da maravilhosa defeza dessa praça, da regeneração de Portugal, onde firmou o throno de sua filha D. Maria II com o governo monarchico-constitucional, vencendo trabalhos herculeos, que lhe gastarão as forças, e o levarão á sepultura aos trinta e seis annos de idade.

De 1831 á 1834, em que falleceu, D. Pedro I não tomou parte alguma, nem quiz influir directa ou indirectamente nas cousas do Brazil: fallando deste paiz, proferia sómente palavras generosas, manifestava saudades, e fazia votos pela sua prosperidade. O unico acto que praticou com relação ao imperio do Brazil, foi o reconhecimento, como princeza brazileira; de sua filha nascida na Europa a 1 de Dezembro de 1831 e fructo do seu segundo casamento.

De 1832 a 1834 o nome de D. Pedro I foi no Brazil a bandeira hasteada pelo partido que se denominou — caramurú ou restaurador.—

D. Pedro nem promoveu, nem animou esse partido, que o chamava de novo para o Brazil ou como imperador restaurado ou como regente. O mais que avançarão com apparencias de fundamento alguns, foi que elle respondêra á proposições e instancias de commissarios restauradores, dizendo: «só voltarei para o Brazil, se em grande maioria as camaras municipaes desse imperio m'o pedirem em representações.»

D. Pedro I falleceu em Lisboa no dia 24 de Setembro de 1834; a cidade do Porto, theatro de sua maior gloria na Europa, guarda ufana o seu coração, preciosissimo legado do herôe. Duas nações, um imperio, e um reino guardão a sua memoria nos Pantheons de sua historia nacional.

No Brazil foi em 1862 levantada grandiosa estatua equetre de D. Pedro I na Praça da Constituição na capital do imperio, sendo esse monumento devido não aos cofres do thezouro publico; mais á voluntaria subscrição de numerosos cidadãos.

Em seu reinado de nove annos incompletos o primeiro imperador do Brazil não foi feliz : a dissolução da constituinte em 1823, devorciando-o dos liberaes, foi erro de funestas consequencias.

De 1824 em diante D. Pedro I que se dizia constitucional que se ufanava de sel-o, nem sempre mostrou que realmente o era : levado, impellido pela consciencia de suas boas intenções, fez muitas vezes sentir o seu poder pessoal, que ministros lisonjeiros animarão, e não souberão dissimular. A maior infelicidade de um principe reinante constitucional é não ter ministros que saibão dizer-lhe — não, — quando a justiça e o direito aconselhão dizel-o. Essa infelicidade perseguiu mais que muito o primeiro imperador do Brazil.

Perto de meio seculo já lá vae depois que desappareceu dentre os homens D. Pedro I, e a historia imparcial e severa que registra seus erros, justa e devidamente honorificadora de sua memoria o apresenta á posteridade com o explendor de titulos tão grandiosos que obrigão a admiração.

D. Pedro de Alcantara Bourbon foi o chefe da revolução e proclamador da independencia e fundador do imperio do Brazil — regenerador da liberdade e da monarchia constitucional portugueza — recebeu em sua fronte augusta duas corôas, uma de imperador do Brazil, outra de rei de

Portugal, e abdicou-as ambas voluntariamente — floresceu, influiu predominantemente, imperou, e regeu em duas nações no Brazil, e em Portugal, e em ambas deixou plantadas instituições livres —foi architecto de dous monumentos politicos, e herôe em dois mundos.

13 DE OUTUBRO

JOÃO DE MELLO

Jezuita, poeta, e litterato notavel, João de Mello nasceu em Pernambuco no anno de 1706.

Os jezuitas reconhecendo o seu bello talento, attrahirão o joven para o seio da Companhia, e disso em breve se applaudirão, vendo realisarem-se todas as suas esperanças.

O padre João de Mello honrou a Companhia de Jezus pela sua vasta illustração, e por seus serviços na predica, e nas missões.

Escreveu poesias em portuguez, e em latim, sendo nestas reputado distincto e de superior merecimento.

O abbade Diogo Barbosa na sua Bibliotheca Luzitana e outros criticos louvão as poesias do padre João de Mello pela pureza da lingua, e pelo fino gosto.

Faltão datas averiguadas para que alguma servisse ao registro regular de seu nome, que fica arbitrariamente inscripto no dia 13 de Outubro.

14 DE OUTUBRO

JOAQUIM GOMES DE SOUZA

Intelligencia descommunal e admiravel que se apagou precocemente, Joaquim Gomes de Souza, filho legitimo do major Ignacio José de Souza e de D. Antonia de Brito Gomes de Souza nasceu á 15 de Fevereiro de 1829 na provincia do Maranhão, á margem esquerda do caudaloso Itapicurú na bella vivenda campestre de seus paes.

Cedo, logo no fim da segunda infancia em sua fronte se indiciava a aurora do genio.

Em 1841 foi mandado para Pernambuco em companhia de seu irmão mais velho, que ali cursava as aulas de direito, fallecendo-lhe porém o irmão, suspendeu seus primeiros estudos de humanidades e teve de recolher-se á casa de seus paes.

Em 1843 veio para o Rio de Janeiro, assentou praça de cadete no 1° batalhão de artilharia, e matriculou-se

na academia militar, fez brilhante exame do primeiro anno, e em 1844, vencida a opposição paterna, passou á matricular-se na escola de medicina, tendo em pouco tempo estudado todos os preparatorios exigidos.

Em 1847 fez acto do terceiro anno medico, obtendo como nos dous primeiros approvação *optime cum laude*, e ousou requerer exame vago de todas as materias do curso de engenharia!... a congregação dos lentes da academia militar não attendeu ao requerimento do *pretencioso menino*; mas Gomes de Souza teimando, obteve por patronos primeiro o senador Saturnino da Costa Pereira, depois os conselheiros senador Candido Baptista, e Bellegarde, tres mathematicos de grande merecimento, e que recebendo-o em visita recommendado, o despedirão admirados. Forão vencidos todos os obstaculos, e depois de feitos um á um e vagos os exames de todas as materias do curso respectivo, Gomes de Souza aos 10 de Junho de 1848, isto é aos dezenove annos de idade tomou o gráo de bacharel em sciencias mathematicas e physicas, á 14 de Outubro defendeu these e graduou-se doutor de borla e capello, e pouco depois conquistou em concurso um lugar de lente substituto.

Essa intelligencia prodigiosa abarcava tudo!... mathematicas, sciencias naturaes, medicina, litteratura, poesia, estudo de linguas vivas e mortas.

Em 1847 publicou Gomes de Souza no *Guanabara* os fragmentos de uma obra sobre calculo integral que estava escrevendo. Sahio á combatel-o um mestre, o dr. Joaquim José de Oliveira, lente da academia, e na contenda primou o joven de vinte annos.

Em 1852 foi nomeado membro da commissão directora

da construcção e do regimen interno da casa de correcção da cidade do Rio de Janeiro, e prestou notaveis e apreciados serviços.

Sua compleição fraca e seus estudos que tocavão ao excesso começavão á arruinar-lhe a saude.

Em 1854 partio para a Europa; e lá auxiliado, ou illudido pelo clima estudou em França, na Inglaterra, e na Allemanha, se é possivel, ainda com mais ardor, do que no Rio de Janeiro.

Estava na Allemanha, quando soube que tinha sido eleito deputado á assembléa geral pela sua provincia, a do Maranhão .

De 1857 á 1860 Gomes de Souza sem distinguir-se como habil em politica, resplendeu na tribuna parlamentar como homem de profundos estudos, e como intelligencia superior.

Mas seus soffrimentos physicos se hião aggravando. Tornára á Europa e de lá voltára á presentir morte proxima...

Reeleito deputado apenas em duas sessões da nova legislatura apparecêra na camara para em discursos magistraes dar provas de sua sabedoria.

Em 1863 ainda foi pedir lenitivo, melhoras, esperanças vãas ao clima europeu.

No dia 1° de Junho de 1863 morreu em Southampton, na Inglaterra, embalde os cuidados e os esforços de amigos dedicados, e dos mais illustres medicos.

O dr. Joaquim Gomes de Souza foi quasi suicida pelo amor, e pela paixão da sciencia.

15 DE OUTUBRO

MIGUEL DE FRIAS VASCONCELLOS

No dia 15 de Outubro de 1805 nasceu no Rio de Janeiro Miguel de Frias Vasconcellos que seguio a carreira militar pela vontade de seu pae o tenente-coronel Joaquim de Frias e Vasconcellos.

Aos 5 annos de idade assentou praça como cadete no 1° regimento de cavallaria; annos mais tarde e já official de artilharia, cursava ao mesmo tempo a escola militar, e ali distinguio-se pelo seu talento e pela sua applicação, chegando dentro de poucos annos a servir de lente e de examinador na mesma academia.

Em 1828 com o seu incontestavel merecimento havia já conquistado as dragonas de major graduado, e em 1831 achava-se encarregado da repartição do quartel-mestre-general, quando os criminosos excessos do mez de Março desse anno, e á effervescencia popular fizeram prorompem o movimento de 6 de Abril.

O major Frias era conhecido pelo nobre e fervente espirito de nacionalidade e pelas suas idéas liberaes: se á lucta

chegasse a travar-se, não seria duvidosa a sua posição: D. Pedro I, porém, mostrou-se grande e generoso na hora da adversidade: não quiz que corresse o sangue brazileiro, e abdicando salvou o Brazil e a monarchia. A ultima palavra do imperador que descia de um throno foi recebida pelo major Frias, a quem disse, entregando o decreto da abdicação: « Aqui está a minha abdicação. Desejo que sejam felizes! Retiro-me para a Europa, e deixo um paiz que tanto amei e ainda amo. »

Os primeiros annos da monarchia de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II marcam uma épocha dolorosa para o Brazil: as revoltas se succediam umas ás outras, o exercito indisciplinado tornára-se um perigo, e por isso fôra dissolvido; o governo luctava quasi sem força no meio das facções, e só um milagre de patriotismo pôde suster o paiz, que ia precipitar-se na anarchia.

E' neste periodo tormentoso, que grave erro vem interromper a bella carreira do Miguel de Frias e obrigal-o á um exilio, que o privou da patria, e a ella dos seus serviços. Ligado ao partido que se achava em opposição, e que tomára o titulo de exaltado, o major Frias, que com outros officiaes se achava preso em uma das fortalezas, toma parte nos planos de uma revolução; e ignorando que ella tivesse abortado, revolta-se na fortaleza, e á frente de poucos companheiros vem desembarcar na cidade, e marcha para o campo de Sant'Anna no dia 3 de Abril de 1832. Debalde amigos que o encontram lhe annunciam a sua perda infallivel: « E' tarde, responde elle, já dei o primeiro passo. » O resultado dessa luta era de prever. A legalidade triumphou facilmente, e o major Frias teve de emigrar.

Porque não ha de a historia esclarecer ponto geralmente

desconhecido e que muito honra a generosidade de quem o praticou?...

Em poucos minutos o major Luiz Alves de Lima (é o actual Sr. duque de Caxias) á frente do corpo de policiaes permanentes (que não tinha ainda duzentas praças) desbaratára o bando de revoltosos de 3 de Abril, que apenas derão um tiro de peça de artilharia trazida da fortaleza.

O major Frias fugio á todo correr do seu cavallo, e o então major Sr. Luiz Alves de Lima o seguio para cumprir o dever de prendel-o; mas na corrida fazendo movimento de redeas e dobrando o corpo afim de escapar á um tiro de pistola, com que se precipitára a ameaçar-lhe a vida um rude e phrenetico partidario, o seu cavallo prancheou, e o major Frias poude graças a isso distanciar-se.

Avançando de novo, o então major e actual Sr. duque de Caxias, e ouvindo á espontaneos informantes que o chefe da revolta se azilára em uma casa da rua do Sabão da Cidade Nova, teve de dirigir-se á ella e de usar do direito de correl-a em procura do homem legalmente perseguido. O dono da casa, o respeitavel protector deu logo entrada ao valente major Luiz Alves de Lima, que avançando da sala por um corredor, vio uma porta trancada; mas conservanvando a chave, deu então volta á esta, abrio a porta, e olhou...

O major Frias estava em pé no meio do quarto azilador...

O major Luiz Alves não quiz ver... a generosidade cegou-o... fechou de novo a porta, e sahio.

Miguel de Frias poude assim escapar á prisão, e emigrar depois para os Estados-Unidos.

Quem será capaz de não applaudir a acção magnanima

daquelle que incorreu em tão generosa, e sublime cegueira logo depois do combate, e da victoria embora faceis?...

O Brazil abre o seio, e nelle recebe com amor o major Frias que volta á terra da patria depois de dous annos de exilio : começa sntão, ou dentro em pouco uma serie não interrompida de serviços relevantes prestados pelo distincto brazileiro.

Em 1842 o então conde e actual Sr. duque de Caxias, partindo para o Rio Grande do Sul, onde o esperava a gloria da pacificação daquella importante provincia do Imperio, lembra-se do seu irmão de armas; o distincto general não podia em verdade esquecer-se do bravo que em 1828 denodadamente se batêra contra os soldados estrangeiros revoltados na capital. O major Frias acode á voz da patria, serve com distincção nos campos do Sul até o anno de 1844; e quando outra vez sôam as trombetas, e o Brazil tem de desaggravar-se dos ultrajes e da ousadia do dictador de Buenos-Ayres, outra vez o bravo Miguel de Frias corre para onde tremúla a bandeira nacional, prompto a dar a vida pela terra de seu berço.

Assim a brilhante carreira militar de Miguel de Frias que fôra interrompida em 1832, de novo era marcada por serviços relevantes : sua estrella, que uma vez as nuvens da tempestade tinham obscurecido, tornava a scintillar no céo brazileiro, e o bravo official ia recebendo o premio do seu merecimento nos postos á que por direito subia.

Mas não era só no campo da honra e da batalha que Miguel de Frias e Vasconcellos conquistava os fóros de benemerito. O governo do Estado pôz quasi constantemente em tributo a sua bella intelligencia e os seus conhecimentos de engenheiro, assim como a sua habilidade e activa soli-

cidade de administrador, confiando-lhe os importantes cargos de director do arsenal de guerra, de director das obras militares, de inspector geral das obras publicas, que exerceu por duas vezes, e de membro da commissão de melhoramentos do material do exercito, a presidencia da qual occupava ainda quando veio a morte cortar o fio da sua existencia.

Além dos variados e espinhosos trabalhos de administração que por passarem desapercebidos aos olhos do publico nem por isso deixão de ser interessantes, e em muitos casos de elevada transcedencia, Miguel de Frias legou á capital do Imperio, como engenheiro, obras que o recommendarão á consideração do governo e á gratidão do povo : entre outras falla por todas o encanamento das aguas de Maracanã, que salvou especialmente a população pobre da calamidade da sede, que em alguns periodos de grande secca se fizera sentir, e levou a agua ás portas de todos, tornando então o Rio de Janeiro uma das mais notaveis cidades do mundo debaixo deste ponto de vista.

Os Fluminenses não podião cerrar os olhos a tanto merecimento : o nome de Miguel de Frias e Vasconcellos, que já uma vez tinha sido contemplado entre os nove escolhidos do povo para edilidade da capital, foi de novo pronunciado nas vesperas de uma eleição ; e elle membro constante e firme do partido liberal, achava-se então, como os seus companheiros, no campo da opposição : embora ! as urnas eleitoraes fallarão, e uma votação espontanea e numerosa elevou esse digno brazileiro á presidencia da camara : julgou-se que o processo eleitoral tinha sido viciado, e o governo declarou nulla a eleição : embora outra vez ! as urnas fallarão de novo, e Miguel de Frias e Vasconcellos

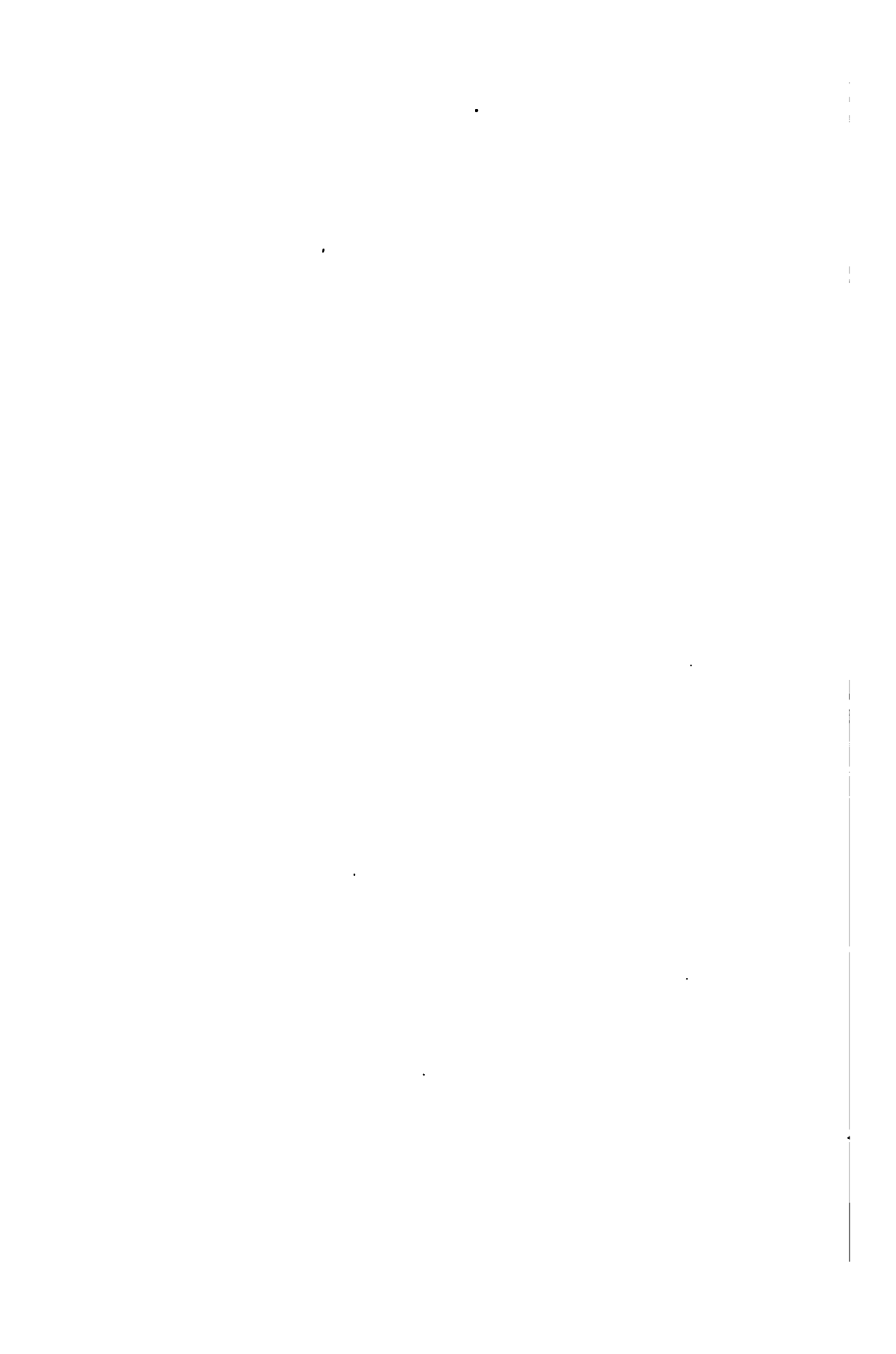
obteve ainda maior numero de votos: estas victorias não lhe custárão nem empenho proprio nem trabalhosa recommendação de amigos : essa candidatura era a manifestação eloquente e decidida de geraes sympathias : em suas listas o povo escrevia o nome de Miguel de Frias a impulsos do proprio coração.

E ainda não basta : não se encontra o nome do brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos unicamente na campanha como soldado ; no arsenal de guerra, nas obras militares e publicas, como administrador e engenheiro : o tempo lhe sobrava ainda para consagrar-se aos mais philantropicos trabalhos.

Na qualidade de socio, e depois de presidente da Imperial Sociedade Amante da Instrucção, dedicou-se com um zelo e com um amôr de verdeiro catholico ao cuidado e auxilio da infancia orphã e desvalida contribuindo com todas as suas forças para facilitar-lhe a instrucção primaria e a educação, doce alimento do espirito, que deve preparar nessas innocentes criancinhas marcadas pelo sello do infortunio, mãis de familia que honrem a sociedade. Graças em parte á actividade e ao systema de economia que soube empregar, auxiliado por companheiros muito dignos, o distincto presidente da Sociedade Amante da Instrucção conseguio que essa bella e nobre instituição accumulasse um capital de 100:000$, que dá segurança real ao futuro de suas escolas, e á frente da sociedade lançou no morro das Neves os fundamentos de um novo estabelecimento destinado á instrucção e educação dos orphãos desvalidos de ambos os sexos, e muito mais conseguiria ainda, se não tivesse chegado á hora extrema da vida.

No grande coração do brigadeiro Miguel de Frias e Vas-

concellos o amôr do proximo, a caridade avultava tanto como era notavel o seu desinteresse. Um facto basta para proval-o: diversos capitalistas e cidadãos reconhecidos aos seus serviços determinárão offerecer-lhe um presente em recordação das obras por elle realisadas do encanamento das aguas de Maracanã: abrirão para esse fim uma subscripção, cujo producto elevou-se a perto de sete contos de réis. Miguel de Frias e Vasconcellos aceitou a offerta dos ricos em beneficio dos pobres, e aquella quantia foi levada aos cofres da Imperial Sociedade Amante da Instrucção. Quando batia já ás portas do tumulo convidava com instancia a um amigo e parente para que, em seu nome e por sua conta fosse obter de um capitalista dezeseis contos de réis para a conclusão das obras do seminario daquella mesma sociedade hypothecando em garantia seus proprios bens.

Esse benemerito da patria morreu aos 25 do mez de Maio de 1859.

16 DE OUTUBRO

FELISBERTO CALDEIRA BRANT PONTES

MARQUEZ DE BARBACENA

A 19 de Setembro de 1772 nasceu no arraial de S. Sebastião, perto da cidade de Marianna, provincia de Minas Geraes, Felisberto Caldeira Brant filho legitimo do coronel Gregorio Caldeira Brant e de D. Maria Francisca de Oliveira Horta: pelo lado materno pertencia á distincta e importante familia mineira, e pelo lado paterno á familia oriunda de Utrecht, na Hollanda, tendo vindo seu bisavô Ambrosio Caldeira Brant estabelecer-se no Brazil em 1700.

Estudou preparatorios em Minas Geraes, veio para o Rio de Janeiro em 1786, e tendo de passar com outros

seus collegas por exame publico em presença do vice-rei Luiz de Vasconcellos, taes provas deu, que o vice-rei o mandou convidar para jantar com elle nesse dia em signal de distincção.

Depois de assentar praça de cadete, seguio para Lisboa em 1788, e sob os conselhos e direcção de seu tio Manoel José Pires da Silva Pontes, lente da academia de marinha daquella capital, e de quem tomára desto então o sobrenome *Pontes* por gratidão, entrou para o collegio dos nobres do qual passou para a academia de marinha.

O ministro Martinho de Mello, trâtando de reformar a academia, ordenou, para incentivo dos alumnos, que tivessem postos de accesso os estudantes premiados, e o joven brazileiro Brant Pontes no fim dos cinco annos do curso academico, e aos desenove annos de idade, tantas vezes premiado fôra, que lhe competia o posto de capitão de mar e guerra; não lh'o deu o governo por achal-o demasiado moço e, a seu pedido, passou-o para o exercito, nomeando-o major do estado maior e ajudante de ordens de D. Miguel de Mello, governador da Angola, devendo servir ali dous annos.

Em Angola distinguio-se logo, offerecendo-se para sahir, como sahio, com os dous navios de guerra que ali havia, á dar caça á dous corsarios francezes que ameaçavão os portos visinhos e de Benguela; os corsarios poderão escapar, e não tornarão a apparecer, e Brant Pontes, o joven official que os procurára e perseguira, teve em premio o habito da ordem de Christo.

Terminados os dous annos de residencia, deixou Angola, passou pela Bahia, onde se demorou alguns mezes, e chegando á Lisboa, obteve a nomeação de tenente-coronel do

1° regimento de linha da Bahia, e nessa cidade recebeu em casamento, á 27 de Junho de 1801, D. Anna Constança Guilhermina de Castro Cardoso, filha de Antonio Cardoso dos Santos, um dos mais ricos commerciantes daquella praça, e proprietario muito importante da capitania. A consideravel fortuna do sogro ficou logo á disposição do genro.

Brant Pontes illustrado e rico, sem deixar a carreira militar, occupou-se tambem do commercio e da agricultura, estendeu e elevou as proporções commerciaes da casa de seu sogro, introduzio melhoramentos agricolas nas fazendas, mandou vir machina a vapor de moer cannas, que assentou no engenho de seu cunhado, o coronel Antonio Cardoso, e á expensas suas abrio quarenta e duas legoas de estrada de S. Jorge dos Ilhéos ao arraial da Conceição, empregando nesse trabalho duzentos e quarenta escravos de suas fazendas.

Em 1805 chegou á Bahia a esquadra ingleza commandada pelo almirante Popham com destino á Buenos Ayres e trazendo a seu bordo dez mil homens: precisava o almirante de dinheiro para reparos e fornecimentos, e encontrou difficuldades que Brant Pontes desfez, emprestando sem juros sessenta e sete contos de réis em moeda forte, recebendo letras sobre o thesouro inglez, pelo que teve do almirantado britanico em nome do governo agradecimentos e seguranças de gratidão. Já nesse mesmo anno o principe Jeronymo Bonaparte aportára á Bahia em esquadra franceza, e tão obsequiado fôra por Brant Pontes, que entre outros presentes lhe dera uma espada.

A generosidade e gosto de apresentação e de tratamento condignos á sua fortuna e á sua posição social caracterisá-

rão sempre Brant Pontes, que por isso morreu muito afastado da opulencia, que poderia ter legado á seus ilhos.

Mas elle não cuidou somente dos interesses de sua casa, e dos gosos e do esplendor da vida do rico: introduzio no Brazil a *vaccina* á propria custa, e fez navegar pelo Reconcavo até á villa, depois cidade da Cachoeira, a 4 de Outubro de 1819, o primeiro barco movido a vapor que a Bahia saudou, e teve, correndo as despezas por conta de Brant Pontes.

Estes serviços antecederão e succederão á uma viagem que com sua familia fez á Lisboa o generoso credor de Popham e esplendido obsequiador do principe Jeronymo Bonaparte, que por isso se tornára objecto de ciumes e de reparos de quem na maior posição official da capitania não pudera ou não devêra fazer tanto.

Em 1807 Brant Pontes acompanhou a familia real portugueza para o Brazil; mas ficou na Bahia, onde tinha suas propriedades.

Em 1811 foi promovido á brigadeiro graduado e inspector geral das tropas da Bahia: disciplinou os corpos de linha e de milicias, levantou a planta militar da provincia, fundou o monte-pio para os officiaes militares, e contribuio para o estabelecimento da caixa dos descontos da Bahia, filial do Banco do Brazil.

Em 1817 foi principalmente Brant Pontes quem á tempo conseguio poupar a Bahia á grande tormenta da revolta que rebentára em Pernambuco, e que contava com o apoio dos bahianos

A noticia da revolução de Portugal em 1820 pozera em exaltação o Brazil, onde as tropas lusitanas por impulso de patriotismo, e os brazileiros por amor das ideas liberaes

adherirão áquelle grande movimento. O Pará pronunciou-se nesse sentido a 1 de Janeiro de 1821. Na Bahia operou-se o pronunciamento á 10 de Fevereiro.

Brant Pontes recusára fazer parte do club director da revolução ; porque tudo lhe indicava que esta tendia principalmente á restituir á Lisboa sua antiga preponderancia com abatimento do Brazil.

No dia 10 de Fevereiro, reunindo-se muito povo na praça do palacio, e no forte de S. Pedro, quartel do regimento de artilharia, ordenou o capitão general conde de Palma ao marechal Brant Pontes que fosse examinar o estado daquelle regimento. O marechal partio a cavallo com duas companhias de infantaria, e vendo já nas proximidades do forte de S. Pedro uma peça de artilharia postada e um destacamento com official, mandou fazer alto aos soldados que levava, e avançou seguido apenas pelo seu pagem ; logo porém o official deu a voz de fogo, e ao tiro da peça Brant Pontes recebeu uma bala na espada, atravessou-lhe outra o chapeo, seu pagem cahio morto e elle escapou arrebatado pelo cavallo que ferido disparára.

A revolução não achou resistencia : O conde de Palma e os diversos chefes reunirão-se na casa da camara atopetada de povo: o marechal Brant Pontes ali mostrou-se e se manteve á despeito de invectivas e de vozes que exigião a sua retirada.

Lavrou-se a acta do pronunciamento, conforme as instrucções recebidas de Lisboa, e começando ella á ser lida, Brant Pontes, ouvindo que se assegurava obediencia á constituição, que fizessem as côrtes em Portugal, pedio a palavra e disse, que uma vez que se quebrava o jugo do absolutismo, o que mais convinha ao Brazil era declarar-se independente e fazer a sua constituição.

Esta idea foi reprovada no meio de novas invectivas e de ameaças dirigidas ao proponente.

Continuando a leitura da acta, e declarando-se nella que o Brazil aceitava sua *sujeição* á Portugal, Brant Pontes exclamou:

— *Sujeição*!... substituão ao menos essa palavra por *adhesão*: diga-se — presta sua *adhesão*.

A palavra foi substituida.

Estes factos são aqui mais extensamente lembrados; porque a 10 de Fevereiro de 1821 o marechal Brant Pontes ostentou a mais altiva e indomavel coragem, e assignalou o seo patriotismo vidente e como que adivinhador da politica da constituinte portugueza em relação ao Brazil.

Recebendo avisos e denuncias de que o pretendião assassinar, Brant Pontes veio para o Rio de Janeiro em uma fragata ingleza, apresentou-se ao governo e com licença deste segio para Inglaterra, e ali ficou residindo em Londres.

Em 1822 exultou, recebendo a noticia do acontecimento de 9 de Janeiro, em que o princepe regente, desobedecendo ao decreto das côrtes de Lisboa e do rei, declarára *ficar no Brazil*, e dos seguintes e successivos actos precursores da proclamação da independencia. Brant Pontes encetou logo activa correspondencia com o ministro José Bonifacio, offerecendo sua pessoa e bens para o serviço da patria; engajou officiaes de marinha e marinheiros, cujo transporte para o Brazil pagou á sua custa, animou negociantes á remetterem petrechos bellicos, de que o seu paiz precisava, e até recebido, em caracter particular embora, pelo ministro Canning, procurou movel-o á auxiliar o governo brazileiro.

Em 1823 eleito deputado á constituinte brazileira pela

sua provincia, voltou á patria, tomando á 11 de Outubro assento naquella assemblea dissolvida um mez depois.

A importancia e a reputação de Brant Pontes já erão taes, que apenas a quatro semanas presente á constituinte foi eleito para a commissão especial encarregada de dar parecer sobre o assumpto, cuja discussão servio de motivo á triste e mal aconselhada dissolução.

Convidado logo depois desse fatal acontecimento politico para entrar no ministerio com as pastas da guerra e marinha, Brant Pontes prudentemente excusou-se; no anno seguinte porém partio para Bahia no empenho de conciliar os animos ressentidos pela dissolução da constituinte, e de fazer aceitar a constituição offerecida pelo imperador.

Em 1824 Brant Pontes já agraciado com o titulo de visconde de Barbacena pelo imperador que dous annos depois o elevou á marquez, partio para Londres encarregado de negociar um emprestimo, e tratar do reconhecimento definitivo da independencia do Brazil. Effectuou o imprestimo com vantajozas condições para o seu paiz; no outro empenho porém elle e o seu collega vinconde de Itabayana, que erão os plenipotenciarios brazileiros não chegarão a accordo com o plenipotenciario portuguez, e o governo inglez, movido por seus interesses, despachou Sr. Chales Stuart para Lisboa, donde esse diplomata, depois de entender-se com o governo de D. João VI, seguio para o Rio de Janeiro á conseguir por seus conselhos e influencia britanica o tratado do reconhecimento da independencia, o qual tão pouco agradavel foi aos brazileiros.

O marquez de Barbacena voltou á capital do imperio, achou-se em breve contemplado em listas para senadores offerecidas á escolha da corôa por tres provincias, Bahia,

Minas Geraes, e Alagoas. O imperador o escolheu por esta ultima provincia á 19 de Abril de 1826, e elle foi portanto membro do senado na organisação primitiva dessa camara vitalicia.

Ardia a guerra da Cisplatina desde 1825.

A confederação argentina francamente ambicionando absorver a Banda Oriental entrára por terra e mar em luta desesperada com o Brazil. Erros, intrigas militares, abusos e infortunios desaproveitavão a bravura das tropas brazileiras. D. Pedro I foi para o Rio Grande do Sul; mas, quasi apenas chegado ali, teve de voltar ao lugubre annuncio da morte da imperatriz, deixando nomeado general em chefe o marquez de Barbacena que o acompanhava.

O estado do exercito era lastimoso: faltava tudo aos soldados, e tudo para o desenvolvimento de um plano de campanha. O marquez de Barbacena assumio o commando em chefe em Janeiro de 1827: activo e energico improvisou recursos, reunio ao exercito a respectiva esquerda que se achava á oitenta legoas do centro, procurou o inimigo e com forças aliás inferiores deu a batalha de Iturango á 20 de Fevereiro.

Não cabe aqui o estudo e a critica dessa batalha: depois de onze horas de fogo, sentindo falta d'agua, os soldados em tormento pelo calor excessivo e pelo fummo provenientes do incendio dos campos circumvisinhos á que recorrera o inimigo e emfim duvidando do exito da acção, o marquez de Barbacena ordenou a retirada para o Caciquy, ponto estrategico á meia legoa de distancia.

A retirada effectuou-se regularmente, á passo ordinario, e sem a menor perturbação da ordem dos batalhões: o inimigo nem moveu-se para aproveital-a, como o faria, se

fosse vencedor, perseguindo vencidos, e nem uma só vez, depois nem um só dia procurou incommodar o exercito brazileiro, e menos encontrar-se com elle. E é preciso não esquecer que o marquez de Barbacena dera a batalha com *seis mil e seis centos homens* contra *dez mil cento e quarenta*.

E' esta a famosissima victoria *de Ituzaingo*, a maior gloria marcial de que se desvanecem os argentinos.

O marquez de Barbacena soffreu graves censuras pela ordem que déra para a retirada do exercito e parece demonstrado por investigações posteriores que por pouco mais que durasse a batalha, seria incontestavel e decidida a victoria das armas brazileiras; mas não houve general, official, nem soldado que não désse testemunho da coragem e da serenidade, com que o marquez commandára e dirigira a acção exposto sempre ao fogo do inimigo e mostrando-se impertubavel do principio ao fim.

Dimittido do commando do exercito, o marquez de Barbacena não perdeu com tudo a alta confiança de D. Pedro I; pois no mesmo anno de 1827 partio para a Europa incumbido de duas importantes commissões de caracter reservado, devendo procurar nas principaes côrtes do velho mundo uma princeza para consorte do imperador, e examinar os negocios politicos de Portugal, e os sentimentos e disposições dos gabinetes das grandes potencias relativamente áquelles negocios.

O marquez de Barbacena de volta da Europa em principios de 1828 deu conta de suas commissões: se o desempenho da primeira satisfez plenamente á D. Pedro I, o da segunda augmentou as suas apprehensões: a causa da rainha D. Maria II, em quem o imperader, seu pae, abdicára a coróa de Portugal, perigava; pois que o principe D. Miguel,

faltando aos compromissos que tomára em Vienna d'Austria, firmava-se no partido absolutista, e evidentemente hasteava a bandeira de sua propria dynastia.

Por ordem de D. Pedro I voltou o marquez á Europa, acompanhando, como tutor, a joven rainha D. Maria II, que devia ser confiada aos cuidados de seu avô materno o imperador d'Austria, e recebendo igualmente instrucções e poderes para a celebração da ceremonia dos esponsaes com a princeza D. Amelia de Leuchtemberg futura e segunda imperatriz do Brazil.

A' 5 de Julho de 1828 partio do Rio de Janeiro a rainha D. Maria II acompanhada pelo marquez de Barbacena.

Chegando á Gibraltar, e communicando com a terra, soube o marquez que D. Miguel já estava acclamado em Portugal rei absoluto, e recebendo informações confidenciaes do visconde de Itabayana, ministro brazileiro em Londres, de que a chamada *santa alliança* protegia a consoladição do governo absoluto de D. Miguel, tomou a grande responsabilidade de não seguir para Vienna, cuja côrte se tornára suspeita, e levou a rainha para Londres, participando á D. Pedro I os motivos do seu procedimento e pedindo-lhe novas ordens.

A joven rainha recebeu do governo inglez acolhimento condigno e do povo sympathicas e generosas demonstrações; mas dentro em pouco o ministerio do duque de Wellington e de lord Aberdeen desejoso de agradar ao rei de França e ao principe de Metternich instava com o marquez para levar á Vienna D. Maria II: Metternich esgotou todos os seus recursos nesse empenho; Barbacena porém resistio á tudo, e ao gabinete de S. James respondeu, que sahiria de Inglaterra, se recebesse ordem positiva para deixar esse paiz. Respondendo assim, elle estava certo de que o governo

inglez não ouzaria arrostar a opinião publica pronunciada contra D. Miguel, e á favor da rainha.

Chegarão emfim as ordens de D. Pedro I : elle determinava que sua filha, a rainha D. Maria II voltasse para o Rio de Janeiao em companhia da segunda imperatriz do Brazil.

A' 16 de Outubro de 1829 chegarão á côrte do imperio as augustas imperatriz e rainha e o marquez de Barbacena que as acompanhava.

Illustrado e perfeito conhecedor das theorias e das praticas parlamentares do governo inglez, e apprehensivo dos erros e da direcção politica do governo do Brazil, o marquez de Barbacena, aproveitando a influencia que lhe davão no animo do imperador seus grandes serviços recentes, fez ouvir observações e conselhos que forão attendidos. Em Dezembro de 1829 encarregou-se de organisar ministerio, tomou a pasta da fazenda, e bem que escolhesse, ou se sujeitasse á aceitar por collegas alguns estadistas que os liberaes repugnavão, procedeu de modo á grangear o apoio dos moderados d'aquelle partido. Conseguio que D. Pedro I conviesse na partida para a Europa de dous dos seus creados e certezãos suspeitos e accusados de indebita e poderosa intervenção nos negocios politicos do Estado : dimittio os presidentes de provincias e os funccionarios impopulares ; mandou dissolver a sociedade das *columnas do throno* em Pernambuco e suas filiaes no Ceará denunciadas pela imprensa como conspiradoras absolutistas, ordenando que fossem processados seus membros ; reduzio as forças de mar e terra conforme as leis decretadas, e recommendou á todos os delegados do poder executivo justiça, moderação, e tolerancia.

Elle queria governar á *ingleza* : governar com a responsabilidade de seus actos e livre do poder pessoal do imperador.

Aberta a nova camara da segunda legislatura o marquez de Barbacena foi recebido sympathicamente pelos liberaes moderados.

D. Pedro I não soube aproveitar a esperançosa situação que se desenhava no horisonte politico do imperio. Ou desconfiança inexplicavel, ou intriga palaciana, ou quer que seja, de subito, inesperadamente á 5 de Outubro a *Gazeta Official* publicou o decreto que dimittia de ministro da fazenda o marquez de Barbacena, e, peior que isso, contra os estylos até então seguidos, o decreto aggravava o acto da dimissão, dando a esta fundamentos que não erão honrosos para o ministro, isto é a conveniencia de liquidar a divida de Portugal contrahida pelo tratado de 29 de Agosto de 1825, sendo necessario para esse fim tomarem-se primeiro as contas da caixa de Londres, examinando as *grandes despezas* feitas pelo marquez de Barbacena tanto com S. M. Fidelissima, como com os emigrados portuguezes na Inglaterra, e especialmente com o casamento do imperador, o que não se podia verificar legalmente, exercendo o marquez o ministerio da fazenda.

O marquez de Barbacena não se submetteu silencioso : dirigio ao ministro referendador do decreto da sua dimissão longo officio que logo depois publicou em folheto avulso, no qual se defendeu vigorosamente, combatendo as asserções contidas no decreto ; mas não parou ahi, e semeou no seu officio allusões ao governo pessoal do imperador, que elle contrariára, e á influencia de uma camarilha secreta.

Esse officio produzio impressão profunda no espirito

publico, foi nocivo ao imperador, e na sessão de 1830 a opposição liberal da camara tomou-o por thema de suas aggressões ao novo ministerio.

O marquez de Barbacena não tomou parte nos acontecimentos de Março e Abril de 1831 que precederão a abdicação; com a publicação porém daquelle officio concorreu por certo indirectamente para augmentar o desgosto do povo e excitar as flammas da opposição.

De 1831 á 1835 conservou-se elle no seu posto no senado, frequentando a tribuna, na qual se mostrou sempre monarchista constitucional, e notavel conhecedor de economia politica e de administração financeira.

Tendo de ir á Inglaterra em 1836 o regente Feijó nomeou-o ministro plenipotenciario para tratar da interpretração do tratado de commercio que então devia cessar com a Grã Bretanha ; nada porém conseguio ; porque o ministerio inglez só pensava em negociar novo tratado. Entretanto remetteu ao governo do regente duas importantes propostas, uma de banqueiros inglezes para fundar no Brazil um banco e retirar da circulação o papel moeda do governo, e outra de companhia ingleza para construir uma estrada de ferro do Rio de Janeiro á Minas-Geraes.

Desde esse mesmo anno de 1836 alterou-se a saude do marquez de Barbacena : de volta para o Rio de Janeiro continuou todavia, apezar de seus soffrimentos, á concorrer ao senado, e á tomar parte nos debates até que lhe faltarão de todo as forças.

Falleceu á 13 de Junho de 1841.

O marquez de Barbacena foi um dos espiritos mais adiantados do seu tempo, e liberal como um lord do partido wight.

Era enthusiasta das praticas governamentaes e dos costumes dos inglezes.

No senado brazileiro teve fóros de orador eloquente e substancioso : começava á fallar com voz abemolada e monotona ; mas pouco e pouco elle a tornava viril, grave e imponente, e a palavra corria facil e preciza de seus labios.

Dispondo de grande fortuna fòi ainda no seu tempo o homem que mais pompeou, ornando sua posição social, e suas altas commissões diplomaticas com tratamento mais apparatoso e resplendente de luxo aristocratico. Tinha o dom e o gosto da exhibição pessoal em modo grandioso. Dizia-se que o marquez de Barbacena sempre que entrava no senado, attrahia todos os olhos e produzia impressão.

17 DE OUTUBRO

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI

Na cidade do Serro, então villa do Principe provincia de Minas Geraes, nasceu á 27 de Novembro de 1807 Theophilo Benedicto Ottoni, filho legitimo de Jorge Benedicto Ottoni e de D. Rosalia Benedicta Ottoni.

Na sua villa natal estudou latim e alguns outros preparatorios que ali se ensinavão, mostrando grande gosto pelas letras e notavel intelligencia: aos quinze annos de edade inspirado pelas idéas liberaes, e pela causa da independencia do Brazil compoz diversas poesias patrioticas reveladoras de talento poetico, á que aliás depois não deu-se ao cultivo que tão fertil e precioso poderia ser.

Em 1826 Theophilo Ottoni veio para a capital do imperio, matriculou-se na academia de marinha, e foi tal o seu exame do primeiro anno que o chefe de esquadra José de

Souza Corrêa, presidente do acto, disse em alta voz no fim da prova: « estudantes, como este, honrão os professores, e a propria academia. »

Continuando o curso academico, Theophilo Ottoni foi sempre estudante distincto; ao mesmo tempo dava em sua modesta casa explicações de mathemathicas, tirando desse trabalho alguns recursos.

Mas o joven estudante entrára logo na politica militante com todo o ardor de seu caracter tão exaltado, como generoso: frequentava assiduo as palestras de Evaristo Ferreira da Veiga, á quem deu por algum tempo lições de geometria, collaborava na *Artrea* com o pseudonimo « *o joven pernambucano* » e escrevia em correspondencia para o *Astro de Minas* de S. João d'El-Rei, e para o *Echo do Serro*, fazendo viva opposição ao governo e sustentando idéas liberaes adiantadas.

Seus escriptos erão já então apreciados: embora tivesse incompleto o curso de humanidades. Theophilo Ottoni estudava muito, e além disso, sendo latinista notavel, o conhecimento aprofundado da lingua latina lhe aproveitava consideravelmente no manejo da portugueza.

O estudante não dissimulava nem suas opiniões politicas, nem a sua collaboração na imprensa liberal: apenas ignorava-se que fosse conspirador, e o ardente mancebo já o era, sendo membro e secretario da sociedade secreta *Club dos amigos Unidos* que trabalhava no sentido da revolução que em 1831 foi atalhada pela abdicação de D. Pedro I.

Em 1831 porém Theophilo Ottoni não estava mais no Rio de Janeiro.

Na eleição geral de 1828 o povo o acclamára escrutador da mesa eleitoral da sua parochia, e o levára em triumpho

para a competente cadeira. O pronunciamento do guarda marinha tornou-se publico,

Em 1829 o marquez de Paranaguá, ministro da marinha, deu ordem de embarque para o Alto-Amazonas e para a Africa, e Theophilo Ottoni para esquivar-se á ella, tendo debalde requerido a conservação de seu posto, continuando á estudar na academia militar, preferio receber a baixa de guarda marinha, suppondo aquelle embarque castigo disfarçado á sua intervenção na politica de modo tão opposto ao governo.

Theophilo Ottoni retirou-se da capital do imperio, levando pequena typographia, e chegado á villa do Principe, estabeleceu uma casa commercial e publicou o periodico *Sentinella do Serro,* que sustentou por alguns annos.

Na *Sentinella do Serro* manifestou elle aspirações republicanas, e foi exaltado opposicionista á todo trance até a abdicação de D. Pedro I.

Chegando ao Serro as noticias dos tumultos do mez de Março de 1831 no Rio de Janeiro, tumultos conhecidos já na historia pelo nome de *garrafadas de Março* Theophilo Ottoni foi um dos principaes provocadores de pronunciamento em sentido liberal, que pudera ter sido principio de resistencia revolucionaria na provincia de Minas, se a abdicação não tivesse mudado a face da situação politica.

Depois do 7 de Abril a *Sentinella do Serro* modificou um pouco o seu programma : Theophilo Ottoni intimamente ligado á Evaristo e á outros chefes do partido liberal moderado, e lamentando os excessos anarchicos dos exaltados na côrte e em provincias, apoiou aquelles, combateu estes, salvando sempre suas idéas democratas avançadas.

Em 1832 apprehensivo da opposição do senado ás refor-

mas da constituição, fundou sociedade politica, excitou os espiritos no empenho daquellas reformas e de longe concorreu não pouco para o golpe de estado de 30 de Julho, que felizmente não vingou.

Em 1834 o acto addicional á constituição do imperio sem satisfazer plenamente contentou ao democrata da *Sentinella do Serro*.

Em 1835 a provincia de Minas Geraes elegeu Theophilo Ottoni membro da sua assembléa provincial, e o applaudio vendo-o ao lado do grande estadista Bernardo Pereira de Vasconcellos prestar assignalados serviços ao systema administrativo, á civilisação e ao progresso material.

Na quarta legislatura elle é eleito deputado á assembléa geral; mas já então quebrada estava a união estreita dos liberaes do partido moderado, e Bernardo de Vasconcellos já era ministro, e chefe do partido conservador, que levantára e magistralmente disciplinára em opposição ao governo do regente Feijó.

Theophilo Ottoni tomou na camara desde o primeiro dia o seu posto de liberal democrata, e assiduo frequentou a tribuna, como opposicionista decidido e vehemente.

Combateu incansavel, arrojado, severo, e intransigente contra a situação conservadora desde 1838 até vel-a cahir em 1840 esmagada pelo triumpho da maioridade do Imperador.

Nesse batalhar constante de tres annos de sessões legislativas Theophilo Ottoni plantou na capital do imperio a reputação e a confiança que mais tarde o tornarão o mais prestigioso e enthusiasmador tribuno popular e chefe liberal.

Em 1841 oppoz-se com ardor ás reformas do codigo do processo e á creação do novo conselho de estado que nesse

mesmo anno se promulgarão, e em 1842, dissolvida a camara que hia installar-se, levantando-se armado contra aquellas leis o partido liberal nas provincias de S. Paulo e de Minas Geraes, Theophilo Ottoni que se achava na côrte, deixou a esposa, as doçuras domesticas e partio acceleradamente para Minas Geraes, onde se poz á frente dos revoltosos, partilhando com elles todos os perigos; sabendo porém que a revolta de S. Paulo fôra soffocada propoz que se dissolvessem as forças revolucionarias de Minas e que os chefes principaes fossem aprensentar-se as autoridades: não sendo adoptado logo este conselho patriotico, seguio-se em breve o combate de Santa Luzia, a derrota e retirada daquellas forças, ficando na povoação para entregar-se ao general barão, e hoje duque de Caxias, Theophilo Ottoni e outros notaveis chefes.

Preso e conduzido para Onro Preto Theophilo Ottoni (como seus companheiros de infortunio) vio-se mais de uma vez ameaçado em sua vida por gente desalmada, que felizmente não poude realizar brutal viugança.

O jury de Ouro Preto absolveu Theophilo Ottoni e alguns chefes revoltosos que estavão presos, e a amnistia concedida pelo Imperador em 1844 lançou o véo do esquecimento sobre as revoltas de 1842 em beneficio de todos os outros compromettidos e tambem do Estado.

Dissolvida a camara em 1844, e mudada a politica do governo, Theophilo Ottoni foi eleito deputado por Minas Geraes nas legislaturas de 1845 e 1848, conservou-se silencioso até que o seu partido perdeu o poder á 29 de Setembro desse ultimo anno; e então foi elle quem primeiro subio á tribuna para pronunciar energico discurso de opposição.

Em 1850 não quiz tomar assento como deputado supplente de Minas-Geraes, desconhecendo a liberdade do voto de sua provincia nas eleições de 1849.

Desde então esteve por dez annos afastado das lutas politicas e dirigindo consideravel casa commercial, que depois de 1845 estabelecêra na cidade do Rio de Janeiro, em cuja praça gozou merecido e grande credito.

Realisando antigo e muito estudado empenho fundou a companhia do Mucury, que tão grande futuro offerecia ao norte da provincia de Minas, e nessa malfadada empreza perdeu toda a sua fortuna, sacrificou sua casa commercial arruinou a saude, e contrahiu a molestia que o levou a sepultura.

E ainda no Mucury era o patriotismo que inspirava e impellia o illustre mineiro.

Em 1859 a provincia de Minas-Geraes o incluio em uma lista triplice para senador, e em duas outras em 1860 e 1861, dando-lhe sempre o primeiro lugar : em 1862 a provincia de Matto Grosso tambem apresentou o seu nome em lista triplice.

Theophilo Ottoni voltara á arena politica com o seu costumado ardor : em 1861 dirigio o partido liberal do municipio da côrte nas eleições de eleitores fortemente disputadas, em todas as parochias urbanas foi o chefe acclamado, o enthusiasmador do povo, e ao mesmo tempo poderoso elemento de ordem. O partido conservador á despeito da influencia official ficou derrotado em todas aquellas parochias.

O tribuno prestigioso e chefe liberal foi nesse anno eleito deputado pelo municipio da côrte, e por um dos districtos de Minas, e tomou na camara o seu posto distincto na opposição.

Em 1862 prestou notaveis serviços por occasião dos insultos chamados *represalias*, que o desastrado e phrenetico Mr. Christie ministro da Inglaterra no Rio de Janeiro ordenára, pondo em ameaçadora manifestação o povo justamente irritado : aproveitando sua popularidade Theophilo Ottoni impedio actos imprudentes, obstou violencias e excessos e concorreu muito para fortalecer o governo com a attitude energica e patriotica ; mas generosa, digna e magnanima do povo da capital.

Em 1863 a camara foi dissolvida : a politica interna entrára em novos horisontes : effectuára-se a alliança de esclarecida phalange de antigos conservadores com o partido liberal, formando a liga e a situação progressista : Theophilo Ottoni foi um dos membros do directorio dessa liga, e no mesmo anno triumphou ella quasi unanimemente no pleito eleitoral, e elle eleito deputado, entrou tambem em lista triplice senatorial pela provincia de Minas-Geraes, e em Janeiro de 1864, escolhido pelo Imperador, tomou assento no senado.

Em 1865 a liga progressista afrouxou-se muito com a derrota parlamentar do gabinete Furtado : no anno seguinte rompeu-se de todo e Theophilo Ottoni com Souza Franco e outros notaveis chefes commandarão a opposição dos liberaes historicos até 16 de Julho de 1868, em que passando o governo aos conservadores, os progressista e historicos reconciliados em opposição esquecêrão denominações distinctas ; mas só caprichosas, e se fundirão sob a grandiosa bandeira do partido liberal.

Já com soffrimentos graves do coração que desde alguns annos elle debalde parecia desconhecer, Theophilo Ottoni ainda em 1869 á despeito dos conselhos dos medicos o dos seus amigos subio mais de uma vez á tribuna, e com os

ardimentos de seu natural caracter atacou em opposição o gabinete de 16 de Julho: quasi no fim da sessão pronunciou longo, profundamente meditado o seu ultimo discurso, senão o mais brilhante e melhor, pelo menos um dos melhores, e dos mais substanciosos e grandemente logicos e luminosos dos seus discursos.

Foi o ultimo. Encerradas as camaras legislativas o constante e inabalavel democrata cahio abatido no leito e á 17 de Outubro morreu na cidade do Rio de Janeiro.

Theophilo Ottoni nunca appareceu e se mostrou no governo: com certeza aspirou-o nobre e patrioticamente, quando rompeu a guerra do Paraguay: essa ambição em taes circumstancias honorifica-o ainda mais.

Sua influencia, seu prestigio, sua grandeza tiverão por bazes principaes a imprensa, e o parlamento.

Na imprensa já ficou dito, como se pronunciou, avultou, e influio.

No parlamento, na camara temporaria e no senado foi valente na tribuna: como orador falhavão-lhe alguns dotes: não poude ser igual em profundeza de conhecimentos á Paula e Souza, á Vasconcellos, á Alves Branco, á Souza Franco, e á outros; tinha gestos e certos meneios de corpo que o desengraçavão; em compensação porém impetuoso, inspirado, radiante de talento, corajoso, incapaz de recuar, estupendamente altivo, assoberbador das mais violentas tempestades parlamentares, volcão arrojador de sarcasmos em laves ardentes, elle era como o genio das borrascas, sabendo desenfreal-as, e contetal-as com a força de sua vontade, e com o poder da sua popularidade.

Não podia, nunca poude ser Cicero; mas foi Graccho pela sua influencia sobre o povo.

Até o ultimo dia sua laboriosissima, fulgente e honrada vida, Theophilo Ottoni foi sempre denodado paladino das idéas liberaes ; nutria aspirações repúblicanas ; soube, porém, sujeital-as ao programma do partido liberal, á que pertencia e de que foi um dos mais prestigiosos chefes, sem que jámais vacillassem sua lealdade e sua constancia.

Ardente e vigoroso nas discussões politicas, tribuno ás vezes exaltado, honesto e probo até o ponto de desanimar a propria calumnia, elle, principalmente nos ultimos dez annos de sua vida, foi o homem mais popular do Brazil.

Rico de virtudes, alma candida e optimo coração, era por todos estimado, e entre os seus proprios adversarios politicos deixou numerosos e intimos amigos.

A morte de Theophilo Benedicto Ottoni foi chorada em todo o Brazil, e o seu enterro espontaneamente acompanhado por alguns mil cidadãos.

18 DE OUTUBRO

JOÃO ALVARES CARNEIRO

Este nome é o de um sacerdote da medicina.

Filho legitimo de André Carneiro e de D. Anna Lyonizia de Santa Roza, nasceu João Alvares Carneiro á 18 de Outubro de 1776 na cidade do Rio de Janeiro.

Ainda na primeira infancia perdeu seus paes ; mas uma senhora boa e compassiva, Anna Thomazia de Jesus acolheu o orphãosinho, creou-o e mandou-o educar.

João Alvares Carneiro ficou sendo por tanto—*filho da caridade,* e em toda sua vida mostrou-se insignemente digno desta *Mãe* que Jezus Christo santificou.

Alvares Carneiro estudou na cidade do seu berço além das primeiras letras, e algumas, bem poucas disciplinas de instrucção secundaria e logo depois no hospital da Santa Casa, o que então rude e muito incompletamente se ensi-

nava de medicina, isto é anatomia grossa, pathologia e therapeutica sem base alguma scientifica, e pouco mais, se mais e mal se rudimentava no seculo passado no Rio de Janeiro.

Obtida a sua carta de cirurgião do *proto-medicato* com louvores e estima dos mestres pela sua intelligencia e applicação, ficou o joven Alvares Carneiro ao serviço do hospital, como *cirurgião do banco*, e começou á desvendar os horizontes da sciencia.

O medico revelava-se.

Intelligente, e lendo e comprehendendo com admiravel intuição e espirito reflectido quantas obras de medicina no Rio de Janeiro havia então, fino e insistente observador, dotado de olhar penetrante, de attenção infatigavel, e de tanto tino, que se poderia dizer *instincto medico*, João Alvares Carneiro estudou muito mais no livro immenso chamado *hospital* e em poucos annos tornou-se o *pratico* mais habil da cidade.

Dizião, que elle *via pelos dedos*.

Dizião que elle *adivinhava*.

E, complemento do medico, João Alvares Carneiro era sacerdote da medicina; porque era na terra a imagem do anjo da caridade. Na sua clinica recebia dos ricos, o que lhe querião dar, e passava para os seus doentes pobres grande parte do que ganhava. Houve occasião, no principio da sua clinica, em que pedio adiantamento da sua mezada de cirurgião do banco da Mizericordia para empregal-a toda em soccorrer uma familia em miseria.

Depois de alguns annos, desejando ir á Portugal áfim de receber nos fócos de luz scientifica mais profundos conhecimentos de medicina, embarcou-se em má hora; por

quanto o navio em que ia, quando já estava proximo de Portugal, foi, como barco de nação inimiga, apresado por um brigue de guerra francez ; mas dous dias depois um corsario argelino se apodera do brigue apresionador, e João Alvares Carneiro passadas tristezas de prisioneiro de francezes ás terriveis apprehenções de escravo dos barbaros infieis de Argel.

O chefe argelino era generoso : deixando-se commover pelas lagrimas dos portuguezes, cedeu emfim, deu-lhes a liberdade, e lançou-os nas praias de Mattosinhos, donde Alvares Carneiro passou-se facilmente para a cidade do Porto.

Ali chegado experimentava Alvares Carneiro sérias difficuldade em sua vida de quasi-estrangeiro, quando lhe veio ao encontro o cirurgião Caetano da Fonceca Lima, fluminense como elle, seu amigo da infancia, estabelecido então no Porto, e que abrio-lhe os braços, o coração, e a bolsa.

Graças á este amigo Alvares Carneiro depois de passar tres mezes no Porto, seguio para Lisboa, onde se demorou mais de um anno, estudando com ardor até que á 7 de Dezembro de 1796 tirou o seu diploma de cirurgião, tendo obtido as mais honrosas notas nos seus exames, e emfim embarcou, como cirurgião em navio mercante que ia para a Azia com escala pelo Rio de Janeiro : chegou á esta cidade á 12 de Junho de 1797, seguio viagem logo depois, durante quasi um anno visitou muitos portos e cidades da Azia, observando e estudando sempre, voltou depois a Lisboa, e dessa capital sahio emfim e recolheu-se á cidade, seu berço natal.

Na cidade do Rio de Janeiro occupou immediatamente o seu lugar no hospital da Santa Casa da Misericordia, e recomeçou a sua famosa e abençoada clinica.

Toda a vida de João Alvares Carneiro correu sempre igual, esplendida, como que evangelica, tal qual em seu principio se mostrára.

Medico habilissimo, quasi inspirado, sobre tudo como que infallivel nos dyagnosticos e prognosticos de molestias que se dizião cirurgicas, o povo até imaginava adivinhações nos juizos do seu querido João Alvares.

No sacerdocio á que o elevava a caridade na sua clinica extensissima de pobres, o illustre medico elevou-se á todas, ás mais altas expansões, e generosos sacrificios.

Chamavão-no—o pae dos pobres.

E a modestia, o santo dissimulo evangelico, a sublime ignorancia em que a mão esquerda ficava da esmola que a mão direita espalhava profusamente, realçavão o merecimento e a virtude desse homem justamente glorificado.

A fama de sua caridade illimitada, exemplar, sempre inexgotavel rompia de mil tectos abrigadores de familias pobres.

Muitas vezes os amigos o louvavão por virtude tão abençoada, e elle á sorrir, e á pôr em duvida, o que todos sabião, respondia sempre, repetindo o proverbio antigo:

— São mais as vozes do que as nozes.

E tanto o repetio que os pobres e os ricos, ouvindo fallar das suas esmolas diarias, ou quasi diarias, fallavão dellas, dizendo:

— São as nozes do João Alvares.

Tendo, além da dos pobres não só gratuita; mas tributaria por despezas de tratamento dos doentes e de soccorros ás familias, clinica muito numerosa de casas ricas João Alvares Carneiro que pudéra ter amontoado muito elevada fortuna, apenas por sua morte legou modesto espolio.

Elle porém, o medico que tanto ouro ganhava dos ricos que lh'o querião dar, adoptára e educára orphãs, dotára-as em seus casamentos, vivêra á vivêr de santas beneficencias: que fortuna poderia pois legar?...

Legou nome santificado pelo povo.

João Alvares Carneiro falleceu a 18 de Nevembro de 1837.

O annuncio de sua morte abalou toda a cidade do Rio de Janeiro, como publica e geral calamidade.

No dia seguinte foi o corpo do illustre finado conduzido de sua casa na praia da Gambôa á igreja de S. Bento que estava coberta de crepe.

Mais de duzentos carros formavão o prestito *rico*, e numeroso concurso de povo seguia á pé o carro funebre, formando o acompanhamento *pobre*.

Ao descer o caixão á sepultura recitarão eloquentes discursos os senhores drs. De Simoni, (secretario da Imperial Academia de Medicina), Jobim, depois senador do imperio, Felix Martins, Pereira da Silva, Octaviano Roza (pae do sr. conselheiro e senador Octaviano) e Paula Menezes.

E mais eloquentes ainda choravão em torno da cova, choravão como filhos a morte de um pae, homens ricos e poderosos, pobres operarios, e grande numero de infelizes, que acabavão de perder seu protector e seu amparo.

Os ossos de João Alvares Carneiro achão-se depositados em jazigo de marmore mandado preparar por sua viuva no claustro do mosteiro de S. Bento, e a Imperial Academia de Medicina collocou e conserva na sala de suas sessões o busto desse varão por tantos titulos illustre.

19 DE OUTUBRO

LOURENÇO DA SILVA ARAUJO E AMAZONAS

Natural da provincia da Bahia, onde nasceu á 9 de Agosto de 1803, Lourenço da Silva' Araujo e Amazonas depois de fazer os seus estudos primarios e de humanidades na mesma provincia, veio para o Rio de Janeiro, onde chegou á 10 de Outubro de 1815 e seguio com distinção o curso da academia de marinha.

Official intelligente e intrepido da armada nacional servio na guerra do Prata, e em sua carreira militar chegou ao posto de capitão de mar e guerra, e mereceu ser condecorado com os habitos de S. Bento de Aviz e da Imperial da Ordem Roza.

Foi tambem commendador da Ordem de Christo de Portugal.

Além de seus bons serviços militares prestou outros de não menor importancia.

No desempenho de commissões na provincia do Pará, o capitão de mar e guerra Lourenço da Silva demorou-se por longo tempo no Amazonas, e fez estudos interessantes sobre o magestoso rio desse nome e sobre seus principaes tributarios, merecende-lhe especial interesse a comarca do Rio Negro, hoje provincia do Amazonas.

De seus trabalhos e lidas, de seus exames e de suas lucubrações resultárão para a litteratura e historia da patria: *Limá*, romance historico do Alto Amazonas, em que se aprecião principalmente algumas informações de costumes e o *Diccionario topographico, historico, e descriptivo da comarca do Alto Amazonas* obra em um volume em 16°, mas requissimo, precioso, e de consulta indispensavel para quem quer que se ponha á estudar a historia e a chorographia da provincia do Amazonas.

Este livro tornou Lourenço da Silva ainda mais conhecido e apreciado, e o Instituto Historico e Geographico Brazileiro contou o illustre cidadão entre os seus socios correspondentes.

Lourenço da Silva publicou ainda em diversos numeros do *Jornal do Commercio* no anno de 1854 a sua *Memoria sobre uma marinhagem de guerra para guarnição da armada imperial*; mas não consta que fosse della tirada alguma edição em livro.

Dez annos depois, em 1864 falleceu aos sessenta e um annos de idade o capitão de mar e guerra Lourenço da Silva Araujo Amazonas.

20 DE OUTUBRO

JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO

A' 12 de Outubro de 1753 nasceu na cidade do Rio de Janeiro José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo filho legitimo do coronel Luiz Manoel de Azevedo Carneiro da Cunha e de D. Maria Josepha Pizarro e Araujo.

Mostrando desde seus verdes annos talento notavel, foi, depois dos primarios estudos, e de alguns de humanidades, mandado para Coimbra em 1769: tomou na universidade o gráo de bacharel em canones em 1776, e quando se preparava para tornar á patria, recebeu a noticia da morte de seus pais: ferido por golpe tão cruel, desgostoso do mundo, abandonou todas as idéas da vida civil, e dedicando-se ao altar e ao serviço de Deus, tomou ordens sacras, e voltou para o Brazil em 1781 para occupar o canonicato da sé do

Rio de Janeiro, em que fôra apresentado por carta regia de 20 *de Outubro de* 1780.

Chegado á cidade do seu berço, o conego Pizarro só se distrahio dos seus deveres religiosos, trabalhando na Arcadia, ou academia scientifica do Rio de Janeiro, para cujo gremio entrou; mas ao habil vice-rei Luiz de Vasconcellos succedeu o sombrio, visionario e oppressor conde de Rezende, que dissolveu a academia e fez processar seus membros, dos quaes uns forão presos e outros sujeitos á perseguições mesquinhas, e indecorosas. Pizarro foi destes ultimos, e autorisado pelo bispo á vesitar as parochias e igrejas da diocese, fugio ás insensatas oppressões do conde de Rezende, e empregou alguns annos em viagens pelo interior, vesitando o bispado e recolhendo curiosos documentos, informações, e cabedal riquissimo para a historia.

Em 1801 tornou á Portugal, e em Lisboa obteve do principe-regente a nomeação de conego da igreja patriarchal.

Em 1807 acompanhou a familia real e a côrte portugueza em sua emigração para o Brazil, e no Rio de Janeiro logo no anno seguinte creado pelo alvará de 22 de Abril o tribunal superior do desembargo do paço e meza de consciencia e ordens foi nomeado procurador geral das tres ordens militares, emprego que deixou pouco depois, recebendo a nomeação de thesoureiro-mór, e arcipreste da capella Real, e em seguida o titulo do conselho, e o lugar de deputado da mesa de consciencia e ordens.

Em 1820 começou á exhibir o fructo de sua longa vesita ao bispado, de suas posteriores pesquizas, e de seus aturadissimos estudos, publicando as «*Memorias historicas da capitania do Rio de Janeiro e das demais capitanias do Bra-*

zil » em nove volumes, cuja impressão terminou em 1822.

Embora quizesse viver absolutamente alheio aos acontecimentos politicos, que fervião no Brazil desde 1821, monsenhor Pizarro não poude ser indifferente á cauza da independencia de sua patria, applaudio-a, em 1823 foi eleito pelo Rio de Janeiro deputado á constituinte brazileira, e por algum tempo prezidio essa assembléa; na primeira legislatura de 1826 á 1829 deputado pela mesma provincia ainda occupou a prezidencia da camara.

Em 1828 obteve aposentadoria no lugar do conselheiro do supremo tribunal de justiça, e dispensa do exercicio da Capella Imperial.

Estava cansado, velho, e doente, queria repouzo, e á 14 de Maio de 1830, passeando pelo jardim botanico do Rio de Janeiro, repousou de todo, cahindo fulminado por ataque de apoplexia.

Monsenhor Pizarro, varão de sabedoria e de virtudes deixou nome venerado pelos seus contemporaneos; mas falla á posteridade pela obra consideravel que lhe custou o trabalho de mais de vinte annos.

As *Memorias Historicas* de monsenhor Pizarro, nove volumes em 8°, nem sempre isentas de erros, affigurando-se lisonjeiras na apreciação dos altos funcionarios pela indulgencia exagerada, que ao proprio conde de Rezende não poupou elogios, resentindo-se de methodo pouco feliz na exposição, ainda pouco attractiva pelo estilo, encerrão com todos esses defeitos thesouro immenso, incalculavel capital de informações e de documentos, opulencia extraordinaria de noticias averiguadas e locaes de cidades, de parochias, de capellas muitas das quaes já não existem; de acontecimen-

tos politicos, e naturaes, de costumes do povo e de prejuizos vulgares; do progresso moral e material de uma parte do Brazil ao menos: apresentão um montão de preciosidades embora mal ordenadas, o archivo da historia patria o mais rico; extraordinario e admiravel monumento, muito mesquinho em face das leis da architectura, muito grandioso pelas suas proporções, e pelos thesouros que guarda.

21 DE OUTUBRO

JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE NEVES

BARÃO DO TRIUMPHO

Na villa depois cidade do Rio Pardo, provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul nasceu a 22 de Janeiro de 1807 José Joaquim de Andrade Neves.

Seu pae o major José Joaquim de Figueiredo Neves o apresentou como voluntario para servir no exercito, fazendo-o assentar praça em 1° cadete no 5° regimento de cavallaria da linha em 22 de Novembro de 1826; mas a 10 de Dezembro do anno seguinte deu um substituto pelo filho e desligou-o do serviço militar por precisar do seu concurso nos encargos da subsistencia da familia, cuja fortuna era muito modesta.

Em 1835 rompendo a revolução de 20 de Setembro, o joven Andrade Neves tomou armas pela causa da legalidade e de 1836 a 1844 combateu sempre, firmando desde aquelle primeiro anno a sua reputação de bravura e de capacidade militar.

Até 1840 não menos de quatorze combates mais notaveis e entre elles o da ilha do *Fanfa* e o do *Rio Pardo* realçarão o valor indomito de Andrade Neves.

O decreto de 25 de Janeiro de 1840 conferio-lhe o posto de major honorario do exercito.

Na sanguinolenta peleja do *Taquary* recebeu dous graves ferimentos de bala. O general Manoel Jorge na participação official ao ministro da guerra, escreveu: « são dignos de louvor e de premio que o governo de S. M. o Imperador julgar justo o tenente-coronel José Joaquim de Andrade Neves, commandante do esquadrão ligeiro de guardas nacionaes que depois que não poude trabalhar com o seu corpo, ficou unido aos caçadores onde recebeu duas feridas, e tambem não quiz retirar-se sem acabar o combate. »

Por decreto de 7 de Setembro de 1841 foi nomeado tenente-coronel honorario do exercito.

Em 1844 assignalou-se ainda nos combates do *Passo do Rozario*, do *Ponche Verde*, e de *D. Marcos*.

Em 1845 a pacificação da provincia, e o balsamo da amnistia curarão as feridas de nove annos de guerra fratricida. Todos os rio-grandenses abraçarão-se unidos á sombra do throno constitucional do Sr. D. Pedro II.

Em 1851 Andrade Neves servio na campanha contra o dictador D. João Manoel Rosas.

Em 1857 prestou importantes serviços, organisando com os guardas nacionaes do seu commando uma brigada para o

exercito que no Rio Grande do Sul foi posto no Ibicuhy de observação á suspeitas eventualidades hostis da parte do Paraguay.

Em 1864 por ordem do presidente da provincia formou com os guardas nacionaes do seu commando superior uma brigada composta dos corpos provisorios 5° e 6° com quatro centas e tres praças cada um, alistou nelle seus dous filhos varões, encorporou-se ao exercito brazileiro que devia entrar no Estado Oriental, e ali não se distinguio; porque a cavallaria não tomou parte no ataque de Paysandú, unica acção bellicosa que houve.

Rompeu em seguida a guerra collossal do Paraguay.

O muito illustrado Sr. conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, escrevendo a eloquente e completa biographia do heroe brazileiro Andrade Neves diz com a mais luminosa e justissima apreciação o seguinte:

« No desenvolvimento das operações militares da campanha do Paraguay, destacão-se tres periodos distinctos.

« O começo da lucta caracterisa-se pela aggressão impetuosa e audaz do inimigo.

« Da parte dos brazileiros, opera-se a organisação, resoluta e perseverante, do elemento militar e das forças de resistencia para oppôr aos exercitos paraguayos.

« Esse periodo é representado pelo commando do general Osorio, e termina em 24 de Maio.

« Predomina n'elle a arma de infantaria; e fica firmada a nossa superioridade, apezar da indomita bravura dos soldados de Lopes.

« O inimigo, desbaratado, fica reduzido á defensiva, reconcentrando-se em suas linhas fortificadas.

« Começa o segundo periodo, no qual predomina a arma

de artilharia. Deu-se nelle o revez de Curupaiti, apoz o qual os elementos brazileiros recompuzerão-se e augmentarão-se consideravelmente, para de novo se emprehenderem operações activas no territorio invadido.

« Começa assim, em Julho de 1867 o terceiro periodo, em que realisou-se o movimento das forças alliadas sobre o flanco esquerdo do inimigo.

« Chega a vez da cavallaria.

« Esta phase da guerra está brilhantemente representada pelos feitos de armas do barão do Triumpho. »

E com effeito assim foi.

De Junho de 1867 até quasi o fim de Dezembro de 1869 a cavallaria rio-grandense, que o famoso guerrilheiro Garibaldi que a apreciára de perto, declarou ser a melhor do mundo, e o arrojado e irresistivel Andrade Neves, um dos seus principiaes chefes, e de todos o mais indomito, flammigero e glorioso de victoria em victoria anniquillarão um dos grandes elementos do poder do dictador Lopes, e o reduzirão em apertado cerco ao exclusivo recurso de seus intrincheiramentos, ousando o terrivel cavalleiro rio-grandense levar sua lança até o portão de Humaitá.

A historia dos feitos de Andrade Neves desde Junho de 1867 é a epopéa de um heróe. E' força resumil-a aqui; mas o resumo a amesquinha e obscurece.

A 16 de Julho de 1867 na batalha de *Tuiucué* as divisões de José Luiz Menna Barreto e de Andrade Neves tomarão a trincheira de *Punta Carapá* e levarão em derrota os paraguayos até Humaitá.

A 13 de Agosto Andrade Neves á frente de cavallaria brazileira desbaratou completamente sete centos cavalleiros paraguayos no *Arroio Hondo*.

A 19 e 20 de Setembro fez o reconhecimento do *Potrelo Obella*, e do *Tayi*, e tomou a villa do Pilar, tendo para isso transposto á nado o arroio *Nembucú*.

O general em chefe o actual Sr. duque de Caxias escreveu, referindo-se á este feito de armas :

«No ataque da villa do Pilar, mostrou Andrade Neves, que tambem sabia se conduzir como general, conseguindo tomar a artilheria inimiga e fazer prisioneira quasi toda a guarnição da villa com muito pouco prejuizo da nossa parte, arrostando-se com forças superiores ás que levava, e inutilisando os reforços, que de Humaitá forão promptamente mandados por Lopes. »

A' 3 de Outubro seis regimentos de cavallaria paraguaya atacarão a posição de S. Solano, quando se retirava d'ali uma divisão brazileira commandada pelo coronel Fernandes Lima : Andrade Neves voou em soccorro desta, dominando logo a estrada que liga Humaitá a S. Solano, e derrotou as forças paraguayas que tendião para este ponto. O brigadeiro José Luiz Menna Barreto igualmente empenhou-se na acção, e o inimigo desbaratado deixou quinhentos mortos, e duzentos prisioneiros.

A 21 do mesmo mez Andrade Neves e o brigadeiro Victorino atacarão quatro regimentos de cavallaria paraguaya e os esmagarão, fazendo-os perder oito centos homens. Andrade Neves com a sua divisão de mil e setecentas praças perseguio os restos fugitivos do inimigo até o portão de Humaitá.

Desde esse dia não appareceu mais no campo signal de cavallaria inimiga.

O nome de Andrade Neves cauzava terror aos paraguayos que chamavão a divisão do seu commando *caballeria loca de cuenta*, (cavallaria louca varrida.)

Era que o illustre chefe rio-grandense á frente dos arrojados cavalleiros rio-grandenses se lançava de lança em punho atravez de banhados, e vencendo extraordinarias difficuldades de terreno sobre as hostes inimigas, que nunca podião resistir ás suas cargas.

Foi principalmente Andrade Neves que anniquillou a cavallaria paraguaya.

E bem opportuno chegou pouco depois ao campo brazileiro o decreto de 19 de Outubro de 1867 conferindo-lhe o titulo de *barão do Triumpho*, a que se ajuntarão mais tarde as honras de grandeza.

Tendo-se resolvido em principio de Fevereiro de 1868 que a esquadra forçasse a passagem de Humaitá, o barão do Triumpho teve ordem de reconhecer as posições do inimigo no flanco direito daquella fortaleza e verificou a existencia do reducto chamado do *Establecimiento* entre Humaitá e Laurelles, e julgado importante determinou o general em chefe que elle fosse tomado de assalto simultaneamente com a passagem forçada de Humaitá pela esquadra.

O barão do Triumpho, commandando a columna da vanguarda teve a honra de dirigir o ataque e assalto do reducto defendido por quinze bocas de fogo, dous vapores com grossa artilharia vinda de Humaitá, duas linhas de fosso e bocas de lobo, e uma de *abatidas*.

A esquadra forçou o passo de Humaitá.

O barão do Triumpho tomou o *Establecimiento* depois de grandes perdas e terriveis contrariedades. O valente recebeu uma contusão no quadril por taco de peça, e seu cavallo foi morto por tres balas de metralha no peito. O bravo de sessenta e dous annos mandou por pé em terra a sua cavallaria

e á frente dos seus rio-grandenses, e da sua columna assaltou as trincheiras, e penetrou no recinto do reducto.

No fim da horrivel peleja, mandou dar parte ao general em chefe do exito da acção, e contuso, extenuado, e mal podendo conservar-se em pé, pedio e obteve licença para ir tratar-se no seu acampamento de S. Solano.

Em fins de 1868 o dictador Lopes perfeitamente defendido pelas linhas de *Pikyciri* estava fortificado em *Villeta*.

Renovava-se o problema de *Humaitá*.

Alterára-se muito a saude do barão do Triumpho, que todavia se manteve no seu posto.

Abriu-se pelo Chaco a estrada por onde se operou o movimento de flanco sobre o inimigo a fim de batel-o pela retaguarda.

Ferio-se a horrivel peleja de *Itororó* a 6 de Dezembro, e depois della desembarcarão em *Ipané* as cavallarias dos brigadeiros barão do Triumpho e João Manoel Menna Barreto.

A' 11 de Dezembro deu-se a batalha de *Avahi*, na qual o barão do Triumpho com a sua divisão flanqueou o inimigo pela esquerda, em quanto o brigadeiro João Manoel executava igual evolução pela direita : depois de quatro horas de fogo o inimigo retirou-se, perdendo o campo; mas então estupendas cargas de cavallaria tornarão a retirada em destroço : o inimigo perdeu tres mil mortos, oito centos prisioneiros, e seis centos feridos, e abandonando *Villeta* acolheu-se ao campo fortificado de *Lomas Valentinas*.

A batalha de *Avahi* custára enormes sacrificios aos vencedores, e o legendario Ozorio, então visconde e depois marquez de Herval ferido gravemente no rosto por uma bala tivera de retirar-se da acção.

A 21 de Dezembro forão atacadas as trincheiras de *Lomas Valentinas*.

O barão do Triumpho pertencia com a sua divisão á columna da esquerda, que ganhou o primeiro fosso; mas tendo penetrado com a divisão do seu commando dentro de uma das linhas da trincheira, foi ferido por bala que lhe quebrou a parte anterior de um dos pés.

O ataque de 21 de Dezembro desafortunado para as armas brazileiras foi seguido de perto pela victoria de 27 do mesmo mez, em que a posição de *Lomas Valentinas* cahiu em seu poder, fugindo o dictador Lopes para o interior do Paraguay,

Mas o *bravo dos bravos*, como foi officialmente chamado, o barão do Triumpho conduzido pera a cidade da Assumpção abrazado em febre, e em seus delirios á ouvir o ruido de combates, e á lutar com os filhos e amigos para erguer-se do leito e ir pelejar, morreu á 6 de Janeiro de 1860.

Ao aproximar-se da agonia, e ainda podendo fallar, suas ultimas palavras forão: «*camaradas.... mais uma carga!*»...

E morreu imaginando em delirio dar ainda uma carga de cavallaria sobre as hostes inimigas da sua patria.

22 DE OUTUBRO

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

Natural da villa, depois cidade do Crato, provincia do Ceará, José Martiniano de Alencar destinando-se ao sacerdocio, foi muito joven para Pernambuco, e já tinha ordens de diacono e completava seus estudos no seminario de Olinda, quando nessa capitania rompeu a revolução republicana de 1817.

Alencar adherio com enthusiasmo ao movimento revolucionario, á cujos planos não fôra estranho, ápesar da sua juvenilidade, e tanto era o seu ardor e o seu talento já cultivado que o governo e conselho organisados em Olinda o escolherão para ir proclamar a republica no Ceará: elle exaltou-se com a delicadeza e com os proprios perigos da commissão, e fez pelo interior viagem rapida para a sua

provincia; chegou ao Crato, e com o poder da sua palavra conseguio alli effectuar o pronunciamento pela causa republicana de Pernambuco; quasi logo, porém, a noticia da contra-revolução no Rio Grande do Norte e na Parahyba, e a firmeza da autoridade legal na capital e em toda a provincia do Ceará annullarão a revolta do Crato, sendo presos os principaes compromettidos, e entre elles Alencar.

Levado á capital da provincia, Alencar foi d'alli remettido para Pernambuco, donde a alçada o mandou para a Bahia, e na cidade de S. Salvador ficou em prisão perto de quatro annos, tendo por companheiros Antonio Carlos de Andrada Machado, o padre Muniz Tavares e tantos outros.

Em 1821 a revolução constitucional operada em Portugal recebeu, no mez de Fevereiro, a adhesão da Bahia, e a liberdade foi restituida aos presos politicos de 1817.

O padre Alencar chegou ao Ceará e em breve foi eleito deputado substituto ás côrtes portuguezas, e seguio para Lisbôa em 1822, em lugar do deputado proprietario José Ignacio Parente.

Naquella constituinte pertencia ao numero dos deputados brazileiros mais ardentes defensores da causa de sua patria; desde o dia 10 de Maio de 1822, em que tomou assento, até Outubro, em que se retirou de Lisboa com Antonio Carlos, Muniz Tavares, Barata e Lino Coutinho, para ir em Falmouth assignar o manifesto de 22 *daquelle mez*, Alencar, joven ainda e sem pratica do parlamento, lutou corajoso na tribuna, como um dos campeões do Brazil.

De volta para sua patria, o Ceará o elegeu em 1823 deputado á constituinte brazileira: Alencar nella sustentou sempre os principios liberaes, e em honra delles oppôz-se mais de uma vez ao ministerio Andrada.

Dissolvida a constituinte, Alencar foi para sua provincia provar novas adversidades, compromettendo-se afim de não abandonar parentes e amigos seus, na revolução de 1824, que se chamou—Confederação do Equador.

Preso e conduzido por Minas-Geraes até o Rio de Janeiro, seguio da côrte para ser julgado no Ceará pela commissão militar, que o absolveu.

Não teve assento na primeira legislatura do Imperio porque ainda não estava absolvido, quando se procedeu á eleição de deputados.

Na segunda legislatura foi eleito por duas provincias, Minas-Geraes e Ceará, e optou por esta, entrando em seu logar pela de Minas o illustre e benemerito patriota Evaristo Ferreira da Veiga.

Na camara não temeu arriscar sua popularidade, sustentando, como membro da commissão de poderes, o direito que assistia á José Clemente Pereira, Salvador José Maciel, e Joaquim de Oliveira Alvares de serem reconhecidos deputados, direito que os liberaes exaltados disputavão.

Em 2 de Maio de 1832 o padre Alencar tomou assento na camara vitalicia, sendo o primeiro senador escolhido pela regencia.

De 1834 a 1836 foi presidente do Ceará, introduzio colonos na provincia, quando ainda não se tratava de colonisação, fez apprehender um contrabando de africanos, creou um pequeno banco, attendeu ás obras publicas, e elevou as rendas e o credito da provincia.

Em 1839 tomou no senado o seu posto de opposição á politica conservadora e atacou vigoroso o projecto de interpretação do acto addicional.

Em 1840 foi dos principaes propugnadores da decretação da maioridade do Imperador.

De novo presidente do Ceará, poucos mezes a admnistrou, porque o ministerio da maioridade, do qual era delegado demittio-se em Março de 1841, subindo outra vez ao poder a politica conservadora.

Em consequencia das revoltas liberaes de S. Paulo e Minas-Geraes, accusado de havel-as promovido em club secreto, que conspirava na capital do Imperio, soffreu com Vergueiro, Feijó e o padre José Bento (senadores todos) processo, que no senado ficou sem consequencias. A historia póde aceitar por bem fundada a accusação de Alencar, como um dos conspiradores daquellas revoltas, para as quaes concorrerão mais ou menos quasi todos os chefes e sub-chefes liberaes; mas o illustre senador pelo Ceará foi tambem apontado, na camara dos deputados em 1850, como um dos inspiradores da revolta liberal praieira em Pernambuco em 1848, e isso não passou de suspeita injusta porque esse movimento desastroso pronunciou-se á despeito dos conselhos dos chefes do partido, que na capital do Imperio se entenderão, e de accordo mandárão instrucções, e com ellas os deputados de Pernambuco, e especialmente Nunes Machado, para serenar os animos e impedir o pronunciamento armado já imminente.

De 1844 a 1848 o senador Alencar foi um dos principaes directores da maioria liberal do parlamento, e depois até 1853 manteve-se nas primeiras linhas da opposição.

Veio em seguida o gabinete Paraná com a politica chamada da conciliação e com a reforma eleitoral que teve o apoio dos liberaes.

Alencar então arrefeceu nas lutas parlamentares, como arrefecerão os outros chefes liberaes.

E em 15 de Março de 1860 rendeu a alma a Deus.

Influencia politica pujante desde 1830 até seus ultimos annos, o mais alentado e prestigioso chefe do partido liberal do norte do Imperio, centro e director de phalange parlamentar de tres ou quatro provincias, autoridade sempre ouvida nos conselhos de seu partido, por vezes consultado sobre organisação de ministerios, uma das alavancas da regencia permanente, amigo intimo do regente padre Feijó, José Martiniano de Alencar nunca aspirou, nem quiz ser ministro, nunca ambicionou e menos pedio grandezas sociaes, que o governo podia dar; elevou á muitos, e só quiz e teve para si a cadeira de deputado e depois a de senador, que lhe derão os votos e a confiança dos seus comprovincianos, dos quaes foi o mais legitimo representante.

Os liberaes mais adiantados, os republicanos, o saudarão martyr em sua mocidade; a constituinte, a camara temporaria e o senado o respeitárão em seu caracter de liberal moderado e de elemento de ordem.

De 1830 em diante o padre José Martiniano de Alencar, deputado e senador, pertenceu á escola de Evaristo, que era a escola do bom senso.

28 DE OUTUBRO

MANOEL FERREIRA LAGOS

Natural da cidade do Rio de Janeiro onde nasceu em 1816 Manoel Ferreira Lagos estudou humanidades e seguio o curso de medicina na cidade do Rio de Janeiro.

Estudante muito distincto, cultivou a litteratura em estudos de gabinete, e ainda nos bancos da escola de medicina era já prestimoso auxiliar do conego Januario na redacção da Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, para cujo gremio entrou em 1840.

Antes desse anno, Lagos tinha em 1839 completado com louvor o curso de medicina ; só lhe faltava para obter o titulo de doutor escrever e sustentar these, e, facto singularissimo, elle, a quem sobravão luzes, e facilidade de compôr e redigir habilmente memorias, nunca, se prestou

áquelle acto exigido pela lei. Tambem só exerceu clinica medica em particular nas casas de amigos e de familias pobres sempre gratuitamente.

Em 1845 succedeu ao conego Januario da Cunha Barboza no cargo de secretario perpetuo do Instituto, cuja Revista guarda um relatorio modelo do joven secretario.

Em 1850, reformados os estatutos do Instituto Historico, deixou o lugar de primeiro secretario, cuja perpetuidade fôra revogada ; mas durante. alguns annos foi terceiro vice-presidente da mesma Sociedade, e só deixou de sel-o por longa ausencia determinada pelos trabalhos da commissão scientifica mandada á algumas provincias do norte do imperio, da qual foi membro.

Essa commissão, aliás pouco feliz foi proposta no seio do Instituto por elle proprio, e assignada por muitos outros socios depois da leitura (que encheu diversas sessões) de extensa, amenissima e illustrada memoria, em que Lagos mostrou á toda luz, e com espirito epigrammatico e deleitoso mil falsidades, absurdos, erros rediculos, invenções grotescas de que estão recheiadas as obras de muitos viajantes que escreverão sobre o Brazil. Essa memoria, em que talvez o sarcasmo as vezes se demasiasse deu testemunho de estudo profundo.

De volta da commissão sientifica Lagos occupou longamente a attenção do Instituto, lendo curioso trabalho de observações de costumes, de preconceitos, de uzos, de festas populares, e até de palavras especialissimas e de significação exclusiva da população menos civilisada do interior do Ceará: tudo isso se perdeu ; porque elle não deixou no Instituto o volumoso manuscripto, cuja leitura foi ouvida.

Fóra do Instituto Manoel Ferreira Lagos servio dedicadamente ao paiz como um dos mais intelligentes, zelosos, e activos officiaes da secretaria de estado dos negocios estrangeiros: com opulencia de conhecimentos, com a discrição e a reserva mais solicitas, e por assim dizer, até religiosas elle soube mostrar-se o homem do segredo inviolavel, o empregado leal e de confiança nunca desmentida, qualquer que fosse a côr politica do ministro dos negocios estrangeiros.

Lagos foi tambem director da secção de zoologia, e de anatomia comparada, e bibliothecario do Muzeo Nacional.

Na primeira Exposição Universal de Paris elle desempenhou com o maior zelo a tarefa de commissario do imperio do Brazil.

Tudo isso, laborioso e dedicado serviço do Instituto, trabalho da secretaria do ministerio dos negocios estrangeiros, direcção de uma das secções do Muzeo Nacional, tarefa de commissario brazileiro na Exposição Universal de Paris, tudo isso elle cumprio á risca; mas sempre misturando com o desempenho do dever o atticismo do seu espirito sempre em erupções de epigrammas, que fazião rir á todos, e de que elle era o primeiro a rir, principalmente quando á si proprio não poupava.

Essa zombaria das cousas do mundo não o deixou nem em face de morte proxima.

Affectado do coração, fulminado por diagnostico de habeis medicos, que lhe annunciarão molestia fatal, elle ria-se dos medicos, zombava do diagnostico, e enganava a familia, multiplicando epigrammas contra a sentença de sua morte proxima.

E quasi logo após da ultima zombaria de subito Manoel

Ferreira Lagos exhalou o ultimo suspiro aos 23 de Outubro de 1867.

Nunca houve homem ou mais fingido, ou mais seguro da vida, do que elle : uma hora antes de morrer, brincava, ria-se, motejando dos prognosticos dos medicos.

Manoel Ferreira Lagos deixou avultado numero de manuscriptos e documentos, muitos delles unicos, outros rarissimos, todos interessantes : o governo os comprou, e fez recolher á Bibliotheca Publica Nacional.

A simples relação do titulo desses manuscriptos e documentos encheria muitas paginas.

24 DE OUTUBRO

MIGUEL DE SOUZA MELLO E ALVIM

Nascido em 9 de Março de 1784 na quinta de Olaia, nos arredores da villa de Ourem, provincia da Estremadura, reino de Portugal, Miguel de Souza Mello e Alvim filho legitimo de Antonio de Souza Mello e Alvim e de D. Maria Barbosa da Silva Torres, era de muito nobre ascendencia, que subia ao conde D. Gonçalo Pereira avô do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Tendo concluido os seus estudos preparatorios, foi destinado á marinha militar, e em Lisboa assentou praça de aspirante a 24 de Março de 1798 na companhia dos guardas-marinha, e completando com pleno successo o respectivo curso scientifico, recebeu a promoção de official e servio successivamente na fragata *Cysne*, nas náos *Princeza da Beira*, *Vasco da Gama*, *Conde D. Henrique*, e na fra-

gata *Urania*, na qual fez parte da esquadra que em 1807 acompanhou a familia real portugueza na sua transmigração para o Brazil.

Na mãe patria Miguel de Souza Mello e Alvim deixou dignamente marcado o seu nome no registro de quatro campanhas do Mediterraneo contra os Estados barbarescos e em missões importantes nos mares da Africa e da America; e descansando das rudes lidas do mar no cultivo das letras e sciencias, abrilhantou o seu espirito e foi accumulando riquezas no thesouro da intelligencia.

No Brazil continuou a estender a serie dos seus serviços: a 8 de Março de 1808 era 1° tenente, e nomeado para a commissão encarregada de levantar a planta do porto do Rio de Janeiro, trabalhou no desempenho dessa tarefa com actividade e pericia, sendo por isso mandado louvar pelo governo.

Capitão-tenente a 17 de Dezembro de 1813, capitão de fragata graduado a 4 de Julho de 1817, e effectivo a 12 de Outubro do mesmo anno; o distincto official de marinha podia desvanecer-se de ir conquistando os seus postos, tendo por patrono o proprio merecimento, e por cartas de recommendação e de empenho o fiel cumprimento de importantes commissões; assim de 1811 a 1812 commanda navios na Bahia e na ilha de S. Thomé; commanda ainda outros até 1816, no anno seguinte é nomeado ajudante de ordens do governador da provincia de Santa Catharina, e ahi ajuda a fundar colonias e um estabelecimento de aguas thermaes; e faz as campanhas de 1812, 1816 e 1817 no Rio da Prata.

Em 1818 é nomeado intendente da marinha na provincia de Santa Catharina, e no exercicio esmerado desse empre-

go, que conservou durante dez annos, ouve impassivel e sereno os ribombos das revoluções d'além e d'aquem do Atlantico; 1820 de Portugal, que arrancou o rei do Brazil em 1821; 1822 do Brazil, que arrancou a Portugal um reino irmão e fundou um imperio; 1823, que dissolveu a constituinte brazileira e creou o embryão de outro cataclisma politico.

Miguel de Souza Mello e Alvim era mais administrador do que politico; no meio daquellas convulsões civis manteve-se no respeito á autoridade, e no cumprimento restricto de seus deveres; 1822, porém, offereceu-lhe uma nova patria na terra que lhe déra dous annos antes uma virtuosa esposa; não hesitou, preferio ao paiz do seu berço o nascente imperio onde tinha suavemente preso o coração, foi brazileiro, e brazileiro de que se ufana o Brazil.

Em 1828 é chamado ao Rio de Janeiro e nomeado intendente da marinha da côrte e a 15 de Junho do mesmo anno é ministro e secretario de Estado dos negocios da marinha, cujas funcções exerceu até 4 de Dezembro de 1829. O conselheiro Alvim nunca pretendêra glorias de influencia politica; estranho ás lutas dos partidos, se limitava a ser activo e escrupuloso administrador; pagou, porém, as culpas do ministerio a que pertenceu, e em tempo de infancia do nosso systema representativo, em que nem se observava a theoria da solidariedade dos gabinetes, a ardente opposição liberal não lhe perdoou a companhia ministerial, e atacou-o de envolta com os collegas; hoje, no arrefecimento das paixões, faz-se justiça ao merecimento, á moderação e á honra do prestimoso varão. Nos motivos das aggressões que elle soffreu um só subsiste real, incontestavel, e que nunca o illustre cidadão procurou disfarçar, e muito menos

negar ; foi a sua lealdade, foi a sua dedicação ao primeiro imperador.

Descendo das alturas do poder ministerial, o conselheiro Alvim não descansa : a 11 de Dezembro do mesmo anno de 1829 é nomeado presidente da provincia de Santa Catharina, e desempanha esse cargo até 21 de Abril de 1831 ; a noticia da abdicação do Sr. D. Pedro I e dos acontecimentos que se havião passado e se estavão passando na capital do imperio, alvoroça os animos na capital daquella provincia ; a tranquilla cidade do Desterro quer tambem pagar seu tributo ao espirito de nacionalidade brazileira resentido e ao contagio revolucionario ; rebenta uma revolta militar, que vai ao palacio exigir a deposição do presidente. Prova-se no fogo o ouro, e na adversidade o animo dos grandes corações. O conselheiro Alvim mostra-se no dia tremendo da crise tão sabio e energico como patriota ; resistir é quasi impossivel, ceder absolutamente um perigo para a causa publica ; Alvim esquece-se de si, e só cuida da patria : não quer lutar, dá conselhos á revolução, e mostra-lhe o melhor caminho ; o chefe della, o brigadeiro Leite Pacheco, admira-se, torna-se docil ás suas observações, e os acontecimentos tomão a direcção que entende dever dar-lhes a autoridade atacada ; a victima, em honra da lei, não entrega a presidencia aos revolucionarios, como elles exigem ; mas ao vice-presidente, que é obedecido. E' raro na historia o conseguimento de tão bella victoria pelo proprio vencido.

Mas o conselheiro Alvim sahira de tão brilhante luta cansado da vida publica ; além do mais, amigo do ex-imperador não quer partilhar o poder com os adversarios d'elle : não renega a patria ; reputa-se, porém, menos proprio para in-

fluir nas cousas politicas na nova época que começa: pede a sua reforma; tinha sido promovido a capitão de mar e guerra a 12 de Outubro de 1823, a chefe de divisão a 12 de Outubro de 1817, é reformado, emfim, no posto de chefe de esquadra a 28 de Julho de 1834: pretende consagrar-se exclusivamente ao amôr da esposa e dos filhos; mas o povo catharinense vai procural-o no lar da familia e dá-lhe uma cadeira na sua assembléa provincial, que o elegeu seu presidente.

Em 1839 a rebellião do Rio Grande do Sul ousa invadir a provincia visinha. Mello e Alvim acóde solicito ao brado da legalidade, toma interinamente o commando das forças navaes em operações na provincia de Santa Catharina, e é por esse relevante serviço louvado pela regencia em nome do imperador.

A proclamação da maioridade de S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II tem o encanto de attrahir á côrte o antigo e dedicadissimo servidor do Estado. A' voz do imperador elle deixa seu suave retiro de Santa Catharina, e é nomeado em 1841 vogal do conselho supremo militar, e encarregado do quartel-general da marinha; a 14 de Junho parte para S. Paulo como presidente d'essa provincia, cargo de que obtem demissão a 24 de Novembro do mesmo anno, e volta a continuar no exercicio de vogal do conselho supremo militar.

Em 1844, pela segunda vez intendente da marinha da côrte, é ainda incumbido de algumas outras commissões, até que a 18 de Setembro de 1851 é nomeado conselheiro de Estado extraordinario, e entrando em exercicio deixa por incompatibilidade o lugar de ajudante d'ordens do ministro da marinha e encarregado do quartel-general. A importancia e o peso de funcções tão consideraveis não absorvem

todas as vigilias e todas as faculdades do velho servidor da nação, que ainda acha tempo e forças para desempenhar a tarefa de inspector das fabricas do municipio da côrte, protegidas por concessões de loterias, ou subvencionadas pelo governo. Finalmente, em Agosto do anno de 1855 passa a conselheiro de Estado ordinario, e menos de dois mezes depois descansa dos trabalhos da terra, fallecendo na cidade do Rio de Janeiro a 8 de Outubro desse mesmo anno.

Oitenta e dois annos de idade, e n'esses sessenta e quatro de serviços não interrompidos, eis a historia de uma nobre vida ; o biographo que quizer estudal-a ha de encontrar em cada anno uma data marcando um facto importante ou honroso, e a posteridade abençoará a memoria do conselheiro de Estado Miguel de Souza Mello e Alvim.

Em seu peito brilharão medalhas e insignias testemunhadoras do prestimo e das virtudes de que soube dar exemplo aos homens ; o benemerito cidadão foi agraciado em 1812 com o habito de cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, em 1819 com a ordem de Nossa Senhora da Conceição da Villa Viçosa, em 1828 com a commenda de S. Bento de Aviz, no anno seguinte com a dignitaria da imperial ordem da Rosa, em 1841 com a grande dignitaria da mesma ordem, 1850 por S. M. Fidelissima com a commenda da muito nobre e antiga ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito.

Este illustre varão foi ainda muito recommendavel pela sua probidade e illustração ; era muito versado em sciencias mathematicas, cultivava as letras, e compunha lindas poezias, a maior parte das quaes negou á publicidade. Seu trato era ammissimo, e como homem particular foi exemplo de virtudes.

25 DE OUTUBRO

MANOEL DE FREITAS MAGALHÃES

Filho legitimo de João de Freitas Magalhães e de D. Anna da Encarnação, e nascido na villa depois cidade do Espirito Santo, na capitania do mesmo nome, Manoel de Freitas Magalhães veio ao mundo em 1787 e foi baptisado á 17 de Fevereiro do mesmo anno.

Recebeu a instrucção primaria em sua terra natal, e destinado ao sacerdocio, seguio para o Rio de Janeiro, e tendo feito os seus estudos no Seminario Episcopal de S. José, tomou ordens sacras á 25 de Outubro de 1817.

Voltou para a sua provincia, onde poucos annos se demorou, tornando para o Rio de Janeiro em 1822 e pronunciou-se ardentemente pela causa da independencia da patria ; ligou-se ao partido liberal, e foi enthusiasta dos

Andradas em 1823. Opposicionista durante o primeiro reinado influio comtudo na maçonaria, de que era membro, á favor dos emigrados portuguezes liberaes que vierão para o Brazil.

Gozou de credito como talentoso e sympathico orador sagrado, e modestamente cultivou a poezia.

Em brilhantes concursos mereceu ser escolhido vigario da parochia de S. Gonçalo e depois da de S. João de Itaborahy.

Foi membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro desde a primeira legislatura até o anno de seu fallecimento, e por vezes a presidio.

Foi deputado da assembléa geral pela provincia do Espirito Santo em 1843; mas a 15 de Outubro do mesmo anno rendeu a alma á Deus.

Como parocho deixou em S. Gonçalo saudades vivissimas, e em Itaborahy exemplo que nem antes, nem depois foi igualado.

Na parochia e villa de Itaborahy brilhou nas mais ardentes lutas politicas dos partidos como potente elemento de ordem e de harmonia. Em 1840 no mais fervoroso e ameaçador certamen eleitoral teve o poder de impôr sua benefica e doce vontade aos chefes dos partidos em vehemencia, e de escolher e fazer aceitar os membros da mesa eleitoral.

Para conseguir e poder tanto elle tinha facil condão : era caridoso, e do mais benigno accesso, e sua casa menos dello, do que dos seus parochianos que nella achavão campo neutro em questões politicas, e ponto ameno de reunião.

De volta á sua parochia depois de mezes de ausencia o conego vigario Freitas chorava commovido, vendo a multidão de cavalleiros que ião longe recebel-o e fazer-lhe sequito

amigo e triumphal para trazel-o jubiloso á sua casa da villa de Itaborahy.

Foi homem honrado, patriota, e parocho modelo.

Mezes antes de sua morte uma noite sonhou que ouvira distinctamente uma voz dizer-lhe : « o mez de Outubro te hade ser fatal ! »

O sonho produzio forte impressão em seu espirito : os amigos procurão de balde fazel-o esquecer o que elle suppôz tremendo avizo.

E com effeito o conego Freitas falleceu repentinamente á 15 de *Outubro*.

26 DE OUTUBRO

MATHEUS SARAIVA

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu ou no fim do seculo decimo setimo ou logo no principio do seguinte, Matheus Saraiva, tendo estudado preparatorios na cidade de seu berço foi mandado por seus paes para a universidade de Coimbra, e nella se formou em medicina com grande reputação de intelligente e illustrado.

Foi nomeado socio da Real Academia de Londres.

Na cidade do Rio de Janeiro exerceu a clinica medica, distinguindo-se tanto pela sua sciencia, como pelo seu desinteresse e pela exemplar caridade, com que tratava os pobres.

Quando mais o louvavão por isso, costumava responder: « se ha alcaide que prenda á Deus, ou se Deus se póde

prender, é a caridade o ministro que, sem sacrilegio, póde executar a diligencia. »

O Dr. Matheus Saraiva compôz: *a America portugueza e illustrada e Voz Evangelica por S. Thomé*, empenhando-se em mostrar a vinda do apostolo S. Thomé ao Brazil, e pretendendo ter decifrado diversas inscripções, e caracteres symbolicos que encontrára, e entre essas não menos de tres na serra de Itaquatiara em Minas-Geraes.

Escreveu mais *A Polianthea brazilica medica historica*, tratando das molestias endemicas e epidemicas do Rio de Janeiro, e do seu tratamento.

E ainda *Polyanthea Phisocosmica*, ou *Instrucção moral, politica, doutrinal e historica*: obra de educação dos filhos.

Na ignorancia das datas de seu nascimento e de sua morte, o nome do Dr. Matheus Saraiva fica registrado arbitrariamente á 26 de Outubro.

27 DE OUTUBRO

JOÃO HOPMAN

Natural da Inglaterra, João Hopman veio em meiado do seculo decimo oitavo para o Rio de Janeiro, e na cidade deste nome se estabeleceu, como negociante.

Era homem de excellente educação, e muito dado á leitura: mereceu geral estima pela sua amabilidade, e honestissima vida: no commercio gozou reputação de intelligente e honrado.

Amou o Brazil, e declarou-se todo e para sempre brazileiro, cazando-se com D. Maria Izabel, joven de distincta familia do Rio de Janeiro.

Para gozo de sua familia e de si proprio comprou espaçoso terreno, e fez linda chacara na rua de S. Christo-

vão esquina da do Aterrado: ahi começou á cultivar plantas da Europa e da Azia, então rarissimas no Brazil, e que elle se aprazia e até se empenhava muito em propagar, dando e offerecendo mudas ou sementes.

Era homem—elemento do progresso, e todo cheio de aspirações do desenvolvimento do paiz grandioso, berço de sua esposa, e sua patria adoptiva, e querida.

Foi muito considerado pelos vice-reis marquez do Lavradio, e Luiz de Vasconcellos e Souza: este obteve do governo da metropole que João Hopman fosse nomeado membro da *Meza de Inspecção* depois chamada *Junta do Commercio*: aquelle, antes disso, aproveitou João Hopman na primitiva e então incalculada fonte da maior e grandiosa fonte da riqueza agricola do Brazil.

No vice-reinado do marquez de Lavradio chegou ao Rio de Janeiro nomeado chanceller da relação do Rio de Janeiro o desembargador da do Maranhão João Alberto Castello Branco, que dessa capitania trouxe duas mudas de cafeeiro, que por ordem do vice-rei forão cultivadas na horta dos barbadinhos italianos.

De apontamentos, muito obsequiosamente obtidos de pessoa illustrada e parenta da familia de João Hopman, deve-se concluir que as plantas de cafeeiro forão tres, ou só uma cultivada na horta dos barbadinhos, porque nelles se affirma que o vice-rei confiára uma aos cuidados do curioso e solicito cultivador de plantas exoticas e novas no paiz; mas no luminoso trabalho sobre a *Historia e Cultura do Cafeeiro*, do distincto e respeitavel Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, lê-se que João Hopman colhêra na horta dos barbadinhos algumas bagas de café e as semeára na sua chacara.

Entretanto naquelles apontamentos é citado o facto de haver o poeta e artista patriota, o Sr. Porto Alegre, actual barão de Santo Angelo, ao vizitar, em annos adiantados deste século a chacara do já desde muito finado João Hopman, abraçado viva e explicavelmente commovido o velho cafeeiro historico, cuja planta fôra dada pelo marquez do Lavradio.

Esta duvida é em todo caso de minimo interesse.

Ou com o seu cafeeiro historico, ou com as bagas de café, que colhêra, e semeára, é certo, que João Hopman foi o principal cultivador, e exitador da cultura do cafeeiro, que vegetou e propagou-se animada, e explendidamente.

Em poucos annos João Hopman tinha já tão extensa plantação de cafeeiros na sua chacara e no terreno então denominado *Arrosal* na rua do Engenho Velho, que colhia café não só bastante para o consummo da familia, e para presentear seus amigos, como tambem para exportar o que lhe sobrava, achando-se provado este facto por uma conta de venda que o seu correspondente de Lisbôa remetteu em Dezembro de 1791, e que ainda é guardada por ser curioso documento.

Provavelmente foi elle o primeiro exportador de café do Brazil.

Algum tempo depois e ainda sob os auspicios do marquez do Lavradio foi João Hopman o inspirador e director da industria de cordoaria da guacima para o serviço do arsenal de marinha. Assevera-se que em dia de graves preoccupações commerciaes Hopman passeando á largos passos pela sua chacara, quebrava a haste de uma guacima, e á torcel-a entre as mãos, notou ao entrar em casa fibras resistentes e fortes bem capazes de servir para cordas e cabos, e que d'ahi nascera a industria que o marquez vice-rei animou e

protegeu, e que mais tarde foi a bandonada ou pela superioridade do linho, ou por mesquin ha politica da metropole.

João Hopman falleceu na cidade do Rio de Janeiro em tempo do vice-reinado de Luiz de Vasconcellos; porque em 1791 a conta de venda do café já foi então dirigida a sua viuva, tendo começado a sua exportação embora muito modesta de café antes desse anno.

A aptidão e o gosto de João Hopman para cultivar e introduzir no paiz que adoptára por patria plantas exoticas e uteis passarão, como em herança ás suas filhas, sendo prova desta asserção a portaria expedida pelo vice-rei conde de Rezende em 25 de Maio de 1798, incumbindo da cultura da canelleira á D. Norberta J. Hopman.

João Hopman merece muito ser lembrado entre os brazileiros generosos, e dedicados ao progresso deste grande e bello paiz.

Faltão datas precisas na vida benemerita desse inglez prestimoso e filho adoptivo do paiz; mas seu nome que não póde ser esquecido, fica gravado no artigo do dia 27 de Outubro.

28 DE OUTUBRO

CONRADO JACOB DE NIEMEYER

Filho legitimo de Conrado Henrique Niemeyer, coronel engenheiro hanoveriano ao serviço de Portugal, e de D. Firmina Angelica de Niemeyer, nasceu Conrado Jacob de Niemeyer na cidade de Lisbôa aos 28 de Outubro de 1788.

Resolvido a seguir a profissão de seu pae, assentou praça de cadete no regimento de artilharia da côrte em Fevereiro de 1803, entrando logo para o collegio militar, onde completou todos os estudos preparatorios com distincção, sendo em 1808 considerado o primeiro alumno do collegio.

A revellação de tão bello talento promettia esplendido futuro: os primeiros triumphos do joven estudante augmentavam a sua ambição de saber; mas a época não era propicia ao cultivo das letras: o clangor das trombetas marciaes perturbava a attenção que é indispensavel ao estudo: a época

não era da Minerva, a deusa da sabedoria, era da Minerva guerreira, tal qual sahira armada do cerebro paterno: o grande Cesar dos tempos modernos, Napoleão, o fazedor de reis novos, o quebrador de antigas corôas, o geographo politico que com a ponta do seu gladio riscava arbitrarios limites ás nações da Europa, lançára seus olhos de dominador sóbre a peninsula iberica, e ao aceno de seu braço, que era um instrumento da Providencia, as legiões da França invadiram o reino de Portugal, e as aguias soberbas que na phrase do Sr. Lamartine fizeram o gyro da Europa, pousaram victoriosas nas alturas de Lisbôa atterrada.

Nesses dias criticos, quando a resistencia e o glorioso pronunciamento do patriotismo portuguez eram ainda um problema, o joven estudante não quiz dobrar o collo ao jugo estrangeiro, e, não podendo combater, porque ninguem combatia, emigrou a 2 de Fevereiro de 1808 com dous cadetes, um cabo e oito soldados, para a esquadra ingleza que bloqueava o porto; e, levado a Portsmouth, ficou, por ordem do ministro plenipotenciario portuguez, guarnecendo com os seus companheiros o brigue *Destemido*, até que partio para o Brazil, onde chegou, desembarcando no Rio de Janeiro, em Julho de 1809.

Addido logo ao regimento de artilharia da côrte, e a 9 de Agosto do mesmo anno promovido a 2º tenente, com a obrigação de ultimar os estudos proprios da arma a que se dedicára, Conrado Jacob de Niemeyer satisfez com o maior zelo essa condição, recebendo em 1815 a patente de 1º tenente de engenheiros, por ter completado os estudos mathematicos com distincção.

Nessa data começou Conrado a illustrar-se por uma serie de serviços que continuaram durante quarenta e sete annos,

e só tiveram fim com o termo da existencia desse homem laborioso e infatigavel, que no ultimo quartel da vida parecia sempre remoçar pelo encanto do trabalho.

Conrado Jacob de Niemeyer póde ser considerado debaixo de dous pontos de vista; como militar, e como engenheiro propriamente dito; se o seu nome se acha envolvido em alguns acontecimentos politicos, é certo que em quasi toda a sua vida militar o soldado absorveu o politico, e mais a disciplina do que a opinião regulou suas acções.

Como militar não teve occasião de conquistar os louros que o guerreiro mais aprecia. Em 1817 e em 1824 combateu, é verdade, em Pernambuco pela causa da legalidade e a 24 de Setembro desse ultimo anno, logo depois da entrada triumphante do exercito pacificador na capital daquella provincia, foi condecorado pela mão do general Francisco de Lima e Silva com a medalha de distincção.

Em 1821 e 1822 o capitão de engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer assumiu certo caracter politico, servindo com o mais extremado zelo a duas idéas magestosas, a causa constitucional e a independencia do Brazil, recebendo por isso agradecimentos e louvores da junta provisoria da provincia de Pernambuco.

Dedicado á nova patria que adoptára, pagou-lhe tributos constantes de amor e fidelidade; mas arrastado pela obediencia militar a desempenhar uma commissão que elle proprio chamou terrivel, achou-se envolvido nas graves dissidencias politicas do primeiro reinado. Commandante de uma força expedicionaria mandada ao Ceará em 1824, foi nomeado presidente da commissão militar que alli se instituiu para julgar os compromettidos no pronunciamento revolucionario dachamada *Confederação do Equador*, como outra igual fôra ao

mesmo tempo creada em Pernambuco. O sangue correu nos patibulos : os gemidos das victimas acharam écho nos corações dos brazileiros. O partido liberal não perdoou a Conrado a sua severa disciplina, e contando-o entre os absolutistas daquella época, fulminou-o com os raios da sua reprovação.

Chamado á côrte em 1828 para responder pelos abusos de autoridade de que era accusado, foi o commandante militar do Ceará não só unanimemente absolvido ; mas ainda elogiado pelo conselho de guerra que o julgou.

O triumpho do partido liberal em 1831 atirou Conrado no numero dos desgotosos que em breve formaram o partido que se denominou *caramurú* ou *restaurador* : em 1832 foi elle preso e processado sob pretexto de haver elevado ao posto de coronel no Ceará a Joaquim Pinto Madeira, de ter desobedecido ás ordens do governo, e cooperado para a perturbação da ordem publica ; absolvido e justificado em dous conselhos de guerra, sentiu-se todavia desgostoso da carreira que até então seguira, e preferindo outra mais modesta e mais placida, pediu e obteve em 1833 a sua reforma no posto de coronel.

O militar descansára : o engenheiro reduplicou a sua actividade.

E é como engenheiro que mais preclara memoria nos deixou o nosso consocio. Cada anno da sua vida foi marcado por um trabalho vantajoso, e por assim dizer formou um annel de longa cadêa de bons serviços.

De 1817 á 1824 Pernambuco vira Conrado Jacob de Niemeyer encarregado successivamente de levantar a planta do Recife, de Olinda e seus suburbios, de estabelecer a linha telegraphica entre o Recife e o extremo meridional da pro-

vincia, do reconhecimento e plano de defesa da costa do sul da mesma até o rio de S. Francisco, da construcção e direcção de pontes, estradas, aterrados, e de açudes para abastecimento d'agua em tempos de secca nas povoações do sertão, da organisação do plano de defesa da provincia, e especialmente das cidades do Recife e de Olinda, tarefa que desempenhou com o então major de engenheiros Firmino Herculano de Moraes Ancora, e emfim do plano de encanamento de agua para o Recife. Outra vez em Pernambuco, em 1841, com o seu illustre collega então tenente-coronel e depois marechal de campo o conselheiro Pedro de Alcantara Bellegarde, apresentou novo plano para essa ultima obra, que foi executada com plena satisfação de ambos. Ainda na mesma provincia, em 1855, planejou o dessecamento dos pantanos de Olinda, e o encanamento das aguas do Beberibe para tornar a navegação constante entre o arrabalde deste nome, Olinda e Recife, evitando os estragos continuos das enchentes do Capibaribe.

No Rio de Janeiro, no anno de 1829, examinára o estado das fortificações do porto e barra, e propôzera os meios de melhoral-as: levantára a planta e orçára as despezas a fazer na estrada geral de S. Paulo ao Rio de Janeiro, e fôra nomeado adjunto da commissão estatistica e geographica do imperio.

A revolução politica de 1831 impôz á Conrado o castigo do descanço; mas em 1836, tres annos depois da sua reforma, achou-se elle á frente da secção das obras publicas da provincia do Rio de Janeiro, foi depois nomeado membro e em seguida presidente da directoria das mesmas obras, e suavisou o labor dessas tarefas, inspeccionando com o visconde de Jerumirim o canal da Pavuna, cujas despezas de melhoramento e conclusão ao mesmo tempo orçou; e confeccionando

com o general Bellegarde um plano para o desmoronamento do morro do Castello, trabalho que foi apresentado ao corpo legislativo em 1838.

Neste mesmo anno contratou e realisou a construcção de mais de 10 leguas da estrada do commercio, entre os rios Iguassú e Parahyba.

Em 1846 foi encarregado de reconstruir e renovar as pontes e aterrado da imperial fazenda de Santa Cruz, de que foi logo nomeado superintendente, e tão zeloso se mostrou no desempenho dos seus deveres, que cinco annos depois recebeu da mordomia da casa de Sua Magestade o Imperador agradecimentos pelos serviços que prestára, não só naquelle estabelecimento, como nos exames que fizera para melhorar as barras de Itaguahy e Guaratiba, e igualmente nos da fabrica de seda de Itaguahy.

Mas em 1846 tinha colhido a mais bella palma do seu mais notavel trabalho. Conrado Jacob de Niemeyer, membro effectivo do Instituto Historico e Geographico do Brazil desde 1839, publicou e dedicou a esta sociedade a sua *Carta Geral do Imperio*, que lhe trouxe em justo premio o diploma de socio honorario, e a medalha de ouro com que foi honrado pela mão de Sua Magestade o Imperador na sessão solemne e anniversaria do Instituto naquelle anno.

A *Carta Geral do Imperio* do coronel Conrado está longe de ser uma obra perfeita: senões e erros que o proprio autor veio a reconhecer, forão cada dia tornando-se mais sensiveis e avultando em numero, á medida que se apuravão os estudos relativos; mas a difficuldade e trascendencia daquelle trabalho, e a necessidade palpitante que havia delle, augmentaram-lhe o valor, e mais fizeram sobresahir o seu inquestionavel merecimento, que, tambem justamente apreciado

na Europa civilisada, ganhou para o distincto engenheiro os diplomas de membro honorario da Sociedade Geographica de Berlim e da Sociedade Botanica de Ratisbona.

Em 1856 foi o coronel Conrado Jacob de Niemeyer nomeado official da repartição geral das terras publicas, e ainda encarregado da confeição de uma carta corographica do imperio.

Aos 69 annos ainda se arrojou o distincto engenheiro a ardua e longa empresa; pois com o seu illustre amigo e collega, general Bellegarde, foi encarregado de apresentar em tres annos e carta corographica da provincia do Rio de Janeiro, satisfazendo ambos tão difficultosa tarefa com plena satisfação do governo provincial respectivo.

Conrado Jacob de Niemeyer falleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1862, tendo setenta e quatro annos de edade.

29 DE OUTUBRO

FR. ANTONIO DA PIEDADE

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em anno da segunda metade do seculo decimo septimo, educado com esmero por seus pais, Antonio da Piedade, tomou este segundo nome abraçando o instituto serafico da patria: applicou-se fervorosamente ao estudo das sciencias theologicas e da philosophia, e foi geralmente respeitado pelas suas virtudes e pureza de costumes.

Animado de espirito apostolico sahio á missionar e merecendo á 29 de Outubro de 1702 ser nomeado superior missionario da aldeia de Garulhos em Campos dos Goitacazes, penetrou em vastos sertões e conseguio attrahir ao catholicismo e ao caminho da civilisação gentio numeroso, que reunio aldeiado.

Sobrevindo grave epidemia, e morrendo não poucos indios, desertaram os outros, attribuindo rudemente ao baptismo aquella calamidade.

Fr. Antonio da Piedade, tendo esperado que cesasse a epidemia, de novo se metteu pelas florestas, e pregando e convencendo de seu erro aos fugitivos indios, teve o poder de trazel-os outra vez comsigo, e de contel-os e dominal-os com a sua brandura e caridade na aldêa que formára e que prosperou, graças á seu zelo e á sua dedicação.

Os serviços de Fr. Antonio da Piedade foram tão grandes que pelas informações do governador do Rio de Janeiro el-rei mandou que l'hos fossem agradecidos em seu nome.

30 DE OUTUBRO

GONÇALO SOARES DA FRANÇA

Litterato e poeta, Gonçalo Soares da França nasceu em 1632 na capitania do Espirito Santo: cultivou com ardor as lettras, e na lingua latina que perfeitamente conhecia, escreveu um poema á que deu o titulo *Brazilica ou Descobrimento do Brazil.*

Em portuguez compôz varias poesias, que conforme o testemunho do Sr. conselheiro Pereira da Silva *(Varões Illustres do Brazil Supp. Biog.)* tem distincto merecimento.

Ignora-se o dia do nascimento, o dia e anno da morte deste varão illustre; mas não deve por isso ser esquecido o homem, que entre poucos, naquelle seculo ainda de trevas para o Brazil, á força de estudo, e com triumphos de intelligencia, soube tornar-se fonte de luz.

Seja o seu nome inscripto, embora arbitrariamente, no dia 30 de Outubro.

31 DE OUTUBRO

JOAQUIM GONÇALVES LEDO

Filho legitimo de Antonio Gonçalves Ledo e de D. Antonia Maria dos Reis Ledo, e natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu em 11 de Dezembro de 1781, Joaquim Gonçalves Ledo foi destinado por seus paes á formar-se em jurisprudencia, e tendo estudado na cidade natal o latim e pouco mais, seguio aos quatorze annos de idade para Portugal.

Em Coimbra completou os seus preparatorios e cursava a faculdade de direito, quando a noticia do fallecimento de seu pae, e a necessidade de tomar a direcção dos negocios de sua casa o obrigarão a interromper os seus estudos e a voltar para o Rio de Janeiro.

Dotado de muita facilidade de comprehensão, de intelli-

gencia brilhante e de prodigiosa memoria, foi conquistando em assiduas leituras e estudos de gabinete instrucção variada, e cultivando com amôr as lettras.

Até o fim de 1820 faltão sobre a vida de Ledo outras informações que não sejão a de ter sido empregado na secretaria do arsenal de guerra, e já muito estimado na cidade do Rio de Janeiro, pelo seu talento poetico, doçura de cacacter e amenidade do trato.

Como empregado da secretaria devia ser prestimosissimo, porque além de bastante instruido, redigia com aprimorado gosto, e tinha lindissima lettra, ainda escrevendo rapidamente.

Em 1821 appareceu na scena politica, sendo eleitor, e tomando parte na assembléa eleitoral que se reunio a 20 de Abril na Praça do Commercio, e que ultrapassando o seu exclusivo mandato, exigiu a adopção da constituição hespanhola, tomou medidas para impedir a retirada do rei para Portugal, e se tornou tumultuaria desde as primeiras horas.

Aos erros, abusos e estravagancias revolucionarias da assembléa igualou o attentado da autoridade, que sem prévia advertencia ou intimação mandou na madrugada de 21 de Abril uma força militar da divisão portugueza dar uma descarga de mosquetaria sobre a parte do edificio onde estavão os eleitores e muito povo, e immediatamente invadir a sala á bayonetas caladas. Houve eleitores e populares mortos e muitos feridos.

A assembléa foi assim dissolvida, e Ledo teve de occultar-se por algumas semanas, pois era um dos compromettidos nos excessos de 20 de Abril.

A 26 do mez partio D. João VI com a familia real para

Lisbôa, deixando o principe D. Pedro no Rio de Janeiro, como regente do Brazil.

Logo em 1821 manifestarão-se aspirações de independencia, e quando ainda o principe regente D. Pedro se oppunha á grande obra do patriotismo brazileiro, Ledo e o seu illustre amigo o padre (depois conego) Januario da Cunha Barbosa redigirão e publicarão o periodico *Reverbero* que foi á principio cauteloso, e em seguida franco e ardente orgão dos sentimentos dos patriotas.

Em 1822 Ledo cooperou para a representação dos fluminenses, que levada á 9 de Janeiro ao principe-regente, deste recebeu em resposta o «*Fico no Brazil,*» com que D. Pedro, desobedecendo ao decreto da constituinte portugueza e do rei, collocou-se á frente da revolução da independencia do Brazil.

Convocado á 16 de Fevereiro o *conselho dos procuradores geraes das provincias* pelo governo do principe D. Pedro, foi Ledo um dos eleitos pelo Rio de Janeiro e em alguns dos documentos officiaes mais importantes do anno de 1822 se denuncia o seu estylo brilhante, florido, e de apurado torneio.

Retumbára o grito do Ypiranga á 7 de Setembro; á 12 de Outubro fôra D. Pedro acclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil; mas já então os patriotas da independencia no Rio de Janeiro estavão em luta de rivalidade que rompêra no seio da maçonaria em torno de D. Pedro eleito grão-mestre.

A rivalidade passou para a arena politica: Ledo, Januario José Clemente, Nobrega e outros hostilisárão o ministerio Andrada, censurando-o como ante-liberal, e á 28 de Outubro os dous ministros Andradas (José Bonifacio e Martin

Francisco) provocárão a demissão do seu ministerio, ou este foi demittido sem que elles o esperassem. A historia é ainda um pouco obscura nesse ponto; certo é porém que manifestações populares, e representações officiaes, e da população levarão o Imperador a chamar de novo os Andradas ao governo dous dias depois, á 30 de Outubro.

José Bonifacio e Martin Francisco forão conduzidos pelo povo em triumpho e D. Pedro I os foi receber na rua, abraçando-os e chorando de alegria.

Mas os Andradas voltárão ao poder sob a condição de tomar no governo medidas extraordinarias que julgavão indispensaveis: mandarão abrir devassa contra conspiradores revolucionarios: José Clemente, Januario e Nobrega forão presos, e depois deportados para França, e Ledo logo no dia 31 de Outubro, presentindo a perseguição politica que tambem o ameaçava, occultou-se e depois dissimulado em habitos de frade conseguio escapar a prisão, indo embarcar em um navio, que o levou para Buenos-Ayres.

Nem Ledo, nem Nobrega, nem José Clemente, todos elles benemeritos da independencia. forão membros da constituinte brazileira em 1823. Lembrarão talvez no desterro o *sic vos non vobis* de Virgilio.

Mas os Andradas cahirão do poder, e dissolvida fatalmente a constituinte em Novembro de 1823, tambem elles forão presos e experimentarão injusto deterro.

Os deportados e proscriptos de Novembro de 1822 voltarão ao seio da patria.

Ledo foi eleito deputado pelo Rio de Janeiro nas duas primeiras legislaturas do imperio, isto é, de 1826 á 1833, e figurou nellas como orador luminoso e amenissimo, por vezes relator da resposta á falla do throno por sua mestria

em florido e muito apreciado estylo, e quasi sempre membro influente em commissões de fazenda.

Distanciado da opposição systematica dos liberaes, de caracter docil, amigo de D. Pedro I, e por elle muitas vezes ouvido, dubio em sua posição na camara, quasi sempre votando de accordo com os ministros, Ledo perdeu pouco á pouco sua popularidade, e foi ardentemente atacado pela imprensa liberal, que o considerou fóra das linhas do respectivo partido, e o accusou de versatil e ambicioso.

Que fosse ambicioso não o provárão os factos; pois com todas as suas reconhecidas habilitações nunca subio ao ministerio, nem occupou fóra da camara altas posições officiaes: foi apenas membro do Tribunal da Junta do Commercio por alguns annos.

Perdida a confiança dos liberaes, conhecido como amigo pessoal de D. Pedro I, Ledo depois do dia 7 de Abril de 1831 retrahio-se e não influio na camara.

Na terceira legislatura não foi reeleito, bem que já se tivesse aproximado dos liberaes, sendo prestimoso auxiliar de Bernardo Pereira de Vasconcellos, quando este foi ministro da fazenda.

Em 1835 a provincia do Rio de Janeiro o elegeu membro da sua assembléa na primeira legislatura, reelegendo-o nas duas seguintes. Ledo prestou serviços importantissimos nessa assembléa, primando na tribuna e nos trabalhos das principaes commissões.

Intimamente ligado desde 1832 com o grande estadista Vasconcellos auxiliou-o muito na vigorosa opposição ao regente Feijó, escrevendo em proza e verso pequenos artigos em que manejou principalmente a arma do ridiculo com habilidade e graça.

Doente e desgostoso da politica retirou-se de todo para a sua fazenda do *Sumidouro*, no municipio de Santo Antonio de Sá, hoje de Santa Anna de Macacú, e alli falleceu á 19 de Maio de 1847 de uma lesão organica do coração. O seu cadaver foi transportado para a capital do imperio, onde se fez o seu enterro.

O seu maior desgosto proveio do malogro de seu empenho em duas vezes que trabalhou para entrar em listas senatoriaes pelo Rio de Janeiro : queixava-se elle da deslealdade de alguns dos seus amigos politicos, e isso mesmo se conclue de uma carta sua á seu sobrinho, na qual mandava recado de resposta á José Clemente Pereira : a carta é datada de 6 de Maio de 1847, e escrita da fazenda do Sumidouro.

Joaquim Gonçalves Ledo fulgurou na tribuna parlamentar : orava, como escrevia, com precisão, eloquencia, estilo florido e por assim dizer assetinado : era orador de primorosa cortezia e de encantadora fórma : as palavras lhe sahião pronunciadas quasi com exagerado requinte de pureza na acentuação das syllabas, e sem precipitar-se e ao contrario sufficientemente pausado no discurso, corria-lhe este dos labios, como doce e placido arroio por entre margens cobertas de flôres.

Era de amenidade, e de travesso e gracioso espirito inescediveis nas sociedades de amigos : gostava muito de reuniões festivas, dava com frequencia e o melhor gosto banquetes ás familias de sua amisade e em festas campestres em sua fazenda do Sumidouro, e em algumas de vesinhos intimos maravilhava a sua imaginação no concerto de innocentes e engraçados entretenimentos.

Escreveu muito e principalmente sobre a historia da independencia, e acontecimentos, e couzas de 1822 ; mas

a sua carta de 6 Maio de 1847 informa que todos os seus preciosos manuscritos forão destruidos e queimados pelo benemerito da independencia resentido do esquecimento de seus serviços.

Deixou incompleto um drama intiulado *O orphão* que só por acazo, ou porque mal podia ser apreciado em tres actos eivados de lacunas, escapou ao fogo que devorou todos os seus papeis, entre os quaes abundavão cartas de D. Pedro I, e nelles algumas de 1822, em que o então principe-regente lhe escrevia, tratando-o por *Meu Ledo.*

Joaquim Gonçalves Ledo teve no primeiro reinado o titulo de conselho, a dignitaria da ordem Imperial do Cruzeiro, e a commenda da Ordem de Christo.

1 DE NOVEMBRO

JOÃO PAULO DOS SANTOS BARRETO

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 28 de Abril de 1788, João Paulo dos Santos Barreto fez os seus estudos de humanidades na cidade de seu berço, manifestando logo a bella intelligencia de que era dotado, e destinando-se á carreira das armas, assentou praça aos desenove annos de idade no regimento de artilharia, recebendo o posto de sargento.

O joven soldado não tinha por si nem o prestigio de uma familia nobre, nem o condão das riquezas, nem o encanto do patronato; animava-o, porém a flamma do talento e a força da consciencia. As promoções realizavam-se n'aquelle tempo por exames de opposição; n'essa arena gloriosa

aberta ao merecimento atirou-se elle com ardor, e, marchando de victoria em victoria, ganhou todos os postos até 1° tenente; em 1818 era capitão do corpo de engenheiros, em 1821 major, dois annos depois tenente-coronel, em 1826 coronel do estado-maior.

O sargento de 1807 tinha subido depressa; a muitos espantára tanta fortuna, e o coronel de 1826 não escapou aos botes da inveja. A escala do merecimento não póde agradar áquelles que, pouco em si confiando, preferem a escala material dos annos, que premia a quem a mais tempo vive, e não a quem melhor tem servido. A mediocridade, que avança rastejando, se o patronato não lhe empresta azas, é caracol que não tolera os vôos da aguia. Digam-lhe que o grande Condé foi aos 22 annos general em chefe na batalha de Rocroy, e ella responderá sorrindo: —Foi porque era principe—; assegurem-lhe que aos 23 annos de idade foi Pitt um ministro na Inglaterra, e ella tornará sorrindo ainda: —Era filho de lord Chatam—; lembrem-lhe que Murat foi um general admiravel aos 30 annos, e ella replicará sorrindo sempre: —Era uma das espadas que se forjaram nas lavas do volcão revolocionario da França—; e, fiel á sua natureza mesquinha, a mediocridade nunca reconhecerá sem violencia que Condé, Pitt e Murat foram homens de genio.

João Paulo dos Santos Barreto subira com effeito depressa; tinha, porém, merecido muito. Era entre os seus contemporaneos um dos primeiros na applicação, no trabalho e na vastidão e brilhantismo da intelligencia. Já em 1818 servira em Pernambuco na phalange debelladora da revolução republicana; no mesmo anno foi nomeado lente substituto da academia militar; no seguinte acompanhou o

general Stokler no estudo de um systema de fortificações para a provincia do Rio de Janeiro; em 1821 teve de partir para a ilha Terceira afim de examinar e reformar os estudos mathematicos e militares da escola respectiva; d'alli foi mandado em commissão á Lisbôa e de Lisbôa para França, incumbido de estudos praticos de engenharia e hydraulica; mas em breve o brado ingente do Ypiranga soou além do Atlantico no coração do illustre brazileiro, que, tornando á patria, já nação independente, logo em 1824 mereceu ser nomeado secretario do conselho militar privado do Imperador.

Em 1831 o exercito recebêra o germen da indisciplina no campo da revolução; de elemento de ordem tornára-se um perigo para a sociedade: o governo benemerito d'essa época teve de dissolvêl-o; o throno e instituições recebêrão por guarda a nação e cada brazileiro foi um soldado; na capital do imperio os officiaes de alguns dos antigos corpos formarão um batalhão, cabendo a honra de ser seu commandante ao coronel João Paulo dos Santos Barreto.

Depois de ter sido, durante pouco tempo, ministro da guerra em 1835 continuou a desempenhar importantes commissões, até que em 1840 foi nomeado commandante em chefe do exercito do Rio Grande do Sul, onde tinha, desde alguns annos, alçado o collo altivo a mais fatal rebellião. O distincto general mostrou-se digno da alta confiança que merecêra, deixou as cidades e pontos fortificados e avançou pelos campos no encalço das columnas rebeldes, tomou-lhes artilharia, materiaes de guerra e cavalhadas; rechaçou-as até as fronteiras, e, se não foi o pacificador, foi o grande preparador da pacificação da heroica provincia do Sul do Imperio.

Quatro annos depois registrava na provincia de Minas-Geraes a memoria de um governo justo, brando e illustrado, e d'elle sahia para tomar assento na camara temporaria como deputado do Rio de Janeiro e para encarregar-se da pasta da guerra no gabinete de 22 de Maio de 1846, no qual prestou á organisação do exercito os serviços mais relevantes: outra vez ministro da guerra em 1848, desceu do poder no fim de quatro mezes; mas continuou sempre e até o ultimo dia da sua vida a dedicar-se com patriotismo e zêlo á terra do seu berço e ao governo do Estado.

Examinando a fabrica da polvora e propondo as reformas convenientes; presidindo em 1849 a commissão de pratica de artilharia, desde 1850 a de melhoramentos do material do exercito; em 1852 a de exame do arsenal de guerra da côrte; tomando parte na commissão revisôra da legislação do supremo conselho militar, em muitos outros trabalhos emfim João Paulo dos Santos Barreto provou tanto a sua vasta capacidade como a sua honradez.

A munificencia imperial, o voto do povo e o reconhecimento da republica das letras derão-lhe inequivocos testemunhos da mais elevada consideração. João Paulo dos Santos Barreto, doutor em sciencias mathematicas e physicas, tinha o titulo de conselho, e era fidalgo cavalleiro, marechal do exercito, conselheiro de estado e de guerra, grã-cruz da ordem de Aviz, official da do Cruzeiro, veador da casa imperial e lente jubilado da academia militar. A provincia do Rio de Janeiro deu-lhe por duas vezes assento na sua assembléa provincial, e em 1845 uma cadeira na camara temporaria.

O Instituto Historico e muitas outras sociedades scientificas nacionaes e estrangeiras ufanarão-se de contal-o entre os seus membros.

João Paulo dos Santos Barreto era incontestavelmente no Brazil uma das illustrações, e sumidade no exercito por sua profundeza nas materias proficionaes, era rico de conhecimentos variados, orador fluente e grave, muitas vezes cheio de eloquencia, na conversação ameno e em toda a sua vida, tanto particular como publica grande exemplo de honestidade.

O illustre general morreu no dia 1 de Novmbro de 1864, viveu 76 annos ; d'esses pertencerão 57 ao serviço da patria ; foi um benemerito : honra pois á sua memoria.

2 DE NOVEMBRO

PAULO JOSÉ DE MELLO AZEVEDO E BRITO

Intelligencia feliz e brilhante, homem de merecimento distincto, litterato e poeta estimado pelos seus contemporaneos, applaudido e altamente elogiado por elles, com lisongeiro e animador horizonte aberto em superior gráo administrativo, e na mais elevada posição politica, no senado do imperio do Brazil, Paulo José de Mello ou por desidia reprehensivel, ou por modestia excessiva, ou por systema adoptado de abstenção, e de concentrada vida, que foi nociva á gloria de sua patria, fraca e incompletissima lembrança deixou do seu nome, que direitos tinha á perpetuar-se esplendido.

Paulo José de Mello Azevedo e Brito, nasceu na cidade da Bahia no ultimo quartel do seculo decimo oitavo.

Na cidade de seu berço fez seus estudos primarios e de humanidades com creditos de intelligencia brilhante e amena, seguiu depois para Portugal e formou-se em leis na universidade de Coimbra.

Logo que se formou, partio, de volta para a Bahia e chegou á cidade de S. Salvador á 2 de Novembro de 1803.

Entrando logo depois na carreira da magistratura firmou em seu paiz justa reputação de juiz integerrimo e muito esclarecido.

Proclamada a independencia do Brazil, que elle patrioticamente almejava, e saudou, e jurada a constituição politica do imperio em 1824, logo em 1826 foi escolhido senador pela provincia da Bahia.

Desempenhou dignamente diversos cargos de administração, e tendo sido presidente da provincia da Bahia, gozou merecida reputação de justo, moderado e probo.

Poeta distincto e de musa fertil escreveu muito; mas quasi nada, ou apenas quatro ou cinco composições poeticas publicou em avulso, ou em periodicos, encontrando-se no *Parnaso Lusitano*, uma *epistola* de sua lavra e de incontestavel merecimento.

Para fundamento do seu grande talento poetico, e do cultivo esmerado da arte respectiva, basta dizer que mereceu elogios de Francisco Manoel, o Filinto Elysio, que não os dispensava facilmente.

De 1826 em diante giravão nos melhores circulos de litteratos e poetas do Rio de Janeiro originaes e copias de poesias amenas, epigrammaticas, e algumas eroticas de Paulo José de Mello, que fazião as delicias dos apreciadores competentes.

Tudo isso se perdeu por desmazelo e por abandono de que o primeiro réo foi o proprio e muito louvado poeta.

Já velho o senador Paulo José de Mello ainda em 1843 escreveu um Epithalamio, celebrando o feliz consorcio do imperador o senhor D. Pedro II. Essa composição poetica e mais tres elogios aos anniversarios natalicios de D. João VI e de D. Pedro I forão impressos em 1844 na typographia dos Srs. Laemmert, no Rio de Janeiro, formando pequeno volume de 51 paginas.

Paulo José de Mello e Azevedo e Brito falleceu na cidade do Rio de Janeiro em Setembro de 1846.

O que faltou á sua maior gloria, é o que por não amar a gloria, ou por modestia exagerada, ou emfim por indefferença e descuido, elle negou á posteridade na grande cópia de poesias, que escreveu.

Paulo José de Mello Azevedo e Brito foi no seu tempo grande homem que se condemnou á afigurar-se pequeno na memoria dos posthumos.

3 DE NOVEMBRO

JOSÉ ANTONIO LISBOA

O capitão José Antonio Lisbôa, tendo perdido quanto possuia no terremoto de 1 de Novembro de 1755 na cidade de que tinha o nome, passou-se para o Brazil, onde adquirio fortuna no commercio: deste portuguez foi filho legitimo José Antonio Lisbôa nascido na cidade do Rio de Janeiro á 23 de Fevereiro de 1777.

Nesta mesma cidade fez o menino Lisbôa os seus estudos primarios, e os de latim, philosophia e rhetorica, e depois mandado para Portugal, seguio o curso de mathematicas no collegio dos nobres.

Em 1802 partio para a França, esteve em Paris e de Paris foi em seguida para Londres, tratando de illustrar seu espirito: de volta á Portugal vio-se ameaçado de cahir nas garras da Inquisição pela suspeita de ter trazido de França

livros que não erão orthodoxos; mas avisado do perigo, embarcou logo para o Brazil.

Com a vinda da familia real portugueza para o Rio de Janeiro, e estabelecimento da capital da monarchia na mesma cidade, creárão-se tribunaes e instituições superiores: entre outros o tribunal da junta do Commercio e uma aula de commercio: para lente desta foi nomeado José Antonio Lisbôa por aquelle tribunal, sendo a nomeação approvada pelo principe-regente em resolução de consulta á 23 de Janeiro de 1810, e servio com tanto zelo, profisciencia e proveito, que por graça especial mereceu ser aposentado no fim de onze annos por Decreto de 16 de Maio de 1821.

A 4 desse mez e do mesmo anno já tinha sido encarregado do exame do Banco do Brazil que se achava em apuros e crise. José Antonio Lisboa apresentou luminosas considerações sobre o estado do Banco, e o relatorio do seu debito e credito e pelo cabal desempenho de tão difficil commissão avultou ainda mais a confiança que já se depositava em seus conhecimentos financeiros e administractivos e em sua probidade.

Em 1822 foi incumbido de organisar *uma estatistica do Brazil*; — mais tarde á trabalhar na commissão de fazenda da camara dos deputados, posto que não fosse membro da camara; — em 1828 occupou-se da foral das Alfandegas; em 1829 do regulamento consular.

Além desses trabalhos José Antonio Lisboa entrou nas commissões mixtas brazileira e portugueza e brazileira e ingleza, aquella para liquidar os prejuizos, a que se referia o artigo 8° do tratado de 29 de Agosto de 1825; esta para liquidação das perdas e damnos dos navios britanicos capturados pela esquadra brazileira no bloqueio do Rio da

Prata durante a guerra com a Confederação Argentina. Na primeira elle organisou o methodo dos trabalhos: na segunda fez profunda e magistral analyse do memorandum apresentado pelo ministro inglez lord Ponsomby. conseguindo diminuir não pouco os prejuizos impostos ao Brazil. A legação britanica tão contrariada se vio pelo habilissimo commissario José Antonio Lisbôa, que chegou á pedir que elle fosse demittido, sendo essa pretenção vigorosamente repellida pelo governo imperial em nota de 4 de Setembro de 1830 do ministro Miguel Calmon Dupin e Almeida, depois visconde e marquez de Abrantes.

Mas José Antonio Lisbôa deixou effectivamente a commissão mixta, porque á 2 de Outubro do mesmo anno de 1830 subio ao ministerio da fazenda, no qual apenas se conservou até 3 *de Novembro* ; porque não quiz prestrar-se ao pagamento provenieute do celebre contracto de armamento com o negociante inglez Guilherme Young, sem que primeiro fosse a despeza approvada pela assembléa legislativa.

Em 1832 foi por Decreto de 14 de Março nomeado membro da commissão encarregada de organisar o codigo do commercio, e apresentou o capitulo sobre letras de cambio, o qual mereceu a approvação dos seus collegas e do governo imperial.

A situação financeira do Brazil muito afflictiva desde os ultimos annos do reinado de D. Pedro I se aggravára ainda mais pela depreciação do seu systema monetario reduzido á papel e cobre: nomearão-se homens competentes para proporem acertadas e sabias providencias, e entre elles foi contado José Antonio Lisbôa, que offereceu um projecto de lei impresso no Rio de Janeiro em 1835, com as idéas de novo padrão monetario, e de organisação de um *banco*.

José Antonio Lisbôa falleceu no Rio de Janeiro á 29 de Julho de 1850.

Elle teve o titulo de conselho, e a commenda da ordem de Christo, e foi lente jubilado da aula do commercio, deputado da Junta do Commercio e membro do Instituto Historico Geographico Brazileiro, em cuja Revista Trimensal deixou publicada a biographia do seu amigo, o sabio Silvestre Pinheiro Ferreira.

4 DE NOVEMBRO

MANOEL DE MELLO FRANCO

Manoel de Mello Franco nasceu á 31 de Janeiro de 1812 na villa, hoje cidade de Paracatú, provincia de Minas-Geraes, e ali mesmo fez os seus estudos de preparatorios.

Matriculado na escola juridica de S. Paulo, seguia animado o curso respectivo, quando em 1834 grave affecção pulmonar o obrigou por exigencias instantes dos medicos á interromper seus estudos academicos, e á partir para Europa.

Chegando á ilha da Madeira, Mello Franco já se achava quasi de todo restabelecido da molestia que tão ameaçadôra se pronunciára; mas tomando bem inspirada resolução, seguio para França, e lá matriculou-se na escola de medicina de Montpellier, na qual teve por companheiro, e

amigo intimo o actual e venerando sabio o Sr. visconde de Prados.

Em 1836 sua vida perigou seriamente em consequencia de teimosa inflammação de figado e consequente hydropisia : sem esperanças de cura, Mello Franco quiz morrer na terra da patria, voltou ao Brazil, e chegando ao Rio de Janeiro em poucas semanas se achou completamente restituido á perfeita e robusta saude.

No mesmo anno tornou para França e no seguinte tomou o gráo de doutor em medicina, e veio chegar ao Rio de Janeiro á 23 de Outubro de 1837, donde no fim de alguns mezes se retirou para estabelecer-se em Paracatú.

Homem de esclarecida intelligencia, de animo exaltado e enthusiasta, de vontade forte, de labor infatigavel, de constancia inflexivel, de generosissimo coração, o Dr. Manoel de Mello Franco dedicou sua vida não só a clinica medica, na qual foi sorprendente, admiravel pela segurança do diagnostico, e pela como que infallivel sentença do prognostico ; mas tambem á politica, e ao progresso material do seu paiz.

Em Paracatú desempenhou cargos diversos de eleição popular, e exerceu o commando superior da guarda nacional.

Eleito deputado provincial, deixou Paracatú, e fixou sua residencia na cidade do Ouro Preto.

Era liberal em politica, e não medio sacrificios no civico serviço do seu partido : em 1842 rebentando a revolta liberal de Minas-Geraes, Mello Franco fez-se nella um dos chefes, e o mais ardente soldado ; entrou em combates, foi prezo em Santa Luzia, e prezo esteve em Ouro Preto dezoito mezes, sendo emfim absolvido pelo jury.

As senhoras mineiras de Diamantina, exaltadas liberaes que erão, senhoras das familias mais distinctas, reunirão-se um dia, e cortando cada uma alguns fios dos seus cabellos, mandarão trançal-os, e prendel-os adaptados á orlas de ouro em bello anel com as seguintes datas e palavras gravadas: 26 *de Julho—valor e victoria*: 29 *de Agosto —coragem e traição*, e offerecêrão esse anel historico ao prezo Dr. Mello Franco, cuja digna e virtuosa viuva o conserva e zeloza o guarda, como preciosa lembrança.

Embora prezo o Dr. Mello Franco foi de 1842 á 1844 a alma da imprensa liberal de Minas-Geraes: impavido e vehemente elle escrevia com ardor, e dedicado alimentava com a sua bolsa o prelo, que espalhava suas idéas, e atacava com inergia ás vezes até violenta os vencedores.

E embora prezo, era tal o credito, e como que o prestigio de sua sciencia medica, que as representações e empenhos até de adversarios politicos, levarão o general Andréa (depois barão de Caçapava) novo presidente de Minas-Geraes, á ordenar livre sahida da cadeia ao Dr. Mello Franco para prestar serviços medicos á doentes.

A's vezes um pouco original e zombeteiro, o Dr. Mello Franco depois contava á rir, que obrigado por amôr do proximo á aceitar esse favor do presidente, impozera por condição ampla liberdade pessoal, quando fosse ver doentes de familia liberal, e um guarda de sentinella á sua pessoa, quando tivesse de vizitar doentes de familias do partido conservador.

Provavelmente o Dr. Mello Franco nunca deu importancia á essa condição de zombaria politica, e é positivo que notabilidades conservadoras o forão procurar na cadeia do Ouro Preto, e o levarão prompto e honorificado pela mais

explendida confiança ao seio de seus lares domesticos á salvar pessoas as mais caras de suas familias.

Em Minas-Geraes continuou elle á dirigir a imprensa politica do seu partido até que eleito deputado da assembléa geral pela sua provincia em 1844, veio tomar assento na camara em Janeiro de 1845 em que se abrio a sexta legislatura.

Foi reeleito deputado em 1848; mas a camara foi dissolvida em Fevereiro do anno seguinte.

Voltou ao parlamento como supplente na oitava legislatura, e como deputado eleito nas de 1861 a 1863, e de 1864 a 1866.

O Dr. Mello Franco deputado ministerial pelas idéas do seu partido até 1848, quasi que não appareceu na tribuna; mas quando tomou assento como supplente, foi sentar-se ao lado do maravilhoso Souza Franco, que durante o anno de 1850 tinha *elle só e unico* mantido firme, brilhante e glorificada a bandeira do partido liberal, combatendo diaria e incessantemente a unanimidade conservadora: Então o deputado Mello Franco manifestou-se orador de opposição, orando frequentemente nas sessões de 1851 e 1852.

Não tinha os profuddos conhecimentos de sciencias sociaes de economia politica, e de administração, como o seu collega e amigo intimo, não ostentou nunca arroubos de eloquencia, nem escrupulos de apurada fórma em seus discursos: o Dr. Mello Franco foi orador de escola propria, que obrigava a attenção dos adversarios e que lhe deu notavel popularidade. Logo que subia a tribuna, atacava energico, denunciando abusos : em seu discurso não havia flôres, havia espinhos terriveis que ferião os ministros : fallava a linguagem do povo, sua palavra de opposicionista era como ferro em braza ;

aggredia sem piedade, resistia inflexivel, depois do argumento atirava o sarcasmo, e muitas vezes ousado, e inabalavel o seu discurso era como uma tempestade na camara em quasi unanimidade conservadora.

Nessa famosa legislatura a energia, e braveza herculeas de Mello Franco por assim dizer completarão a sciencia e a habilidade consummadas de Souza Franco na mais gloriosa e admiravel opposição parlamentar do Brazil.

Depois desses annos, e já fóra do parlamento gravissima enfermidade levou o Dr. Mello Franco ás portas da morte : ainda dessa vez sua robusta natureza, sua força vital vigorosissima triumpharão da mais cruel affecção ; elle porém resentiu-se desde então do mal profundo, que havia de leval-o á morte em nova exacerbação.

Em 1856 o Dr. Mello Franco fixou sua residencia em Petropolis e alli tomou a direcção da secção áquem Parahybuna da companhia União e Industria e nella prestou os melhores serviços até 1858, em que a deixou na mais zeloza e aproveitada fiscalisação administrativa.

De Petropolis passou á residir na cidade do Rio de Janeiro, onde estabeleceu importante casa commercial de consignação de café de sociedade com o barão de Pitanguy, e com seu filho o Sr. Joaquim de Mello Franco, que unico e dignamente a representa hoje.

O Dr. Manoel de Mello Franco de novo e fortemente atacado por affecção cerebral que já o tinha ameaçado de morte falleceu depois de alguns mezes de contristadores padecimentos á 3 de Novembro de 1871. No dia seguinte, *4 de Novembro* numerosissimo acompanhamento de amigos politicos e particulares sem convite, nem pedido seguirão em despedida seus restos mortaes que forão depositados em

jazigo perpetuo no cemiterio de S. Francisco de Paula do Rio de Janeiro.

Pai de familia exemplar, homem de costumes puros, amigo de lealdade sem juça, cidadão prestimoso, em politica pelo menos igual aos mais desinteressados, independentes e firmes liberaes, o Dr. Manoel de Mello Franco foi além disso da sciencia e da pratica da medicina o interprete e o sacerdote mais fiel caridoso e sorprendente inspirado.

Rico, exerceu em seus ultimos annos a clinica medica por gosto, por dedicação aos amigos e por caridade aos pobres.

O Dr. Manoel de Mello Franco homem illustrado e de muito notavel intelligencia, foi ainda mais distincto pela magnanidade do coração.

5 DE NOVEMBRO

JOAQUIM CANDIDO SOARES DE MEIRELLES

Joaquim Candido Soares de Meirelles, filho legitimo do cirurgião Manoel Soares de Meirelles e de D. Anna Joaquina de S. José Meirelles, nasceu em Santa Luzia do Sabará, na provincia de Minas-Geraes em 5 de Novembro de 1777: de seu pae herdou a vocação para medicina, e esse genio medico que tanta nomeada lhe deu no Brazil e principalmente na capital de imperio. No seminario de S. José desta côrte fez com proveito e distincção os seus estudos de humanidades, em 1819 matriculou-se na academia medico-cirurgica, tendo passado pelos exames então exigidos; assentou praça como cirurgião-ajudante no batalhão de caçadores em 1822, foi nomeado cirurgião-mór do regimento de cavallaria de Minas, e na sua provincia prestou grandes serviços, organizando o hospital militar no Ouro Preto, e

tornando-se tão notavel no tratamento de doentes durante uma terrivel epidemia que então grassou, que em 1825, quando de novo se achava no Rio de Janeiro, a camara municipal do Ouro Preto, vendo seus municipes vizitados por outro flagello epidemico, representou ao governo imperial, pedindo com istancia que lhe fosse mandado o soccorro do illustre Meirelles.

Mas em 1825 o distincto mineiro partio para a Europa, como pensionista do Estado, para desenvolver e aperfeiçoar em França os estudos medicos que completára na academia modico-cirurgica do Rio de Janeiro. Em Paris a vida do digno brazileiro passou-se toda e exclusivamente na frequencia dos hospitaes militares, no estudo da organisação, feito no livro dos cadaveres, nas manhãs aproveitadas em ouvir as lições dos grandes mestres, nas noites cansagradas á leitura reflectida das obras dos sabios. Meirelles vio em Paris os hospitaes e a escola de medicina; mas em dous annos e alguns mezes já tinha visto bastante, e obtendo a duplice corôa de doutor em medicina e cirurgião por aquella escola, voltou á patria nas azas da saudade e do patriotismo.

O amor da sciencia tinha custado a Meirelles provações crueis. que mais tarde elle contava sorrindo: é elle proprio que falla em 1825: « já eu era marido e pae; da minha pensão de cincoenta mil réis fortes deixei metade para minha mulher e filhos, e com os vinte e cinco mil fortes que me ficarão, tive, além do mais, de pagar mestres e de comprar livros e cadaveres: durante os dias uteis da semana alimentava-me ordinariamente, comendo fructas, e pão: aos domingos desforrava-me da penitencia, indo jantar com Paulo Barbosa, ou com José Marcellino Gonçalves, ou

com o capitão-mór José Joaquim da Rocha, ou com o visconde de S. Lourenço, e então erão para mim inapreciaveis, maviosissimos esses dias de festa, porque nelles o excellente jantar era o menos, o fallarmos da patria era o mais. »

Em 1828 o Dr. Meirelles não se contentou no Rio de Janeiro com a clinica urbana, que em larga escala exercia, pela fama e pelas provas da sua sciencia e do seu tino memedico, pedio e obteve uma enfermaria da Santa Casa da Misericordia, e alli gratuita e livremente ostentou as vastas proporções da sua pericia e dos seus conhecimentos.

Anhelando exaltar o exercicio da medicina, adiantar o respectivo estudo no Brazil, prender em laços de verdadeira fraternidade os medicos, o Dr. Meirelles concebeu o projecto da fundação de uma sociedade, que começou modesta em sua casa, em reuniões de quatro ou cinco amigos e collegas, e vencidos inexplicaveis obstaculos, destruidas as suspeitas de club revolucionario, plantou-se e floresceu com o nome de Academia Imperial de Medicina, installada a 24 de Abril de 1830. Iniciador, tenaz propagador da idéa, teve direito a ser considerado como o patriarcha desta instituição, de que foi por alguns annos benemerito presidente.

O Dr. Meirelles ainda contribuio muito com a autoridade dos seus conselhos para a reforma da Academia Medico-Cirurgica, que em 1832 passou com organisação mais desenvolvida e sabia á chamar-se Escola de Medicina: principalmento á elle se deverão as bases e o plano da nova organisação; mas o medico dedicado e sabio cantou por sua vez «*vos ego virsiculos feci, tulit alter honores*» de Virgilio: o Dr. Meirelles não foi lente da Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

corpo, dos seus soffrimentos, nas palpitações do coração, na perturbação, nas ruinas do organismo, o annuncio infallivel, o agouro sinistro do passamento proximo.

O Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles não sacrificou o dever civico ao culto exclusivo da sciencia, em que se mostrou eximio. Houve nelle por assim dizer duas naturezas, a da vocação medica, a da religião liberal na politica.

Em 11 de Janeiro de 1822 foi elle que, correndo ao theatro de S. João, depois de S. Pedro de Alcantara, fez prevenir ao principe o pronunciamento das tropas portuguezas, que sob o commando de Jorge de Avillez se revoltarão armadas contra o *Fico* magestosamente revolucionario.

Em 1840 foi elle ainda um dos mais prestantes propugnadores da maioridade de S. M. o Imperador e á essa causa prestou serviços iguaes aos maiores que então forão prestados.

Em 1842 o antagonismo violento dos partidos e as exagerações politicas da época agitarão anormalmente o paiz: o Dr. Meirelles teve de seguir deportado para a Europa com os Srs. conselheiro Limpo de Abreu, depois visconde de Abaeté, conselheiro Salles Torres-Homem depois visconde de Inhomerim e outros: mas de volta ao Rio de Janeiro, não houve juiz nem tribunal que o chamasse á contas, e a restituição das honras e empregos desfez até a mais leve nuvem de suspeitas.

Membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro em uma legislatura, deputado da assembléa geral pela provincia de Minas-Geraes em outra, o Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles distinguio-se como campeão leal, deci-

dido e energico dos principios liberaes e da monarchia constitucional representativa.

O Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles teve o titulo de conselho, e em seu peito a insignia de official da ordem do Cruzeiro, a commenda da imperial ordem da Rosa, o habito de cavalleiro de S. Bento de Aviz e a medalha commemorativa da rendição de Uruguayana.

Além dessas remunerações de serviços, dessas graças que a magestade confere aos benemeritos, o conselheiro Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles gozou da confiança e da maior estima de S. M. o imperador e de sua augusta familia e foi medico da imperial camara.

Na republica das letras mereceu ser e foi sempre muito considerado: os titulos de membro honorario da Imperial Academia de Medicina, de membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e de muitas outras sociedades scientificas e litterarias do Brazil e da Europa, forão diplomas que laurearão a fronte nobre desse brazileiro illustrado.

O conselheiro Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 13 de Julho de 1868.

6 DE NOVEMBRO

FRANCISCO DE ALMEIDA

Jezuita e poeta, Francisco de Almeida nasceu na Bahia em 1724, e chamado para a companhia de Jezus pelos respectivos padres que admirarão sua intelligencia, ainda teve tempo de celebrisar-se antes do banimento ful-minado pelo marquez de Pombal.

O padre Francisco de Almeida foi poeta muito estimado e applaudido no seu tempo; as linguas portugueza e latina servirão com igual facilidade ás inspirações de sua musa.

Escreveu em versos latinos o seu poema *Orpheus Brazilicus* em honra da mais justa ufania, e da gloria indisputavel dos jezuitas no Brazil, o veneravel padre José de Anchieta.

O nome de Francisco de Almeida fica registrado, em falta de datas averiguadas de sua vida, no dia 6 de Novembro.

7 DE NOVEMBRO

JOSÉ VIEIRA DO COUTO

Nascido no Rio de Janeiro em 1762 José Vieira do Couto estudou humanidades nesta mesma cidade, e tendo dado provas de intelligencia elevada, mandou-o sua familia para Portugal, onde elle completou e aperfeiçoou seus preparatorios, e depois formou-se na universidade de Coimbra nas faculdades de philosophia e mathematicas.

Tal nomeada deixára em Coimbra, tanta reputação grangeou como litterato muito illustrado, e mathematico de grande merecimento, que o governo o nomeou lente da universidade, donde elle sahira applaudido e laureado.

Mas as idéas liberaes ardião já em Coimbra, a juventude generosa e exaltada as recebera da França revolucionaria, e as cultivava e expargia na universidade.

Vieira do Couto era liberal, e ainda para seu maior mal

foi suspeito de pertencer á *franc-maçonaria*, e por isso desterrado para a *ilha Terceira*, alli falleceu desgostoso, e ferido pela injusta perseguição em 1811.

Em falta de data averiguada, seja o nome de José Vieira do Couto, brazileiro illustre, registrado neste livro no artigo de 7 de Novembro.

José Vieira do Couto escreveu:

Memoria sobre as salitreiras naturaes de Monte Rorigo, etc.

Memoria sobre as minas da capitania de Minas-Geraes; suas discripções, ensaios, e domicilio proprio, etc.

Memoria sobre a capitania de Minas-Geraes, seu territorio, clima, e producções metalicas, etc.

A primeira foi publicada pela Imprensa Regia no Rio de Janeiro em 1809; a segunda, sob os auspicios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro na Typographia Universal de Laemmert no Rio de Janeiro em 1842, e a terceira na Revista Trimensal do mesmo Instituto em 1848.

8 DE NOVEMBRO

JOSÉ LEANDRO DE CARVALHO

Entre os homens notaveis em sciencias, lettras e artes que a côrte portugueza transmigrante para o Brazil encontrou florescendo na cidade do Rio de Janeiro, quando ahi chegou em 1808, é pelos historiadores e memoristas lembrado com distincção José Leandro de Carvalho, pintor de merecimento e admiravel retratista.

José Leandro nasceu no seculo decimo oitavo, com certeza depois de 1750, no lugar chamado *Muriqui*, na então freguezia de S. João de Itaborahy. No livro competente de assentamentos de baptismo não se encontra o delle, o que não admira pelo desmazelo em que se deixava esse por todas as razões importante trabalho; vivem, porém, ainda muitos parentes do artista, e conforme suas informações, foi este filho legitimo de Angelo de Carvalho e Antonia Francisca das Chagas.

José Leandro, que nunca sahio do Brazil, estudou pintura com os artistas que então havia no Rio de Janeiro, cada um dos quaes aceitava discipulos em sua officina, e em muito pouco tempo tornou-se emulo de Leandro Joaquim, aliás seu amigo, de Manoel da Cunha e de Raymundo.

Pintou no tecto da igreja do Senhor Bom Jezus um painel da *Ascenção*, que desappareceu debaixo da broxa do caiador; pintou á colla sobre o panno, genero em que não tinha competidor, bellas figuras de prophetas para cobrir as imagens dos altares da igreja de S. Francisco de Paula durante a quaresma. Coube-lhe a doce consolação de executar toda a pintura da igreja da freguezia de seu berço, e ainda hoje mostrão em Itaborahy, na praça de S. João, esquina da rua da Carioca, a pequena casa em que elle habitou emquanto durou o seu trabalho, do qual nem vestigios restão.

Porto Alegre, o actual Sr. barão de Santo Angelo, autoridade competentissima, escreveu, fallando de José Leandro: « Trabalhou muito, e quasi não ha oratorio na cidade (do Rio de Janeiro) que não tenha uma *Conceição* ou *Santa* do seu pincel.

Era, porém, nos retratos que José Leandro primava, chegando a fazel-os perfeitamente de memoria.

Refere o illustrado Sr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, digno comparochiano e biographo do distincto artista, que este vendo pela primeira vez o principe regente D. João em 1808 na procissão do Corpo de Deus, oito dias depois mostrava em sua casa, da rua hoje chamada da Carioca, o primeiro e o mais perfeito retrato de quantos se fizerão de D. João no Brazil.

Chamado depois ao paço da cidade e da Quinta da Boa Vista, José Leandro tirou os retratos dos principes e princezas da familia real e outros ainda de D. João.

Tratando-se de melhorar e ornamentar a capella real, resolvêrão que no retabulo do altar-mór se representasse a familia real, e poz-se o retabulo em concurso: um pintor italiano disputou a palma á José Leandro; este, porém, ganhou-a pelo proprio voto do principe regente, e a obra preferida e premiada ainda hoje se conserva restaurada depois de selvagem profanação artistica.

Para a solemnidade da sagração e coroação do principe regente, que succedera no throno á sua mãe D. Maria I, pintou José Leandro os dous Apostolos que ornamentão as pilastras da capella real, e ao mesmo tempo como pintor scenographo no theatro de S. João disputava primazia ao Manoel da Costa, então o mais famoso nesse genero.

De 1822 em diante continuava o inspirado artista a ganhar louros, trabalhando animadamente durante o reinado de D. Pedro I imperador do Brazil, até que em 1831 veio feril-o profundo golpe.

Pouco depois do 7 de Abril, dia da abdicação de D. Pedro I, mandárão passar esponja vandalica sobre o quadro do retabulo do altar-mór da capella real; dizem uns que effectuou-se a profanação artistica aos olhos de José Leandro, asseverão outros que elle proprio foi obrigado a cobrir com colla as figuras que retratára.

O artista abateu-se, e de 1831 em diante foi morrendo aos poucos, atormentado pelos desgostos, e emfim a 8 de Novembro falleceu, sendo no dia seguinte levado o seu caem pobre rêde para a igreja de S. Francisco de Paula.

Em 1850 foi mandado restaurar o quadro do retabulo.

José Leandro de Carvalho deixou um filho de seu mesmo nome (além de outros), que, embora muito longe estivesse de igualal-o, foi paisagista e pintor de flôres de algum merecimento.

9 DE NOVEMBRO

DOMINGOS CALDAS BARBOZA

Filho de um portuguez e de uma preta africana, Domingos Caldas Barboza ou, conforme informações do conego Januario da Cunha Barboza, nasceu no mar quando seu pae regressava de Angola para o Rio de Janeiro, trasendo em sua companhia a preta africana em estado de gravidez já adiantada, ou foi dado á luz na cidade do Rio de Janeiro, como pensa o Sr. Varnaghen, actual visconde de Porto Seguro, que isso deduz de alguns versos do proprio Caldas, além de firmar-se nas asseverações das pessoas da familia do fidalgo portuguez, generoso protector do pobre poeta, e no testemunho do padre José Agostinho de Macedo.

Preferivel por mais fundamentada parece a opinião do Sr. visconde de Porto Seguro exarada na excellente biographia que se publicou no tomo XIV da Revista do Instituto

Historico Brasileiro ; mas em todo caso pela infancia e juventude, pela educação, pelos sentimentos, e pelas proprias e repetidas declarações Domingos Caldas Barboza é do Brazil.

Reconhecido por seu pae, e criado com amôr, Caldas Barboza estudou no Rio de Janeiro nas aulas dos padres jezuitas, disputando primazia aos mais talentosos e applicados estudantes : mas desde logo poeta brincão e mettido á escrever satyras, não lhe faltarão inimigos : o accidente da côr, e o baixo nascimento forão *circumstancias aggravantes do crime* de alguns versos, que offenderão a susceptibilidade de pessoas poderosas : o joven Caldas foi obrigado a assentar praça e á partir destacado para a Colonia de Sacramento, donde só voltou depois da tomada dessa praça pelos hespanhóes em 1762 : no Rio de Janeiro deu baixa, e com auxilio de seu pae passou-se para Portugal, onde viveu com acanhados meios, e provavelmente procurando adquerir mais instrucção e protectores.

Já era conhecido com alguma celebridade por suas poezias quando em Vianna do Minho recebeu a noticia do fallecimento de seu pae, e por tanto de completo abandono na terra.

Felizmente veio algum tempo depois em seu auxilio o mais nobre cavalleiro. O Regedor das Justiças José de Vasconcellos e Souza, ulteriormente conde de Pombeiro hospedou-o primeiro em casa de seu irmão o marquez de Castello Melhor, e depois de cazar-se, nos seus aposentos de Bemposta : e ainda o fez ordenar, obteve para elle um beneficio e o lugar de capellão na Casa da Supplicação.

A' coberto de privações, e gozando emfim de alguma fortuna, Caldas Barboza sujeitou-se sem duvida systema-

ticamente á vida, em que o accidente da côr, e a lembrança do seu nascimente lhe darião menos dissabores nas relações com a gente nobre e rica de Portugal. Como tocasse bem viola e cantasse agradavelmente *modinhas e lunduns*, tornou-se o socio almejado e applaudido das melhores companhias.

Continuando sempre á compôr poesias, nunca apresentou-se com pretenções á fóros de grande poeta ; ao contrario era modesto e ás vezes humilde: *superior á todo o sentimento de inveja ou de rivalidades para com os seus collegas*, como bem diz o Sr. visconde de Porto Seguro, prestou á alguns muitos serviços.

Ao seu bemfeitor foi constantemente grato, dando-lhe o unico, mas *suave* desgosto da desobediencia ao preceito de não elogial-o nem á sua familia. Caldas Barboza fez digna e numerosamente o contrario da imposição generosa.

Em uma digressão á Italia foi elle recebido na Arcadia de Roma (ainda antes de 1777) e tomou o nome de Lereno coube-lhe tambem a honra de ser um dos fundadores e presidente da *Nova Arcadia* de Lisbôa.

Mereceu elogios de José Agostinho de Macedo, de Belchior Curvo Semedo, e de outros poetas do seu tempo.

Mas Bocage, aliás seu amigo intimo por algum tempo, Filinto Elysio e algum outro o atacarão sem piedade, e de modo indigno de poetas de merecimento tão superior, chegando á chamal-o *trovador fusco, orangtang*, etc.

Domingos Caldas Barboza morreu á 9 de Novembro de 1800 no palacio do conde de Pombeiro, tendo mais de sessenta annos de idade.

O Sr. Innocencio Francisco da Silva, illustrado e benemerito autor do Dic. Bib. Portuguez, diz perfeita e ma-

gistralmente que Caldas Barboza *com quanto não chegasse á merecer a qualificação de poeta de genio e de grande imaginação, todavia seus versos respirão facilidade, correcção e elegancia.*

Os lunduns, e cantigas muitas vezes improvisadas ao acompanhamento da viola por Caldas Barboza são censurados por trivialidades e apparentes disparates que ás vezes continhão, por exemplo :

Meu bem está mal *com eu*
Gentes de bem *pegou nelle*, etc.

Mas em taes *disparates* de que era incapaz o poeta, evidentemente vê-se que o cantor de lunduns amenisava as companhias aristocraticas com a linguagem extravagante e rude usada pelo povo.

Seria até injustiça cruel querer julgar do merecimento de Domingos Caldas Barboza, como poeta, pelos versinhos improvisados ao acompanhamento da sua viola em horas fugitivas de entretenimento de sociedade.

Elle deixou numerosas composições que abonão o seu talento poetico, e certa originalidade que o distinguia bastante embora não o elevasse ás alturas á que subirão Filinto, que em vez de critical-o o injuriou indignamente, e Bocage que tão ingrato lhe foi.

10 DE NOVEMBRO

ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA MACHADO E SILVA

Filho legitimo do coronel Bonifacio José de Andrada e de D. Maria Barbara da Silva, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva nasceu na, então, villa de Santos á 1 de Novembro de 1773.

Irmão de José Bonifacio e de Martin Francisco foi tambem como elles benemerito e heróe da independencia de sua patria.

Fez seus estudos primarios em Santos, os de humanidades na cidade de S. Paulo sob a direcção do virtuoso bispo D. Fr. Manoel da Resurreição, e seguiu para Coimbra, em cuja universidade tomou o gráo de bacharel em direito com assignalado aproveitamento.

Dotado de admiravel intelligencia, de imaginação ardentissima, e de prodigiosa memoria, não se limitando aos estu-

dos de direito, quando sahio de Coimbra já maravilhava pelos seus immensos conhecimentos de litteratura, philosophia e historia.

Entrou na carreira da magistratura, servindo o lugar de juiz de fóra em Santos, e em 1815 chegou á Pernambuco, tendo sido nomeado ouvidor e corregedor da comarca de Olinda, e logo depois foi elevado á cathegoria de desembargador da relação da Bahia; mas continuando em Pernambuco no exercicio daquelles cargos.

Sua vida de magistrado termina em 1819: astro pela intelligencia illustradissima, foi em rectidão juiz inescedivel, e nos melindres de sua probidade recusava até insignificantes presentes de amigos.

Em 1817 rompeu á 6 de Março em Pernambuco a revolução republicana nesse mesmo anno esmagada: Antonio Carlos foi nomeado membro do conselho do governo revolucionario: não estava então em Olinda; mas ali chegado, comprometteu-se, influindo na direcção do movimento.

Liberal de idéas então adiantadas, ardente de animo, generoso de coração, enthusiasta e arrebatado, Antonio Carlos não teve parte na explosão revolucionaria; mas nomeado conselheiro, urgido e fortemente lisongeado por todos os chefes, cedeu ao impeto de seu genio, e tanto mais imprudente, quanto duvidava do bom exito da revolução, ligou-se á ella.

Este facto póde ter uma explicação. Antonio Carlos era em Pernambuco a intelligencia sem rival: sua casa era como uma academia, em que elle ensinava principios democratas; eragrande a sua popularidade: rompendo a revolução, recusar-se á apoial-a quem tanto espalhara idéas liberaes, não poderia parecer *medo* das consequencias?

Antonio Carlos era a coragem personalisada, e essa virtude se exaltava pela altivez de seu animo.

Vencida, e esmagada a revolução, Antonio Carlos foi preso, mettido á bordo do navio *Mercurio*, e com vinte e nove companheiros de infortunio mandado para a Bahia, e ahi encarcerado até 1821.

Contando com a morte, que á outros já tinha chegado na forca, Antonio Carlos altivo e denodado quasi saudou o martirio, escrevendo o cantico inspirado, em que se lêm estes bellos versos :

« Sagrada emanação da divindade,
« Aqui do cadafalso eu te saudo !
....
....
« Livre nasci, vivi, e livre espero
« Encerrar-me na fria sepultura,
« Onde imperio não tem mando severo,
« Nem da morte a medonha catadura
« Incutir póde horror n'um peito féro,
« Que aos fracos tão sómente a morte é dura !

Processado, e condemnado, não se abateu sua coragem : sua masmorra tornou-se brilhante academia, da qual foi elle o lente encyclopedia á derramar instrucção e luzes de que muito proveito colherão os seus companheiros de prisão.

D. João VI mandou acenar-lhe com a liberdade, exigindo que elle pedisse perdão : o altivo Andrada respondeu com ousada dignidade : « perdão só á Deus pedia dos seus peccados ; e ao rei só pedia justiça. »

A revolução de Portugal em 1820 trouxe logo o grandioso beneficio da amnistia geral na Bahia.

Antonio Carlos sahio da prisão em 1821, e logo depois eleito pela provincia de S. Paulo deputado á constituinte

portugueza foi nella resplender com todo o brilho immenso de sua eloquencia.

Logo em 1821 e depois em todo o correr de 1822 a constituinte portugueza adoptou e desenvolveu politica systematica hostil ao reino americano: em 1821 destruio a centralisação das provincias brazileiras, revogando suas relações politicas e administrativas com a capital do Rio de Janeiro, e prendendo-as á côrte de Lisbôa, acabou com os tribunaes superiores estabelecidos no Brazil, e decretou a retirada do principe-regente D. Pedro do Rio de Janeiro para a Europa. Em 1822 aggravou-se a violencia dessa politica em face da revolução da independencia do Brazil iniciada á 9 de Janeiro pela desobediencia de D. Pedro ao decreto que extinguira a sua regencia e o mandára aprimorar sua educação viajando por alguns paizes do velho mundo.

Antonio Carlos foi nesses dous annos mais do que eloquente, arrojado e volcanico campeão da dignidade, dos direitos, e da causa da independencia de sua patria.

Em 1822 o seu heroico patriotismo em arrebatadores discursos tocou por vezes o extremo da audacia. Insultado, e ameaçado pela gente rude de Lisbôa, que das galerias da constituinte o interrompia com injurias, o grande paladino brazileiro em vez de calar-se ou abater-se, reagia vehemente e dobrava de ardor no combate.

Não querendo assignar a constituição portugueza, tendo-se já declarado sem mandato na constituinte á vista do pronunciamento do Brazil pela sua independencia e sendo ameaçado em sua vida, embarcou em um navio inglez com seis outros deputados, e chegando á Falmonth redigio e publicou o celebre manifesto de 22 de Outubro assignado tambem pelos

seus illustres companheiros, explicando os motivos que os tinhão levado á retirar-se das côrtes de Lisbôa.

Em 1823 é Antonio Carlos o vulto homerico da constituinte brazileira: foi o mais eloquente e prestigioso orador dessa augusta assembléa, e membro e relator da commissão que apresentou o projecto da constituição por elle redigido.

A 17 de Julho o Imperador dimittio o ministerio Andrada, e o novo que organisou, no qual aliás entrarão homens de elevado merecimento e de reconhecida moderação, como Carneiro de Campos e Nogueira da Gama, depois marquezes de Caravellas e de Baependy, veio logo manifestar politica inteiramente opposta á daquelle em melindrosissimo ponto. O dos Andradas tinha por feição caracteristica a reacção ante-luzitana: o de 17 de Julho cahio no excesso opposto.

A portaria de 2 de Agosto expedida pelo ministro da guerra mandou encorporar ao exercito brazileiro os prizioneiros portuguezes feitos na Bahia na guerra da independencia: além de outros actos, esse principalmente excitou viva opposição.

A rivalidade internacional reacendeu-se: no exercito era grande o numero dos officiaes nascidos em Portugal: o elemento militar interveio na questão politica: um insulto pessoal foi labareda que ateou o incendio: um brazileiro, paisano, maltratado e ferido por dous officiaes portuguezes queixou-se á constituinte: a commissão á que foi remettida a queixa deu parecer, remettendo o supplicante aos meios ordinarios, e entrando este em discussão á 10 *de Novembro* Antonio Carlos pronunciou em opposição famoso discurso,

no qual sahirão-lhe dos labios abrazadas e electrisadoras as seguintes palavras:

« Como, Sr. presidente? lê-se um ultrage feito ao nome brazileiro. . . . e nenhum signal de marcada desapprovação apparece no seio do ajuntamento dos representantes nacionaes? . . . .

« . . . Morno silencio da morte, filho da coacção, pêa as linguas; ou o sorriso, ainda mais criminoso, da indifferença salpica os semblantes. Justo céo! e somos nós representantes? . . . Não! não somos nada, se estupidos vemos, sem os remediar, os ultrages que fazem ao nobre povo do Brazil estrangeiros, que adoptamos nacionaes, e que assalariamos para nos cobrirem de baldões . . .

« . . . Os cabellos se me irrição, o sangue ferve-me em borbotões á vista do infando attentado, e quasi machinalmente grito *Vingança*! Se não podemos salvar a honra brazileira, e se é a incapacidade e não traição do governo, quem acoroçôa os scelerados assassinos, digamos ao illudido povo, que em nós se fia: *Brazileiros! nós não vos podemos assegurar a honra e vida*; *tomai vós mesmos a defeza da vossa honra e direitos offendidos!* Mas será isto proprio de homens que estão em a nossa situação? Não... ao menos eu trabalharei, emquanto tiver vida, por corresponder á confiança que em mim poz o brioso povo brazileiro. Poderei ser assassinado: não é novo que os defensores do povo sejão victimas do seu patriotismo; mas meu sangue gritará *Vingança!* e eu passarei á posteridade como o vingador da dignidade do Brazil . . . »

A intervenção do exercito se tornou publica e audaciosa, cheganda á levar ao imperador uma representação em que pedião que os *Andradas fossem excluidos da constituinte*.

A 12 de Novembro foi a constituinte dissolvida, achando-se o seu paço cercado de tropa: ao sahir da assembléa Antonio Carlos (como alguns outros deputados) prezo e conduzido por uma escolta ao passar junto de uma peça de artilharia, bateu-lhe com a mão na culatra e disse rindo-se: « respeito á soberana do mundo. »

Mais de quatro annos esteve desterrado em França. Em 1828 foi-lhe permettido voltar para o Brazil; mas ainda encerrado em prisão soffreu processo, sendo emfim proclamado innocente pela Relação da Côrte á 6 de Setembro do mesmo anno.

De 1829 á 1831 Antonio Carlos viveu retirado em Santos, e com a maior ingratidão esquecido pelos seus compatriotas nas eleições para a segunda legislatura do imperio.

Em 1831 a regencia permanente o nomeou enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á Côrte de Londres; elle porém não quiz aceitar a alta commissão diplomatica.

Declarado logo depois em opposição ao governo do partido liberal moderado, combateu na imprensa contra Evaristo Ferreira da Veiga, que no seu periodico, a *Aurora Fluminense* o censurava, e alimentou esse combate, dando ao prélo (em fasciculos) respostas, em que á par de immensa erudição exhibida impellido por seu genio ardente e exaltado orgulho arrojou sobre o adversario enchentes de sarcasmos, e ostentações de desprezo que obrigava a desculpar pela magia da eloquencia.

A imprensa do governo e do partido liberal moderado o atacou, como um dos chefes do partido restaurador, e partindo Antonio Carlos em viagem á Europa, geralmente se acreditou, que o levára além do Atlantico o empenho de

convencer o ex-imperador D. Pedro da necessidade de sua volta, e de trazel-o para o Brazil. Sobre este ponto podem haver duvidas; a verdade historica não se conhece á toda luz; mas não parece aleivosa a noticia espalhada por aquella imprensa.

De volta para o Brazil em 1835 o famoso orador parlamentar reappareceu na quarta legislatura e desde 1838 na camara temporaria, na qual resplendião Vasconcellos, Calmon depois marquez de Abrantes, Montesuma; Honorio Hermeto, o Sr. Limpo de Abreu, Maciel Monteiro, Rodrigues Torres, todos ulteriormente titulares, Alvares Machado, os Srs. Rebouças e Sinimbú e outros grandes oradores: á nenhum se offende, dizendo a verdade, o sexagenario Antonio Carlos offuscou á todos pelo brilhantismo e pelos arrebatamentos de sua eloquencia electrisadora.

Do fim de 1838 até 1841 Antonio Carlos fez opposição ardente e desabrida (nem por seu genio era capaz de outra) á politica do partido conservador.

Elle tinha sempre e principalmente no improviso rasgos deslumbradores: ferido em seu orgulho reagia com impetos de altivez, e de immodestia que se fazião applaudir pela immediata erupção de estupenda lava.

Um dia, em 1839, o ex-ministro da guerra Sebastião do Rego Barros disse, respondendo á vehemente discurso do arrojado parlamentar, e fazendo allusão á sua edade avançada: « *o proprio sol tem o seu occaso.* »

E Antonio Carlos respondeu-lhe aceso nas flammas da consciencia da sua magestade parlamentar: « mas este sol brilha no seu occaso com todos os esplendores do meio dia! »

Em 1840 elle foi no parlamento o chefe da cauza da

decretação da maioridade do Imperador o Sr. D. Pedro II, e á 22 de Julho, ouvida na camara a leitura dos Decretos, um que nomeava Bernardo Pereira de Vasconcellos ministro do imperio, e outro que adiava a assembléa geral, Antonio Carlos proferindo palavras incendiadoras, pôz-se á frente dos deputados maioristas, e do povo, conduzio-os para o Senado, e á 23 de Julho a assembléa geral de novo convocada decretou a maioridade do Imperador.

No dia seguinte elle era ministro do imperio.

A' 23 de Março de 1841 deixou o poder, á que foi chamado outra vez a politica conservadora vencida e derribada á 22 de Julho do anno antecedente.

Em 1841 Antonio Carlos radiou na camara, fazendo energica opposição.

Membro da assembléa provincial de S. Paulo rugio como leão contra o ministerio de 23 de Março, e redigio e veio trazer á Corôa representação volcanica contra a situação politica.

Antonio Carlos foi nesse tempo de apoixonada e tremenda luta de partidos exautorado das honras de gentil-homem, que lhe dera o Imperador.

Em 1842 foi dissolvida a camara, na qual devia ter assento.

Em 1845 voltou ao parlamento com o partido liberal victorioso na eleição.

No mesmo anno Antonio Carlos, o Mirabeau brazileiro, incluido em lista triplice offerecida á escolha da Corôa, foi nomeado senador.

Fallanda pela primeira vez no senado, e alludindo com o seu espirito sempre fulgente ao caracter politico da camara da qual sahira e ao daquella em que entrava, disse e a

bella imagem que empregou, foi depois mil vezes repetida; « *eu venho dos ardores do Indostão para os gelos da Siberia.* »

E ainda se mostrou ardente naquelles gelos da supposta Siberia.

Poucos mezes foi senador.

A' 5 de Dezembro do mesmo anno de 1845 a Mirabeau brazileiro estava morto.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva foi o typo da eloquencia parlamentar no Brazil.

Soffreu tormentos pela cauza da liberdade, perpetuou seu nome como benemerito, e heroico paladino da indepedencia da patria ; commetteu erros, algumas vezes excedeu-se no orgulho ; mas primou como homem desinteressado e probo ; e o seu capitolio se engrandece, avulta, e resplende na tribuna parlamentar.

Morreu aos setenta e dous annos, e nessa idade o velho ainda era joven, enthusiasta, inspirado, e admiravel na tribuna, como em sua resplendente mocidade o fôra em esplendidos e fervorosos arrebatamentos de idealista democrata.

Realisou na tribuna o Vesuvio em erupções.

Desappareceu do mundo ; sua memoria porém é ainda hoje o mais alto monumento da gloria parlamentar do Brazil.

11 DE NOVEMBRO

GENUINO OLYMPIO SAMPAIO

Nascido em 1828 na provincia da Bahia, Genuino Olympio Sampaio filho legitimo do major da extincta segunda linha Henrique José de Sampaio e de D. Zeferina Maria da Conceição Sampaio, fez na cidade de S. Salvador alguns estudos de humanidades e empregou-se no commercio ; rebentando porém a revolta de 7 de Novembro de 1837, emigrou para o reconcavo á 11 do mesmo mez e tendo só quatorze annos de idade, assentou praça como cadete no exercito legal.

Dias depois o menino soldado voluntario entrou em combate e houve-se de modo que foi promovido *por distincto* á alferes de commissão.

Em 1838 bateu-se na tomada da cidade, e á seu pedido marchou no mesmo anno para o Rio Grande do Sul em re-

bellião e ahi serviu, entrando em grande numero de pelejas até 1844, em que acabou aquella terrivel guerra civil.

Era tenente em 1847: dous annos depois, em Pernambuco em diversos combates e no sanguinolento e porfiado de 2 de Fevereiro de 1849 pelejou contra a revolta praieira.

Em 1851 marchou para Montevidéo na guerra contra Rozas, o dictador da Confederação Argentina, e passando além do Prata com a divisão ao mando do bravo depois conde de Porto Alegre, tomou parte na batalha de Monte Caseros.

De 1860 a 1868 foi empregado na commissão exploradora do alto-Uruguay, que por vezes dirigiu na ausencia do chefe.

Em 1864 foi nomeado ajudante do director da escola militar do Rio Grande do Sul.

Era capitão de segunda classe do estado maior desde 2 de Dezembro de 1855, e quando a patria chamou seus valentes filhos para fazer a guerra do Paraguay, Olympio Sampaio offereceu-se logo, partiu, e como commandante de batalhão fez a guerra até ao fim.

De 1865 á 1868 entrou em vinte e um combates e batalhas, nas de 2 e 24 de Maio, á 22 de Setembro em Curapaity, onde foi ferido; mas não quiz deixar o commando de seu batalhão : no Potrero Ovelha, no Estabelecimento, no Chaco, e emfim á 25 e 27 de Dezembro de 1868 nas horriveis e estrondosas Lomas-Valentinas.

A 11 de Dezembro desse anno tinha sido promovido á tenente-coronel effectivo por actos de bravura.

Retirou-se para Porto-Alegre com licença depois das ultimas batalhas e victorias, e eis que recebe do então vis-

conde depois marquez do Herval, do legendario Ozorio, breve carta, que é grandioso diploma de merecimento. Eil-a :

« Constou-me que V. S. retirou-se do exercito com algum desgosto.

« Se pensa que eu poderei remediar o mal, convido-o á voltar novamente para o Paraguay, para onde espero partir no dia 14 do corrente : não lhe faltará um batalhão para commandar, sem ser o 7°. Seu camarada e amigo—Visconde do Herval.

Esta carta indica que Olympio Sampaio se ausentára do Paraguay sem queixar-se ; mas desgostoso.

Todavia o bravo Herval ápezar de ferido, e ainda soffrendo muito voltava á guerra, acudindo ao chamado do general em chefe o Sr. Gaston de Orleans, conde d'Eu, e consorte da Princeza Imperial : Olympio Sampaio correu á tomar seu posto de honra sob o commando do joven e glorioso guerreiro, e fez a difficilima, escabrosa, e brilhante campanha do ultimo periodo da guerra, a campanha da cordilheira, e dos desertos, dos desfiladeiros, dos bosques e dos pantanaes, campanha de batalha e de combates, de extraordinarias fadigas, de privações, e até de fome.

A victoria do Brazil emfim resplendeu completa.

Olympio Sampaio, coronel, voltou para o Rio-Grande, commandou a guarnição de uma parte da fronteira, fixando sua residencia em Bagé, donde depois se retirou com o seu batalhão, recolhendo-se á Porto Alegre, e ahi no seio de sua familia desfructou a maior felicidade.

Triste, precaria, e incalculavel fortuna dos homens !.... como vae morrer o illustre soldado, que heroico cingira a banda de alferes aos quatorze annos de idade !....

Em povoações visinhas de S. Leopoldo e habitadas quasi

que exclusivamente por imigrantes allemães, *Maurer*, perverso impostor, apregoando-se propheta, chefe de horrivel seita, capitaneava phanaticos rudes, zombava da autoridade, e praticava attentados.

A tolerancia filha do despreso; mas comdemnavel por incauta déra ao monstro tempo bastante para multiplicar adeptos e sequazes desatinados; capazes porém de tudo pela exaltação da credulidade mais inverosimil.

O governo da provincia mandou o coronel Olympio Sampaio atacar as forças de Maurer: elle obedeceu, e com cento e setenta homens, e tendo em despresivel conta o impostor e sua gente avançou por uma picada em bosques que forçosamente devia atravessar, e cahindo em terrivel emboscada, que galhardo repellio, vio-se forçado á retirar-se, reconhecendo a insufficiencia do numero de combatentes que trazia, e dos quaes perdera em combate não menos de trinta e cinco.

Fortemente reforçado alguns dias depois, assalta as posições de Maurer, foi batendo os ferozes e enthusiastas defensores do impostor; mas em ataque de sorpreza, facil pelas condições daquelles sitios, foi ferido, e poucas horas depois morreu.

Pelejára em lamentaveis combates fratricidas: mas sempre pela ordem e pela cauza legal na Bahia, em Pernambuco e no Rio Grande do Sul; em campanha nobre e generosa batalhara em frente de Buenos Ayres; fizera de principio á fim a guerra de Paraguay, entrando em perto de trinta batalhas e combates; fôra ferido uma só vez, em Curupaity, e ferido se mantivera commandando o seu batalhão, e no campo da peleja; em perto de trinta batalhas e combates no Paraguay nunca sob o commando de general brazileiro

deixára de recolher-se vencedor, e só uma vez, em Curupaity, obedecera ao toque de retirada do vencido ; mas então sob o commando de general argentino, e no fim de trinta e sete annos de gloria militar cahio ferido e morreu ao tiro de um dos sectarios de Maurer, miseravel impostor, e perverso !....

Morreu porém ao menos servindo ainda á causa da ordem, e da civilisação em 1874.

12 DE NOVEMBRO

MANOEL RODRIGUES DA COSTA

Nasceu, educou-se, e tomou ordens sacras em Minas-Geraes na segunda metade do seculo decimo oitavo Manoel Rodrigues da Costa, varão de espirito fulguroso, de vontade forte, e de coração patriota.

Em 1789 compromettido na famosa conspiração mineira, e companheiro de infortunio de tantos homens illustres conjurados precoces para a liberdade e independencia da patria, Manoel Rodrigues da Costa teve em respeito ao seu caracter sacerdotal, á que muito attendia a religiosa rainha D. Maria I, sorte menos cruel, embora oppressiva, do que os conspiradores, que não erão padres.

Cinco forão os sacerdotes condemnados, remettido em 1792 para Lisboa, e enviados prezos para a fortaleza de

S. João da Barra, e depois de quatro annos transferidos para diversos conventos, onde em vez de fraternal caridade alguns axperimentarão o peior tratamento.

No fim de dez annos o padre Manoel Rodrigues da Costa obteve emfim a liberdade; mas impenitente e contumaz no peccado do patriotismo, de que fôra victima, occupou-se em Lisboa no exame de industrias e de fabricas, que podião introduzir-se no seu Brazil, e voltando para elle trouxe um *fabricante de pannos* e um *vinhateiro*: recolheu-se á Minas-Geraes, e estabeleceu uma fabrica de tecidos, e fez grandes plantações de vinhas, e de oliveiras; mas faltarão-lhe depois recursos, não obteve auxilio algum do governo, e essas emprezas abortarão.

Depois de 1808 o padre Costa offereceu ao conde de Linhares planos para melhoramento e systema de estradas, navegação dos rios, e povoação dos sertões de Minas Geraes: tambem nesse patriotico empenho perdeu o tempo e o trabalho.

Em 1822 já era velho e rejovenesceu de subito ás electricas aspirações da independencia da patria: ligou-se ao patriota José Teixoira da Fonseca Vasconcellos, depois visconde de Caethé, e foi como elle dos mais ardentes e benemeritos promotores do pronunciamento nacional brazileiro em Minas-Geraes.

Em 1823 o venerando ancião liberal mineiro, o padre Manoel Rodrigues da Costa, o condemnado de 1792, eleito deputado pela sua provincia, teve, como José de Rezende Costa, a gloria de ser membre da constituinte brazileira, e de se exaltar assistindo á sua solemne abertura; mas á 12 de Novembro de 1823 chorou não por si; nem por medo; mas pela patria e pela causa da monarchia constitucional

ouvindo ler o decreto da dissolução da assembléa soberana.

Eleito deputado á assembléa geral na primeira legislatura ordinaria, resignou o mandato em razão de sua velhice, e de molestias que o prostravão.

Em 1830 ainda teve a honra e a grande consolação de receber e de hospedar em sua fazenda do Registro em Minas-Geraes o imperador D. Pedro I e sua augusta esposa,

Homem de intelligencia esclarecida, de virtudes civicas, de dedicação e de probidade, venerado em sua provincia, e reconhecido benemerito no imperio, o padre Manoel Rodrigues da Costa falleceu em Minas-Geraes, tendo perto de noventa annos.

O imperador D. Pedro I o condecorou com as ordens de Christo e do Cruzeiro, e deu-lhe as honras de conego honorario da Capella Imperial.

13 DE NOVEMBRO

ANTONIO LUIZ PEREIRA DA CUNHA

MARQUEZ DE INHAMBUPE

Nasceu Antonio Luiz Pereira da Cunha á 6 de Abril de 1760 na cidade da Bahia, onde, feitos os seus estudos de alguns preparatorios, aos vinte e um annos de edade partio para Portugal, completou suas humanidades em Lisbôa, e tomou o gráo de bacharel em direito civil na universidade de Coimbra ; tendo alli seguido ao mesmo tempo o curso de mathematicas e de philosophia.

Entrou na magistratura em 1789 como juiz de fóra da villa de Torres Vedras, foi despachado ouvidor de Pernambuco tres annos depois e servio como desembargador na Relação da Bahia, e em 1798 entrou no governo interino de

Pernambuco, segundo o disposto na lei de 1770, pelo facto da deposição do governador e capitão general.

A' 2 de Janeiro de 1802 passou á ouvidor da comarca do Rio das Velhas em Minas-Geraes e a 22 de Fevereiro foi agraciado com o habito de cavalleiro da Ordem de Christo.

Teve no mesmo anno carta de desembargador do Porto com exercicio na ouvidoria de Sabará, e desse lugar tomou posse á 4 de Fevereiro de 1803.

Tres annos depois recebeu o despacho de desembargador ordinario da casa da supplicação de Lisbôa, donde, com licença, voltou para o Rio de Janeiro immediatamente depois da partida da familia real portugueza em 1807.

A' 13 de Maio de 1808 foi despachado chanceller da relação da Bahia com o titulo de conselho e com nomeação de conselheiro da fazenda para ter exercicio quando voltasse da Bahia, onde, fallecendo no anno seguinte o governador e capitão-general conde da Ponte, o chanceller Pereira da Cunha fez parte do governo interino, tendo por companheiros o arcebispo D. frei José de Santa Escolastica e o tenente-general Godinho.

Em 1811 o principe regente D. João agraciou-o com a commenda da ordem de Christo.

Encarregado de organisar um codigo de posturas e regulamentos municipaes para a camara da capital e que pudessem ser applicaveis á todo o reino, não foi adoptado o seu trabalho; porque (conforme o diz a noticia biographica da galeria dos brazileiros illustres) o accusarão de atacar o supremo poder do soberano.

De 1815 até 1820 exerceu no Rio de Janeiro os lugares e cargos de conselheiro da fazenda ; de membro da commissão compiladora das ordenanças da marinha para regu-

lamento da armada ; de deputado da junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação ; e emfim de fiscal das mercês.

A' 18 de Fevereiro de 1821 D. João VI muito contrariado pela revolução constitucional que no anno antecedente triumphára em Portugal, e não querendo deixar o Brazil promulgou o Decreto, pelo qual ao mesmo tempo que mandava o principe D. Pedro á Portugal, convocava ao Rio de Janeiro os procuradores eleitos pelas cidades e villas do Brazil e das ilhas do Atlantico afim de que reunidos em côrtes examinassem o que dos artigos da futura constituição portugueza fosse applicavel á este reino e propuzessem as reformas necessarias. Para accelerar a execução desta ultima medida o rei nomeou uma commissão que devia entrar logo em exercicio e depois trabalhar com os procuradores convocados.

Pereira da Cunha foi um dos vinte membros daquella commissão, aliás ephemera.

A 26 de Fevereiro a tropa luzitana da guarnição da capital irritada contra aquellas disposições do rei pronunciou-se em verdadeira sedição militar, e conseguindo que os principes D. Pedro e D. Miguel viessem prestar no theatro de S. João juramento á constituição que as côrtes estavão elaborando em Lisbôa, foi além e chegou á indicar nomes para certos e determinados cargos e empregos.

Pereira da Cunha, aliás estranho ao pronunciamento foi lembrado para intendente geral da policia, e convocado ao theatro, onde assim se desgovernava o Estado.

Pereira da Cunha aceitou a intendencia da policia, e nella prestou muitos serviços á ordem, sendo oito mezes depois exonerado desse cargo.

Dissolvida a constituinte brazileira em Novembro de

1823, foi Pereira da Cunha nomeado á 13 de Novembro membro do conselho de estado que D. Pedro I creou para organisar a constituição do imperio e seu nome se perpetua entre os dos outros collaboradores e signatarios do projecto que se tornou pacto fundamental á 25 de Março de 1824.

Em 1825 entrou para o ministerio com a pasta dos negocios estrangeiros, e á 23 de Novembro do anno seguinte assignou o tratado que se ajustára com o governo da Grã-Bretanha para a extincção do barbaro commercio de escravos africanos.

Em 1825 e antes de ministro já do imperador tinha merecido a graça do titulo de visconde de Inhambupe, e da dignitaria do cruzeiro; mais terde foi elevado á marquez.

Na primeira eleição geral tres provincias o apresentarão para senador, sendo escolhido pela de Pernambuco.

O marquez de Inhambupe voltou mais de uma vez ao ministerio, e occupou por algnns annos a presidencia do senado.

O partido liberal em opposição á todos os ministerios do imperador desde a dissolução da constituinte não poupou ao marquez de Inhambupe, que didicado á D. Pedro I, não era comtudo reaccionario, como o marquez de Paranaguá.

O marquez de Inhambupe entrou finalmente pará o ministerio organisado na tarde ou noute de 5 de Abril de 1831, e que deu motivo ao pronunciamento do povo e da tropa no dia seguinte. O imperador D. Pedro I não querendo reintegrar o ministerio que demittira, lavrou o acto da abdicação da corôa na madrugada de 7 de Abril, e concedeu a demissão pedida pelos novos ministros, conservando a sua pasta, a do imperio, unicamente o marquez de

Inhambupe para entregar o governo, a quem os succedesse nelle.

Depois de 7 de Abril de 1831 o marquez de Inhambupe não exerceu influencia alguma na politica, e apenas occupou a sua cadeira de senador, e era em 1837 presidente do senado, quando falleceu a 18 de Setembro, deixando á patria a memoria de seus longos annos de serviços, e á sua familia pobreza honrada.

14 DE NOVEMBRO

MANOEL DE MACEDO PEREIRA DE VASCONCELLOS

Nascido na colonia do Sacramento á 5 de Maio de 1726 quando essa tão disputada colonia era dominio de Portugal e pertencente ao systema geographo-politico do Brazil, Manoel de Macedo que não deve ser confundido com o illustre pernambucano dos seus primeiros nomes, que floresceu e padeceu no seculo anterior, deixou muito cedo a margem do Prata, seu berço, e foi em breve filiar-se á companhia de Jezus.

Foi jezuita afamado por sua illustração e admiravel intelligencia: resplendeu na tribuna sagrada, como orador de eloquencia electrisadora em Portugal onde professou theologia em Lisbôa, e depois em Coimbra, cuja universidade o tivera por discipulo e o doutorára. Brilhou

com fulgente reputação de litterato illustradissimo, e de poeta de merecimento invejavel.

Quando os jezuitas forão banidos pelo marquez de Pombal, não os reputou tão innocentes, que os devesse acompanhar no adverso exilio: preferio ficar em Portugal, passando para a congregação de S. Felippe Nery.

Até aqui é seguida a opinião do Sr. conselheiro Pereira da Silva no *Plutarco Brazileiro*; mas Barboza na sua *Bibl.*, e com a sua autoridade de contemporaneo informa, que Manoel de Macedo ordenado Presbytero, tomára a roupeta de S. Felippe Nery, sendo por tanto inexacto que tivesse primeiramente pertencido á campanhia de Jezus. O Sr. Innocencio F. da Silva no seu *Dicc. Bibliog.* segue o parecer de Barboza, e accrescenta que Manoel de Macedo sahira da congregação para o estado de Presbytero secular em 1760, quando forão pelo marquez de Pombal perseguidos alguns padres della.

Em todo caso primou em Portugal como orador sagrado, e cultivou com algum merecimento a poesia, tendo pertencido a Arcadia Ulyssiponense com o nome de Lemano.

Balthazar da Silva Lisboa em ligeiro artigo nos seus manuscriptos apenas menciona o nome de Manoel de Macedo, como brazileiro e padre illustrado, notavel pregador e poeta, e marca a data do seu fallecimento; mas sem dizer onde, á 14 de Novembro de 1790.

O padre Manoel de Macedo Pereira de Vasconcellos deixou impressos. *Orações Sacras*, em 3 volumes. Diversos sermões, e elogios, e algumas composições poeticas.

15 DE NOVEMBRO

FREI JOÃO DA APRESENTAÇÃO

Filho legitimo de João Baptista Campello e de D. Brites Bandeira de Mello, João que depois tomou o nome religioso da Apresentação nasceu no Recife, em Pernambuco, no anno de 1670, estudou humanidades na Bahia, applicou-se muito á philosophia no collegio dos jezuitas, e depois passou-se á 15 de Novembro de 1707 para o convento de Paraguassú da Ordem Seraphica na mesma Bahia, professou á 21 de Novembro de 1708 e foi depois estudar theologia no convento de Olinda.

O bispo D. frei José Fialho o nomeou seu confessor, examinador synodal e missionario, e tomou-o por companheiro nas visitas das parochias do bispado. Apreciando sua sabedoria e suas virtudes, levou-o comsigo para a Bahia, quando foi eleito arcebispo, e depois para Portugal, tendo tido tranfe-

rencia para o bispado da Guarda, onde frei João da Apresentação exerceu o magisterio, como lente de theologia moral do clero.

Em 1720 frei João da Apresentação foi para Valladolid assistir ao capitulo geral, e voltando para Guarda continuou no magisterio, teve a nomeação de Penitenciario geral da Ordem Seraphica, e Qualificador do Santo Officio.

A profunda sciencia e as virtudes de frei João da Apresentação forão reconhecidas e louvadas: como orador sagrado teve fama preclara. Infelizmente perderão-se os seus sermões e obras que escreveu.

Tinha elle para dar ao prelo sermões asceticos, moraes e panegyricos formando quatro volumes, como informa Barbosa na Bibliotheca Luzitana, e além disso a— Vida do bispo D. frei José Fialho e ainda alguns outros trabalhos litterarios.

16 DE NOVEMBRO

SIMÃO PEREIRA DE SA'

Jezuita, e escriptor, Simão Pereira de Sá nasceu no Rio de Janeiro em 1701, entrou para o collegio dos jezuitas e depois para a Companhia; sendo muito estimado pelos dotes de sua intelligencia. Formou-se em canones e em theologia na universidade de Coimbra, e mereceu ser considerado jezuita celebre.

Escreveu muito; poucos porém forão os trabalhos que ficarão de sua penna de escriptor estimado na Companhia de Jezus.

Deixou conhecidas algumas interessantes memorias, distinguindo-se entre ellas as seguintes:

Memoria topographica e bellica da Colonia do Sacramento.

Noticia chronologica do bispado do Rio de Janeiro, fundado pela Bulla do SS. P. Innocencio XI de 16 de Novembro de 1676.

Em falta de outra data, a dessa Bulla que fundou o bispado, cuja noticia chronologica escreveu, sirva para o registro do seu nome.

17 DE NOVEMBRO

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA

Bella e esperançosa intelligencia que se apagou ainda na primavera da vida, Manoel Antonio de Almeida, filho legitimo de Manoel de Almeida e de D. Jozephina Maria de Almeida, nasceu no Rio de Janeiro á 17 de Novembro de 1832.

Era tão rico de talento, como seus paes pobres de fortuna. Estudou humanidades á custo e um pouco irregularmente por falta de meios; mas supprio com o estudo particular e com a mais feliz intelligencia o que lhe queria negar a pobreza, negando-lhe recursos para frequentar todas as aulas.

Em 1852 matriculou-se na escola de medicina, e poude seguir animadamente o curso escolar, e ainda ser de algum auxilio á sua familia; porque foi admittido no gabinete da

redacção do *Correio Mercantil* então dirigido pelo venerando Sr. Dr. Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto, e tendo por seu redactor em chefe o illustrado Sr. Dr. o actual conselheiro e senador Francisco Octaviano de Almeida Roza.

Como Manoel Antonio de Almeida, Henrique Cezar Muzzio, outro talento brilhante, deveu pelo mesmo tempo á protecção daquelles dous distinctos brazileiros e ao seu trabalho no *Correio Mercantil* a fonte de recursos para frequentar a escola de medicina e nella doutorar-se.

Além da sua tarefa diaria no *Correio Mercantil* Manoel Antonio de Almeida publicou nelle em artigos que forão sahindo semanalmente, e depois tirou em dous pequenos tomos em 1854 e 1855 as *Memorias de um sargento de milicias* estudo ameno e precioso de antigos costumes do paiz, e de cousas nelle passadas, que mereceu applausos geraes, e brilhou como aurora promissora de fulgurante dia.

Seguio-se á esse trabalho no *Correio Mercantil* a *Revista bibliographica,* serie de artigos de critica litteraria, e além de outros os seguintes que muitos gabos tiverão do publico, e de autorisados juizes: *As flôres e os perfumes, A physiologia da voz, Uma historia triste.*

Em Dezembro de 1857 Manoel Antonio de Almeida tomou o gráo de doutor em medicina.

Não exerceu a clinica medica, naturalmente porque tendo já nomeada de litterato, ninguem se lembrou de chamal-o para ver doentes.

O governo imperial veio em auxilio do litterato sem clinica, nomeou-o administrador da Typographia Nacional, e depois official da secretaria do ministerio da fazenda, in-

cumbindo-o em seguida de escrever resumidamente a *Historia financeira do Brazil* desde os tempos coloniaes.

O esperançoso e já explendidamente provado talento de Manoel Antonio de Almeida não teve tempo de desempenhar essa difficil tarefa.

Em Novembro de 1861 o infeliz Almeida, desejando visitar a cidade de Campos, embarcou-se e sahio no vapor *Hermes* e á 28 do mesmo mez o *Hermes* naufragou e submergio-se.

Manoel Antonio de Almeida aos vinte e nove annos de edade teve a mesma sepultura, que esperava o grande poeta Gonçalves Dias,—o abismo do mar.

18 DE NOVEMBRO

D. CECILIA BARBOZA

Natural do Rio de Janeiro onde nasceu á 18 de Novembro de 1613 e distincta por suas virtudes e por sua familia D. Cecilia Barboza foi casada com Agostinho Barbalho Bezerra, filho do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, ambos varões illustres.

Seu sogro tinha-se esclarecido por grandes serviços, e deixára na historia da guerra hollandeza uma das paginas mais brilhantes e gloriosas: seu esposo fôra governador do Rio de Janeiro, déra exemplo de alta lealdade ao soberano, e do proceder mais digno em grave revolta que rebentára na cidade desse nome, e por isso merecêra elogios e premio.

Ficando na terra em viuvez, com fortuna tão medio-

cre que apenas a salvava da pobreza, e com o doce o amado encargo de filhas, que a tinhão por unico amparo, D. Cecilia Barboza viveu, pensando nesses caros objectos do seu amôr.

As filhas não tinhão fortuna que attrahisse algum dos poucos mancebos fidalgos que havia então no Rio de Janeiro; a mãe não dispunha de recursos sufficientes para sem sacrificio exagerado transportar-se para Portugal, e sobre tudo o bem fundado medo dos piratas a fazia regeitar a idéa da viagem transatlantica: ainda mais talvez que o medo dos piratas affligia-a, ou ao menos repugnava-lhe muito a simples hypothese do casamento de alguma das filhas de Barbalho Bezerra com homem, em cujas veias não corresse nobre sangue.

O sentimento orgulhoso aristocrata achou consolação e expediente salvador em uma inspiração do espirito religioso que era explendidamente dominador naquelle tempo.

A 25 de Julho de 1675 D. Cicilia Barboza deu publica e solemne manifestação do seu empenho de fundar na Ermida de Nossa Senhora d'Ajuda um Recolhimento para suas filhas, para si, e para donzellas e senhoras que quizessem viver em clausura, e, separadas e desprendidas do seculo, consagradas exclusivamente á Deus.

A pobre viuva pouco podia fazer e conseguir; mas sua aspiração exaltou aquelles que mais podião, e que erão religiosos como ella.

O convento d'Ajuda foi fundado no Rio de Janeiro: á outros coube a gloria do maior trabalho, e de mais potente e fructuoso empenho para realizar com todas as suas condições indispensaveis a instituição religiosa; mas a

idéa, que é a primeira pedra, pertenceu á viuva, á mãe das filhas de Agostinho Barbalho.

Tem eivos de aristocrata, que será tudo menos fraternal e caridosa, a original idéa do convento d'Ajuda do Rio de Janeiro, cujas superioras ou abbadessas forão sempre (e se houve excepções, ignorão-se) senhoras de familias nobres; mas ainda assim essa origem tem certo caracter historico, que se a actualidade o desdenha, o passado lhe dá prestigio.

E nem se discuta hoje o merecimento da resolução, e do empenho de D. Cecilia Barboza.

A civilisação do seculo decimo nono não é a do seculo decimo setimo.

D. Cecilia Barboza foi benemerita do seu tempo.

O convento d'Ajuda hoje anachronico, foi á quasi duzentos annos abençoado, como instituição piedosa e util.

O nome de D. Cecilia Barboza não deve ser esquecido.

19 DE NOVEMBRO

JOAQUIM DE OLIVEIRA ALVARES

Filho de um negociante da ilha da Madeira, alli nasceu Joaquim de Oliveira Alvares á 19 de Novembro de 1776.

Fez os seus estudos de preparatorios na Inglaterra, e depois em Douai, e tendo além de outros conhecimentos os das linguas latina e grega, franceza, ingleza, italiana, hespanhola e allemã, seguio para a universidade de Coimbra e nella obteve o gráo de bacharel em mathematicas e philosophia.

Entrou para a marinha real portugueza e commandando pequeno navio de guerra cruzava com outro de maior porte na costa do Algarve, quando forão atacados por navios francezes de força superior: abandonado pelo companheiro que poude escapar, Oliveira Alvares bateu-se até esgotar o ultimo meio de resistencia e cahio prizio-

neiro: o commandante francez deu em documento official o devido testemunho da bravura do joven Oliveira Alvares.

Quando esse combate foi dado, e quando o prizioneiro poude sahir da França, e servir ainda na marinha portugueza sob o commando do marquez de Niza na esquadra mandada á Napoles, não consta precisamente, e póde bem ser que haja confusão de datas.

Oliveira Alvares deixou a marinha pelo exercito, e veio para o Brazil, onde em 1804 foi nomeado capitão de artilharia da legião de voluntarios de S. Paulo, sendo em 1807 promovido á major commandante de artilharia da mesma legião, que no anno seguinte foi destacada para o Rio Grande do Sul. Em 1810 já era tenente-coronel effectivo.

No Rio Grande do Sul fez as campanhas de 1811 e 1812 na Banda Oriental, distinguio-se muito, e foi promovido a coronel commandante da Legião em 29 de Fevereiro de 1812, e a brigadeiro graduado em 1814.

Em 1816 começou a guerra contra o general José Gervazio Artigas, chefe da confederação formada pelas provincias da Banda Oriental, Entre Rios e Corrientes, guerra qne terminou em Janeiro de 1820 pela victoria de Taquarembó, e fuga de Artigas.

Oliveira Alvares cobrio-se de gloria a 27 de Outubro de 1816 em Carumbé, onde com pouco mais de oito centos homens resistio a Artigas que o atacou com mil e quinhentos dos seus. Apezar da desproporção das forças Artigas foi batido, e derrotado fugio, deixando no campo quinhentos e doze mortos, cem prizioneiros entre os quaes muitos officiaes, dous estandartes, sete caixas de guerra, munições, armamento, bagagens e cavalhada.

A 4 de Janeiro de 1817 ferio-se a batalha de *Catalan* e nella Oliveira Alvares teve o seu nome registrado entre os mais distinctos nessa jornada e preclara victoria.

Brigadeiro effectivo á 27 de Julho de 1817 pela sua bravura em Carumbé e Catalan, no anno seguinte foi marechal graduado e commendador da Ordem de Aviz.

Em 1820 coberto de louros marciaes, e vendo acabada a guerra, por doente se retirou para S. Catharina, e d'alli para o Rio de Janeiro, onde na madrugada de 21 de Abril de 1821 prestou inopinado e generosissimo serviço.

Sabe-se como ainda mais imperdoavel, do que a desasisada e revôlta assembléa eleitoral reunida na Praça do Commercio, a tropa portugueza mandada para dissolvêl-a, começou por dar sem previa intimação da ordem que trazia, uma descarga de fuzilaria.

Immediatamente depois ia partir o tiro de uma peça de artilharia sobre o edificio; mas o marechal Oliveira Alvares que estava perto, arrancou da espada, e de um salto para o artilheiro cortou-lhe o morrão, que era já lançado para dar fogo á peça.

O sangue que correu pela Praça do Commercio imprimio alli a primeira marca separadôra do Brazil e de Portugal.

Logo em 1821 Joaquim de Oliveira Alvares abraçou com ferverosa dedicação a causa da independencia do Brazil e conspirou de accôrdo com os mais illustres patriotas.

A 11 de Novembro de 1821 foi nomeado ajudante general do estado maior do governo das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro : o quartel general era no edificio da Guarda-Velha (o da secretaria do ministerio do imperio

depois e ainda hoje) e Oliveira Alvares estabeleceu alli o club conspirador e patriota dissimulado em gabinete de leitura de periodicos. As reuniões do club, á que concorrião Ledo, Januario, José Joaquim da Rocha, Nobrega, frei S. Paio e outros fazião-se em uma sala do fundo, que fôra cosinha, e Gordilho, guarda roupa do principe D. Pedro regente do Brazil, pertencia á sociedade conspiradora, e era della o intermediario e o representante, que fallava ao principe no empenho de leval-o á pôr-se á frente do movimento nacional brazileiro, que lhe assegurava o throno imperial, e esplendida gloria.

O principe hesitava ; mas o decreto da constituinte de Lisbôa, que annullava rispidamente sua autoridade no Brazil, e o mandava *aprimorar sua educação*, viajando por algumas capitaes ou paizes da Europa, irritou-o e pôz termo ás suas hesitações em Dezembro de 1821.

Preparou-se o pronunciamento de D. Pedro em representações officiaes e populares contra o decreto provocador de reacção.

A' 9 de Janeiro de 1822 o principe D. Pedro declarou-se desobediente ao governo de Lisboa, dizendo : *Fico no Brazil*.

Dois dias depois, á 11 de Janeiro as tropas luzitanas da guarnição da cidade já habituadas á acção dominadora por faceis e não disputadas imposições de sua vontade em duas sedicções militares no anno de 1821, tomarão as armas, e sob o commando do seu chefe, o general Avilez, occuparão o monte do Castello, e ameaçarão a cidade no empenho de obrigar o principe á retirar-se em obediencia ao decreto do poder soberano de Lisbôa.

Joaquim do Oliveira Alvares estava de cama com um ataque de gota, quando lhe chegou a noticia do pronuncia-

mento da divisão luzitana : immediatamente, e apezar das dôres que soffria, fez-se transportar para o Campo de Santa Anna, onde se reunião as tropas do paiz, e paisanos patriotas e lá deitado em um tapete sobre a relva, tomou o commando das forças, e deu todas as providencias para repellir o esperado ataque dos luzitanos, conservando-se no campo á expedir ordens e á velar activo e energico toda a noite de 11 e até a manhã de 12 de Janeiro, em que Avilez se retirou com os seus dois mil homens da divisão auxiliadora para a Praia-Grande, do outro lado da bahia.

A' 16 de Janeiro Joaquim de Oliveira Alvares entrou para o ministerio, tomando a pasta da guerra, ao mesmo tempo que José Bonifacio era nomeado ministro do reino e dos estrangeiros, e Caetano Pinto de Miranda Montenegro depois marquez da Praia-Grande ministro da fazenda.

A 27 de Julho de 1822 pediu e obteve demissão do ministerio da guerra por se terem aggravado os seus padecimentos em consequencia de seis mezes e alguns dias de activissimo trabalho no accelerado movimento da revolução da independencia.

A 7 de Janeiro de 1822 tinha subido a marechal de campo effectivo, á 12 de Outubro do mesmo anno foi nomeado conselheiro de guerra, á 25 de Julho de 1823 teve a carta do conselho, á 12 de Outubro de 1824 foi promovido a tenente general effectivo, á 12 de Maio de 1825 agraciado official da imperial ordem do Cruzeiro.

A 24 de Julho de 1828 pela segunda vez entrou para o ministerio com a pasta da guerra e foi um dos negociadores do tratado preliminar de paz com a Republica Argentina á 27 de Agosto desse anno.

Em 1 de Fevereiro de 1829 houvera em Pernambuco um

motim no qual se derão vivas á republica : o povo mostrou-se indifferente ao grupo amotinador que dos Afogados se dirigiu para Ipojuca, e lá se dissolveu antes de chegar a força publica. O presidente da provincia deu muito mais importancia do que devia á esse facto, communicando-o ao governo geral, e este tomou medidas extraordinarias : o ministro da justiça referendou um decreto, suspendendo as garantias constitucionaes em Pernambuco, e o da guerra annunciou officialmente em outro decreto a creação de uma commissão militar na capital da mesma provincia para julgar os suspeitos de rebellião e dar immediata execução ás suas sentenças, menos as de pena de morte que não serião cumpridas sem o consentimento do Imperador.

Reunida a assembléa geral, o deputado Hollanda Cavalcanti, depois visconde de Albuquerque, apresentou á camara accusação formal contra os dous ministros, e a commissão á que esta foi remettida, deu parecer considerando o acto da suspensão de garantias attenuado pela agitação dos espiritos em Pernambuco, e por tanto que não devia ter andamento a accusação contra o ministro da justiça ; mas que cumpria tel-o apresentada contra o da guerra por ter infringido a constituição do imperio que não permittia tribunaes excepcionaes e extraordinarios.

Longa e renhida foi a discussão, que chegou a ser irritante relativamente a Joaquim de Oliveira Alvares, o qual emfim teve á seu favor trinta e nove votos e contra trinta e dous, e preciso é dizel-o, o Imperador D. Pedro I nem dissimulou o empenho que tomou em prol da causa dos seus ministros, e principalmente em apoio de Oliveira Alvares que além de muito mais ameaçado da accusação, era seu amigo pessoal.

A' 4 de Agosto de 1829 Oliveira Alvares pedio demissão e sahio do ministerio, sendo em Outubro do mesmo anno agraciado com a gran-cruz da Imperial Ordem da Roza então creada.

Eleito deputado pela provincia do Rio Grande do Sul para a segunda legislatura, os liberaes exaltados da camara propuzerão e sustentarão a annullação do seu diploma não por vicios da eleição ; *mas por seus actos de ministro e suas idéas e tramas contra as liberdades publicas e o systema representativo* : Oliveira Alvares teve por companheiros nessa guerra; que soffreu; José Clemente Pereira, e Salvador José Maciel felizmente os liberaes moderados ligarão-se nessa questão com os deputados do governo, e o abusivo, e impolitico precedente não ficou plantado na camara. Quarenta e um votos reconhecerão deputados Oliveira Alvares e José Clemente, que forão dos tres os mais guerreados com affensa profunda do direito eleitoral do povo, e ainda assim trinta e cinco deputados votarão pela annullação dos seus diplomas.

No mesmo anno de 1830, em que isso se passou, Oliveira Alvares partio para Londres, onde tinha de receber herança avultadissima, que lhe deixára um irmão negociante da praça daquella capital.

Indo despedir-se do Imperador D. Pedro I, disse-lhe com a sua jovialidade natural, e com a confiança ampla, de que gozava : « Senhor, eu parto ; mas se as cousas politicas não mudarem de face no Brazil, breve nos encontraremos no carnaval de Veneza. »

Em 1831 elles se encontrarão com effeito não no carnaval de Veneza ; mas em Londres, onde o ex-imperador D. Pedro deu ao seu antigo ministro e amigo particular novas demonstrações de muito particular estima.

Depois de 1832 o partido restaurador procurou o apoio e intervenção de Oliveira Alvares no sentido de suas idéas. Se exactas são informações particulares, em todo caso delicadissimas e sujeitas ás duvidas de confidencias e de planos que se passarão em segredo, D. Pedro, tendo firmado o throno de sua filha D. Maria II em Portugal, se prestava a volta para o Brazil, sob a condição de lhe pedirem isso em representações todas ou em sua maxima parte as camaras municipaes do imperio. Querião ao contrario agentes restauradores, que D. Pedro voltasse para o Brazil, trazendo o concurso da legião estrangeira que servira, no cerco do Porto, e que commandando a expedição viesse Oliveira Alvares, o qual, ouvindo semelhante proposição, exclamou :

— A' frente de tropa estrangeira nunca !

O assumpto é grave e melindroso e esta informação é apenas como que tradição recente, que deve desafiar estudos e esclarecimentos sobre ponto muito interessante da historia patria.

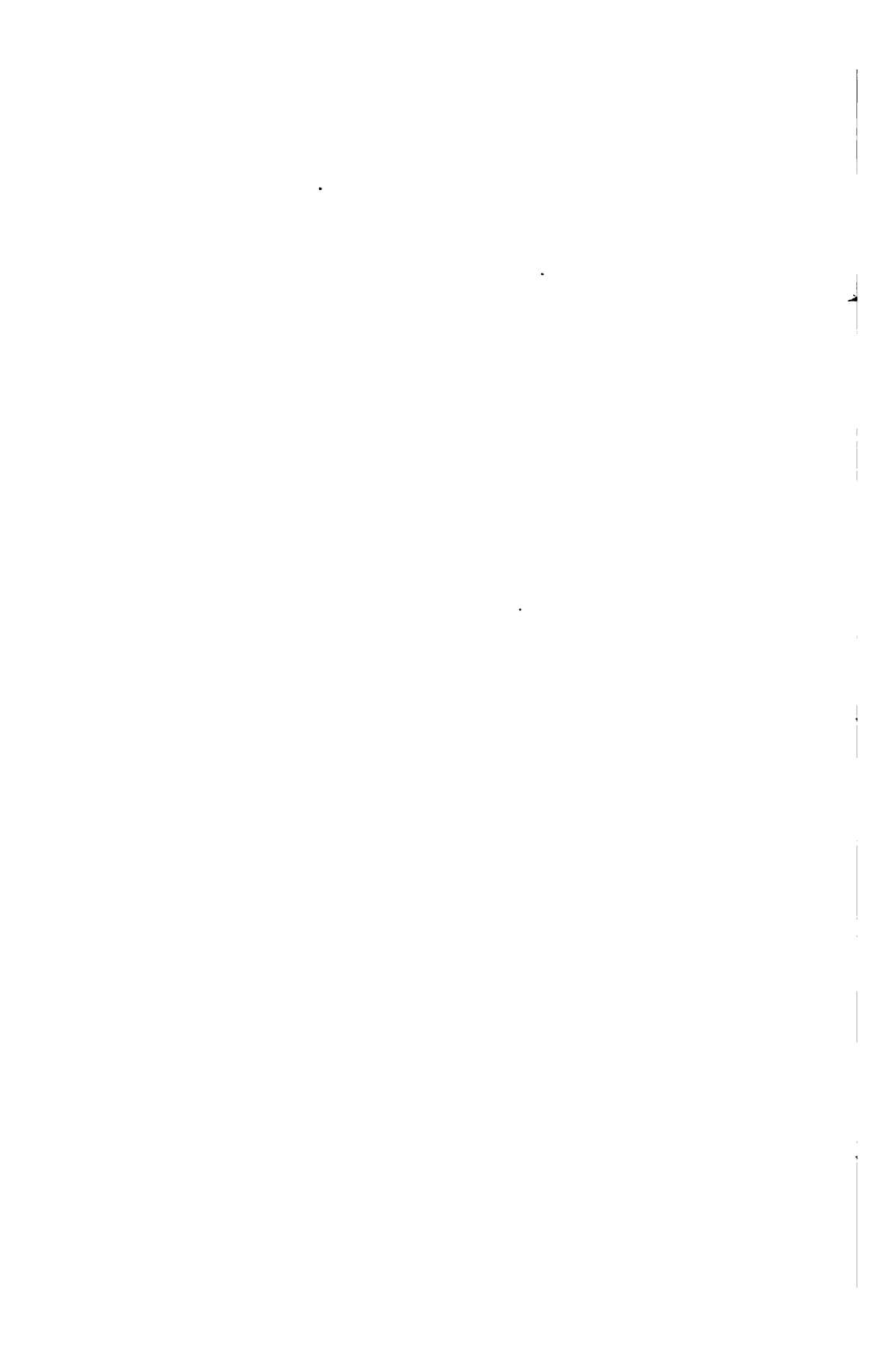
Joaquim de Oliveira Alvares desde alguns annos antes de 1830 emprehendera e começara a escrever grande obra, *Estatistica Geral do Brazil*; tinha reunido para isso riquissimo capital de livros, documentos, mappas curiosos e raros, estudára com ardor a flora brazileira, a mineralogia, as explorações e a administração do Brazil, e em Londres amontoára trabalhos seus em manuscriptos que devião ser dignos de sua immensa illustração ; tudo isso porém se perdeu !... seus papeis desapparecêrão... com a sua morte em França esse cabedal extraviou-se...

Em Londres ainda prestou relevante serviço ao Brazil : faltando alli fundos ao governo brazileiro para pagamento de devidendos, elle em honra do credito de sua patria ;

poz á disposição do ministro respectivo a sua grande riqueza.

Reformado no posto de tenente-general á 5 de Julho de 1833, e tendo fallecido o ex-imperador D. Pedro I, dispunha-se á voltar para o Brazil; mas sentindo-se doente e abatido, quiz ir primeiro a Paris ensaiar o recurso de pequena viagem, e de outro clima, e em Paris foi morrer em 1835. O cemiterio Pere Lachaise recebeu os seus restos mortaes.

Joaquim de Oliveira Alvares foi heróe nas guerras do sul, benemerito da independencia, soldado bravo, intelligencia illustradissima, homem probo e honrado.

As paixões politicas que o guerrearão de 1828 á 1830, o seu erro de ministro em 1829 pago de sobra nos tormentos da accusação proposta nesse anno, e na inconstitucional disputa do seu diploma de deputado na seguinte legislatura, não podem enublar a gloria do guerreiro celebre em 1816 e 1817, e a do patriota dedicadissimo de 1821 e 1822.

20 DE NOVEMBRO

FRANCISCO VILLELA BARBOZA

MARQUEZ DE PARANAGUA'

Aos 20 de Novembro de 1769 nasceu na cidade do Rio de Janeiro Francisco Villela Barboza: um commerciante desse mesmo nome, e natural de Braga em Portugal foi seu pae, e D. Anna Maria da Conceição sua mãe, e ambos morrerão, quando elle ainda estava em tenra edade.

Orphão e sem fortuna ficou á cargo de uma tia, irmã de sua mãe, e de sua madrinha de baptismo tambem chamada Anna Maria da Conceição, irmã de sua avó materna, á expensas da qual foi mandado para a universidade de Coimbra, quando já entrára nos dezoito annos

de edade, tendo feito no Rio de Janeiro os estudos classicos do latim, philosophia racional e rhetorica.

Em Coimbra passou um anno á estudar o grego que lhe faltava para matricular-se, e já habilitado por exame feito, vio quasi cortada a sua carreira por falta de meios: casára-se com uma senhora daquella cidade sem consultar a sua protectora, que resentida suspendeu as mezadas que lhe fazia.

D. Francisco de Lemos, natural do Rio de Janeiro, bispo de Coimbra, conde de Arganil e ex-reitor da universidade estendeu mão protectora ao joven compatriota, dando-lhe os recursos necessarios para estudar e subsistir até a sua formatura em mathematicas que se realisou em 1796.

Villela Barboza teve em sua carta de bacharel a menção honrosa de dous premios que obtivéra por merecimento distincto no primeiro e terceiro annos do curso de mathematicas, a qual é do theor seguinte: « *Præmio insuper, regio prescripto insignioribus statuto, in primo et tertio sui curriculi anuo publicè donatus fuit.* »

Em 1797 o joven bacharel seguio para Lisboa e ali obteve a sua admissão na armada real com a graduação de 2° tenente, e nesse posto servio quatro annos em diversas expedições, e distinguio-se principalmente no cerco da praça de Tunis, e na tomada dos piratas argelinos no Mediterraneo.

Em 1801 mereceu a nomeação de lente substituto da Real Academia de Marinha por proposta da congregação dos lentes da universidade de Coimbra. Villela Barboza pedio então sua passagem para o corpo do engenheiros, o que conseguio no posto de 1° tenente. Regeu por al-

gum tempo a cadeira de astronomia e navegação como substituto, sendo depois nomeado lente proprietario de geometria, que ensinou até a sua jubilação em 1822.

Na carreira militar chegou em Portugal ao posto de major de engenheiros, do qual pedio demissão em 1823 pouco antes de se retirar para o Brazil.

A reputação de Villela Barboza como mathematico e litterato já era grande em Portugal e levantada com fundamentos seguros e justamente apreciados.

Exercendo o magisterio compoz os *Elementos de Geometria* publicados em 1815 pela Academia Real das Sciencias, á qual tinhão sido offertados.

Logo em 1817 sahio á luz em Lisbôa o seu *Breve tratado de Geometria spherica, em additamento aos seus— Elementos de Geometria.*

Villela Barboza escreveu ainda interessante memoria *sobre a correcção das derrotas de estima*, que foi premiada pela sociedade real maritima, militar e geographica de Lisbôa da qual era membro.

Nas Memorias da Academia Real das Sciencias, á que pertencia, e na qual servio de secretario interino encontrão-se eloquentes discursos do illustre litterato.

Outra corôa lhe engrinaldava a fronte: Villela Barboza era poeta de inspirações suaves e mimosas: ainda na universidade publicára o pequeno volume *Poemas* contendo odes, cantatas, sonetos, e outras composições: mais tarde escreveu *A Primavera,* cantata, que primeiramente sahio á luz nas Memorias da Academia Real das Sciencias, e depois reimpressa, firmou a reputação do poeta, que até seus ultimos annos cultivava as muzas com applausos de seus amigos intimos.

Mas em 1821 Villela Barboza é lançado na vida politica. Rompe e triumpha em Portugal a revolução de 1820. Convoca-se a constituinte portugueza, e o Rio de Janeiro contempla o seu illustre filho no numero dos deputados que manda ás côrtes.

Em breve declára-se a politica da maioria luzitana da constituinte em sentido amesquinhador do reino americano, e hostil ao principe D. Pedro deixado pelo rei seu pae, como regente no Brazil.

Aos antagonismos de 1821 succede o anno de 1822, e nelle a revolução e a 7 de Setembro a proclamação da independencia do Brazil com o grito do Ypiranga.

Os deputados brazileiros nas côrtes de Lisboa cumprirão o seu dever de patriotismo; annos depois porém o odio politico chegou á calumniar Villela Barboza no marquez de Paranaguá, accusando-o de pronunciamento contrario á independencia da patria.

Villela Barboza não foi tão denodado campeão da cauza do Brazil na constituinte portugueza, como Antonio Carlos, Barata, Feijó, Lino Coutinho e alguns autros; mas provou sua lealdade á patria, assignando requerimento da annullação de seu mandato de deputado, desde que o movimento revolucionario do Brazil tornou patente o empenho geral do povo para a grande obra da independencia.

A' Villela Barboza póde-so apenas increpar o facto de permanecer na constituinte até o encerramento della, e ainda depois da proclamação da independencia do Brazil ter ficado em Portugal, e sómente dimittir-se do posto militar que occupava no exercito portuguez em Abril ou Maio de 1823.

No mez de Junho desse anno Villela Barbosa embarcou para o Brazil, e veio infelizmente chegar ao Rio de Janeiro pouco antes do mez de Novembro, á 10 do qual entrou para o ministerio com as pastas dos negocios do imperio e dos estrangeiros, sendo dous dias depois dissolvida a constituinte brazileira, e passando elle pelo principal aconselhador desse golpe de estado impolitico e fatal.

Pouco depois passou á dirigir o ministerio da marinha: como ministro pertenceu a commissão de conselheiros de estado que elaborou a constituição do imperio, da qual foi um dos dez signatarios. Permanesceu no gabinete ministerial até Janeiro de 1827, em que pediu sua demissão por motivos que abonarão o seu caracter.

De 1823 á 1825 foi elevado ás honras de dignitario e gran-cruz da ordem imperial do Cruzeiro, de visconde e depois marquez de Paranaguá, sendo além disso conselheiro do estado, e em 1826, na organisação do senado, escolhido senador em lista da provincia do Rio de Janeiro.

Em Dezembro de 1829 o marquez de Paranaguá aceitou de novo a pasta da marinha no ministerio organisado sob a influencia do marquez de Barbacena que se encarregára da repartição da fazenda; mas sendo este dimittido á 5 de Outubro de 1830, conservou-se Paranaguá no gabinete que então se recompoz.

Em face da agitação publica e dos graves acontecimentos de Março de 1831 no Rio de Janeiro, onde o exaltamento dos liberaes achou-se vivamente excitado pelo espirito nacional que reagia contra os insultos audaciosos de muitos portuguezes, D. Pedro I concedeu á 20 daquelle mez dimissão ao marquez de Paranaguá, e á outros ministros impopulares como elle, e ainda reorganisou o

ministerio, chamando ás pastas vagas cidadãos de idéas liberaes ; mas estranhos á camara e sem influencia politica.

A situação pareceu melhorar ; os liberaes moderados, como Evaristo e outros chefes apoiárão quanto lhes foi possivel a nova e fraca combinação ministerial ; os exaltados porém conspiravão abertamente, e em taes circumstancias D. Pedro I organisou na noute de 5 de Abril o seu ultimo ministerio, confiando as pastas ao marquez de Paranaguá, e a mais cinco dos seu antigos ministros, e todos seis os mais impopulares.

No dia seguinte o povo e quasi todos os corpos militares reunidos á tarde e á noute no campo de Santa Anna, depois Praça da Acclamação, exigirão a reintegração do ministerio de 20 de Março, e D. Pedro I respondeu á taes exigencias, abdicando a corôa na primeira ou segunda hora da madrugada de 7 de Abril. Os ministros pedirão-lhe então os decretos de suas dimissões que forão immediatamente lavradas, e assignadas, ficando só o marquez de Inhambupe com a pasta do imperio para entregar o governo á quem competisse.

O marquez de Paranaguá ficou no seu posto no senado, e não houve acção do tempo, nem força de acontecimentos que abalassem suas convicções e seus principios : tinha sido e continuou á ser conservador severo e extremo, rigido preconisador do direito, e da imposição energica da autoridade legitima.

Em 1840 era presidente do senado, e apoiou com esforço a decretação da maioridade do Sr. D. Pedro II, ligando-se nesse empenho, e só nos dias da relativa luta parlamentar ao partido liberal. Alcançada a victoria distanciou-se dos companheiros de occasião.

Em 1841 foi chamado ao ministerio conservador de 23 de Março, occupou a pasta da marinha até Janeiro de 1843, em que esse gabinete deixou o poder.

Na solemnidade da sagração do imperador o Sr. D. Pedro II o marquez de Paranaguá foi escolhido para servir de condestavel.

Este homem illustre morreu na cidade do Rio de Janeiro á 11 de Setembro de 1846.

Na sciencia ninguem houve que puzesse em duvida o seu alto merecimento.

No cultivo da poezia basta-lhe a *Primavera* para cobrir de flôres a sua memoria. O marquez de Paranaguá escreveu lindissimas composições poeticas até o fim da sua vida: foi impressa, e é muito conhecida a bella e ardente ode que elle improvisou, acabando de ouvir no senado um discurso do sabio visconde de Cayrú, que em politica parecia da sua escola; perderão-se porém inumeras poezias, muitas dellas eroticas, que consta terem sido por sua propria mão lançados ao fogo, quando o illustre quasi octogenario sentiu que tocava ao termo da vida.

Contra sua honra, probidade, e pessoal desinteresse nunca houve suspeita, que annuviasse o céo limpo e branco de sua reputação bem merecida.

Na sua vida politica houve tempestades, odios populares, apreciações falsas, e censuras justas.

O marquez de Paranaguá commetteu graves erros; mas á elles levado por seus principios e por suas convicções.

Ou pelo costume do antigo systema politico, sob o qual vivêra meio seculo, ou por caracter natural e convicções profundas era no governo o homem da autoridade forte e intransigente, parecendo ver condemnavel resistencia na

opposição ; por isso em alguns de seus actos levou a severidade até a intolerancia. Desejava o bem e a liberdade do povo ; mas como á temer-se das expansões dos principios liberaes, contrariou estes por vezes.

Em 1830 aconselhou a dissolução da camara á D. Pedro I que regeitou o conselho com generosas e nobres palavras de negativa.

A' 5 de Abril de 1831, entrando para o ministerio propoz immediatas medidas extraordinarias e compressoras, que D. Pedro I não consentiu que fossem tomadas, e na noute de 6 de Abril assistindo como ministro a agonia do primeiro reinado, na madrugada de 7 ao acto imperial da abdicação pagou com os tormentos de seu coração leal e dedicado o maior erro de sua vida politica, a parte consideravel que teve na dissolução da constituinte brazileira.

Mas em sua grande influencia no conselho de estado e no governo do primeiro imperador, assim como na camara vitalicia, foi sempre levado por suas convicções, e por seus principios que conservou defendeu e ostentou até o fim de sua vida.

Procedeu sempre como sentia e pensava : era isso mais do que do seu direito, era de sua honra.

O marquez de Paranaguá era honesto e probo, de lealdade nunca desmentida, e a grandeza de seu animo ficou provada na sua constancia inabalavel e firmeza explendida no meio das borrascas politicas que nunca puderão abalar sua coragem.

Além dos altos cargos, das elevadas condecorações, e dos titulos de nobreza que teve e forão quasi todos mencionados, o marquez de Paranaguá foi membro de diversas sociedades scientificas estrangeiras, e do Instituto Historico e Geographico Brazileiro,

21 DE NOVEMBRO

EMILIO JOAQUIM DA SILNA MAIA

Na cidade de S. Salvador da Bahia nasceu a 8 de Agosto de 1808 Emilio Joaquim da Silva Maia, filho legitimo de Joaquim José da Silva Maia, negociante matriculado naquella praça, e de D. Joaquina Roza da Costa.

Desde os seus primeiros annos mostrou grande aptidão para a carreira das lettras : a antiga metropole do Brazil abundava de bons mestres e com estes adiantava-se já no estudo de humanidades, quando em 1823, e aos quinze annos de sua idade começou a experimentar as consequencias das borrascas e convulções politicas.

Em 1817, e ainda na infancia, comtemplára, sem duvida com a sensibilidade e tambem com a ligeiresa de menino, as victimas da revolução de Pernambuco : já aos treze annos,

em 1821, fôra testemunha do movimento de 10 de Fevereiro na sua cidade natal: a época era tempestuosa, e em 1823 seguindo o destino de seu pai, que se compromettêra na guerra da independencia interrompeo seus estudos e á 2 de Julho embarcou com toda a sua familia para o Maranhão, donde no fim de quatro mezes arastado pela foturna paterna deixou a patria e foi para Portugal, e chegando á cidade do Porto no primeiro dia do anno de 1824 bem depressa as aulas da universidade de Coimbra receberão o joven brazileiro, que foi conquistando applausos e deixando apreciar seu talento : pretendendo seguir o curso de medicina, tinha já obtido o gráo de bacharel em philosophia natural, quando de novo as lutas politicas vierão pertubar seus estudos, e dessa vez obrigal-o a trocar o livro pela espada.

Era a época da guerra entre os constitucionaes e absolutistas : o joven estudante, já pelos exemplos de seu pai, já pelas proprias convicções e pelo ardor da mocidade, deixou-se levar pelas ondas revolucionarias, e atirou-se no campo dos combates ; sua bandeira foi pelo menos bella e nobre, a bandeira da liberdade contra o absulutismo, a da rainha contra o usurpador. A victoria se declarou pelas armas inimigas, e os academicos voluntarios, entre os quaes Emilio Maia se alistára, fogirão aos cadafalsos e procurarão a terra estrangeira.

Depois de passar á Hespanha e depois á Inglaterra o joven brazileiro, com uma parte de sua familia voltou ao Brazil, e saudou o céo da patria em 1829, no mesmo anno porém tornou á Europa para completar os seus estudos, e emfim a 2 de Setembro de 1833 obtevé o diploma de doutor em medicina pela universidade de Pariz, e ardendo por tornar ás terras de seu berço, chegou em Março de 1834 ao Rio de Janeiro onde se estabelaceu.

O Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia tinha feito o voto sagrado de consagrar-se á sciencia ; cultivando-o prestaria tambem relevantes serviços á patria ; voltou pois as costas ao mundo politico, não se deixou arrebatar pelos sonhos de grandezas sociaes ; preferiu aos comicios as sociedades litterarias, á carreira administrativa e politica o exercicio da medicina; ás ardentes commoções dos combates parlamentares os arduos trabalhos e o cultivô das sciencias naturaes.

Feliz no lar domestico, entregue exclusivamente aos cuidados da sua clinica medica, ao estudo das lettras e das sciencias, e emfim ao ensino da mocidade o Dr. Emilio Maya pôde contar seus annos por serviços reaes e importantes prestados ao paiz.

Foi um desses homens laboriosos, incansaveis e prestantes que não precisão que lhe gravem um epithaphio na lage de sua sepultura, nem que um biographo parcial e amigo lhe agigante mediocres feitos para que seu nome seja lembrado pelos vindouros.

O Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia distinguio-se na clinica medica pelo seu zelo, actividade, sciencia e caridade. Foi membro da camara municipal da cidade do Rio de Janeiro e prestou importantes serviços ao municipio da Côrte como vereador illustrado e activissimo.

Cultivou as sciencias naturaes com desvelado amôr, ensinando-as no Imperial Collegio de Pedro II, como professor que foi desde 1838, dirigindo uma das secções do Muzeu Nacional, e adiantando-as com os seus estudos, trabalhos e escriptos, como o reconhecerão sabios naturalistas do velho mundo.

Escreveu muito nas Revistas da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e da Academia Imperial de Medicina,

de que foi por muito tempo redactor, e na *Minerva Brazileira* que o teve por fundador e redactor em chefe.

Foi um dos membros fundadores do Instituto Historico Geographico Brazileiro.

A's grandes qualidades de que estes serviços dão seguro testemunho, reunia o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia outras não menos estimaveis: era bom e extremoso pai e esposo amante; era amigo fiel, companheiro leal e cidadão honesto.

Homem de trabalho, homem que não perdia um instante, nem conhecia outro descanço, senão o que dá o somno em breves horas da noite, abreviou seus dias, porque não soube poupar-se nem mesmo quando se sentio ferido pela enfermidade que o levou ao tumulo. Doente desde muitos mezes, só abandonou sua cadeira no collegio e seus livros no gabinete quando, arrastado para o leito, ouvio dar a hora da agonia, e exhalou o ultimo suspiro no dia 21 de Novembro de 1859.

O Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia foi altamente considerado pelos litteratos e pelos sabios: no Brazil quasi todas as sociedades litterarias e scientificas o contavão como socio, e notavelmente o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a Imperial Academia de Medicina, a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o Instituto Litterario da Bahia, e a sociedade Vellosiana. Na Europa está o seu nome escripto no quadro dos membros da sociedade das Sciencias Medicas de Lisbôa, da sociedade de Sciencias Naturaes de França, e da dos Antiquarios do Norte.

São numerosos, mas infelizmente acham-se espalhados por diversos periodicos, os escriptos que deixou. Memorias sobre alguns acontecimentos politicos do Brazil, quadros sy-

nopticos do reino animal organisados para facilitar o estudo da zoologia no imperial collegio de Pedro II ; discurso sobre as sociedades scientificas e de beneficencia que tem sido estabelecidas na America ; elogio historico de José Bonifacio de Andrade e Silva, e diversas memorias sobre pontos de medicina, de sciencias naturaes, e sobre questões litterarias e igualmente muitos discursos academicos se encontrão nas Revistas do Instituto, nos Annaes da Academia de Medicina, e em quasi todos os periodicos litterarios e scientificos do Rio de Janeiro.

22 DE NOVEMBRO

JOSÉ SATURNINO DA COSTA PEREIRA

Filho legitimo de Felix da Costa Furtado e de D. Anna Josepha Pereira, nasceu José Saturnino da Costa Pereira aos 22 de Novembro de 1773 na colonia do Sacramento, então pertencente ao Brazil colonia portugueza.

José Saturnino formou-se em mathematicas na universidade de Coimbra, e entrou para o corpo de engenheiros em data não averiguada.

Em 1814 já elle com certeza se achava no Rio de Janeiro; pois que a 4 de Dezembro desse anno foi lavrada a carta de lei, mandando crear nesta cidade uma Academia de Sciencias physico-mathematicas e naturaes, e coube-lhe não só o entrar no numero dos lentes nomeados, como o ser incumbido de escrever diversos compendios para aulas

da mesma academia, o que attesta o reconhecimento de sua capacidade.

Nessa Academia depois donominada militar José Saturnino teve a reputação de abalisado lente.

Era elle irmão de Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça que desde 1807, como se informou na competente biographia, estava escrevendo em Inglaterra o *Correio Braziliense*.

Não somente é verosimil; mas tambem cartas e apontamentos deixados por José Saturnino certificão que elle dava secretamente conta ao irmão da marcha dos acontecimentos e dos designios politicos do governo no Brazil, e assevera-se que esta secreta correspondencia não era ignorada pelo principe-regente e depois rei D. João VI, que a aproveitára mais de uma vez.

Este facto que parece positivo não desabona o caracter de José Saturnino, pois que assim elle trabalhava no interesse de sua patria.

Proclamada a independencia do Brazil e promulgada a constituição do imperio, José Saturnino da Costa Pereira entrou para o senado brazileiro em 1828, tendo sido escolhido pela corôa em lista offerecida pela provincia de Matto-Grosso.

No senado frequentou a tribuna; mas sempre como orador conciso, bom discutidor, esclarecido e sem pretenções á triumphos de eloquencia: era governamental, monarchista, sem sujeição disciplinar, á partido algum.

A 16 de Maio de 1837 entrou para o ministerio, occupando a pasta da guerra no ultimo anno da regencia do padre Diogo Antonio Feijó. Deixou o poder a 18 de Setembro do mesmo anno, e não fez nem podia fazer muito

em quatro mezes gastos em combates com ardente e numerosa opposição no parlamento.

Sua vida politica não teve fulgores porque elle os não procurou: discutia breve e sereno na tribuna; era porém grande e luminoso trabalhador de commissões, á que o não poupavão.

As ambições politicas não o preoccupavão: o estudo de gabinete, e os trabalhos scientificos erão os seus amores de predilecção.

Foi senador do imperio, por quatro mezes ministro da guerra, teve a commenda da Ordem de Christo, era official da do Cruzeiro, lente jubilado da Escola Militar do Rio de Janeiro, e official de engenheiros.

Era apaixonado das bellas artes e especialmente da muzica; entre seus filhos um pelo menos no cultivo dessa arte como simples e admiravel amador poderia ter sido celebridade, se não se limitasse á exhibições particulares no seio de familias, ou de sociedades de estreitos horisontes.

José Saturnino da Costa Pereira falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 9 de Janeiro de 1852.

Deixou em obras dadas ao prelo as seguintes:

Tratado elementar de Mechanica por Mr. Fournier, traduzido em portuguez e augmentado de doutrinas extrahidas de Prony, Bossut, Marie etc.

Indagações do solido de maximo volume entre todas as de igual superficie.

Diccionario topographico do imperio do Brazil.

Historia geral dos animaes, classificados segundo o systema de Cuvier, extrahida das observações dos naturalistas viajantes mais acreditados e modernos: em 4 tomos.

Elementos de Geodezia precedidos dos principios da Trigo-

nometria spherica e astronomica necessarios á sua intelligencia extrahidos da obra de Puissant e coordenados.

Elementos de Mechanica.

Applicação da Algebra á Geometria, ou Geometria analytica, segundo o systema de Lacroix.

Elementos de Calculo differencial e de Calculo integral, segundo o systema de Lacroix.

Apontamentos para a formação de um Roteiro das costas do Brazil, etc.

Destas obras a primeira, sexta, septima, e oitava forão compendios para uzo da Escola Militar.

Em manuscripto deixou tambem trabalhos ou apenas esboçados, ou muito incompletos; em grande numero porém e dando prova de seu labor scientifico.

Devia parecer muito pouco verosimil; mas assegurão respeitaveis parentes do senador José Saturnino que este escrevêra e imprimira na Typographia Nacional um romance scientifico em 14 volumes sob otitulo *O Collegio Incendiado.*

O illustrado Sr. Dr. João Joaquim Pizarro, esclarecido membro da Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro, e esposo de uma digna neta do illustrado José Saturnino, assevera que dos papeis que fiarão delle consta a impressão dessa obra; mas infelizmente não ha noticia, nem indicio de que ella sahisse do prelo.

Perdeu-se na Typographia Nacional o manuscripto?... desviou-se e escondeu-se o volumoso manuscripto?...

Ninguem póde resolver o problema.

De apontamentos e de papeis de José Saturnino consta que elle escrevêra, acabára, e dera a obra em 14 volumes ao prelo: *dar ao prelo* queria dizer *eutregar á typographia*?...

A obra perdida devêra ser em todo caso monumental, e como a idéa original dos romances de Julio Verne.

Conforme os apontamentos e lembranças escriptas achadas nos papeis de José Saturnino o romance em 14 volumes era immenso estudo.

Fortuna adversa, não inimiga e traçoeira *incendiára o collegio* de um sabio director, e o sabio director fugindo á perseguição, e levando consigo dedicados alumnos viajára o Brazil, percorrendo o seu litoral, e o seu interior, e abundando em epysodios romanescos e adequados, ensinára humoristica e amenamente a geographia, e a topographia, as producções naturaes, os costumes dos indios, e sua catechese, e emfim toda a immensa grandeza do Brazil á seus jovens discipulos, e companheiros de peregrinação ou de viagem scientifica.

Já se vê que em tal romance o Brazil perdeu extraordinario thesouro.

23 DE NOVEMBRO

MANOEL ARRUDA DA CAMARA

Em 1752 nasceu no districto depois provincia das Alagoas e então pertencente á capitania de Pernambuco, Manoel Arruda da Camara.

Aos 23 de Novembro de 1783 professou a regra dos Carmelitas calçados no convento de Goyana, tomando então o nome de frei Manoel do Coração de Jezus: pouco depois partio para Portugal e na universidade de Coimbra cursava as faculdades de philosophia e de medicina, quando teve de emigrar para fugir ás medidas rigorosas tomadas pelo governo contra os estudantes que manifestamente applaudião as idéas da revolução franceza.

Arruda da Camara seguio para a França, e em Montpellier continuou a estudar medicina, e tomou alli o gráo de

doutor, obtendo tambem por esse tempo da Curia Romana o breve de sua secularisação.

De volta para o Brazil, passou por Lisbôa, onde muito pouco se demorou, recolhendo-se logo á patria.

Arruda da Camara deu-se em Pernambuco ao exercicio da medicina; tinha porém estudado muito sciencias naturaes e com especialidade a botanica, e com tanto amôr que continuou a cultival-as no Brazil, ganhando logo bem merecida nomeada.

O governo aproveitou em commissões scientificas no Rio de Janeiro e em Pernambuco as notaveis habilitações do Dr. Arruda da Camara, que infelizmente não viveu bastante para o muito que projectava fazer.

Este illustre brazileiro falleceu em Pernambuco em 1810 com cincoenta e oito annos de idade.

Manoel Arruda da Camara concebeu bello plano para uma obra botanica *Centurias* ou flora de Pernambuco que nunca realisou em trabalho systematico; mas plantas das Centurias esparsas em folhetos avulsos por elle publicados se tornarão por esta fórma conhecidas.

Deixou desenhos e manuscriptos como materiaes para esta obra; algumas estampas sem explicações, e outras mais bem exclarecidas.

De Arruda da Camara ficarão ainda os seguintes trabalhos importantes.

Dissertação sobre plantas textis do Brazil, *gravatá* e outras em 1810.

Discurso sobre a utilidade dos jardins nas principaes provincias do Brazil. 1810.

Memoria sobre a cultura dos algodoeiros com estampas. 1799.

Memoria sobre as plantas á custa das quaes se póde fazer a barrilha no Brazil. Inserta no 4° volume das memorias d'Academia Real das sciencias de Lisbôa, pag. 83 á 93.

Aviso aos Lavradores sobre a inutiltdade da supposta fermentação de qualquer qualidade de grão, ou pevides, para augmento da colheita, segundo um annuncio que se publicou. 1792.

Especies da flora brazileira algumas existem baptisadas per Arruda, e até generos; poucas são as plantas que em genero e nome especifico figurão ainda hoje a não serem como signonymias, entre outras muitas a Carnaubeira, palmeira do norte, para a qual Arruda propoz o nome botanico de *Corypha cerifera* (*Copernicea cerifera* de Martius);—o Bacopary, *Moranobea esculenta* de Arruda (*Platonia insignis* de Martius,) etc. etc.

Em muitas ordens de plantas da *Flora Brazileira*, depara-se ora com especies ora com generos mencionados como homenagem á memoria deste botanico brazileiro, além das notas relativas á parte util e industrial de varios vegetaes da flora brazileira.

Sainte Hillaire perpetuou o nome do botanico brazileiro creando o genero *Arrudea* na familia das Guttiferas.

Consta muita cousa á respeito dos seus meritos em mineralogia na sciencia das minas. Suppõe-se que de algumas commissões fôra elle encarregado em uma e outra destas especialidades.

Manoel Arruda da Camara foi socio da Academia Real de Sciencias de Lisbôa, e deixou nome distincto, apreciado pelos naturalistas sabios do velho mundo.

No Brazil que se honra de filho tão illustre uns lhe davão por berço a provincia de Pernambuco, outros a da

Parahyba, e por ultimo em resultado de suas investigações o illustre e laborioso Sr. Dr. Saldanha da Gama (cujo parecer foi neste artigo adoptado) o declara natural da provincia das Alagoas, que aliás era districto da capitania de Pernambuco, quando alli nasceu Manoel Arruda da Camara.

24 DE NOVEMBRO

JOSE MONTEIRO DE NORONHA

Na cidade de Nossa Senhora de Belem capital do Grão-Pará nasceu em 1723 e foi baptisado á 24 de Nevembro do mesmo anno José Monteiro de Noronha : seu pai Domingos Monteiro de Noronha, applaudindo o seu talento revelado ainda em verdes annos, confiou sua educação litteraria aos padres jezuitas do collegio de Santo Alexandre, onde o esperançoso menino completou os seus estudos de latinidade, e em seguida primou nas aulas de philosophia, de physica, theologia, de geometria, e em todas que se lhe abrirão.

Os filhos de Santo Ignacio empenharão-se em attrahir José Monteiro para o seio da companhia ; elle porém resistio aos padres, voltou para a casa paterna, explorou dignamente o exercicio da advocacia, foi vereador do senado da

camara, e como tal servio interinamente o lugar de juiz de fóra, e em 1754 perdendo virtuosa e querida senhora, com quem se havia casado, procurou consolações na igreja, consagrou-se ao altar, tomou ordens sacras, foi elevado a presbytero.

O bispo D. Frei Miguel de Bulhões o nomeou vigario geral da immensa comarca do Rio Negro, visitando á qual o illustrado padre José Monteiro prestou á religião e á sociedade serviços relevantes, corrigindo os costumes, dando exemplos de virtudes e de humanidade.

Em suas visitas de marchas tão longas e de navegação por mal conhecidos rios veio-lhe a idéa de escrever um *Roteiro* que depois com esforçado animo deliberou estender além da comarca á toda a provincia do Pará: deu execução ao seu pensamento ; mas o que isso lhe custou, mal se imagina.

Emfim elle conseguio escrever o seu *Roteiro* ou taboa itineraria, que privado de impressão, felizmente não se perdeu; porque se guardarão copias desse importante trabalho, em que pela vez primeira um paraense deu noções geographicas, topographicas, e estatisticas de sua provincia.

O. bispo D. Frei João Evangelista Pereira chamou para seu lado o illustre e piedoso padre José Monteiro e o nomeou vigario geral do Pará.

O. digno paraense e illustrado sacerdote ainda se distinguio como eloquente orador sagrado ; mas por infelicidade perderão-se os seus sermões, menos um que aliás abona o seu merecimento, o que pregára na abertura do hospital da caridade fundado pelo bispo D. Frei Caetano Brandão.

O padre José Monteiro de Noronha servio no Pará mais de uma vez de vigario capitular, merecendo sempre respeito e veneração de todos, e no meio de suas dignidades, e no

gozo do amôr e da estima da diocese paraense falleceu placidamente á 15 de Abril de 1794.

Seus trabalhos e serviços ecclesiasticos aproveitarão certamente muito aos homens, e obrigão a gratidão destes; mas além disso a historia patria não póde esquecer o thezouro daquelle *Roteiro* ou *taboa itineraria*, que embora esteja hoje muito abaixo das conquistas geographicas realisadas, se recommenda e se admira, como esforço de immenso trabalho, e como a primeira luz menos dubia, que patenteou com algum valor scientifico uma tão vasta e quasi desconhecida parte do imperio do Brazil.

[25 DE NOVEMBRO

JOÃO DE BRITO E LIMA

João de Brito e Lima nascido na Bahia aos 22 de Outubro de 1671, filho legitimo do alcaide-mór Sebastião de Araujo e Lima, tenente-general de artilharia, e de D. Anna Maria da Silva fez na cidade de S. Salvador os seus estudos de humanidades, e nunca sahiu da terra natal, não podendo portanto enriquecer sua intelligencia com grandes cabedaes de illustração.

Naquelle seculo fóra dos seios generosos e civilisadores das ordens religiosas que em seus conventos e collegios derramavão a instrucção das disciplinas preparatorias, os brazileiros não tinhão na patria outros recursos para adquirir algumas luzes. Não havia nem bibliothecas publicas, nem typographias, nem facilidade de obter bons livros.

João de Brito e Lima foi poeta mediocre ; mas o tempo, as circumstancias, e o acanhado horizonte moral em que floresceu devem ser levados em conta na apreciação do seu merecimento de escriptor.

As suas obras impressas em Lisboa desde 1718 á 1742 constão de : um poema elegiaco ao primogenito do conde de Villa Flôr, outro festivo ás bodas do principe real, outro ao ouvidor Madeira, poesias á morte de D. Leonor de Vilhena, sonetos, decimas, etc.

Além destas Balthazar da Silva Lisbôa no seu manuscripto (legado ao Instituto Historico) *Apontamentos biographicos sobre brazileiros illustres* menciona ainda as seguintes composições poeticas de João de Brito :

Poema epico *Cezaria*, narrando a genealogia de D. Vasco Fernandes, conde de Sabugosa, suas acções e sucessos nos governos da India e do Brazil : inedito :

Poema sobre a entrada que fez na Bahia o capitão de infantaria Manoel Xavier inedito :

Outro poema á profissão de duas irmans no convento de Santa Clara na Bahia.

Outro sobre a feliz chegada do arcebispo D. Luiz Alvares de Figueiredo.

João de Brito e Lima foi socio da *Academia dos Esquecidos* fundada sob os auspicios do conde de Sabugosa.

Balthazar da Silva Lisbôa diz que em fraca lembrança suppõe que João de Brito Lima fallecêra á 25 de Novembro de 1747 ; certo é que elle morreu com idade além dos setenta annos.

26 DE NOVEMBRO

LADISLAU DOS SANTOS TATIÁRA

Na povoação da Feira de Capuam, freguezia do Senhor do Bomfim da Matta, nesse tempo do termo da capital da provincia da Bahia e mais tarde villa da Matta, nasceu á 24 de Maio de 1801 Ladislau do Espirito Santo Mello.

Recebeu a instrucção primaria de seu proprio pai o advogado Manoel Ferreira dos Santos Reis, e fez os seus estudos preparatorios na cidade de S. Salvador, contando entre seus mestres o celebre e respeitavel Dr. Antonio Ferreira França.

Em Abril de 1820, sendo ministro do gabinete portuguez, então no Rio de Janeiro, Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, obteve o joven Ladislau do Espirito-Santo Mello uma pensão por oito annos para ir formar-se em

medicina na universidade de Coimbra. D'este favor, que naturalmente está indicando a esperança de um brilhante futuro, aceza pelo talento e pela intelligencia do estudante brazileiro, não pódo elle aproveitar-se, porque, achando-se ainda na Bahia, por onde tinha feito escala do Rio de Janeiro para Lisbôa, occorreram os acontecimentos politicos de 7 de Novembro de 1821, e logo em seguida a guerra santa da independencia da patria.

O brado magestoso da regeneração do Brazil não podia deixar de repercutir no seio do generoso e intrepido mancebo, que trocando os livros pela espada, correu á apresentar-se no posto marcado pela honra, emigrando para o reconcavo da Bahia, onde desde Junho até Agosto de 1822 servio como simples paizano na secretaria do tenente-coronel Joaquim Pires Carneiro e Albuquerque depois visconde de Pirajá, que fervoroso reunira os dous batalhões da Torre e de Pirajá para arrancar a antiga capital do Brazil do poder dos portuguezes que ainda n'ella dominavam. N'essa época tão gloriosa o patriotismo em ardentes e magnificas explosões multiplicava os meios de se demonstrar aos olhos do mundo : não lhe bastavam nem a imprensa que arrojava flammas, nem o sacrificio das riquezas em proveito da nobre causa, nem as privações, nem os perigos, nem os campos dos combates, onde cada cidadão expunha a vida ; tudo era pouco : o patriotismo inspirou a muitos a idéa de esquecer até os proprios nomes herdados dos portuguezes, e foi então que assim como tantos outros, o joven Ladislau do Espirito-Santo Mello mudou o seu nome, tomando o de Ladislau dos Santos Titára, que depois conservou sempre.

A guerra da independencia continuava.

Ladisláu dos Santos Titára assentou praça na artilharia

de linha aos 29 de Agosto de 1822 e foi reconhecido 2º cadete. A 27 de Outubro seguinte foi chamado para servir na secretaria do exercito libertador, passando a sua praça a 23 de Janeiro de 1823 para o batalhão de caçadores n. 4, no qual militou sem receber soldo algum até ser official.

Em Abril de 1823 o general Pedro Labatut, commandante em chefe do exercito libertador, conferiu por commissão a Ladisláu dos Santos Titára o posto de tenente do estado maior com exercicio na secretaria, e a 21 de Maio seguinte o joven official achava-se já encarregado da secretaria por ter sido preso o respectivo secretario militar, e no desempenho dessa mesma tarefa continuou ainda depois de restaurada a cidade da Bahia, até que a 21 de Abril de 1824 foi d'ella exonerado; mas de modo que ficou justamente resentida a sua dedicação e para alguns duvidoso talvez o seu zelo.

O voluntario da independencia não devia nem póde resignar-se: requereu processo, e dentro em pouco viu lavrada a sentença que não só o absolvia como tambem mandava reintegral-o no cargo de que fôra demettido. Ladisláu dos Santos Titára satisfez-se com a absolvição e com o reconhecimento da injustiça que soffrêra e não aceitou a reintegração.

Em Fevereiro de 1826 entrou para o serviço do registro do porto da Bahia, e no mesmo anno, achando-se naquella cidade o Imperador Pedro I, foi promovido de 2º cadete a tenente do estado-maior do exercito.

Seguindo a carreira militar fez em Abril de 1840 parte da expedição que marchou da Bahia para as fronteiras do Piauhy, e nella desempenhou o mister de secretario da columna: em 1841 em Santa Catharina serviu

successivamente de ajudante do deposito de recrutas e por algum tempo de secretario, exercendo tambem as funcções de major; em 1824, em S. Paulo, na qualidade de commissario pagador da columna do Rio-Negro; em Outubro do mesmo anno no Rio-Grande do Sul, onde em 1847 foi encarregado do deposito de guerra da cidade do Rio-Grande e em 1851 nomeado ajudante do deputado quartel-mestre general, cargo que exerceu até o anno de 1856 prestou bons serviços. Sendo já major effectivo foi emfim em 1859 no Rio de Janeiro designado para trabalhar na commissão da codificação das leis militares como ajudante do encarregado desse mister, o senador João Antonio de Miranda, e ainda no mesmo anno escolhido pelo ministerio da guerra para organisar um indice chronologico, cujos primeiros cinco annos apresentou a 26 *de Novembro* de 1857. Uma idéa grandiosa, um nobre e honrosissimo empenho arrancára Ladisláu Titára da carreira das letras para lançal-o na das armas, mas nem por isso conseguio fazêl-o esquecer a sua primeira vocação: o soldado descançava de suas fatigosas lides cultivando as letras e a historia patria, legando ao Brazil *oito volumes de poesias, um Tratado de Tropas e Figuras* com exemplos em latim e portuguez, o *Auditor Brasileiro,* obra em dous volumes e justamente estimada, e a *Historia do grande exercito alliado libertador do sul da America contra os tyrannos do Prata,* trabalho importante e curioso. onde tambem se aprecião informações interessantissimas a respeito da batalha de Itusaingo. Além destas obras já impressas deixou um manuscripto, que tem o titulo de *Notificador corographico das provincias da Bahia, Santa Catharina, S. Paulo e Rio-Grande do Sul.*

Sempre laborioso e sempro patriota, Ladisláu dos Santos

Titára, deu, consagrou ao Brazil tudo quanto podia dar-lhe: deu-lhe o seu braço, o seu coração, a sua intelligencia; deu-lhe a sua penna de escriptor, a sua espada de guerreiro e a sua lyra de poeta.

O peito de Ladisláu Titára; já ornado com a medalha da Independencia, recebeu por graça especial de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II, á 10 de Fevereiro do 1846, o habito do Cruzeiro, á 8 de Julho de 1848 o habito de Aviz e á 2 de Dezembro de 1852 o despacho de official da imperial ordem da Roza.

O major Ladisláu dos Santos Titára falleceu na cidade do Rio de Janeiro no anno de 1861.

27 DE NOVEMBRO

JOSÈ PINTO DE AZEREDO

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu no anno de 1763 José Pinto de Azeredo filho do cyrurgião-mór de um regimento Francisco de Azeredo depois de estudar humanidades na cidade natal com applausos de todos os seus mestres, foi mandado por seu pae para a Europa afim de seguir o curso de medicina da celebre faculdade de Edinburgo, na qual tomou o gráu de doutor em 1787.

Cocluidos os seus estudos na faculdade, e por ella doutorado, Pinto de Azeredo apresentou no concurso aberto para premio pela Sociedade Harveiana a memoria que intitulou « *Dissertação sobre as propriedades chimicas e medicas das substancias chamadas lithontripticas* » a qual foi preferida á todas quantas apparecêrão, recebendo o

esperançoso medico brazileiro das mãos do illustre Dr. Dunkan presidente da Sociedade o galardão scientifico.

Essa memoria acompanhada da exposição de cento e seis experiencias feitas pelo autor, produziu viva impressão e excitou grande interesse.

De volta ao Rio de Janeiro exerceu durante quatro annos a clinica medica com o maior credito ; mas em 1892, aspirando campo mais vasto, seguiu para Lisbôa, e, pouco depois de sua chegada áquella capital, aceitou a nomeação de physico-mór para Angola, onde prestou relevantes serviços, restaurando o hospital, ensinando medicina pratica, conforme lhe ordenára o governo, e recolhendo de sua extensa clinica numerosas e sabias observações.

No fim de quatro annos doente e prostrado fugiu ao clima funesto e ainda á tempo tornou para Lisbôa ; e alli, passados alguns mezes publicou a sua estimada obra « Ensaios sobre algumas enfermidades de Angola. »

A rainha D. Maria I nomeou o Dr. Azeredo medico da Real Camara, e agraciou-o com o habito de cavalleiro da Ordem de Christo.

Em 1807, quando o principe-regente D. João resolvêra mandar para o Brazil o principe-regente D. Pedro com o titulo de condestavel, foi o Dr. José Pinto de Azeredo escolhido para fazer parte do sequito deste ; mas não só aquella grande medida politica deixou de effectuar-se ; porque outra e extraordinaria, a transmigração da familia real portugueza precipitadamente se verificou ; como tambem o illustre medico brazileiro accommettido por ataque cerebral, nem poude acompanhar a familia real e no mesmo anno de 1807 falleceu em Lisbôa.

O Dr. José Pinto de Azeredo era membro da Sociedade

Harveiana de Edinburgo, e socio da Academia das Sciencias de Lisbôa.

O Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia escreveu o elogio historico do Dr. José Pinto de Figueiredo e o leu na sessão publica anniversario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro á 27 *de Novembro* de 1840. Desse elogio sahirão as informações de que consta este artigo e em falta de data precisa para registrar a memoria do distincto medico brazileiro em dia determinado, servirá para lembral-o o 27 de Novembro, em que solemnemente se commemorárão os seus serviços.

28 DE NOVEMBRO

JOSÉ ELOY PESSOA

Filho legitimo do major cirurgião-mór Christovão Pessoa da Silva e de D. Josepha Maria Pessoa, nasceu José Eloy á 27 de Julho de 1792 na cidade da Bahia; onde recebeu a instrucção primaria e secundaria, e estava prompto para ir matricular-se na universidade de Coimbra, como seu pae desejava; mas alistou se voluntariamente á 28 *de Novembro* de 1807 na primeira companhia do regimento de artilharia da guarnição da cidade de S. Salvador, e em pouco tempo chegou ao posto de capitão por seus estudos, e boas provas na aula respectiva.

O capitão-general conde dos Arcos, apreciando o talento, e disposições para as sciencias exactas que mostrava José Eloy Pessoa, conseguio do principe regente D. João licença

para que elle fosse com os seus vencimentos militares para a universidade de Coimbra, da qual voltou o distincto bahiano em 1821 com o gráo de bacharel pela faculdade de philosophia, e já no posto de major.

O anno de 1821 foi de excitações revolucionarias: o major José Eloy Pessoa chegou á Bahia em Agosto, trazia de Coimbra flammas liberaes, tomou parte á 3 de Novembro em um pronunciamento para deposição da Junta Provisoria organisada á 10 de Fevereiro, foi preso, remettido para Lisbôa, e, apenas alli solto, tornou para a Bahia em Abril de 1822, achou a cidade de S. Salvador dominada pelo general Madeira chefe das tropas luzitanas, ao mesmo tempo que os patriotas organisavão a resistencia no Reconcavo, fazendo romper a guerra da independencia: sem querer saber mais sahio da cidade, voando para o campo da patria: servio dignamente no exercito independente e restaurador da Bahia: ápezar seu o general Labatut arrancou-o do theatro das gloriosas pelejas, e o mandou tomar conta do governo militar e civil de Sergipe, commissão importantissima, principalmente então.

Restaurada a Bahia, o imperador D. Pedro I distinguio Eloy Pessoa, occupou-o em commissões administrativas, e mandou-o no posto de tenente-coronel commandar a brigada de artilharia na capital da provincia da Bahia, á que chegou em dias de terror em consequencia da sedição militar, em que fôra assassinado o commandante das armas, o coronel Filisberto Gomes Caldeira. Energico e dedicado official, tomou o commando dos corpos militares legaes, e desassombrando a cidade, firmou nella o imperio da lei.

Em 1825 partio com a sua brigada para a campanha do sul; guarneceu a ilha de Garrit; mas na guerra da Cispla-

tina as intrigas que reinarão no exercito imperial, fizerão á este talvez maior damno, do que todo o poder da intervenção argentina. Eloy Pessoa, tambem victima de calumnias, e de perfidos ardiz, foi recolhido ao Rio de Janeiro, e reformado no posto de coronel.

Consolando-se no seio da familia, dedicou-se á advocacia e nella ganhou credito.

Em 1831 tornou á actividade do serviço militar, e entrou para o corpo de engenheiros, prestando notaveis serviços em obras importantes, que dirigiu, á capital de sua provincia, e exercendo o professorado na aula de artilharia e de fortificação de campanha, que inaugurou á 3 de Maio de 1832 com eloquente e sabio discurso.

Em 1837 foi nomeado presidente da provincia de Sergipe e cooperou para a victoria da legalidade contra a revolta republicana que rebentára na cidade da Bahia á 7 de Novembro, e alli dominára até 15 de Fevereiro do anno seguinte.

Foi membro da assembléa da sua provincia, eleito deputado á assembléa geral pela de Sergipe: commandou na provincia das Alagoas as forças legaes contra facções armadas: o governo provincial da Bahia, e os corpos militares o nomearão para ir felicitar o Imperador o Senhor D. Pedro II pela declaração de sua maioridade.

Geralmente estimado, sem inimigos conhecidos, homem de bons costumes, e de honra, José Eloy Pessoa, ainda no vigor da edade, aos 2 de Março de 1841, ao recolher-se á noite da cidade da Bahia para uma chacara que possuia na estrada do Rio Vermelho, morreu de um tiro disparado por assassino, que nunca se soube, quem foi.

Já era brigadeiro, quando cahio ao golpe do crime inexplicavel e mysterioso.

A cidade da Bahia cobrio-se de lucto, e honrou a illustre victima com exequias solemnes e apparatosas.

O brigadeiro José Eloy Pessoa era cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e de S. Bento de Aviz, condecorado com a gloriosa medalha de restauração da Bahia; Moço da camara de S. M. o Imperador, e socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Gozou fama de habil chimico, e chimica theorica e pratica ensinou por algum tempo aos membros da sociedade Philomatico-chimica da Bahia, e era versado em differentes lingoas.

29 DE NOVEMBRO

SATURNINO DE SOUZA E OLIVEIRA COUTINHO

Irmão de Aureliano, o visconde de Sepetiba, como este filho legitimo do coronel de engenheiros Aureliano de Souza e Oliveira e de sua esposa, cujo nome os biographos esquecêrão, Saturnino de Souza e Oliveira Coutinho nasceu no Corrego Secco, hoje cidade de Petropolis á 29 de Novembro de 1803.

Estudou preparatorios na cidade do Rio de Janeiro, e formou-se em leis na universidade de Coimbra, voltando para a capital do imperio do Brazil em 1825.

Abrio banca de advogado e logo notavel se tornou: teve confiadas aos seus cuidados causas do Banco, da Camara Municipal, de casas commerciaes importantes, e, o que é mais, os dous Andradas, Antonio Carlos e Martin Fran-

cisco o escolherão para encarregar-se de sua defeza, quando voltarão do desterro.

Em 1831 Saturnino ligou-se como liberal que era ao partido moderado: era então juiz de paz da freguezia do Sacramento, e, creada a guarda nacional, foi eleito tenente-coronel do batalhão da mesma parochia.

Como juiz de paz estava no theatro de S. Pedro de Alcantara, quando provocada, a força publica deu desastradamente uma descarga para dentro da platéa e ainda bem que sem pontaria sobre os espectadores. Saturnino acudio á impedir repetição de semelhante attentado, e á prevenir conflictos; mas a opposição exaltada por algum tempo o atacou, como mandatario daquella insensata e imperdoavel violencia de indisciplinada soldadesca.

A' 17 de Abril de 1832, commandando o seu batalhão, entrou em combate contra os *caramurús*, ou restauradores de D. Pedro I, arriscando sua vida em defeza do governo legal, e da ordem publica.

Em 1831 e 1832 distinguio-se por coragem civica, e dedicação patriotica: a anarchia o teve por inimigo energico, a cauza liberal por mantenedor intrepido.

Em 1833 foi eleito deputado á assembléa geral pela côrte e provincia do Rio de Janeiro, e no anno seguinte, tomando assento na camara, mostrou-se na tribuna digno dos votos de seus comprovincianos.

Nomeado inspector da alfandega do Rio de Janeiro exerceu esse cargo durante muitos annos; promoveu a construcção da Praça do Commercio, aconselhou as mais sabias reformas economicas e fiscaes, collaborou em respectivos regulamentos, recebeu elogios de ministros do quilate de Martin Francisco, e de Calmon, depois visconde e marquez

de Abrantes, e não houve provas e manifestações de confiança, e de consideração, e estima, que lhe faltassem no corpo commercial da praça do Rio de Janeiro.

Saturnino era na inspectoria da primeira alfandega do imperio o administrador da mais plena e bem merecida confiança do governo e da mais sympathica e estimada aceitação do commercio.

Em 1836 por achar-se em conflicto com o ministro da fazenda e por julgar offendida a dignidade de sua repartição, deixou Saturnino a inspectoria da alfandega, sendo nella reintegrado pouco mais de um anno depois pelo ministro Miguel Calmon Dupin e Almeida, ulteriormente visconde e marquez de Abrantes. Os navios mercantes se embandeirárão e o commercio festejou tambem em terra a sua reintegração.

Tinha-se esquivado por vezes a aceitar presidencias de provincias; julgou porém do seu dever prestar-se em 1839 á ser presidente da do Rio Grande do Sul flagellada por tremenda rebelião; mas em desintelligencia com o commandante das armas o general Manoel Jorge Rodrigues, depois barão do Taquary, foi como este demittido, e voltou para a inspectoria da alfandega do Rio de Janeiro.

Em 1841 aceitou de novo a presidencia da provincia do Rio-Grande do Sul, e nella servio até o fim do anno seguinte, entregando-a ao Sr. barão e actual duque de Caxias em quem o governo imperial sabiamente reunira a presidencia e o commando das armas.

Na administração provincial do Rio-Grande do Sul Saturnino perseguio quanto poude os contrabandistas que levavão aos rebeldes armas e munições, deixou seu nome recommendado por obras de utilidade publica nas cidades

de Porto Alegre e do Rio-Grande: em sua retirada as camaras municipaes e as diversas autoridades assignalarão seus serviços e excellente governo em manifestações de gratidão e de apreço, gloriosos documentos que a imprensa publicou.

Restituido á inspectoria da alfandega da côrte e ligado aos liberaes apresentou-se candidato á eleição senatorial em 1844, e perdeu-a empregando o ministerio e o partido conservador grandes esforços contra elle.

No mesmo anno, dando o gabinete conservador sua demissão, e mudada a situação politica, foi a camara dissolvida, e Saturnino eleito deputado pela côrte e provincia do Rio de Janeiro exerceu notavel influencia na nova legislatura.

A 22 de Maio de 1847 entrou para o gabinete organizado por Manoel Alves Branco, depois visconde de Caravellas, e foi nelle ministro dos negocios estrangeiros, occupando interinamente e por breve tempo primeiro a pasta da fazenda, e depois a da justiça. Deixou o poder á 22 de Janeiro de 1848. Durante a sessão de 1847 foi elle na camara temporaria o principal e eloquente sustentador da politica do gabinete, tendo em seu favor o mais decidido apoio da maioria liberal.

Em 1848 mereceu ser escolhido senador em lista triplice offerecida á Corôa pelo municipio da côrte e provincia do Rio de Janeiro; não lhe foi porém dado tomar assento na camara vitalicia.

Adoecendo em Março, achava-se em tratamento, e havia muitas esperanças do seu completo restabelecimento, quando a noticia da revolução da França em Fevereiro de 1848 veio produzir impressão profunda em seu espirito: á essa

cauza se attribuio a immediata aggravação de seus soffrimentos e a sua morte immediata.

Saturnino de Souza e Oliveira morreu tão pobre que á custa dos amigos se fez o seu funeral; mas o dia do seu enterro foi de luto publico. Todos os navios mercantes cruzárão as vergas em signal de sentimento, e os negociantes não despacharão na alfandega.

Saturnino tinha a dignitaria da Imperial Ordem do Cruzeiro, e, como escreveu o eloquente Sr. Porto Alegre, actual barão de Santo Angelo, a ordem dos filhos de Themistocles.

Illustrado, justo e energico, homem de grande intelligencia e grande coração, administrador zelozo e recto, no parlamento orador sem enthusiasmo, um pouco frio; mas pujante porque todo o seu discurso era sempre raciocinio vigoroso, logica de ferro, Saturnino de Souza e Oliveira Coutinho exaltou todos esses dotes com a sua reconhecida probidade.

30 DE NOVEMBRO

D. FRACISCO ROLIM DE MOURA

Filho legitimo de D. Felippe de Moura, portuguez, e de D. Genebra Cavalcanti, pernambucana, nasceu em Pernambuco em 1580, D. Francisco Rolim de Moura, que educado em Pootugal, e seguindo a carreira das armas, illustrou-se em tres mundos, na Asia, na Europa e na America.

Foi considerado general distincto, e no ardor das pelejas bravo e de serenidade admiravel.

Militou com applauso e honrosas menções na India, em Flandres, e no Brazil, tomando parte nas guerras do principio do seculo decimo setimo, á que a Hespanha levou Portugal dominado, ou á que sob a Hespanha Portugal defendeu seus antigos dominios.

Concorreu em 1625, valerosa e energicamente para a restauração da cidade de S. Salvador da Bahia conquistada pelos hollandezes em 1624: tinha precedido neste mesmo anno á 30 de Novembro á esquadra hispano-lusa que chegou em potente socorro em Março do seguinte, e trouxera a nomeação de governador geral, cargo que exerceu naquella mesma cidade, depois da capitulação dos hollandezes, até 1626.

Recebeu muitos e grandes premios do governo portuguez, entre outros o senhorio da ilha Graciosa no archipelago dos Açôres.

Em Portugal pertenceu ao conselho de Estado.

Falleceu em Lisbôa no anno de 1657, com setenta e sete annos de idade, e sem deixar descendencia.

Em falta de mais completas, averiguadas e principaes datas da vida deste brazileiro illustre, fica seu nome inscripto e lembrado no dia 30 de Novembro.

1 DE DEZEMBRO

MANOEL DE MACEDO

Padre e celebre pregador, nasceu em Pernambuco em 1603, oriundo de familia distincta, ignora-se, quando deixou o Brazil e seguio para Portugal, onde completou sua educação litteraria, e começou logo á engrandecer-se no pulpito.

Estava Portugal sob o dominio da Hespanha, e tão brilhante reputação tinha o padre Manoel de Macedo que a côrte de Madrid procurou attrahil-o : a duqueza de Mantua o nomeou seu capellão, e honrou-o com a maior estima.

Manoel de Macedo achava-se em Lisbôa quando rebentou a revolução portugueza á 1 de Dezembro de 1640, e foi proclamado rei D. João IV : suas relações com altas personagens e ministros de Hespanha, e o favor que lhe dispensára

o governo de Madrid, o tornarão suspeito e motivarão sua prisão e desterro para a India.

A melhor prova da injustiça da prisão e do desterro que soffreu, está no facto de D. João IV mandar que o padre exilado voltasse para Portugal, quando este reino ainda não tinha feito paz com a Hespanha, e pelo contrario estava sob a pprehenções de invasão hespanhola.

Naturalmente ao reconhecimento da innocencia ajuntou-se a esplendida fama do eloquente e profundo orador sagrado para apressar a sua volta da India.

Mas por infelicidade o navio em que regressava para Lisbôa o padre Manoel de Macedo, arribou á Angola, e ahi falleceu em 1645 esse brazileiro distincto e celebre.

Os sermões de Manoel de Macedo são muito elogiados por autoridades, como o conde de Ericeira (D. Luiz), o abbade Diogo Barboza, e Fr. Theodoro Monteiro.

2 DE DEZEMBRO

JOSÉ MARIANI

Em Maio de 1800 nasceu José Mariani na villa da Barra, provincia da Bahia, em cuja capital estudou humanidades. Formou-se em direito na universidade de Coimbra, e veio seguir em sua patria a carreira da magistratura.

Despachado para a provincia do Maranhão como juiz de fóra, alli firmou a sua reputação de magistrado muito distincto pela intelligencia cultivada, e pela rectidão severa e inexcedivel: a sentença do Dr. Mariani era sempre a expressão viva do direito e da lei.

Excerceu na mesma provincia o cargo de chefe de policia; subio tambem alli ao tribunal da relação, como desembargador; foi annos depois tranferido para a relação da côrte, sendo emfim escolhido membro do Supremo Tribunal de Justiça.

O conselheiro José Mariani no pinaculo da magistratura mostrou-se o mesmo que fôra em juiz de fóra do Maranhão, salvo o progressivo engrandecimento de sua illustração, principalmente em sciencias juridicas, e a pratica, que o fazia com a facilidade ir procurar a justiça e o direito no meio dos sophismas e das artimanhas que avolumão autos.

O nome de Mariani desanimava essa intervenção desmoralisadora e repugnante; mas activa, importuna e audaciosa, que se chama — *o empenho* ; elle, o magristado da surdez sublime, desconcertou o *empenho*, que desenganado fugia do juiz, que nunca lhe déra ouvidos.

• Alta prova da sua bem merecida reputação, o conselheiro José Mariani foi nomeado membro da commissão que devia examinar o codigo civil do profundo jurisconsulto e sabio o Sr. Dr. Augusto Teixeira de Freitas; elle porém, não aceitou o encargo, porque reputou-o imcompativel com o lugar de ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Sem interromper as funcções que exercicia de dezembargador da relação, servio interinamente na capital do Imperio o cargo de inspector geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte.

Durante a menoridade do Imperador o Senhor D. Pedro II, a regencia do Imperio por duas vezes o desviou de sua vida de magistrado, confiando-lhe a presidencia da provincia do Pará, e depois a de S. Pedro do Rio Grande do Sul, antes da rebellião que a ensanguentou por nove annos. Em ambas as presidencias o seu governo foi o da lei, e nem podia ser outro: liberal de principios, José Mariani tinha negação para politico de partido, porque, imparcial e recto, só ao direito attendia.

A provincia do Maranhão, que o adoptára ufanosa em sua estréa e em seu monumental florescimento de magistrado exemplar, por quatro vezes o incluio em listas para senador offerecidas á escolha da corôa.

Juiz integerrimo, de probidade illibada, merecendo e gozando de todos confiança a mais plena ; magistrado que morreu virgem da mais leve suspeita de parcialidade ou de ligeiro patronato, o conselheiro José Mariani era ainda dissimulado litterato, latinista de grande força, ameno e espirituoso conversador na sociedade de bons e illustres amigos e chefe de familia, que renovava em seu lar virtuoso a vida santa e pura dos bons patriarchas, que com o amor estremecido e com as virtudes mais preclaras beatificavão a esposa, os filhos e a companhia dos dilectos que frequentavão a sua tenda.

O conselheiro José Mariani, com 75 annos de idade, e ainda em todo o vigor de seu espirito e de sua bella intelligencia, falleceu na cidade do Rio de Janeiro em 2 de Dezembro de 1875,

A sua mortalha foi, devia sel-o, a toga de juiz ; porque nunca houve nem haverá magistrado que o excedesse ou exceda na rectidão, na probidade e na justa applicação da lei, e no culto vestal da flamma do direito.

3 DE DEZEMBRO

FREI FRANCISCO DE MONT'ALVERNE

A bella e immensa região do sul da America, que um feliz acaso patenteára aos olhos de Cabral, abrio um vasto e brilhante theatro aos triumphos do catholicismo. Não foi por certo á espada dos seus guerreiros que a corôa portugueza deveu principalmente a conquista de um mundo, que pertencia ainda ao gentilismo: forão os prodigios e os milagres da cruz, que fazendo brilhar á luz da verdade, e espalhando por toda parte os germens da civilisação, quebrárão as flechas do indio, e assegurárão o poder do Europeu. Mem de Sá e o Dr. Salema aparecem apenas no segundo plano do quadro, em que se destacão grandiosas as figuras de Nobrega e de Anchieta.

As hostes do terceiro governador geral do Brazil poderião ter sido desbaratadas pelos tamoyos conjurados, se não

lhes valesse o encanto dos dous jezuitas que fizerão renascer a paz da palavra, da religião e da piedade; e a victoria do Dr. Salema foi a obra da devastação e do exterminio, que deixa sempre raizes ao odio e só demonstra o abuso da força, que não aproveitou á fé, nem fundou allianças.

Os apostolos do novo mundo trazem para o meio das tabas do gentio aquella sublime eloquencia que sahira do cenaculo com os primeiros apostolos; a graça do Senhor fecunda suas palavras, e ellas operão admiraveis conversões.

Emquanto colonisadores bellicosos defendem uma conquista, que ainda se limita ás brancas praias de um litoral formosissimo, e devorão com o olhar da ambição as florestas magnificas que assignalão a vegetação herculea da zona torrida, os jesuitas penetrão intrepidos no seio dos desertos, sobem as altas montanhas, em cujo cimo o selvagem se ostenta, como se fôra o rei da natureza, e lá armados de celeste inspiração, vencem com a palavra hordas inteiras, que se purificão com o baptismo e entrão no caminho do céo.

Foi o brado religioso do jesuita que encorajou a phalange de Estacio de Sá, e que não permittio que se verificasse o sonho cobiçoso da França Antarctica: foi o espirito do catholicismo que aproveitando a flamma electrica da patriotica revolução portugueza de 1640 improvisou esse exercito glorioso que ao norte do Brazil quebrou o jugo batavo, e conservou em sua integridade a região que devia ser o grande Imperio Americano.

Tudo assim cumpria que acontecesse; a terra era da Santa Cruz.

Se annos depois a ambição e os calculos egoistas do

jezuita tomarão o posto á dedicação, ao desinteresse, e á gloria do missionario, já a palavra de Deus, já a doutrina do catholicismo tinhão sido lançadas no solo fertil do Brazil.

A palavra de Deus foi a semente: o influxo da cruz erguida em Porto-Seguro fecundou a terra virgem: a semente brotou: seu fructo foi a inspiração divina, que desde o seculo XVII levantou brilhante e magestosa a tribuna sagrada no Brazil.

Desses conventos que se destacavão no meio de vastos desertos como oasis de paz e de piedade, ou no centro de cidades ruidosas, como asylos de sabedoria e retiros de contemplação religiosa, desses conventos e mosteiros começárão a sahir, quaes flammas celestes, orodores afamados que honrarião o pulpito dos paizes cultos da velha Europa.

Já no seculo XVII os Bezerra, Antonio de Sá, Euzebio de Mattos, Botelho do Rozario, frei Antonio da Piedade, frei Manoel do Desterro e tantos outros havião desprendido sua voz eloquente nos templos do novo mundo. Já no seculo XVIII os frei Antonio de Santa Maria, Caetano Villas Boas, Corrêa de Lacerda, João Alvares de Santa Maria e ainda outros tinhão protestado com a sua palavra arrojada e potente contra a decadencia da tribuna sagrada na Europa, que ainda não tinha os Lacordaire, Ventura e outros para encher o vacuo deixado pelos Bossuet e Massillon.

Mas foi precisamente no fim desse seculo, e precisamente no Rio de Janeiro, que nascêrão os grandes homens que formarão essa pleiade immortal de ministros e dispensadores da palavra de Deus, de embaixadores que o soberano Senhor envia á terra para manifestar sua vontade, e guiar

a humanidade ao fim para que a creou, como diz Roquete. Foi então que nascêrão Antonio Pereira de Souza Caldas em 1762; frei Francisco de S. Carlos em 1763; frei Francisco de Santa Thereza de Jesus S. Paio em 1778; Januario da Cunha Barboza em 1785: e um anno antes, em 1784, frei Francisco de Mont'Alverne.

O seculo XVIII levava ao seu successor essas intelligencias robustas e admiraveis, esses oradores de verdadeira inspiração, que começarão com o grande Caldas e vierão acabar no não menos grande frei Francisco de Mont'Alverne.

No principio do seculo XIX o principe depois rei D. João VI chega ao Rio de Janeiro, e elle proprio, e a côrte que o seguira se sorprendem encontrando em tão elevada altura a tribuna sagrada no Brazil.

Falle aqui o proprio e illustre Mont'Alverne.

« No Brazil, diz elle, tudo é prodigio, tudo é maravilha. Este sol que fecunda nossos campos e perpetúa nossa primavera, escalda a imaginação de seus filhos, e realiza estes portentos de intelligencia, que fazem dos brazileiros um objecto de admiração e espanto. Os portuguezes, descendo em 1808 a margem austral da bahia de Nictheroy, forão tomados de pasmo, encontrando no Rio de Janeiro uma mocidade brilhante e ávida de saber, que só aguardava os meios de elevar-se á altura que lhe promettião seus talentos.

« A côrte vio com assombro homens eminentes nas sciencias ecclesiasticas que, sem ter sahido do seu paiz, sem os recursos das universidades e as vantagens que offerecem os lycêos e as escolas bem organisadas, não receavão mostrar-se e fallar com distincção, e mesmo com superioridade diante dos doutores e dos homens que tinhão obtido

pergaminhos, com que testificavão sua alta instrucção. Nós estamos ainda muito perto dos acontecimentos ; nós possuimos ainda um grande numero de pessoas que virão esses dias tão memoraveis e tão ricos de esperanças. Elles testemunhárão o fulgor que envolvia estes conventos tão ferteis de illustrações scientificas. Elles se lembrarãõ com orgulho deste clero secular tão distincto por suas luzes, e tão fecundo em virtudes : era o clero instruido e educado pelo Sr. D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, que sem duvida seria digno de ser comparado com os bispos dos primeiros seculos da igreja, se elle não fosse bispo na sua patria.

« Um dos primeiros cuidados do principe regente, chegando ao Rio de Janeiro, foi realçar o esplendor e a magestade do culto. Habil politico, o principe sabia que só á religião é dado sustentar os imperios e fortificar as instituições. A fundação da capella real do Rio de Janeiro, monumento immortal da piedade do Senhor D. João VI, foi a arena onde se mostrou em toda a sua pompa o genio brazileiro. Oradores acostumados aos triumphos do pulpito erão rivalisados por jovens pregadores, que animados com as suas primeiras victorias ardião por ganhar novas corôas. Era então a época dos grandes acontecimentos, e os successos que se reproduzião dentro e fóra do paiz offerecião amplos materiaes á eloquencia do pulpito. »

Póde-se affirmar com todo o orgulho da verdade, que nenhum pregador transatlantico excedeu os oradores brazileiros. A riqueza da dicção reunia-se á pureza do estylo e á força da argumentação : e para que não faltasse uma só belleza, a doçura e amenidade da expressão augmentava os encantos e a magia da acção. Assim verificou-se este pen-

samento de um escriptor francez: Que a lingua de Camões pronunciada por um brazileiro, devia realisar todos os prodigios e todas as seducções da harmonia.

D. João VI costumava dizer, que elle possuia no Rio de Janeiro uma selecção de pregadores, que não lhe permittia lembrar, os que deixára em Portugal. Quando algum escriptor quizer um dia descrever os factos mais notaveis que assignalárão aquella época, poderá dizer parodiando o velho Chactas, no sublime episodio de Atalá, ao fallar de sua viagem á França no reinado de Luiz XIV, que elle assistio ás festas da côrte do Rio de Janeiro, e ás orações funebres de frei Francisco de S. Paio.

E' tambem nesta época tão elegantemente descripta por Mont'Alverne, que se deve ir encontral-o colhendo palmas e triumphos, e voando em arroubos de inspiração á immortalidade que dá a verdadeira gloria.

Frei Francisco de Mont'Alverne, que no seculo se chamava Francisco José de Carvalho, nasceu aos 9 de Agosto de 1784 na cidade de Rio de Janeiro; forão seus paes José Antonio da Silveira, natural da freguezia de S. Roque na ilha do Pico, bispado de Angra, e de Anna Francisca da Conceição, natural da freguezia da Guia, bispado do Rio de Janeiro. Seu genio, sua propensão o chamarão á vida do claustro; tomou o habito para frade do côro no convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro á 28 de Junho de 1801 e professou aos 3 de Outubro de 1802. Seguil-o na sua vida e carreira monastica fôra marcar cada um anno por um passo dado na escala das jerarchias do convento. O joven religioso distinguira-se desde o primeiro dia por seu talento transcedente. pelo seu estudo incessante, e pela austeridade de suas virtudes. Nos seus primeiros ensaios

advinhou-se logo o emulo de S. Carlos e S. Paio: cedo tornou-se notavel por sua sabedoria, e no convento de S. Francisco na cidade de S. Paulo, e no de Santo Antonio do Rio de Janeiro, e no seminario de S. José, emfim, como lente de prima, de theologia dogmatica, de philosophia e de rhetorica rodeou-se de uma mocidade ardente e esperançosa, que espalhava a fama do seu saber, dos prodigios da sua eloquencia, e da santidade das suas doutrinas.

A 17 de Outubro de 1816 a sua reputação de orador já tão firmada estava, que foi nomeado pregador régio; e collocado no meio dos genios da tribuna sagrada, que então brilhavão, achou-se da mesma altura que elles.

Seguio-se a serie não interrompida dessas victorias do pulpito, em que se illustrou por mais de vinte annos. Frei Francisco de Mont'Alverne tinha nascido para a tribuna sagrada: ajuntava aos talentos naturaes que possuia no mais subido gráo as virtudes que dão o prestigio, e os conhecimentos que dão a força; tinha acerto e penetração de espirito, profundeza e elevação de pensamento, imaginação viva e fecunda, e a sensibilidade, sem a qual jámais o orador póde fallar aos corações.

A litteratura sagrada lhe era tão familiar como a profana; da natureza recebêra a eloquencia, que a arte apenas aperfeiçoára: na philosophia mostrou-se sempre tão profundo como o póde ser um grande mestre. A sua voz retumbava na amplidão dos templos sagrados; a sua presença infundia veneração; os seus gestos erão nobres, e quando fallava nunca precisou pedir attenção, impunha-a.

Como S. Chrysostomo na sua época, merecia elle naquella em que floreceu o titulo de *boca de ouro*.

Mas deixe-se á elle proprio o cuidado de historear em breves e eloquentes palavras os seus annos de triumpho, e o seu primeiro dia de infortunio.

« O paiz, escreve Mont'Alverne, o paiz tem altamente declarado que eu fui uma destas glorias de que elle ainda se ufana. Lançado na grande carreira da eloquencia em 1816 como pregador régio, oito annos depois que nella entrarão S. Carlos e S. Paio, monsenhor Netto e o conego Januario da Cunha Barboza, tive de lutar com esses gigantes da oratoria, que tantos louros tinhão ganhado, e que forcejavão por levar de vencida todos os seus dignos rivaes.

« O paiz sabe quaes forão meus successos neste combate desigual ; elle apreciou meus esforços e designou o lugar a que eu tinha direito entre os meus comtemporaneos ; pertence á posteridade sanccionar este juizo. Arrastado por a energia do meu caracter, desejando cingir todas as corôas, abandonei-me com igual ardor á eloquencia, á philosophia e á theologia, cujas cadeiras professei, algumas vezes simultaneamente, nos principaes conventos da minha ordem, e no seminario de S. José desta côrte.

« O resultado de tantas fadigas foi a extenuação do meu cerebro, e a perda irreparavel da minha vista. No fim de 1836 terminárão todos os meus exercicios litterarios ; e eu achava-me impossibilitado para emprehender o mais insignificante trabalho. Não é dado a algum homem avaliar as agonias do meu coração nesta horrivel peripecia da minha vida. Deos chegou aos meus labios a taça da tribulação; suas feses talvez não estejão ainda esgotadas... A vontade do Senhor seja feita. »

Com effeito, depois de mais de 20 annos de maravilhosos successos na tribuna sagrada e no magisterio o illustre

Mont'Alverne é ainda em vida encerrado n'uma sepultura... na sepultura da cegueira. Dezoito annos jazeu recolhido no claustro, retirado no silencio, e animando sua vida com resignação. Morrêra-lhe toda a esperança da luz dos olhos; nunca porém se amorteceu em seu coração a luz da fé.

Dahi desse retiro veio arrancal-o em um dia de feliz inspiração a voz animadora do Imperador.

Ninguem poderá ter esquecido o dia solemne de S. Pedro de Alcantara de 1854.

Um concurso immenso formado pelo clero, a côrte e a mais esclarecida sociedade da capital corrêra á capella imperial para ouvir a palavra do velho sabio.

O illustre franciscano appareceu no pulpito; a luz que faltava á seus olhos, illuminava com esplendor quasi divino sua fronte larga e vasta, que denunciava a immensidade de sua intelligencia; suas mãos tremulas tacteavão o pulpito... dir-se-ia que procurava os antigos louros nesse lugar colhidos... depois seu vulto agigantou-se... seu rosto pareceu illuminado de celeste flamma... sua boca se abriu, e a eloquencia transbordou em torrentes impetuosas.

No dia de S. Pedro de Alcantara Mont'Alverne deixou ouvir o seu canto do Cysne.

Velho, alquebrado pelos annos, pelos horrores da cegueira e por molestias repetidas, Fr. Francisco de Mont'Alverne descansou emfim, e para sempre, no dia 3 de Dezembro de 1858.

Foi uma das mais altas illustrações, do paiz, e como tal mereceu ser honrado com as mais evidentes provas de subida consideração. Era membro honorario do Instituto Historico e Geographico do Brazil e da Imperial Academia das Bellas-Artes, correspondente do Instituto Historico de França e

membro grande protector da sociedade *Ensaio Philosophico*. Em sessão magna de inauguração desta mesma sociedade a 10 de Dezembro de 1848 foi solemnemente proclamado—genuino representante da Philosophia do espirito humano no Brazil, e recebeu das mãos do bispo D. Manoel do Monte, conde de Irajá, que presidia a sessão, uma corôa de louro que a sociedade Philosophica lhe offereceu.

E mais que tudo isso, justa distincção conferida ao sabio e venerando frade, no dia 4 de Outubro de 1855 foi elle honrado com uma visita pessoal de S. M. o Imperador e sua Augusta Esposa, que se dignárão de demorar-se algum tempo na cella humilde do franciscano, domonstrando assim o apreço e a estima em que o tinhão.

Frei Francisco de Mont'Alverne legou á patria as suas Obras Oratorias, em quatro volumes collecção dos mais notaveis dos seus sermões, que attestão a valentia do seu raciocinio, a profundeza de sua erudição, a nobreza da sua dicção e pureza do seu estylo. Esta obra é uma gloria, como o nome de seu autor é um monumento para o Brazil.

Deixou-nos ainda as lições de sua portentosa eloquencia e de sua philosophia espiritualista e sabia, gravadas senão em livros ao menos em intelligencias brilhantes e illustradas de numerosos discipulos que fazem honra ao paiz.

Fr. Francisco de Mont'Alverne morreu aos 79 annos de idade; mas a patria o queria eterno, porque elle era uma de suas ufanias, e ella sentia-se orgulhosa quando o contemplava tão grande, tão eloquente, tão venerando.

Fr. Francisco de Mont'Alverne era todo um passado de gloria: prendião-se a elle as mais preclaras recordações. Quando o vião cego e curvado caminhando pela mão de um conductor amigo, os velhos o mostravão com orgulho, osten-

tando os prodigios do seu tempo ; o povo apontava para elle e dizia—é o sabio ! e a mocidade das academias, a mocidade estudiosa, os professores que tinhão sido seus discipulos, os homens de letras emfim, descobrião-se instinctivamente diante delle e dizião—é o mestre !

4 DE DEZEMBRO

MANOEL DE MORAES

Nascido na capitania de S. Vicente depois denominada de S. Paulo, aos 4 de Dezembro de 1586, Manoel de Moraes estudou nas aulas dos Jezuitas, e entrou para a companhia de Jezus, sendo ainda muito joven: sem duvida aquelles padres tinhão esperado muito de sua intelligencia ; mas não calcularão com o seu caracter indocil, e extravagante, e acabarão por expulsal-o de seu seio por escandalos de seu comportamento: pelo menos foi essa a fama que elle deixou, ou a que lhe derão.

Manoel de Moraes deixou o Brazil, e de Portugal seguio para Hollanda, onde se estabeleceu em Amsterdam ; ignorão-se os motivos porque assim procedeu; certo é porém que em Amsterdam continuou á estudar, mereceu reputa-

ção de litterato por seus escriptos, e abjurando a religião catholica, abraçou o calvinismo, e casou-se com uma hollandeza, por quem se apaixonára.

A noticia destes ultimos factos levada á Lisbôa causou indignação e o tribunal do Santo Officio relaxou em estatua Manoel de Moraes no auto de fé de 6 de Abril de 1642.

Apezar disso Manoel de Moraes não podendo vencer as saudades do Brazil, deixou Amsterdam em 1645; passando porém por Portugal, cahio em poder da inquisição, abjurou o calvinismo, e tornando á adoptar a religião catholica, tão arrependido das passadas culpas se mostrou, que em 1647 foi solto depois de ter sahido com as insignias do fogo no auto de fé desse anno em Lisbôa.

Não lhe coube a consolação de respirar as auras da patria antes de morrer; pois que em 1651 falleceu em Lisbôa sem ter podido tornar á ver o Brazil.

Manoel de Moraes escreveu e publicou na Hollanda memorias interessantes sobre Portugal e Brazil; mas a sua obra de maior importancia, e que infelizmente se perdeu, foi a que intitulou *Historia da America*, que Laet elogia muito, confessando ter della extrahido noticias preciosas; e além de Laet outros autores e o abbade Diogo Barboza fallão com subidos louvores dessa obra.

A data do nascimento de Manoel de Moraes não póde considerar-se averiguada, embora Balthasar da Silva Lisbôa a marque em artigo do seu manuscripto; serve porém ao menos para o registro de seu nome neste livro.

5 DE DEZEMBRO

MANOEL FELIZARDO DE SOUZA E MELLO

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu na freguezia do Campo Grande, municipio actual da Côrte, em 5 de Dezembro de 1805 Manoel Felizardo de Souza e Mello estudou no lar paterno as primeiras letras e o latim, e no seminario episcopal de S. José completou o seu curso de humanidades. Em Junho de 1822 atravessou o Atlantico, foi beber nos seios Coimbra a sciencia de que sequioso se mostrava ; cooperou na universidade para manter a reputação gloriosa dos estudantes brazileiros, ganhou premios em todos os annos lectivos em que essa distincção havia, e tomando o gráo de bacharel em mathematicas em 1826, voltou á patria e foi no anno seguinte despachado lente substituto da academia militar da côrte, e logo depois tenente, graduado capitão, do corpo de engenheiros.

A fortuna bafejára o joven de 22 annos; abençoada, porém, seja a fortuna, quando em sua cegueira acerta com o merecimento e a intelligencia esclarecida.

O verdadeiro talento faz sentir ao longe o seu fulgor: as habilitações de Manoel Felizardo forão conhecidas e aproveitadas fóra da academia; na commissão liquidadôra do primeiro e infeliz banco do Brazil, na do exame do pessoal do thesouro e de todas as outras repartições fiscaes da côrte experimentárão-se desde logo o seu elevado prestimo e a extensão das suas faculdades.

Em 1832, nomeado inspector da thesouraria provincial do Rio-Grande do Sul, presidiu e dirigiu a sua organisação, e com tanta habilidade e tino administrativo, que em menos de tres annos a renda duplicou; retirando-se d'aquella provincia, consagrou-se exclusivamente ao magisterio até o anno de 1837, em que foi chamado á administração da provincia do Ceará, que exerceu como presidente até 1839, sendo então removido para a do Maranhão, ensanguentada por violenta e brutal rebellião.

Ahi a presidencia foi para Manoel Felizardo um martyrio, missão desperadora, em que qualquer outro bastante faria não succumbindo, em que elle fez muito resistindo impassivel, pondo em campo cerca de cinco mil soldados, e facilitando assim a completa pacificação da provincia, que foi mais tarde realizada pelo Sr. barão depois conde marquez e duque de Caxias.

Nas épocas de luta violenta o espirito de partido é muitas vezes iniquo e implacavel: na colheita dos louros de um triumpho os vencedores amão o exclusivismo das honras das victorias: esmerilhar e patentear sem nuvens a verdade é difficil, senão quasi impossivel aos que vivem com os

homens da mesma idade, aos que ouvem os interessados, áquelles que são partes e pretendem ser juizes; como quer que seja, é incontestavel que na presidencia do Maranhão Mrnoel Felizardo soube não se deixar abater e vencer por 15,000 rebeldes, conseguiu a restauração da cidade de Caxias, expôz a sua vida na tomada da villa de Icatú; prestou, portanto, serviços reaes, e por elles foi merecidamente promovido ao posto major.

A provincia das Alagôas em 1840 até 1842, a de S. Paulo em 1843, a de Pernambuco, por poucos dias, em 1848, o tiverão por presidente, e nessas menos vehemente a intolerancia dos partidos deixou ao administrador zeloso mais afortunado ensejo de servir á causa de todos na boa direcção dos negocios provinciaes.

Manoel Felizardo não tinha ficado esquecido na adminisção das provincias: duas vezes eleito deputado, se distinguira na camara como habil discutidor e adestrado na pratica administrativa. Membro notavel do partido conservador soffreu as consequencias do revez politico de 1844, que foi aproveitado pela escola militar até 1848, em que, no mez de Março, o gabinete organisado pelo visconde de Macahé roubou-lhe o lente preclaro, que foi ser ministro da guerra. Esse ministerio teve vida ephemera, Manoel Felizardo voltou á effectividade do magisterio, interrompeu-a para ir tomar assento na assembléa provincial do Rio de Janeiro, da qual foi eleito presidente em 1848, e no mesmo anno, a 29 de Setembro, de novo chamado ao ministerio, occupou a pasta da marinha e interimaente a da guerra, da qual, em 1849, achou-se effectivamente encarregado; nesse gabinete contribuiu muito para a debellação da revolta praeira em Pernambuco, deu provas de grande actividade e energia,

preparando, dispondo com rapidez, e fazendo utilisar todos os meios necessarios para a guerra do Prata, que acabou incruenta no Estado Oriental, dissolvendo-se o exercito de Oribe, e na Confederação Argentina, sendo vencido em Monte Caseros o tyranno de Palermo. Em 1852 sahiu do ministerio, e, nomeado no anno seguinte director geral das terras publicas, foi o creador desta repartição, e concorreu consideravelmente para a organisação dos regulamentos necessarios para ser executada a lei de 18 de Setembro de 1850.

Ainda outra vez ministro da guerra em Janeiro de 1859, poucos mezes se conservou no poder, em que então pela ultima vez fez sentir a sua capacidade administrativa e profundo conhecimento dos negocios da repartição, que com elevada intelligencia dirigiu.

Em 1848 tinha sido eleito pela provincia do Rio de Janeiro em lista triplice para senador, e, escolhido em Dezembro do mesmo anno por Sua Magestade o Imperador, foi sentar-se na camara vitalicia em uma cadeira que illustrou com o seu grande saber e com a eloquencia da sua palavra.

Estava ainda vigoroso e forte quando começou a ouvir annuncios de morte no coração, affectado por uma dessas enfermidades terriveis, que avanção e se desenvolvem sinistramente, zombando da sabedoria do medico e dos cuidados da victima, que acaba cansada da vida tormentosa pelos soffrimentos e negrejada pela desesperança.

Manoel Felizardo de Souza e Mello occupou com distincção os mais altos cargos do seu paiz; em 1859 foi nomeado conselheiro de Estado extraordinario, passando por decreto de Agosto de 1866 ao exercicio ordinario, em que já não lhe foi dado entrar ; Sua Magestade o Impesador o agra-

ciou em 1841 com a commenda da ordem de Christo, e Sua Magestade Fidellissima com a grã-cruz da mesma ordem.

Manoel Felizardo de Souza Mello falleceu na cidade do Rio de Janeiao em 16 de Agosto de 1866.

Foi tão illustrado como probo. Nas lutas politicas decidido e constante membro influente do partido conservador hostilisou com energia a opinião contraria, e foi pelos liberaes com igual ardor combatido ; ninguem porém houve que negasse a sua bella intelligencia e grande illustração, e menos ainda a sua probidade.

6 DE DEZEMBRO

JOÃO DE SEIXAS

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1681, João de Seixas entrou para a ordem carmelitana, e dotado de grande intelligencia adquirio vastos conhecimentos. Em Portugal gozou muito credito, e em Roma resplendeu tanto pela sciencia e por suas virtudes que o Santo Padre Clemente XII o nomeou bispo de Arcopoli.

Faltão completamente as datas de seu nascimento, de sua morte, de seus trabalhos, e dos premios de seu grande e muito distincto merecimento; mas o Brazil não póde esquecer tão illustre filho: lembre-o, arbitrariamente embora, o dia 6 de Dezembro.

7 DE DEZEMBRO

AS HEROINAS DE TEJUCUPAPO

Em Junho de 1645 rompêra em Pernambuco a patriotica insurreição contra o dominio hollandez e a mais brilhante serie de combates e victorias abatera o orgulho do estrangeiro conquistador.

Os pernambucanos ou *independentes* como se chamavão, tinhão em cerco o Recife, capital do Brazil hollandez, e ahi desde o principio de 1646 se fizera sentir a penuria de mantimentos e depois a fome. A ilha de Itamaracá, precioso celleiro dos hollandezes, estava de todo exhaurida.

Em tão grande aperto o almirante Lichtart sahio do porto do Recife com alguns navios e tomando em Itamaracá tropas que julgou sufficientes para a empreza que planejára, foi arribar á *Maria Farinha*, onde se demorou um dia todo, simulando desembarques para illudir os habitantes. Che-

gada a noute, e aproveitando a escuridão, abrio velas para ir surprehender *Tejucupapo*, e em seguida marchar sobre *S. Lourenço da Matta*, que lhe daria abundancia de viveres além da gloria de golpe de mão habilissimo e audaz.

Em *Tejucupapo* como que á prever o ataque, estava o bravo major de milicias Agostinho Nunes em um reducto construido pelos habitantes, e dentro do qual se achavão como em guarida suas familias: uma breve estrada communicava Tejucupapo com o reducto e nas mattas que bordavão a estrada se emboscara Matheus Fernandes, joven intrepido e patriota que se improvisára general de um exercito composto de trinta mancebos intrepidos e patriotas, como elle.

Tinhão adivinhado o plano de Lichtart, ou se prevenião apprehensivos: mas que valião algumas dezenas de valentes contra as centenas de hollandezes, dirigidos por Lichtart que além de habil guerreiro, era bravo como as armas?...

Lichtart desembarcou, e reconhecendo-se presentido, deu-se pressa em avançar, e logo começou o fogo...

Os trinta mancebos emboscados forão como tresentos: o fogo, as balas cahião sobre os hollandezes, partindo de um e outro lado da estrada; mas a pequena força do major Agostinho Nunes recuava combatendo, e o seu chefe já tinha cahido morto.

Lichtart avançava sempre, o já perto ameaçava o reducto onde as familias, isto é as senhoras, e as crianças sentirão todo o horror da sua situação ao ruido da fuzilaria cada vez mais proxima.

Então,—gloriosa e heroica acção feminil!... união em vez de terrores vãos, e estereis, uma das matronas de

Tejucupapo tomou em suas mãos a imagem do Redemptor, como estandarte, e chamou ás armas suas companheiras.

Mães, esposas, noivas e donzellas armão-se de espingardas, e de lanças, e em quanto seus paes, seus maridos e seus filhos batem-se fóra do reducto, correm ellas ás trincheiras e esperão o inimigo.

Elle chega ; é nada menos que Lichtart á commandar os hollandezes, que dá a voz da escalada !....

Mas uma, duas, tres vezes os assaltantes são rechaçados pelas heroinas de Tejucupapo !.... mais da um seio virgem, mais de um ventre materno que déra á patria filhos bravos são despedaçados : pouco importa : as heroinas não desanimão....

E das escuras mattas continúa nutrido o fogo, e os hollandezes que ouzão penetral-as achão em cada arvore corpulenta uma barreira, e, sem que saibão donde lhes vem, a morte mandada em balas certeiras.

O combate durou horas á contal-as do seu principio. Em face do reducto durou o tempo necessario para tres assaltos successivos e valentemente repellidos.

Lichtart vendo a grande perda que tinha já soffrido, e a resistencia heroica do reducto, comprehendeu que ainda conseguindo vencer alli, não podia mais avançar sobre S. Lourenço da Matta, e ordenou a retirada, mandando conduzir seus mortos para esconder o numero relativamente avultado dos soldados, que perdêra.

Os hollandezes marcharão celeres, retirando-se batidos, e ainda dizimados pelas balas que rompião das mattas....

Sôa e retumba o grito de victoria em Tejucupapo. Recolhem-se os cadaveres de Agostinho Nunes, e de não poucos seus commandados, recolhem-se os de alguns mancebos

dos trinta atiradores das mattas, ha de menos no reducto algumas nobres mães, bellas noivas, e candidas donzellas; mas que gloria!... que pagina brilhante na historia da patria!...

Lichtart, o bravo almirante neerlandez rechaçado e batido por algumas senhoras de Tejucupapo!!!

Infelizmente nem um só dos nomes dessas estupendas heroinas foi conservado pela historia.

Mas a grandiosidade do feito pelo menos illustra e perpetua a memoria do mais esplendido e inexcedivel denodo feminil,

A' 7 de Dezembro de 1859 o imperador o senhor D. Pedro II em visita á algumas provincias do norte do imperio. quiz vêr e vio Tejucupapo em lembrança e culto de tão gloriosas e heroicas proezas.

Em falta reprehensivel da memoria do dia de tão grandioso feito sirva ao menos para sua commemoração a data patriotica e honorifica do imperador o Sr. D. Pedro II que sabe zelar as glorias da patria, o resplender com ellas.

8 DE DEZEMBRO

AURELIANNO CANDIDO TAVARES BASTOS

Aurelianno Candido Tavares Bastos, filho legitimo do actual Sr. dezembargador José Tavares Bastos nasceu em Fevereiro de 1840.

Dotado de maravilhosa comprehenção e de muito amôr ao estudo, primou nas aulas de preparatorios, e distinguio-se no curso juridico de Olinda, no qual tomou o gráo de bacharel em 1861.

Quasi que passou dos bancos da academia para o parlamento; porque logo na legislatura de 1857 a 1860 mostrou-se, eleito deputado pela sua provincia, revelando seu bello talento na camara temporaria.

Começou ligado ao partido conservador; mas não vio na disciplina do partido força de dever que o obrigasse á cerrar

os ouvidos á consciencia. Tinha estreado na carreira administrativa; aceitando o lugar de official da secretaria de marinha, na camara porém era deputado e não empregado do governo, e em opportuna discussão pronunciou na tribuna substancioso e importante discurso, que não podia ser agradavel ao ministro da marinha.

O official de secretaria foi dimittido; mas o deputado independente recommendou-se ao respeito e á estima dos seus concidadãos.

Na seguinte legislatura (dissolvida em 1863) operou-se a liga de muito esclarecida fracção dos conservadores com o partido liberal, e o joven Tavares Bastos, paladino do progresso, e dos principios mais generosos concorreu dedicadamente para a nova situação politica.

Nas seguintes legislaturas, de 1864 á 1866 e de 1867 até a dissolução da camara dos deputados em Julho do anno seguinte Tavares Bastos foi incontestavelmente um dos mais notaveis oradores.

Consideravelmente instruido, e muito estudioso, seus discursos erão sempre ricos de idéas meditadas, e de variados conhecimentos, que fazião perdoar a vehemencia da aggressão, á que ás vezes o levava o ardor da mocidade, e o enthusiasmo pela causa que sustentava. A' fallar era como rio á correr impetuoso. Dirião, que elle repetia precipite discurso decorado; era porém assim que improvisava, aliás discutindo muitas vezes assumptos de precisão pratica, questões financeiras, materias emfim dependentes de conhecimentos positivos.

Em 1864 servio de secretario na delicadissima missão especial desempenhada no Estado Oriental do Uruguay pelo illustrado Sr. conselheiro e actual senador o Sr. José Anto-

nio Saraiva, de quem mereceu sempre a maior confiança e amizade.

Dissolvida a camara em Julho de 1868 com a subida da politica conservadora ao poder, Tavares Bastos fez na imprensa, escrevendo no *Diario do Povo* e depois na *Reforma*, orgãos do partido liberal activa e energica opposição ao gabinete de 23 de Julho daquelle anno.

Como os outros seus correligionarios ex-deputados liberaes não foi reeleito para a seguinte legislatura; não descançou porém, e em preciosos trabalhos, que foi dando ao prelo, e que perpetuão seu nome, continuou á prestar serviços relevantes á escola liberal, pugnando pelos seus principios mais sãos.

Na tribuna parlamentar, e na imprensa Aurelianno Tavares Bastos foi o energico e esclarecido campeão das idéas mais grandiosas, e do progresso do Brazil.

A emancipação dos escravos—a liberdade religiosa—a livre navegação dos grandes rios—a liberdade do commercio de cabotagem—a descentralisação administrativa das provincias—a eleição directa—e outros grandes principios, como esses, tiverão em Aurelianno Tavares Bastos o mais esforçado paladino.

Admirador da grandeza e da extraordinaria prosperidade dos Estados-Unidos Norte-Americanos, Aureliano Tavares Bastos tinha estudado com sympathico interesse as instituições politicas, e economicas, todos os elementos de civilisação e de progresso da pujante e fulgente confederação, e uma das mais vivas aspirações de seu coração patriota era o cultivo politico e economico de intimas relações, e o estreito laço amigo da grande potencia do Norte da America com a grande potencia do Sul do mesmo mundo, da-

quella Republica, e do Imperio do Brazil em bella e animada prespectiva de resultados immensos e generosos, e de futuro monumental.

A compleição delicada do illustre alagoano resentio-se emfim do excesso de estudos e de trabalhos á que elle ardentemente se entregava em sua banca de advogado e muito mais em seu gabinete de escriptor e publicista.

Alterada consideravelmente sua saude, Aurelianno Tavares Bastos partio com sua joven esposa para a Europa em 1874 á procurar em clima temperado o restabelecimento da saude; mas infelizmente levou comsigo a sede de saber, e a febre do trabalho.

Visitando os paizes mais cultos da Europa, estudava ncessante as instituições, os grandes melhoramentos, as iontes da civilisação e do progresso emfim, e já em opulencia de conhecimentos se preparava para pagar novos e ainda maiores tributos de patriotismo ao Brazil.

Não lhe foi dado fazêl-o!

Em 3 de Dezembro de 1875 falleceu em Nice.

A 8 de Dezembro celabrou-se na igreja de S. Francisco de Paula, na cidade do Rio de Janeiro, a missa do septimo dia por alma do grande pensador e illustre brazileiro finado Aurelianno Candido Tavares Bastos, e se pudesse haver consolação para a dôr profunda do pae, que acabava de perder tão amado, e glorioso filho, o Sr. dezembargador José Tavares Bastos a teria achado na manifestação geral do mais pezaroso sentimento de toda a imprensa, e de toda a população.

Nacionaes, e estrangeiros, os homens politicos dos diversos partidos, todos emfim pagarão publico tributo de dôr e

de saudade ao benemerito que tão precocemente desapparecêra d'entre os vivos.

Poucos mezes depois os restos mortaes de Aurelianno Tavares Bastos vierão descansar para sempre na terra da patria, e recebêrão na capital do imperio todas as honras, todas as solemnes provas de amor e de veneração de além tumulo que os amigos fieis, e o povo agradecido podião dar á memoria do preclaro cidadão.

Aurelianno Candido Tavares Bastos escreveu e publicou os seguintes estudos e trabalhos:

A opinião e a corôa, pamphleto politico.

Males do presente e esperanças do futuro, opusculo politico.

Cartas do Solitario.

A Provincia.

O *Valle do Amazonas.*

Carta politica ao conselheiro Saraiva.

Estudos sobre reforma eleitoral e parlamentar.

9 DE DEZEMBRO

NUNO MARQUES PEREIRA

Padre e escriptor, Nuno Marques Pereira nasceu na villa de Cayrú, na capitania da Bahia no anno de 1652. Tomou o estado ecclesiastico, e tornou-se varão de grande sciencia e theologo famoso.

Escreveu o *Compendio narrativo do peregrino na America*, no qual se encontrão muitas noticias curiosas e interessantes ácerca do Brazil, sua patria.

Nuno Marques Pereira teve apenas a consolação de ver publicada a sua obra em Lisboa em 1718, morrendo na mesma cidade alguns mezes depois, e conforme indicação aliás não averiguada do manuscripto doado ao Instituto Historico por Balthasar da Silva Lisboa á 9 de Dezembro daquelle anno.

10 DE DEZEMBRO

DOMINGOS AFFONSO MAFRENSE

Portuguez de nascimento; mas com a educação e costumes dos sertanejos paulistas Domingos Affonso Mafrense reunio alguns parentes e certo numero de colonos portuguezes e sahindo de S. Paulo, internou-se pelos sertões, tomando a direcção do Norte no anno de 1674 ou talvez antes. Em caminho encontrou-se com Domingos Jorge, sertanejo paulista que á frente de uma bandeira avançava á caça de indios.

Unirão-se o portuguez e o paulista; forão atacando o gentio, e feita numerosa colheita de prisioneiros destinados á escravidão, voltou com estes Domingos Jorge para S. Paulo, separando-se do companheiro onde?... talvez nem elles o soubessem, tão extraordinaria era já de ambos a entrada.

Mafrense, que chegou á receber a alcunha de *Sertão*, chegou aos sertões do Piauhy, e aos immensos campos, e

resolveu estabelecer-se nelles com fazenda de criação de gado: repetio as *entradas*, fundou a primeira fazenda, e conquistando espaço dilatadissimo, foi estabelecendo outras fazendas semelhantes, em quanto parentes seus, e colonos mais activos fazião o mesmo, embora em proporção muito mais modesta; e *só elle* tantas fazendas possuia que por morte legou *trinta* aos padres jezuitas, seus testamenteiros, sob a condição de empregar os rendimentos dellas em dotar donzellas, e soccorrer viuvas e pobres e com o restante em augmentar o numero das fazendas de criação sem a menor duvida para o mesmo fim.

Sobre a consciencia dos padres da companhia ficou o cumprimento daquella condição: certo é que em 1759 quando os jezuitas forão banidos, passárão para o Estado trinta e tres fazendas de criação de gado no Piauhy.

Domingos Affonso Mafraense, o *Sertão*, tem dous titulos que muito o honrão: foi o conquistador do Piauhy, e em sua conquista pacifica e util não perseguio nem matou por systema e por ambição o gentio; guerreou-o e pôl-o em fuga sempre que lhe foi necessario fazel-o, escravizou indios (como todos fazião então) mas só para o serviço das fazendas, e plantou no Piauhy a industria, que ainda hoje muito lhe aproveita, e que aliás deveria estar sendo mais habilmente explorada.

Forão taes os serviços de Mafrense, que sem duvida á elle se deveu a carta régia de 10 de Dezembro de 1698, permittindo a concessão de sesmarias de duas legoas quadradas para criação de gado na estrada do Brazil pelos sertões do Piauhy, podendo conceder-se ao mesmo individuo nova sesmaria, uma vez aproveitada a primeira.

11 DE DEZEMBRO

HENRIQUE FRANCISCO MARTINS

Henrique Francisco Martins nasceu em 1832 : forão seus pais Manoel Francisco Martins e D. Maria Theodora de Menezes.

Com decidida vocação para a marinha, seguiu, depois de fazer bons estudos de preparatorios, o curso da academia de marinha, como alumno interno; distinguiu-se; em 1850 foi promovido á guarda marinha, e no mesmo anno embarcou para o Rio da Prata, e na guerra contra o dictador da Confederação Argentina, D. João Manoel Rozas, ganhou a medalha de Prata n. 1 por seus notaveis serviços.

Em Dezembro de 1857 recebeu a promoção de 1° tenente. Dous annos depois foi designado para fazer parte dos officiaes que acompanhárão S. M. o Imperador e sua Augusta Esposa na viagem que fizerão á algumas provincias

do Norte do Imperio ; mereceu ser elogiado e em 1860 teve o habito de cavalleiro da Imperial Ordem da Roza.

Em 1863 seguiu para o Rio da Prata, e alli, em Montevidéo, tomou o commando interino da canhoneira *Parnahyba* á 11 de Dezembro de 1864 por nomeação do vice-almirante o Sr. visconde de Tamandaré que admiravel bravo sabia bem escolher bravos para emprezas arrojadas.

Em frente de *Paysandú* Henrique Martins tomou parte energica no bombardeio da praça tremendamente fortificada; recebeu porém ordem de desembarcar, e de assentar uma bateria de duas peças de Witteworth contra a praça e desempenhou a commissão com a maior intelligencia e bravura no meio do fogo vivissimo do inimigo.

Já arrojando balas sobre Paysandú, foi vizitado na sua bateria por companheiro e amigo o 1° tenente Freitas.

— Freitas, disse-lhe Henrique Martins; a guarnição destas duas raiadas honrão o nome brazileiro : já nenhum homem se curva, nem se conchega ás trincheiras, quando vê as balas do inimigo.

E para exemplo electrisador, quem desprezador da morte mais se expunha, era elle !

E todavia presentimento fatal estava annunciando-lhe a morte.

— Eu tenho de morrer nesta bateria !... tinha elle repetido mais de uma vez á seus amigos.

Entretanto sua bravura exaltava, electrisava os soldados brazileiros, e espantava o inimigo, que via-o impavido exposto, alvo de tiros á dirigir contra elle acertado fogo.

A bateria de Henrique Martins desfazia em pedaços, e em ruinas as fortificações de Paysandú.

Henrique Martins commandava á peito descoberto.

No ardor da peleja, no inferno do fogo os inimigos o apontavão e dizião raivosos — demonio! e os soldados, officiaes e chefes brazileiros enthusiasmados o admiravão e o applaudião dizendo: *heróe!..*

Mariz e Barros, outro heróe, passando pela gloriosa bateria, apertou a mão de Henriques Martins, e exclamou:

— Magnifico!

— Mas hei de ser morto aqui; respondeu-lhe o bravo.

E o presentimento realisou-se.

Logo depois uma bala inimiga levou a cabeça de Henrique Martins.

A marinha brazileira perdeu nesse heroico official bravura de Nelson, e reconhecida intelligencia de habilissimo e futuro chefe capaz das maiores interprezas.

A bala que cortou aquella cabeça, cortou em flôr as mais lisongeiras esperanças da patria.

O governo imperial honrando a memoria do heróe, deu logo depois o nome de *Henrique Martins* á um dos seus melhores navios á vapor, tanto avultava a gloria do bravo 1° tenente Henrique Francisco Martins.

12 DE DEZEMBRO

JOSÉ FRANCISCO DE MESQUITA

MARQUEZ DO BOM BIM

Filho legitimo e segundo e abençoado fructo do consorcio de Francisco José de Mesquita e de D. Joanna Francisca de Mesquita, nasçeu José Francisco de Mesquita á 11 de Janeiro de 1790 no então arraial de Congonhas do Campo, freguezia da nesse tempo villa de Queluz, bispado de Marianna, provincia de Minas-Geraes.

Erão seus paes proprietarios honrados, gozavão de estima e de consideração na provincia, e estavão no caso de abrir-lhe esperançosos horizontes na vida, e tanto mais que logo em menino José Francisco de Mesquita manifestava amor ao trabalho e actividade infatigavel; elle porém como arreba-

tado pela mais decidida vocação, deixou aos dez annos de edade o ninho paterno, e veio para a companhia de seu tio o capitão Francisco Pereira de Mesquita, residente na cidade do Rio de Janeiro, e respeitavel negociante matriculado na antiga Junta do Commercio e capitalista de grande credito e de reputação illibada.

O optimo tio foi segundo pae do sobrinho, fel-o aperfeiçoar-se nos estudos primarios, e apoiando suas naturaes disposições, deixou-o seguir a carreira commercial, tendo em breve de applaudir-se do seu acerto ; porque no fim de poucos annos o joven José Francisco de Mesquita gozava na praça do Rio de Janeiro da mais segura garantia de futuro prospero e da mais perenne fonte de riqueza, a confiança de todos.

O joven Mesquita reunia as mais preciosas condições do commerciante,—actividade inexcedivel, prudencia de velho experimentado, tino como instinctivo, economia, e tão reconhecida honradez, que a sua simples palavra valia na praça commercial o credito das melhores firmas. Completava essa harmonia de qualidades de raro conjuncto sua perfeita e exclusiva dedicação á vida, e ao myster commerciaes.

Quando a familia real portugueza chegou ao Rio de Janeiro, já o joven negociante era conhecido por seu merecimento, e oito annos mais tarde não foi alheio á subscripção espontanea do corpo do commercio, que D. João VI destinou para a primitiva fundação da actual academia das bellas artes, e em 1818 concorreu para a creação do Banco do Brazil, banco de emissão, e primeira instituição de credito desse genero fundada no Brazil. Além desses prestou outros serviços, e recebeu em premio a commenda da Ordem de Christo, graça que naquelle tempo era

signal de muito notavel distincção, e prova de assignalada benemerencia, sendo conferida fóra do estreito circulo dos fidalgos e cortezãos mais protegidos do rei.

Na memoria de José Francisco de Mesquita não se apagárão nunca nem o protector, nem o solo natal: o nome de seu tio foi por elle sempre lembrado com a mais viva gratidão até seus ultimos dias em 1872; o amor de sua provincia fel-o esquecer temporariamente seus grandes interesses commerciaes para ir vizital-a saudoso em 1817 e em 1821, merecendo então ali manifestações de estima, e acolhimento fraternal do povo mineiro.

Em 1821 e 1822 o commendador Mesquita pronunciou-se pela independencia da patria, pôz em contribuição da causa santa e gloriosa as suas numerosas relações, o seu prestigio, os seus cabedaes já consideraveis, e o imperador D. Pedro I teve em tão alta conta esses serviços, que o nomeou seu—guarda roupa honorario, e deu-lhe o fôro de fidalgo cavalleiro da imperial casa.

Creada a *Caixa da Amortisação* o commendador Mesquita foi nomeado membro de sua direcção (e só por sua morte deixou de sel-o) e tanto se mostrou dedicado no desempenho da patriotica, onerosa, e utilissima tarefa que o imperador D. Pedro I o agraciou com a officialato da Ordem Imperial do Cruzeiro.

No reinado do primeiro imperador, e no periodo da menoridade do Senhor D. Pedro II, o commendador Mesquita foi sempre, como até o ultimo dia de sua vida monarchista constitucional, e homem da ordem; mas por suas relações commerciaes muito notavel influencia principalmente na provincia de Minas-Geraes, apoiou em eleições candidatos á deputados e senadores sem exclusiva distincção de partidos,

honrando sempre o merecimento distincto, embora por suas sympathias se approximasse mais do partido conservador.

Nesses tempos, como depois nos que correrão até as vesperas dolorosas do seu passamento a sua casa foi frequentada por notabilidades politicas de todos os partidos, que alli achavão campo neutro e seio tolerante e amigo.

A' medida que se volvião os annos augmentava consideravelmente a riqueza do distincto mineiro, negociante de natural vocação, de modo que no ultimo quartel de sua vida elle foi um dos mais opulentos capitalistas e chefe de uma das casas mais collossaes da praça do Rio de Janeiro.

E quem estuda, conhece e aprecia bem as condições do commercio desta capital admira sem duvida a prudencia, o tino, e a mestria desse negociante *brazileiro* que soube engrandecer-se e impôr-se por consummada habilidade, e infatigavel diligencia.

O commendador Mesquita chegára á opulencia, envelhecendo no commercio ; mas não desprezou jámais o potente elemento de sua grande riqueza : quando falleceu, ainda era activa e das principaes notabilidades da praça commercial do Rio de Janeiro. Nessa pujante seára morreu tendo na mão o arado que lhe dera fortuna.

Mas elevado pela alavanca do trabalho constante e honorificador, e auxiliado pela fortuna amiga o commendador Mesquita soube realçar-se por benemerencia, que a sua modestia não poude conseguir dissimular.

No reinado do Senhor D. Pedro II, de quem elle foi o mais devotado amigo, os seus serviços á patria, e á caridade resplenderão continuadamente.

O hospicio de Pedro II começado e adiantado por José Clemeute Pereira, provedor da Santa Casa da Misericordia,

achou no commendador Mesquita piedoso concorredor de avultadas sommas.

Em 1842 por occasião das revoltas das provincias de S. Paulo e de Minas-Geraes a sua bolsa abriu-se para acudir ás despezas do Estado.

Na questão Christie, o enfezado e prepotente ministro inglez, elle apressou-se á concorrer para as despezas do armamento nacional, que se reputára necessario.

Para a elevação da estatua equestre á D. Pedro I, o fundador do imperio, fez parte e foi thesoureiro da commissão que tomára á peito o pagamento desse tributo de gratidão nacional, e contribuiu notavelmente para o monumento que se ergueu.

O titulo de barão de Bom Fim, a nomeação de veador honorario de S. M. a Imperatriz, com honras de grandeza, a commenda da Imperial Ordem da Roza, um pouco mais tarde a dignitaria da mesma ordem, a elevação de barão á visconde e depois de visconde á conde de Bom Fim forão successivamente dando testemunho dos importantes e continuados serviços do benemerito cidadão, sendo certo que cada uma dessas graças foi precedida sempre por actos de patriotismo, ou de sentimentos humanitarios do agraciado.

A guerra do Paraguay abrio novo ensejo á provas do civismo do conde de Bom Fim, e tanto elle concorreu em auxilio das despezas do Estado, e quasi ao mesmo tempo contribuiu tanto para obras da Santa Casa da Misericordia, que em atttenção á essos e á outros serviços e aos de quarenta e dous annos na Caixa da Amortisação, foi por decreto de 17 de Julho de 1872 elevado de conde á marquez de Bom Fim.

Para essas honras e grandezas da terra teve elle ainda

outros titulos de subido valor. Quando mortifera epidemia, ou outra calamidade publica flagellárão algumas provincias do imperio, o dedicado brazileiro nunca se esqueceu de que era rico capitalista, e foi prompto sempre á abrir a sua bolsa. Viuvas honestas e pobres, e orphãos desvalidos frequentemente experimentárão a sua caridade exercida sem ostentação.

Servindo constante á religião e á humanidade, foi definidor, conselheiro de meza, e thesoureiro do Hospicio de Pedro II na Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, na Capella Imperial occupou os cargos de mordomo, e conselheiro de meza, na igreja de Santa Rita os de mezario e escrivão, e na Veneravel Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula o de definidor perpetuo, merecendo ver em sua vida o seu retrato ornamentado na vasta galeria dos bemfeitores da Santa Casa, e da Ordem Terceira dos Minimos.

Quando o mundo civilisado se commoveu ao ver a assolação e as ruinas de provincias da França victima de sua ultima guerra com a Allemanha, o marquez de Bom Fim foi no Rio de Janeiro o thesoureiro da commissão que promoveu soccorros para as familias francezas que ficárão expostas á miserias e á fome, e tanto fez nesse empenho humanitario, e de sua parte contribuiu tão generosamente que o Sr. Thiers, então chefe do governo da França conferiu ao distincto brazileiro o gráo de official da Legião de Honra.

Pelo mesmo tempo o marquez de Bom Fim igualmente subscreveu para os auxilios que a capital do imperio mandou para Buenos-Ayres, onde reinava terrivel a febre amarella.

Dispondo de grande riqueza, occupando alta posição,

tendo merecido honras e graças desde o ultimo reinado portuguez, até o do Senhor D. Pedro II, que tanto o elevou, e que o tratava com a maior estima, o marquez de Bom Fim nunca se mostrou orgulhoso e altivo e foi sempre de trato affavel para com todos que o procuravão, qualquer que fosse a posição social e a fortuna de cada um.

Devidamente considerado pelos seus concidadãos, o marquez de Bom Fim foi vereador da illustrissima camara munipal da côrte, e constantemente eleitor da sua parochia, a de Santa Rita.

Elle foi tambem socio fundador do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, e socio bemfeitor da Imperial Sociedade Amante da Instrucção.

Marquez, e grande do imperio ainda nas vesperas de sua morte frequentava com admiravel assiduidade em um octogenario o seu escriptorio commercial e a Caixa da Amortisação.

Accommettido de grave enfermidade em fins do mez de Novembro de 1872 o marquez de Bom Fim rendeu a alma ao Creador na noite de 11 de Dezembro seguinte, contando oitenta e tres annos e onze mezes de edade.

A's cinco horas da tarde do dia 12 forão seus restos mortaes conduzidos em coche da Casa Imperial ao cemiterio de S. Francisco de Paula, onde baixárão á modesta sepultura, conforme recommendára sua ultima vontade. Mais de duzentos carros em que ião muitos dos seus numerosos amigos acompanhárão o venerando finado ao seu jazigo.

O marquez de Bom Fim deixou em seu testamento provas d'além tumulo da sua caridade e espirito religioso, contemplando com importantes legados a Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro com os recolhimentos e instituições á

ella inherentes, a Santa Casa da capital de Minas-Geraes, as Ordens Terceiras de S. Francisco da Penitencia, do Carmo, de S. Francisco de Paula, os hospitaes de Lazaros, os Institutos dos Cegos e dos Surdos Mudos, além de outros á muitos pobres, viuvas e orphãos do municipio da côrte, e da provincia de Minas, onde nascêra.

13 DE DEZEMBRO

FREI JOAQUIM DO AMOR DIVINO CANECA

Natural de Pernambuco, onde nasceu no ultimo quartel do seculo decimo oitavo, Joaquim Caneca fez-se alli religioso recolleto, e abraçou o Instituto Carmello depois de ter feito estudos de humanidades com reputação de muito talentoso e applicado.

Augmentando com estudo constante os seus conhecimentos, gozou fama de frade muito illustrado e até de poeta.

Balthazar da Silva Lisboa em um artigo dos seus manuscriptos dados ao Instituto Historico diz que Frei Joaquim do Amor Divino Caneca escrevêra a *Bibliotheca Pernambucana* que não foi impressa e sem duvida perdeu-se, e que mandára imprimir em Lisboa e fizera reimprimir em 1823 na Typographia Nacional no Rio de Janeiro uma dissertação

sobre — *O que se deve entender por patria do cidadão, e os deveres deste para com ella.*

Se Frei Joaquim do Amor Divino Caneca foi realmente poeta de merecimento, desapparecerão os testemunhos escriptos do seu estro: o que em poesia delle se repete de memoria é demasiado ligeiro, e mais erotico do que cabia á um frade.

Mas Caneca tinha sob o seu habito de monge palpitando forte o coração exaltadamente liberal.

A' 13 *de Dezembro* de 1823 no chamado grande conselho de Pernambuco, pronunciou-se Caneca pelas idéas e medidas pronunciadoras da revolta de 1824, que proclamou a *Federação do Equador*, da qual foi sem duvida conselheiro e cumplice; escreveu a gazeta *Tiphlis*, orgão revolucionario; mas ardente liberal de principios, elle se distinguia por moderado, aconselhando actos, e era por natural bondade e por virtudes estimado e respeitado geralmente.

A revolta foi esmagada e a reacção da autoridade exagerou-se impoliticamente depois da victoria.

A commissão militar de Pernambuco deu sentença de morte á Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que deixou escripta a sua defeza: o annuncio da horrivel pena causou tão dolorosa impressão, que na vespera da execução o cabido, *sede vacante*, solemnemente formado e de cruz alçada, e as communidades religiosas forão pedir ao governo da provincia que suspendesse o acto lugubre e tremendo, em quanto supplicavão e esperavão do imperador o perdão.

Nada conseguirão.

No dia seguinte, no dia da forca, Caneca dormia tão socegado e profundamente, que foi preciso ao seu confessor e assistente o P. M. Frei Carlos de S. José despertal-o.

Era o dia 13 de Janeiro de 1825: levantada estava a forca; mas não houve carrasco que se prestasse á enforcar o frade. Desobedecerão e resistirão todos os algozes; a victima porém não escapou.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca morreu fuzilado em Pernambuco no mesmo dia 13 de Janeiro de 1825.

O frade revolucionario ficou sendo martyr.

14 DE DEZEMBRO

JAGUARARY SIMÃO SOARES

Em 1630 os hollandezes tinhão invadido a capitania de Pernambuco e tomado a cidade de Olinda, e a povoação nascente e depois cidade do Recife ; mas á despeito de suas grandes forças e consideraveis recursos não puderão estender suas conquistas e ficárão limitados áquelles dous pontos até 1632, em que Calabar, desertando á 27 de Abril das fileiras pernambucanas, levou-lhes o condão das victorias, como ficou dito na lembrança biographica desse brazileiro na data de sua nefasta deserção.

Depois de dirigir os hollandezes em outras emprezas e conquistas Calabar guiou-os ao Rio Grande do Norte e fel-os tomar o forte dos Reis Magos no dia 12 *de Dezembro de* 1633 para ahi encontrar nesse dia o seu vivo e magna-

nimo contraste no indio *Jaguarary* que no baptismo recebêra o nome *Simão Soares*.

Em 1625 a esquadra hollandeza que tarde chegára para soccorrer a expedição que no anno antecedente conseguira tomar a cidade da Bahia, logo a 1 de Maio gloriosamente restaurada, seguira rumo do Norte e demorando-se alguns dias fundeada na bahia da Traição, puzerão-se os hollandezes em relações com alguns indios, entre os quaes se achavão a mulher e um filho de Jaguarary, o qual pelo amor que lhes tinha, e para tiral-os d'alli e do poder do inimigo da patria, partiu donde estava na Parahyba, e passou-se tambem para o sitio da bahia da Traição.

Os hollandezes retirárão-se emfim, levando uns vinte ndios, e Jaguarary que ficára com sua mulher e seu filho, foi de ambos separado, preso, e carregado de ferros no forte dos Reis Magos no Rio Grande do Norte pelos portuguezes.

Jaguarary pertencente a mesma cabilda de que sahira Poty —o Antonio Felippe Camarão, era tio desse herôe, e acolhendo-se á civilisação, tomára, como já foi dito, o nome de Simão Soares no baptismo, e já tinha prestado bons serviços ao dominio dos portuguezes colonisadores do Brazil.

Não lhe valeu isso, nem seus protestos de innocencia, nem a falta de prova alguma de ligação com os hollandezes.

Jaguarary ficou oito annos preso no forte dos Reis Magos, e só á 12 *de Dezembro de* 1633 foi solto, e achou-se elle a victima dos portuguezes em face de Calabar, o desertor do campo da patria.

Ou posto em liberdade plena, logo que os hollandezes tomarão o forte, ou á 14 desse mez, como querem alguns, solto por elles e livre de ferros lançado pela muralha para a parte do mar, mercê de um páu á que o arrimárão, facilitan-

do-lhe retirada pela banda do Sul, conforme escreveu em suas *Memorias* Duarte de Albuquerque, certo é que Jaguarary poude avançar até uma legoa e depois ir chegar á uma aldêa de indios.

A informação de Duarte de Albuquerque não é aceitavel: os hollandezes calculando com o resentimento e com o odio de Jaguarary, oito annos martyrisado pelos portuguezes, não podião tratal-o com tanta e tão absurda crueldade.

Jaguarary, ou Simão Soares foi solto e o deixárão retirar-se livremente.

Chegando á taba dos seus irmãos selvagens, deu-se á conhecer, mostrou-lhes os signaes ainda frescos dos ferros, lembrou seus longos serviços e particularmente os que prestára contra os francezes na conquista do Maranhão, onde com a sua gente guerreára sob o commando de Jeronymo de Albuquerque.

Os indios commovidos e irritados se offerecerão para seguil-o á tomar vingança: Jaguarary porém magnanimo lembrou-lhes *Deus e o rei*, e os convenceu do dever que á todos elles assistia de combater o estrangeiro, que invadira a terra da patria.

Os indios não comprehendião bastante o que era *Deus*, e muito menos se interessavão pelo *rei*; mas Jaguarary era amado por elles que conhecião sua bravura, e não poucos o acompanharão, quando refeito de forças esse homem exemplar de lealdade foi reunir-se ao corpo commandado por seu sobrinho D. Antonio Felippe Camarão.

Jaguarary, retirado dos portuguezes, mas firme em seu posto entre os indios do bravo Camarão serviu sempre na guerra até que em 1637 o exercito pernambucano operou a

grande e triste retirada para além do S. Francisco e de Sergipe, fazendo alto na Torre de Garcia d'Avila na Bahia.

O rei Felippe IV (III de Portugal) informado da lealdade de Jaguarary Simão Soares, fez-lhe mercê do soldo de setecentos e cincoenta reaes com a clausula de que por seu fallecimento passaria á sua mulher e á seu filho.

Ignora-se a data da morte deste indio intrepido e notavelmente leal á causa do Brazil catholico e portuguez.

15 DE DEZEMBRO

FRANCISCO DE PAULA BRITO

Homem de coração generoso, de intelligencia feliz e brilhante, á que só faltou illustração para resplender, distincto artista laborioso e habil, Francisco de Paula, Brito filho legitimo do carpinteiro Antonio Duarte e de D. Maria Joaquina da Conceição, nasceu na cidade do Rio de Janeiro á 2 de Dezembro de 1809.

Em 1815 seus paes retirarão-se para Suruhy, onde elle aprendeu á lêr com uma irmã mais velha, e em 1824 voltou para a capital com seu avô materno o sargento-mór Martinho Pereira de Brito, de quem tomou o ultimo sobrenome.

Martinho Pereira, commandante de um regimento de homens pardos morreu com cem annos em 1830.

Paula Brito entrára para a typographia nacional: passou depois para as officinas do *Jornal do Commercio* muito modestamente fundado por *Seignot Plancher*.

Já primava como compositor, e escrevendo versos, ganhava nomeada de talentoso; e já se pronunciava liberal em politica, quando sobrevierão os acontecimentos de Abril de 1831, e a abdicação de D. Pedro I.

Evaristo Ferreira da Veiga aproveitou-se do joven typographo, e o fez improvisar e lêr versos no campo de Sant'Anna, pregando a ordem, e a união da *tropa* e *do povo*.

No mesmo anno Paula Brito comprou com sacrificio uma loja de encadernação, addicionou-lhe pequena typographia, e começou a sua vida laboriosissima. Pobre, e sem cessar trabalhando empenhou-se no estudo da propria lingua, e aprendeu sufficientemente a franceza; mas interessado na politica então tempestuosa, ligou-se aos exaltados, fez opposição ao governo da regencia, separou-se de Evaristo, escreveu periodicos, entre elles *A Mulher do Simplicio* toda em versos rimados e soffreu muito na sorte do seu estabelecimento por isso.

Quando em Dezembro do 1833 numerosos grupos de povo sem duvida açulados imprudentemente por agentes do governo atacárão de noute e destruirão em grande parte typographias, em que se imprimião gazetas da opposição, um dos bandos sinistros foi ameaçar a typographia de Paula Brito, o qual corajoso e indignado correu á abrir a porta, e mostrando-se aos impunes e protegidos desordeiros, exclamou com vehemencia :—Invadão, e destruão!...

O bando recuou, murmurando ameaças; mas soube ao menos poupar o estabelecimento do patriota.

Pouco a pouco arrefecêrão os ardores politicos de Paula Brito: de exaltado e de *Andradista* que era, tornou-se depois de 1837 alliado do partido conservador; mas tambem edsde então o mais tolerante dos partidistas politicos, de

modo que seria difficil dizer em qual dos partidos contava maior numero de amigos dedicados.

A loja de Paula Brito na Praça da Constituição foi declarada por elle campo neutro, e ficou sendo um dos pontos mais frequentados e de mais amena reunião diaria e constante da cidade do Rio de Janeiro.

No entanto engrandecia o seu estabelecimento, elle fundava outras typogaaphias na côrte e na cidade de Nictheroy; errava talvez multiplicando-as; provavelmente errou ainda mais, creando grande empreza typographica com interesse de accionistas, á cuja frente gastou annos, dedicação, incrivel esforço, trabalho inexcedivel, e só ganhou desgostos, e ruina.

Em todo esse audacioso e afflictivo ultimo e longo periodo de sua vida nunca desmentio sua coragem; cahio por fim na impossibilidade de resistir com o impossivel: a generosidade honorificadora de sua probidade com que o consolárão muitos dos que perdêrão na sua immensa perda, não poude abrandar-lhe o desgosto dissimulado; mas profundo.

Falleceu á 15 *de Dezembro de* 1861.

Em sua vida Francisco de Paula Brito escreveu entre outros periodicos *A Mulher do Simplicio*, e a *Marmota*, dramas, *scenas comicas*, e uma infinidade de versos que encherião alguns volumes: traduzio dramas do francez para o insigne João Caetano dos Santos, compoz *livros de sortes* para as noutes de Santo Antonio e de S. João: escreveu muito, e demasiadamente. Depois de sua morte foi publicado um livro sob o titulo « Poezias de Francisco de Paula Brito » no qual se lê sua biographia escrita pelo distincto Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo já vantajosamente conhecido por outras obras de real merecimento.

Paula Brito foi metrificador; nunca porém chegou á ser poeta: não tinha nem imaginação, nem instrucção sufficiente para sêl-o: em seus dramas, em suas scenas comicas não subio além do vulgar: em suas traducções para o theatro não podia ser feliz. Na litteratura patria só teria obscuro lugar.

Felizmente sobrão lhe titulos, que recommendão sua memoria á gratidão da patria, de que elle foi incontestavelmente benemerito.

Francisco de Paula Brito foi um dos homens que mais contribuio para o desenvolvimento aperfeiçoado da arte typographica no Rio de Janeiro.

Com sua infatigavel actividade e tendo estabelecido relações ou correspondentes em quasi todas as provincias do Brazil, por estas espalhava numerosas publicações sahidas de suas officinas, tornando-se desse modo verdadeiro elemento de civilisação.

Como edictor soube animar a juventude talentosa, e por vezes com prejuiso proprio publicou as primicias de intelligencias que ensaiavão seus primeiros vôos.

Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, Bruno Seabra poetas de reconhecimento, e ainda outros vivêrão durante annos em luta com a pobreza e com adversa fortuna, e nesses tempos tormentosos para elles Paula Brito os amparou e protegeu.

Elle tinha por amigos todos os litteratos brazileiros.

Sua morte foi geralmente chorada, e, simples artista e pobre, seu acompanhamento funebre foi um dos mais numerosos que se tem visto na cidade do Rio de Janeiro.

16 DE DEZEMBRO

FRANCISCO DE PAULA MENEZES

Na freguezia de S. Lourenço, villa da Praia Grande, depois cidade de Nictheroy, provincia do Rio de Janeiro nasceu á 25 de Agosto de 1811 Francisco de Paula Menezes, que desde os mais verdes annos mostrou muita viveza e talento.

Seu pae José Antunes de Menezes empenhou-se em applical-o ás bellas-artes, fazendo-o seguir o curso da respectiva academia do Rio de Janeiro; elle porém protestou, e tanto pedio, que venceu a vontade paterna.

Estudou humanidades com distincção; matriculou-se na academia medico-cyrurgica da cidade do Rio de Janeiro e em 1834 terminou seus estudos, tomando á 16 *de Dezembro* 1838 o gráo de doutor na escola de medicina em que

se tornára, pela grande reforma que soffreu, aquella academia.

Sendo ainda estudante, Paula Menezes fôra em 1833 mandado em commissão pelo governo para a villa de Santo Antonio de Sá assolada por terriveis febres paludosas, e alli prestou bons serviços, combatendo a peste.

Depois de tomar o gráo de doutor entrou por duas vezes em concurso para conquistar cadeira de lente na Escola de que era filho: o seu empenho baldou-se; mas sem dezar para elle, e ao contrario com geral reconhecimento de sua intelligencia brilhante, embora não superior á dos competidores mais felizes.

Em 1844 foi nomeado pelo governo imperial professor de rhetorica do municipio da Côrte e em 1848 professor da mesma cadeira do Imperial Collegio de Pedro II, onde tambem durante alguns mezes leccionou philosophia.

No Instituto Historico e Geographyco Brazileiro exerceu por alguns annos o cargo de segundo secretario; na Academia Imperial de Medicina foi por algum tempo redactor dos respectivos Annaes. Concorreu como activo collaborador para diversas gazetas litterarias, e publicou a *Revista Litteraria* que pouca duração teve, da qual porém foi o principal e quasi unico escriptor.

Não houve em seu tempo sociedade de lettras, em que elle não figurasse distinctamente.

Falleceu em 1857 aos quarenta e seis annos de idade, e lamentando a morte precoce, que presentio dias antes de cerrar os olhos.

Ficarão de Paula Menezes numerosos discursos impressos, e diversos manuscriptos; entre elles uma tragedia em verso endecasillabo intitulada *Lucia de Miranda*, um dra-

ma, e uma comedia *A Noute de S. João na Roça*, que se ignora onde parão.

Sobresahião os *Quadros da Litteratura Brazileira* tambem manuscriptos, e á que faltava a ultima parte.

Pobre e atarefado com o magisterio e com a sna clinica medica o Dr. Francisco de Paula Menezes não poude chegar á mostrar-se em seus escriptos litterato profundamente illustrado; resplendeu porém por talento admiravel que na phraze do eloquentissimo Sr. conselheiro doutor Felix Martins, *perilampadejava* frequente em sua eloquencia.

O Dr. Paula Menezes tinha em alto grão o dom da palavra, imaginação viva, e grande felicidade no impeto de improvisos.

17 DE DEZEMBRO

ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES LEME

Na freguezia de Nossa Senhora do Rozario, comarca de Marianna, em Minas-Geraes, nasceu Antonio Pires da Silva Pontes Leme, filho de José da Silva Pontes, em meado do ultimo seculo.

De sua infancia, do lugar onde começou á estudar, do anno em que deixou o Brazil não se sabe : elle se encontra porém na universidade de Coimbra, desde a sua matricula no primeiro anno do curso de mathematicas em 1772 até o seu doutoramento á 24 de Dezembro de 1777 condiscipulo do paulista Dr. Lacerda, e como elle doutorado no mesmo dia.

D'ahi até 1790 seguem ambos a mesma fortuna : é nomeado como o Dr. Lacerda astronomo da terceira partida de demarcadores de limites do Brazil. Parte de Lisboa á 8 de Ja-

neiro de 1780: chega ao Pará a 26 de Fevereiro, e á Barcellos no Rio Negro á 17 de Outubro. Com o engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra explora o Rio Branco e suas cabeceiras, tarefa que o occupa durante quatro mezes.

A 1 de Setembro de 1781 embarca em Barcellos e só no fim de seis mezes de viagem perigosa e afflictiva, vae chegar á capital de Matto-Grosso.

Com o engenheiro Serra explora todo o terreno até as cabeceiras do Paraguay e em seguida as campinas de Cazalvasco até as nascentes do Barbados e mais.

Depois com o Dr. Lacerda e outros companheiros sob a direcção do engenheiro Serra explora o Paraguay até a bahia Negra. Volta e chega á Cuyabá, donde sahe á estudar o Rio Verde e o Capivary, affluentes occidentaes do Guaporé, indo mais tarde até as cabeceiras do Sararé, Juruena, Guaporé e Jaurú.

O seu *Diario* foi impresso conjunctamente com o do Dr. Lacerda em S. Paulo em 1841.

Recolhido á Portugal entregou-se com ardor á confecção de uma *Carta Geographica do Brazil* em ponto grande e de projecção espherica.

De então em diante sua fortuna emfim differente e mais aditada se torna do que a do compatriota e quasi irmão Dr. Lacerda.

Nomeado lente da academia de marinha de Lisboa, socio da academia real de sciencias, recebeu o posto de capitão de fragata, e o habito da Ordem de Aviz, e em 1798 publicou a sua traducção da obra de Jorge Atwood ácerca da *Construcção e Analyse das proposições geometricas e*

experiencias praticas que servem de fundamento á architectura naval.

Por influencia de D. Rodrigo de Souza Coutinho, depois conde de Linhares, que subira ao ministerio, foi nomeado governador da capitania do Espirito-Santo no Brazil em 1798; sómente porém á 29 de Março de 1800 toma posse desse cargo, no desempenho do qual prestou bons serviços, e entre estes é para lembrar o zelo, com que cuidou da civilisação dos indios do Rio Doce, creando alli o prezidio, que denominou *Linhares* sem duvida em honra da familia do ministro seu protector, o assignalado amigo dos brazileiros.

A' 17 *de Dezembro de* 1804 o Dr. Antonio Pires da Silva Pontes Leme entregou o governo da capitania do Espirito-Santo ao seu successor, e esta foi a ultima data conhecida da sua vida.

O Dr. Antonio Pires morreu no Brazil antes do anno de 1807, segundo se lê na sua biographia escripta pelo Sr. visconde de Porto Seguro, e publicada, como a do Dr. Lacerda, na Revista do Instituto Historico Brazileiro, Tomo XXXVI, biographia de que se extrahio este artigo.

18 DE DEZEMBRO

FRANCISCO MANOEL DA SILVA

No primeiro quartel do seculo decimo nono a arte da musica florescia, exaltava-se no Brazil em culto brilhante e consciencioso animado pelo principe-regente depois rei D. João VI que a applaudia e premiava nos cantos e harmonias em adoração á Deus.

Então Minas-Geraes rica de habeis musicos cantores e instrumentistas tomára a denominação de *Italia do Brazil*, e no Rio de Janeiro o padre José Mauricio Nunes Garcia rutilava com todo o explendor de verdadeiro genio musical.

A' 21 de Fevereiro de 1795 nascêra na cidade do Rio de Janeiro, Francisco Manoel da Silva filho de Joaquim Marianno da Silva e D. Joaquina Roza da Silva, e logo desde os verdes annos pronunciado com decidida vocação pela arte divina

foi confiado ás lições do grande mestre o padre José Mauricio.

Amamentado pelo classico admirador de Haydn, Francisco Manoel já era esperançosa revelação, quando mais tarde ouviu e aproveitou os preceitos de Neukonm, o celebre autor do concerto executado por tres mil artistas na inauguração da estatua de Guthemberg.

Neuckonm repetira as lições do padre José Mauricio na comprehenção e no grondioso objecto e fim da arte musical.

Ainda muito joven Francisco Manoel compoz um *Te-Deum* que electrisou o principe real D. Pedro, de quem o inspirado artista recebeu a promessa de mandal-o á Italia para aperfeiçoar seus estudos musicaes.

Marcos Portugal, notavel compositor de musica, portuguez, rival provadamente vencido pelo padre José Mauricio e mestre da orchestra da real camara, á que pertencia Franciseo Manoel, creou difficuldades á este joven musico brazileiro, e para tomar-lhe o tempo de compôr, fêl-o passar de violoncellista que era, para o estudo de violinista.

Francisco Manoel obedeceu, esperou, não teve protecções, vio retirar-se do Brazil D. João VI, começar o periodo revolucionario, decahir no primeiro imperio a arte da musica abdicar D. Pedro I, e de desillusão em desillusão, trabalhou, estudou, chorou sobre a sepultura do padre José Mauricio, *fez por si*, elevou-se na arte e de 1833 até o dia de sua morte tornou-se afadigoso e nobre herdeiro das glorias do passado, e o primeiro representante da arte da musica no Brazil, e o venerando protector de seus irmãos artistas.

Em 1833 fundou a Sociedade de Beneficencia Musical.

Em 1838 publicou dedicado ao Imperador um compendio de musica para o Imperial Collegio de D. Pedro II.

Compositor de musica da imperial camara em 1841, autor do hymno nacional do Brazil, em 1842 sucessor de Marcos Portugal no lugar de mestre da Capella Imperial, verdadeiro e principal fundador do Conservatorio de Musica do Brazil, Francisco Manoel da Silva foi ainda a alma da sociedade Philarmonica, que no Rio de Janeiro conservou como zelosa vestal o puro culto da arte da musica na capital do imperio.

Grande mestre, zeloso protector dos musicos, fundador da instituição benefica que os soccorre nas molestias e na miseria ; iniciador e chefe do Conservatorio de Musica Francisco Manoel da Silva foi grande musico, e tambem benemerito da patria.

Distinguiu-se como fertilissimo compositor. Nessa inexcedivel fertilidade, á que muitas vezes por extrema bondade, e condescendencia se sujeitava á empenhos de amigos, e de irmãos de arte, deixou elle composições, que não honorificão o seu genio.

O máo gosto popular, e a influencia do theatro italiano arrancárão de sua fecundissima inspiração protectora de interesse alheio ladainhas, e missas, que elle proprio desapprovava ; mas em compensação deixado livre, sem a oppressão de exigencias de artistas musicaes que lhe pedião pão á preço do máo gosto do publico que sem devoção queria Bellini e Donizetti na igreja, Francisco Manoel deixou *missas Te-Deum, Ladainhas,* musicas sacras emfim que Haydn e Mozart applaudirião com enthusiasmo.

Ninguem sabe o numero dos romances, cantos de caracter nacional chamados popularmente *modinhas,* que sahirão daquella alma e daquelle coração inspirados.

Reunidas as suas obras musicaes de todos os generos e

principalmente as sacras formarão muitos e grossos volumes.

E como e quando á não ter sido artista do genio, escreveria tanto Francisco Manoel?...

A capella imperial, o Conservatorio de Musica, a Sociedade de Benificencia Musical, a Philarmonica por alguns annos, o theatro italiano depois por algum tempo, as grandes festas e solemnidades, religiosas o atarefavão sem cessar: prestigioso e habillissimo mestre era exigido com empenho para ensinar canto e piano pelas principaes familias da capital: ser discipula de Francisco Manoel era titulo de ufania para as jovens senhoras.

Francisco Manoel tinha sempre tómadas todos as horas do dia, e boa parte das noutes: parecia pois que não lhe ficaria tempo algum para compôr; elle porém era prodigioso no improviso e em actividade. Compunha, chegando a casa, e emquanto esperava o jantar; compunha, aproveitando a hora por acaso sem trabalho; compunha em sociedade e no fervor de geral conversação, e compondo, escrevia com rapidez e segurança, que maravilhavão.

Além de todos estes grandes dotes Francisco Manoel da Silva era igualmente recommendavel por suas virtudes. Caridoso e benefico, excellente amigo, homem honrado, deixou o seu nome coberto de bençãos.

Francisco Manoel da Silva falleceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 18 de Dezembro de 1865.

Francisco Manoel da Silva foi agraciado por S. M. o Imperador com o habito da Imperial Ordem da Roza á 5 de Março de 1840 e elevado á official da mesma ordem á 9 de Abril de 1857.

19 DE DEZEMBRO

JANUARIO DA CUNHA BARBOZA

Filho legitimo de Leonardo José da Cunha Barboza, natural de Lisboa, e de D. Bernarda Maria de Jezus, natural do Rio de Janeiro, nasceu Januario da Cunha Barbosa nesta mesma cidade á 10 de Julho de 1780.

Perdendo aos nove annos de idade sua mãi e pouco depois seu pai, ficou á cargo de um tio paterno, á quem deveu sua educação. Em 1803 tomou ordens sacras : no anno seguinte fez duas viagens á Lisboa e de volta para o Rio de Janeiro em 1805, dedicou-se ao ministerio do pulpito.

Fundada em 1808 a capella real na cidade do Rio de Janeiro, mereceu o padre Januario a nomeação de pregador régio, e teve o habito da Ordem de Christo ; em Setembro desse mesmo anno foi admittido á substituto na cadeira de

philosophia racional e moral, passando a proprietario em 1814.

Em 1821 foi dos primeiros á pronunciar-se pela causa da independencia do Brazil e com Joaquim Gonçalves Ledo publicou *O Reverbero Constitucional Fluminense*, periodico semanal, cujo primeiro numero appareceu á 15 de Setembro desse anno em sustentação dos direitos e da regeneração da patria.

Em todo o anno de 1822 até Setembro o padre Januario prestou gloriosos serviços á revolução da independencia, e nesse mez seguio para Minas-Geraes afim de cooperar para a immediata acclamação do imperador D. Pedro I que poderia achar obstaculo no governador, que era o fidalgo portuguez D. Manoel da Camara o qual aliás nem se poude oppôr ao fervoroso enthusiasmo dos mineiros. Em Villa Rica, Marianna, Caethé, e Sabará o padre Januario influio benefico, promovendo harmonia e conciliação entre os brazileiros, e acalmando exaltadas paixões; mas ao regressar para o Rio de Janeiro, foi preso, recolhido á fortaleza de Santa Cruz á 7 de Dezembro, e á 19 *de Dezembro* deportado sem subsidio para manter-se em terra estrangeira !.. assim chegou ao Havre e depois á Paris em 1823.

O patriota fôra com outros brazileiros victima de suspeitas de sonhadas tramas demagogicas ; sua innocencia porém foi logo reconhecida no processo que se intentou, e em Setembro de 1823 apressou-se á voltar para o Brazil.

A 4 de Abril de 1824 foi despachado official da Imperial Ordem do Cruzeiro, e á 25 de Setembro seguinte conego da Capella Imperial.

Eleito deputado da assembléa geral legislativa para a

primeira legislatura pelas provincias de Minas-Geraes e do Rio de Janeiro optou por esta, que era a do seu berço.

Terminado o quatriennio legislativo o conego Januario foi incumbido da direcção do *Diario do Governo* e da typographia nacional: em Abril de 1831 a regencia provisoria dispensou-o dessa commissão; mas logo em Julho seguinte elle foi de novo chamado á desempenhal-a, e até 1837 trabalhou ardentemente na imprensa politica por parte do governo e por conta propria, e nesta ultima primando em periodicos e escriptos satyricos.

Como homem politico sua vida quasi que terminou em 1837: apenas em 1845 elle voltou á camara dos deputados eleito pela provincia do Rio de Janeiro; mas então de preferencia occupou-se da reforma da instrucção publica, quando nessa empenho veio apanha-lo a morte. Applaudido liberal em 1821 e em 1822; de 1828 em diante incorreu no desagrado e nas desconfianças dos liberaes, principalmente depois que se encarregou do *Diario do Governo*.

Em Julho de 1831 voltou ao serviço activo e dedicado do partido, que o tivera em suspeitas de deserção, e que honrando seu merecimento o elegeu deputado em 1845.

Nos dez annos ultimos e os mais trabalhosos de sua vida o conego Januario da Cunha Barboza foi luminoso pharol da civilisação do Brazil, e assombra a extensão de sua patriotica seára. Elle foi nomeado examinador synodal, chronista do imperio e em 1844 director da bibliotheca nacional e publica da Côrte, Secretario perpetuo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, fundou o *Auxiliador* periodico que deixou com quatro volumes; com o marechal Raymundo José da Cunha Mattos teve a gloria de propôr a fundação e de formular as bazes do Instituto Historico e

Geographico Brazileiro, do qual tambem secretario perpetuo recebeu o encargo da redacção e publicação da *Revista Trimensal*, que publicou até o septimo volume. Como secretario do Instituto e litterato estimado alimentou e manteve activa correspondencia com as principaes sociedades scientificas e litterarias da Europa e da America do Norte, com sabios estrangeiros, e com avultado nnmero de cultivadores da historia e geographia patria em quasi todas as provincias do Brazil. Ainda achava tempo e não sentia-se cansado para ir animar a mocidade estudiosa, tomando a prezidencia de suas modestas sociedades, e posto que avelhantado, remoçava no pulpito, donde rompia em torrentes sua eloquencia.

Elle foi socio do conservatorio dramatico do Brazil, membro correspondente de quatorse sociedades scientificas e litterarias estrangeiras, teve as commendas do Cruzeiro e de Christo, e a da Ordem Imperial da Roza, a da Conceição de Portugal e a de Francisco I de Napoles.

Como orador sagrado basta dizer que poude firmar brilhante reputação, quando fulgião no Rio de Janeiro o Caldas, S. Carlos, S. Paio e Rodovalho.

Como escriptor politico teve a gloria do *Reverbero* na independencia e depois multiplicou-se de 1829 á 1836 em periodicos, e publicações de todos os generos, em uns grave e profundo na polemica, em outros ardente e vigoroso em reacção de offendido, em outros emfim satyrico e até mordaz, exemplos : *A Mutuca Picante*, periodico, e os *Garimpeiros*, poemeto.

No magisterio que exerceu, ensinando philosophia durante vinte e sete annos foi sempre considerado illustradissimo abalisado e ameno professor,

Além de tudo isso o conego Januario foi tambem poeta de merecimento: além dos *Garimpeiros* poema publicado em 1837, publicára em 1822 o poemeto *Nictheroy, Metamorphose do Rio de Janeiro*, e grande numero de poesias principalmente satyricas sahirão de sua penna.

A Rusga da Praia-Grande, comedia em tres actos, composição do conego Januario publicada em 1834 é ainda uma satyra politica, que lhe custou violentissima resposta em comedia do mesmo genero.

Sermões, discursos, relatorios do Instituto, e outros escriptos elle deixou publicados muitos.

O conego Januario da Cunha Barboza falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 22 de Fevereiro de 1846.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro em sessão publica e solemne de 6 de Abril de 1848 no paço imperial, e honrada com a presença do Imperador e de sua Augusta Esposa effectuou a inauguração dos bustos do conego Januario da Cunha Barboza e do marechal Raymundo José da Cunha Mattos que ficárão ornando a sala das suas sessões.

20 DE DEZEMBRO

GREGORIO DE MATTOS GUERRA

Filho legitimo de Gregorio de Mattos e de D. Maria da Guerra, nasceu na Bahia á 20 de Dezembro de 1633 Gregorio de Mattos Guerra, á quem o poetico engenho, e o caracter original havião de tornar tão celebre como infeliz.

Nas aulas dos jezuitas recebeu Gregorio de Mattos em companhia de seus irmãos mais velhos Pedro, e Euzebio de Mattos solidas e proficuas bazes de educacão litteraria, e aos quatorze annos de idade foi mandado por seus paes para a universidade de Coimbra, onde tomou o gráu de bacharel em leis.

Logo na universidade distinguiu-se, como poeta ; sua muza porém só lhe inspirava versos facetos, composições satyricas e burlescas, com que ridiculisava homens, costumens ou factos, que em seu desagrado cahião.

O desembargador Belchior da Cunha Brochado escrevia, refferindo-se á Gregorio de Mattos, á um amigo de Lisbôa o seguinte:

« Anda aqui (em Coimbra) um brazileiro tão refinado na satyra, que, com suas imagens e seus tropos, parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo. »

Gregorio de Mattos despediu-se de Coimbra á maldizel-a em versos em que a malignidade se fazia perdoar pela graça e foi assentar banca de advogado em Lisbôa, servindo depois os lugares de juiz do crime de um bairro da cidade, e o de juiz de orphãos e ausentes de uma comarca e tão distinctamente, que suas sentenças forão citadas como modelos pelo celebre jurisconsulto Pegas.

O principe regente depois rei Pedro II, querendo proteger Gregorio de Mattos que o servira em sua empreza contra Affonso VI, assegurou-lhe nomeal-o para a Casa da Supplicação ; mas exigiu que elle fosse ao Rio de Janeiro abrir devassa sobre o governo de Salvador Corrêa de Sá e Benevides á quem não perdoava a sua exemplar fidelidade ao rei Affonso.

O poeta maligno, o satyrico mordaz tinha o mais generoso coração, e, sómente vercejando era capaz de malicias na verdade ás vezes crueis : não quiz aceitar a commissão, perdeu as boas graças de D. Pedro, e voltou para sua patria, chegando á Bahia em 1679.

Alli exerceu os empregos de thesoureiro-mór da Sé e vigario geral durante o arcebispado de Gaspar Barata de Mendonça que nunca veio para o Brazil; mas com a chegada e posse do arcebispo D. João da Madre de Deus exonerou-se daquelles lugares, e entregou-se ao exercicio da advocacia

Se até então Gregorio de Mattos nunca de todo esquecêra sua musa traquinas, desapiedada, e burlesca, d'ahi em diante livre de embaraços e de reservas que lhe impunhão os empregos que occupára, em sua independente vida de advogado, desenfreou o seu natural e terrivel engenho poetico, tornando-se tão celebre, como temido, e infelizmente criando numerosos inimigos.

Demandistas, procuradores, escrivães, juizes erão victimas de seus epigrammas; os governadores-geraes gemião mordidos por satyras, que fazião rir á todos: o genio de Gregorio de Mattos era inexgotavel, e em suas composições poeticas muitas vezes estravagantes, vulgares no estylo, e até com ouzadias obcenas as imagens rompião tão originaes, tão apropriadamente grotescas, que forçosamente se admiravão, embora se reprovassem por descomedidas.

Nem a propria esposa escapou aos assaltos da musa satyrica de Gregorio de Mattos!...

D. Maria dos Povos, linda viuva, que elle desposára em 1684, foi martyr das originalidades do caracter, e dos chistosos epigrammas do seu segundo marido, o implacavel e incorrigivel poeta ridiculisador e sarcastico.

Por ultimo o governador Antonio Luiz da Camara Gonçalves Coutinho, victima das satyras mais endemoninhamente engraçadas e burlescas, tão furioso e ameaçador se mostrou, e tão cercado e perseguido de inimigos o poeta se vio, que força foi á este ausentar-se da cidade de S. Salvador, acolhendo-se á uma villa do reconcavo.

Gregorio de Mattos porém não podia dominar seu genio: voltando a cidade da Bahia, logo que em 1694 D. João

de Alencastre tomou posse do governo do Brazil, ainda e já aos sessenta e um annos de edade tão desastradamente fez *bailar Momo ás cançonetas de Apollo*, que o mesmo D. João de Alencastre mandou-o prender, e seguir desterrado para Angola.

O exilio e a miseria, a velhice e as privações abaterão o poeta satyrico: no fim de alguns mezes o governador de Angola, Pedro Jacques de Magalhães condoeu-se do misero velho, e deixou-o voltar para o Brazil em navio, que seguia com destino á Pernambuco.

Gregorio de Mattos chegou á Pernambuco, e doente, e em triste abatimento de espirito, sem recursos, sem forças para trabalhar, teve de *pedir esmolas para comprar o pão*.

Caetano de Mello e Castro então governador da capitania de Pernambuco, que conhecêra rico e muito considerado Gregorio de Mattos Guerra em Lisbôa, commovido e generoso deu-lhe uma pensão pecuniaria, e hospitaleiro abrigo em uma casa de caridade.

Ali o poeta zombeteiro, sarcastico, maligno, que das cordas de sua lyra nunca tirára uma harmonia sagrada, nem um accorde suave e de amôr do proximo, voltou-se para Deus, e em face da morte elevou-se, entoando inspirado o hymno da virtude, e da religião, o vôo da alma, que purificada pelo arrependimento, abrio as azas para subir ao céo.

Gregorio de Mattos Guerra morreu em Pernambuco no anno de 1696, aos setenta e tres annos de edade, e foi sepultado no hospicio de Nossa Senhora da Penha dos capuchinhos.

21 DE DEZEMBRO

LUIZ BOTELHO DO ROZARIO

Natural de Pernambuco, onde nasceu em 1695 Luiz Botelho do Rozario, alli fez os seus primeiros estudos e entrando para a ordem carmelitana, seguiu depois para Portugal e doutorou-se em theologia na universidade de Coimbrá.

Gosou reputação de grande pregador, e muita consideração entre os carmelitas : foi socio do capitulo geral da sua ordem celebrado em Ferrara em 1726, primeiro definidor residente dos estudos, presidente do capitulo da ordem do Carmo, chronista especial della, e qualificador do Sancto Officio.

Foi homem sabio, varão de grandes virtudes, orador sagrado famoso.

Seu nome em falta de datas relativas á sua vida, trabalhos, e fallecimento que todos se ignorão, fica registrado neste artigo do dia 21 de Dezembro

22 DE DEZEMBRO

JACINTHA DE S. JOSÉ

No dia em que a igreja celebra a festa de Santa Thereza de Jezus, a reformadora da ordem carmelitana, á 15 de Outubro de 1716 nasceu na cidade do Rio de Janeiro Jacintha, filha legitima do portuguez José Rodrigues Ayres e da fluminense Maria de Lemos Pereira.

Erão seus pais muito religiosos, e venerados pela sua caridade e no amôr de Deus e do proximo criarão seus filhos Sebastião e Antonio, Jacintha e Francisca ; mas dos quatro distinguiu sobre todos Jacintha por amavel presença, bondade de coração, doçura de genio, notavel discripção, e humildade desde os annos da segunda infancia :

Na idade dos risos, da innocencia angelica, e dos folguedos de menina ella só achava prazer e enlevo na oração e muito cedo mostrou a mais fervorosa vocação

para a vida religiosa e abandono do mundo: coincidião com esses sentimentos extasis prolongados, em que ella via e adorava o *Menino Jezus*, e muitas vezes *Santa Thereza*.

De saude muito fraca, soffreu graves enfermidades desde os onze annos, experimentou grandes tormentos, de que a consolavão os extasis e as orações.

Em seus *Annaes* do Rio de Janeiro Balthazar da Silva Lisboa longamente reffere a perseguição dos máos espiritos que atribulavão Jacintha, e a intervenção de Santa Thereza e a protecção divina que a salvou.

Rodrigues Ayres que oppunha-se á vocação da filha, falleceu, e mais tarde Maria Lemos, sua mãi, passou á segundas nupcias, facto este que favoreceu o seu empenho religioso.

Jacintha já tinha em sua irmã Francisca fervorosa companheira de devoção e de austeras penitencias. Além de constantes orações e de exercicios de piedade em casa, costumavão ellas frequentar assiduas a capella de Nossa Senhora do Desterro que havia na subida do monte depois chamado de Santa Thereza; e para lá chegar passavão por uma parte do *caminho de Mata-cavallos* (depois rua do mesmo nome e hoje de *Riachuelo*), e vendo alli, e por vezes observando a chacara denominada da *Bica* tão proxima da capella, e na raiz do monte, um dia forão examinal-a impellidas por desejos de possuil-a.

Havia pequena casa arruinada e em parte já cahida, e a chacara sem cultura estava como abandonada. Jacintha achando junto de uma fonte um pé de mangericão, tirou delle alguns raminhos e os plantou em torno da fonte.

D'ahi á dias Manoel Pereira Ramos tio e admirador de Jacintha comprou para ella a chacara da *Bica* em Março

de 1742, e á 27 do mesmo mez pela madrugada as duas irmãs Jacintha e Francisca, recebida a benção de sua mãi e de seu padrasto, e levando comsigo a imagem do *Menino Jezus*, recolherão-se á casinha arruinada da chacara da *Bica*, e retirarão-se para sempre do mundo.

Jacintha mais velha que Francisca, tinha então vinte e seis annos e cinco mezes de edade : as duas jovens donzellas entregarão-se a protecção de *Jezus*, *Maria e José*, e deixando seus appellidos de familia, uma chamou-se Jacintha de S. José, a outra Francisca de Jesus e Maria. Apenas chegadas ao seu retiro, tiverão por primeiro cuidado improvisar embora muito rude, um altar para a imagem do *Menino Deos*. Venderão as joias que possuião, e empregárão o dinheiro em immediata e rapida construcção de uma capella, indo as duas irmãs nas tardes frescas e nas noutes de luar em companhia do padre José Gonçalves, filho de seu padrasto, carregar pedra para as obras, que ainda mais se accelerárão com expontanea mezada, que deu o governador Gomes Freire de Andrade commovido e transportado em face de tanta piedade, abnegação e virtude.

Tal foi a origem da *Capella do Menino Deos* que restaurada ainda se conserva, e deve zelosamente ser conservada na cidade do Rio de Janeiro.

As duas primeiras flôres do Carmello brazileiro perfumárão a cidade de S. Sebastião com a sua pureza, com os seus exercicios religiosos e grandes virtudes, repetindo-se os extasis, e as visões celestes da madre Jacintha.

A 15 de Março de 1748 reoniu-se ás duas irmãs Roza de Jesus e Maria, e em seguida outras donzellas.

Francisca de Jesus e Maria morreu radiante de fé á 13 de Julho de 1748, e foi amortalhada por sua irmã.

Jacintha fazia observar no seu santo retiro já numerosamente acompanhada as regras austeras da ordem reformada por S. Thereza, e pensava em fundar o berço, e convento da religião da mesma Santa.

Gomes Freire, o conde de Bobadella tomou á peito favorecer aquelle voto: o bispo o apoiou em conferencia que com elle teve, e logo permittio que as recolhidas se vestissem com o habito de escaminha parda e capa de baeta branca, observando as instituições de S. Thereza; ficando ellas consideradas desde então carmelitas desçalças.

As obras do convento começarão á 24 de Junho de 1750, e adiantarão-se animadas.

Mas o bispo bem pensadamente preferia as regras mais suaves de Santa Clara contra o voto de Jacintha, e chegou nesse sentido o breve do Santo Padre de 5 de Janeiro de 1750.

Jacintha de S. José toda dedicada ás reformas austeras de S. Thereza partio para Lisboa á 4 de de Novembro de 1753 em companhia de seu irmão, o padre Sebastião Rodrigues Ayres.

Em Lisboa a protecção do rei coroou seus votos, alcançandolhe a bulla de 22 *de Dezembro de* 1755 do Papa Benedicto XIV que approvou a requerida regra de Santa Thereza.

Em Lisboa a madre Jacintha foi dolorosa testemunha do grande e terrivel terremoto.

Prompta a voltar para o Brazil a madre Jacintha foi despedir-se de D. José I, e o rei disse-lhe commovido:

— Vá madre Jacintha, vá aliviar as saudades de suas filhas, e nos encommende á Deos.

Chegada ao Brazil a madre Jacinta foi pouco depois fe-

rida por terrivel golpe: o conde de Bobadella, seu protector, morreu a 1 de Janeiro de 1763.

Antes de expirar murmurára:

— A casa de Bobadella fica feita; mas as minhas filhas ficão ainda sem casa.

A casa de Bobadella que ficava feita, foi a sepultura em que se depositou seu cadaver no cruzeiro do lado do Evangelho da igreja de S. Thereza já acabada.

Faltava a inauguração do convento, a profissão das freiras, e a approvação do patrimonio....

E a fundadora não vio esse complemento da fundação.

Depois de tanto conseguir; mas antes de professar a madre Jacintha morreu á 2 de Outubro de 1768.

Morreu resignada, serenamente angelica, agonisando como á sorrir, e como em ultimo extasis.

A inauguração da clausura canonica, e a profissão das virgens do Carmello brazileiro só se realisárão á 23 de Janeiro de 1730.

Mas a fundadora da ordem no Brazil foi a madre Jacintha de S. José.

23 DE DEZEMBRO

D. MANOEL DO MONTE RODRIGUES DE ARAUJO

BISPO CONDE DE IRAJA'

Homem de sciencia e de illustração profunda e de virtudes preclarissimas, Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, filho legitimo de João Rodrigues de Araujo e de D. Catharina Ferreira de Araujo nasceu em Pernamcuco á 17 de Março de 1798.

Logo que fez no Recife os seus primeiros estudos, foi confiado por seus paes que o destinárão para o sacerdocio, aos padres da Congregação do Oratorio : com estes estudou philosophia racional e moral, e com os religiosos Carmelitas as mathematicas.

Tendo rebentado no Recife a revolução republicana de

1817, Manuel do Monte retirou-se para visinha cidade de Olinda, e seguio o curso do Seminario episcopal com tanto louvor de seus mestres, que apenas concluio o ultimo anno de theologia, foi encarregado de reger a cadeira de theologia moral; durante a auzencia do lente proprietario.

Achando-se vaga a dyocese de Pernambuco, Manuel do Monte veio ao Rio de Janeiro para tomar ordens de presbytero, e recebeu a uncção sacerdotal do bispo D. José Caetano da Silva Coutinho á 17 de Fevereiro de 1822.

De volta a Pernambuco entrou em concurso á cadeira de theologia moral, e obteve-a em attenção ás provas brilhantes que exhibio e á seu já reconhecido merecimento.

Tendo-se creado os dous cursos juridicos de S. Paulo e de Olinda, apenas este abrio matriculas em 1828 o padre Monte já desde alguns annos lente de theologia, e rico de saber, correu á matricular-se no primeiro anno, e seguio os estudos academicos, como aguia que eleva em novos horisontes seus possantes vôos.

A provincia de Pernambuco o elegeu deputado da assembléa geral na quarta legislatura : obedecendo ao mandato dos seus comprovincianos o illustrado padre Monte seguio para o Rio de Janeiro. Na camara bem que inclinado para as idéas liberaes, mostrou-se governamental, e isento de ligações de partidos ; embora não figurasse como orador parlamentar, e fosse de extrema modestia, á ninguem escapou a grandeza do seu saber, e o perfume de suas virtudes, de modo que por Decreto de 23 de Fevereiro de 1839 foi escolhido pelo regente em nome do Imperador para bispo do Rio de Janeiro, sendo esta eleição confirmada pelo Santo Padre Gregorio XVI por Bulla de 23 *de Dezembro* do mesmo anno.

A provincia do Rio de Janeiro reelegeu deputado da assembléa geral o seu venerando bispo: D. Manuel do Monte porém era avesso ás lides politicas, e não tornou á ser comtemplado em alguma outra eleição; porque esquivou-se de todo á tarefa muito bonrosa e patriotica sem duvida; mas inteiramente alheia ás suas inclinações, e desviadoras da sua alta missão episcopal de principe da igreja.

Exclusivamente dedicado ao governo espiritual da sua dyocese o venerando bispo D. Manuel do Monte não foi sempre feliz nesse grandioso; mas arduo ministerio.

A's vezes um só defeito compromette, e apouca o poder das mais preciosas qualidades. *O unico defeito* de D. Manuel do Monte foi a sublime exageração da sua bondade, e da sua admiravel humildade.

Sabio, caridoso até o extremo, tão modesto que vivia á arreceiar-se da sua supposta ignorancia; humilde, timido, bom, como um anjo, com a innocencia de uma virgem á acreditar nas informações de qualquer padre, que o quizesse enganar, exemplo de todas as virtudes e á julgar os homens sempre com indulgencia, e com credulidade, como que infantil, na pureza das intenções de quem o procurava, homem santo, o bispo D. Manoel do Monte comprommettia todas as suas singulares e veneraveis qualidades pela falta de energia e de acção severa e forte.

Elle foi a victima dos máos padres e de alguns dos empregados da administração da sua dyocese.

Quando algum amigo, e algum padre digno de seu alto ministerio francamente lhe dizião que elle se deixava cahir em ardis de hypocrisia ou por exagerada credulidade em perfidos manejos, o santo bispo respondia, *ás vezes chorando*:

— Como heide eu pensar que alguem toma o trabalho de

subir a ladeira da Conceição só com o empenho abominavel de me enganar !....

Outras vezes dizia:

— Não é presumivel tanta maldade !... mas eu prefiro ser enganado á expôr-me á julgar injustamente mal daquelles que procurão o seu bispo.

A sua virtude, a sua moral transluz em breves palavras por elle proferidas um dia.

Subindo a ladeira do morro da Conceição para recolher-se ao seu palacio, D. Manoel do Monte vio de longe dezenas de pobres mendigos sentados nos degráos, e enchendo a entrada principal do edificio: sorrio-se docemente, e disse aos padres que o acompanhavão, apontando para a multidão dos pobres:

— Eis alli a guarda de honra do bispo.

E o bispo D. Manoel do Monte, que viveu sempre com o mais modesto tratamento, sem luxo algum, e sempre restricto á meza tão limitada, que era quasi mesquinha para si, tinha as mãos cheias do pão da caridade, e de ouro para socorrer familias desafortunadas, e á sua *guarda de honra*.

Quaesquer que fossem suas fraquezas, sua inconveniente indulgencia, seus erros de bondade angelica no governo do bispado do Rio de Janeiro, fôra indesculpavel ingratidão, chegaria a ser revoltante, criminosa injustiça não render cultos de admiração á memoria desse bispo, Manoel do Monte, á quem poucos igualarão, e nenhum o excedeu em sabedoria, e em virtudes sem jaça.

Se não foi bispo, foi padre modelo : no seu unico defeito como bispo, exaltou-se, apurou-se sua virtude como padre, e como homem.

Mas o sabio não levou egoista, ou indolente sua sabedoria para a sepultura.

O sabio escreveu, e suas obras perpetuão seu nome, á cuja gloria bastava aliás a sanctidade de sua vida na terra.

O bispo D. Manuel do Monte deixou á sua patria, e as sciencias ecclesiasticas obras que os theologos mais eminentes louvão, citão, e applaudem.

O venerando bispo, conde de Irajá falleceu á 12 de Junho de 1863.

24 DE DEZEMBRO

FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA

Em meados do seculo XVIII nasceu na cidade de S. Paulo Francisco José de Lacerda e Almeida, filho de José Antonio de Lacerda.

Ignora-se, onde começou á estudar, e quando se passou do Brazil para Portugal. O Sr. visconde de Porto Seguro, que escreveu a biographia deste distincto paulista, da qual é extrahido este artigo, informa que elle se matriculou no primeiro anno mathematico da universidade de Coimbra em 1772, e que tomou o gráo de doutor á 24 *de Dezembro* de 1777, dia em que fica inscripto o seu nome.

Tomára o capello conjunctamente com elle outro brazileiro, Antonio Pires da Silva Pontes, natural de Minas-Geraes.

Sahião ambos da universidade com reputação esclarecida, e tendo o governo de occupar-se da demarcação dos limites do Brazil conforme o tratado de S. Ildeffonso de 1 de Outubro desse mesmo anno de 1777, forão elles nomeados astronomos da terceira partida de demarcadores, que devia tomar á si, sob a direcção do governador de Matto-Grosso, toda a parte da fronteira desde o Jaurú até o Japurá.

Com o Dr. Antonio Pires e outros individuos nomeados para a terceira e quarta partida, partio o Dr. Lacerda de Lisboa no dia 8 de Janeiro de 1780, chegando ao Pará á 25 de Fevereiro.

No dia 2 de Agosto seguirão para Barcellos, então capital da recentemente creada capitania do Rio Negro, e em quanto esparavão os meios de transporte para seu destino, os dous mathematicos brazileiros passárão á demarcar muitas paragens visinhas.

Neste artigo só se tratará do Dr. Lacerda. Este com um dos engenheiros incumbio-se do Rio Negro até ácima de Marabitanas.

De volta á Barcellos em fins de Janeiro de 1781 sómente á 1 de Setembro se lhe proporcionarão os transportes que tanto se demorarão.

Pelas aguas do Amazonas e do Madeira fizerão longa, penosa e arriscada viagem, que o Dr. Lacerda descreve no seu *Diario* que foi publicado em S. Paulo em 1841. O gentio *Mura* os atacou, e o Dr. Lacerda esteve á ponto de ser morto; pois que uma flexa lhe passou junto do pescoço.

Os espedicionarios chegárão á capital de Matto-Grosso á 28 de Fevereiro de 1782 com seis mezes de viagem!...

O Dr. Lacerda foi encarregado de explorar o baixo Guaporé e os rios que nelle desaguão pela margem esquerda.

Em 1786 com o Dr. Antonio Pires e dous engenheiros passou elle á explorar o rio Paraguay e todas as vertentes e lagôas que nesse rio desembocão pela parte occidental até a bahia Negra, chegando á Albuquerque á 19 de Julho e voltando pelos rios S. Lourenço e Cuyabá até á villa deste nome.

O Dr. Lacerda seguio por terra dessa villa para a capital de Matto-Grosso, e d'ahi voltando á Cuyabá em 1788, reconheceu os rios Taquari, Coxim, Camapuam, Sangue-xuga, Pardo, Paraná, Tieté e chegou á S. Paulo á 10 de Janeiro de 1789.

Foi mandado recolher á Portugal. Chegou á Lisboa á 21 de Setembro de 1790. Apresentou á Academia das Sciencias, que o admittio por socio, o *Diario* da sua ultima viagem de Villa Bella até Santos com um mappa de parte do curso do Paraguay, e algum tempo depois outro mappa, o do Guaporé desde a Villa Bella até a sua confluencia no Mamoré, acompanhado de pequena memoria ácerca das missões castelhanas nos affluentes do Guaporé que elle visitára.

Desejoso de prestar ainda mais serviços o Dr. Lacerda, passados alguns annos, propôz-se á desempenhar alguma commissão em ultramar: tinha então entrado para o ministerio D. Rodrigo de Souza Coutinho, ulteriormente conde de Linhares que aproveitando a grande capacidade e experiencia do mathematico brazileiro, o incumbio de realizar por terra a jornada entre Maçambique e Angola, e para dar-lhe mais autoridade, e todos os recursos da colonia

donde devia começar a viagem, o nomeou governador subalterno dos rios de Sena.

O Dr. Lacerdá partio immediatamente de Portugal. Em Têle preparou a expedição, e logo pôz-se á caminho ; chegando porém ás terras do Cazembe, adoeceu gravemente, e no fim de poucos dias morreu.

Antes de expirar entregou todos os trabalhos feitos ao seu immediato.

A expedição, perdida a sua alma, regressou á Têle.

Dos manuscriptos e trabalhos do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida relativos á essa empreza, que elle tanto adiantára ha alguns traslados no archivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

25 DE DEZEMBRO

MARTIN AFFONSO DE MELLO TEBYREÇÁ

Em 1532 Martin Affonso de Souza, famoso capitão portuguez, que commandando notavel expedição, viera fundar as primeiras colonias regulares no Brazil, desembarcou em S. Vicente, e sem duvida teria de disputar ao gentio o dominio da terra, onde assentou o primeiro povoado colonial se não viesse auxilial-o ou o desterrado de 1502, ou o naufrago de 1512, João Ramalho emfim.

João Ramalho, portuguez desterrado ou naufrago fraternisára com o gentio, ou antes tivera a fortuna de conseguir que o gentio o adoptasse, e merecêra a preferencia e o amôr de uma filha do prestigioso morubixaba Tebyreçá: teve della, e talvez de outras indias alguns filhos, e foi por isso o mais antigo tronco da primeira familia dessa raça cruzada, indomita, terrivel, e heroica dos mamelucos de S. Paulo.

Ainda assim João Ramalho Tebyreçá poderia pouco, se o não fizesse poder muito o morubixaba, pae de sua consorte.

Por João Ramalho, Tebyreçá recebeu, auxiliou os portuguezes, e foi bom amigo de Martin Affonso de Souza; cujos dous primeiros nomes tomou, quando annos mais tarde os jezuitas o baptisarão.

O mais valente e respeitado cheie dos *guayanazes*, ramo da tribu dos tamoyos, Tebyreçá foi em S. Paulo o mais forte elemento auxiliar da conquista dos portuguezes.

Seu peito e seu prestigio entre os selvagens forão mais de uma vez muralhas de ferro, que seus irmãos das florestas não puderão derribar em seus impetos guerreiros contra os conquistadores civilisados.

Em 1553 os jezuitas passarão de S. Vicente para além da Serra do Mar e forão fundar o Collegio de S. Paulo, berço da villa e depois cidade do mesmo nome. Tebyreçá, que então provavelmente tomou com o baptismo o nome de Martin Affonso de Mello ligou se á elles e logo ainda mais amigo daquelles padres, do que do proprio João Ramalho, em 1554 foi principalmente o seu braço de bravo e forte guerreiro, e o seu poder sobre os indios de sua cabilda, que salvarão os jezuitas e o seu collegio de ataque tremendo que contra elles dirigirão muitos colonos portuguezes e mamelucos.

Ultimo e supremo serviço, que veio á custar-lhe a vida, prestou o já velho, mas herculeo indio Martin Affonso de Mello, o Tebyreçá em 1562.

Os tamoyos que erão senhores de todo o paiz desde um pouco além de Cabo-Frio até S. Vicente, formarão poderosa conjuração de muitos chefes e cabildas contra os portuguezes

cujo poder no sul do Brazil achou-se consequentemente no maior perigo. Levando a destruição á muitos estabelecimentos ruraes, vencedores em mais de um ponto, animados pelas victorias e pelo numero avultado dos combatentes, avançarão ameaçadoramente sobre S. Paulo.

Tebyreçá, velho ; mais ainda herculeo, adevinhára, e pronnunciára o projecto dos tamoyos confederados. O ataque de S. Paulo effectuou-se : foi horrivel e sanguinolenta a peleja, os tamoyos forão rechaçados, um dos seus chefes principaes morreu em combate ás mãos do bravo chefe guayanaz, á quem de accordo todos conferirão as honras da victoria.

Era muito : Tebyreçá combatêra contra seu proprio irmão o morubixaba Araray, matára na peleja seu sobrinho, o indio Jaguanharo, symbolo de força e de audacia, vencêra, rechaçára os seus irmãos inimigos ; mas logo apoz a victoria brilhantissima, e quando os atacantes fugião derrotados, o vencedor, o collosso cahiu.

Tebyreçá estava crivado de feridas,

A peleja horrivel travára-se á 10 de Julho de 1862 : o heróe desse dia padeceu quasi cinco mezes, e acabou, morrendo em consequencia dos seus graves ferimentos á 25 *de Dezembro* do mesmo anno.

Do heróe portuguez Martin Affonso de Souza dous indios do Brazil tomarão no baptismo os nomes.

Um foi *Martin Affonso de Mello*, o Tabyreçá.

Outro foi *Martin Affonso de Souza*, o Ararigboya,

E ambos esses indios forão tambem heróes.

26 DE DEZEMBRO

ANTONIO PEDRO DA COSTA FERREIRA

BARÃO DE PINDARÉ

Filho legitimo do tenente-coronel José Ascenso da Costa Ferreira e de D. Maria Thereza Ribeiro da Costa Ferreira, nasceu Antonio Pedro na cidade, então ainda villa de Alcantara, na provincia do Maranhão á 26 *de Dezembro* de 1778.

Aos quatorse annos de idade foi mandado por seus paes para Portugal, onde estudou preparatorios no seminario de Coimbra, e depois matriculado na universidade, graduou-se em canones em 2 de Junho de 1803, tendo seguido vantajosamente o curso dessa sciencia.

De volta á sua provincia entregou-se á industria agricola, como a que mais se coadunava com o seu caracter independente; mas em 1808 o governador Francisco de Mello Manoel da Camara o nomeou fiscal da junta da villa de

Alcantara, elle passou depois á exercer alli em 1823 o cargo de superintendente.

Desde 1822 Antonio Pedro da Costa Ferreira abraçou com enthusiasmo a causa da independencia do Brazil fortemente disputada no Maranhão pelas tropas portuguezas de guarnição e por bom numero de habitantes portuguezes: sem arreceiar-se de comprometlimentos e de perseguições foi audaz propagandista, e preparado já tinha o districto de Alcantara para o patriotico movimento, quando á 28 de Julho de 1823 o pendão auri-verde trazido por lord Cochrane á bahia de S. Marcos precepitou o desfecho infallivel, fazendo proclamar na capital da provincia e logo em toda esta a independencia, e o imperador D. Pedro I.

Em 1825 Antonio Pedro da Costa Ferreira servio o cargo de secretario do governo provincial do Maranhão.

Em 1826 foi eleito membro do conselho geral de sua provincia e nessa modesta assembléa prestou relevantes serviços, propondo a edificação de hospitaes, os reparos e augmento do hospicio do Bomfim destinado aos morpheticos e a criação de escolas primarias e de uma bibliotheca publica, á qual doou trezentos e quinze volumes.

Deputado da assembléa geral pela sua provincia na segunda legislatura, levou para a camara as idéas liberaes que professára sempre, e distinguio-se na tribuna com a franqueza de sua palavra, com a vivacidade de seu espirito, illustrado, e com um tom de originalidade natural, que o caracterisou como orador e lhe deu celebridade.

Depois de 7 de Abril de 1831 ligou-se estreitamente ao partido liberal moderado e foi companheiro fiel de Evaristo Vergueiro, Paula e Souza, Feijó e Costa Carvalho (depois

marquez de Mont'Alegre) além de Odorico Mendes, seu amigo e comprovinciano.

A 3 de Outubro de 1831 o governo da regeneia, vencendo já teimosa resistencia, o nomeou presidente da provincia do Maranhão, e administrando-a, organisou com acerto e grande intelligencia alguns dos principaes serviços: criou a thesouraria provincial e deu-lhe regulamento, fazendo augmentar as rendas, e preceituando a respectiva escripturação: criou a policia rural nos differentes districtos fóra da capital com o maior proveito da segurança individual e de propriedade; organisou o corpo de policia, e a secretaria do governo; honrou os fastos provinciaes, declarando dia de gala no Maranhão a 28 de Julho em lembrança do triumpho de 1823.

Lavrando no Pará revolta violenta, foi incansavel em auxiliar a authoridade legal daquella provincia, mandando soldados e viveres e com tanta solicitude que mereceu elogios e agradecimentos do goveono geral, e do da provincia em convulsão medonha.

Como Odorico Mendes, provára Costa Ferreira, não reeleito deputado para a terceira legislatura, a ingratidão dos maranhenses; estes porém ao menos em relação á elle souberão lavar-se dessa nodoa, incluindo seu nome em lista triplice de eleição senatorial em 1834, e o benemerito foi escolhido senador por decreto de 20 de Dezembro do mesmo anno.

Desde então e durante vinte e cinco annos floresceu elle no senado brazileiro, onde frequente na tribuba apurou os dotes que já o tinhão recommendado na camara temporaria, sem que jamais um só dia, uma só vez mentisse aos principios liberaes que erão como as flammas de sua vida.

Nenhum se demonstrou mais firme e mais inabalavel que elle.

Em 1841 o imperador o agraciou com o gráo de official da imperial ordem do Cruzeiro, e mais tarde com o titulo de barão de Pindaré com grandeza.

No senado foi elle o primeiro signatario do projecto declarando em *maioridade* o senhor D. Pedro II: nas mais difficeis e ardentes discussões Costa Ferreira era certo na tribuna, onde franco e afouto nunca soccorreu-se á reticencias: dizia quanto pensava clara e positivamente. Nem era eloquente, nem forte argumentador: orava, como se conversasse, não declamava nunca, fallava simples e naturalmente; mas abundando em epigrammas pungentes e espirituosissimos. No debate mais caloroso e ás vezes violento elle se levantava, e soltando a voz sympathica confundia, exasperava os seus adversarios com adequada zombaria, e com feliz applicação de anedoctas, e de engraçados improvisos que fazião rir á todos, e abismavão no ridiculo os mais illustres oradores contrarios, e que no entanto serenavão o exaltamento exagerado do combate parlamentar.

O senador Candido Baptista de Oliveira, um sabio, e homem de espirito o mais subtil, dizia muitas vezes do barão de Pindaré: « quando elle morrer, não se achará tão cedo quem o substitua com iguaes dotes no senado. »

Fóra da camara vitalicia o barão de Pindaré em suas relações particulares era o mesmo que alli se mostrava, franco, amavel, honrado, ameno gracejador, typo de lealdade, e caridoso, conforme o ensina a lei divina.

O barão de Pindaré falleceu no Rio de Janeiro á 18 de Julho de 1860 na idade de oitenta e dous annos.

E pelas idéas liberaes que professava, e á cujo serviço

muito fizera aos oitenta e dous annos ainda era joven, como voltára de Coimbra e se mostrára no Maranhão aos cinco lustros de sua vida.

Foi benemerito pelos serviços, e exemplar pela firmeza na defensão dos principios que adoptára.

Nunca ultrapassou os limites da legalidade em politica; mas tambem nunca recuou uma pollegada no campo dos certamens legaes ou parlamentares, pleiteando pelo seu partido principalmente em periodos da mais acerba adversidade.

Em politica morreu com todo o ardor e enthusiasmo da juventude, quando já era octogenario.

O barão de Pindaré fulgura no passado com a luz brilhante do mais bello exemplo deixado na arena politica á actual e ás futuras gerações.

27 DE DEZEMBRO

JOÃO BAPTISTA VIEIRA GODINHO

Durante os tempos do governo colonial o adiantamento e distincção de um brazileiro em qualquer carreira dependente da acção official erão provas irrecusaveis do mais incontestavel merecimento: se algumas excepções houve desta regra, só se explicarão pela linhagem dos protegidos pertencentes á nobres e ricas familias da metropole.

Estas considerações servem para o calculo da intelligencia, da capacidade e dos serviços de João Baptista Vieira Godinho, nascido em 1742 na cidade de Marianna, provincia de Minas-Geraes, sendo pelo lado materno neto do sargento-mór Gabriel Fernandes Aleixo, escrivão da provedoria dos defuntos e auzentes, capellas e residuos da camara de Villa-Rica.

Mandado para Lisboa, Godinho assentou praça na Aca-

demia Militar em 1760, em Junho de 1764 foi promovido á 2° tenente do regimento de artilharia da cidade do Porto, e dez annos depois passou á capitão da companhia de bombeiros e lente do regimento de artilharia de Gôa que então se mandou organizar, assegurando-se-lhe na sua patente a de sargento-mór e lente, logo que acabasse a commissão que por seis annos o demoraria na India; mas no fim dos seis annos o governador e capitão-general não lhe permittio voltar para Lisboa, e o ministro do ultra-mar Martinho de Mello e Castro escreveu ao capitão Godinho, dizendo-lhe que ficasse na India, porque *alli era impossivel* e ainda mesmo em Portugal muito difficil encontrar quem com igual merecimento ao seu o substituisse.

Godinho foi subindo em postos; serviu de quartel-mestre general na campanha contra o Sar Dersai: ja coronel em 1784 partiu para as Molucas em governador e capitão-general das ilhas de Timor e Solor, levando *á sua custa* cento e seis pessoas, incluidos officiaes mecanicos e marinheiros: fez optimo governo, dobrou as proporções do commercio e em 1789 sahiu tão pobre que para pagar o seu transporte para Gôa, precizou vender um escravo, que possuia. A rainha D. Maria I por decreto de 5 de Outabro de 1792 dobrou-lhe o soldo e d'ahi em diante recebeu elle sempre o duplo dos vencimentos dos postos á que sabiu.

Inspeccionando o trem de artilharia, Godinho introduziu nesse serviço todos os melhoramentos já conhecidos na Prussia e na França.

Em 1799 deixou emfim a India; e foi, á pedido seu, servir no regimento de artilharia da Bahia, onde recebeu a patente de brigadeiro: ahi, na antiga capital do Brazil, deu

ao trem de artilharia, o que tinha dado ao de Gôa, e estabeleceu as machinas e meios necessarios para aproveitar a polvora deteriorada que costumavão deitar por inutil ao mar.

Godinho voltou á Lisboa, onde foi promovido á marechal de campo : encontrando então nessa capital em apertadas circumstancias o honrado desembargador Pestana e Vasconcellos, que lhe prestára muitos favores antes de sua partida para a India, o marechal já com sessenta e dous annos, cazou-se com a filha mais velha do amigo e pouco depois herdou o nobre encargo de toda sua familia.

Retido á força em Lisboa por Junot que invadira Portugal, e reduzido quasi á penuria, só em 1808 poude ir chegar á Bahia á 27 *de Dezembro,* e alli recebeu em 1808 a patente de tenente-general graduado, e a de effectivo no anno seguinte, morrendo mezes depois na madrugada de 12 de Fevereiro de 1811.

O tenente-general Godinho deixou volumosos manuscriptos sobre artilharia e fortificação ; todos porém truncados ;—um plano para o estabelecimento de um fundo de piedade em favor das viuvas e orphãos dos officiaes militares ;—outro para a negociação da canella ; um terceiro para a introducção do tabaco em pó na China, e ainda outros trabalhos.

28 DE DEZEMBRO

FRANCISCO DIOGO PEREIRA DE VASCONCELLOS

Em Villa-Rica depois cidade de Ouro Preto, capital da provincia de Minas-Geraes nasceu á 28 de Dezembro de 1812 Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, filho legitimo do Sr. Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos e de D. Maria do Carmo Barradas.

Estudou com distincção humanidades em sua provincia e na de S. Paulo seguiu o curso da Academia juridica, na qual em 1835 tomou o gráo de bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas.

No anno seguinte entrou na carreira da magistratura, sendo nomeado juiz municipal e de orphãos do termo do Ouro Preto, passando em seguida á juiz de direito substituto da comarca do Parahybuna, sendo em 1839 despa-

chado juiz de direito da comarca do Rio das Mortes sempre na previncia de Minas-Geraes.

Em 1840 foi eleito membro da assembléa da mesma provincia, e reeleito em outras legislaturas por vezes dirigiu eomo presidente, os trabalhos da assembléa.

De 1842 á 1844 exerceu o cargo de chefe de policia de Minas-Geraes.

Naquelle anno de 1842 sua provincia o elegeu deputado á assembléa geral legislativa, na qual continuou á ter assento, como deputado supplente de 1845 a 1848, e como deputado reeleito de 1850 em diante, até que em Novembro de 1857 foi por S. M. o Imperador escolhido senador em lista sextupla offerecida pela provincia, de Minas-Geraes.

Segundo vice-presidente desta provincia em 1843, passou logo depois á primeiro até 1844 : nella outra vez chefe de policia em 1849, veio no anno seguinte exercer o mesmo cargo na cspital do imperio até 1853, em que foi nomeado presidente de Minas-Geraes sendo transferido tres annos depois para a presidencia da provincia de S. Paulo.

Em Setembro de 1856 depois da mais rigida e laboriossima campanha parlamentar. falleceu o atleta vencedor, o marquez de Paraná chefe do gabinete chamado da *conciliação*, e este deixou o poder á 3 de Maio de 1857. No dia seguinte o marquez de Olinda encarregado pelo imperador de organisar novo gobinete, chamou á pasta da justiça Francisco de Vasconcellos. A politica do ministerio de 4 de Maio, que por seus adversarios foi denominada *geographica*, regeitava o predominio exclusivo de partidos, e reanimava o liberal fóra das posições officiaes desde Setembro de 1848, tendo por ministros da fazenda o visconde de Souza Franco, e da guerra o conselheiro Jeronymo

Francisco Coelho, um chefe, e outro notavel membro deste partido.

Abriu-se pois nova, porfiada, e brilhante campanha em ambas as casas do parlamento, e na camara temporaria Francisco Diogo já estimado como orador de merecimento ostentou na tribuna dotes notaveis, que até então sua modestia não o tinha deixado revelar.

A 12 de Dezembro 1858 o gabinete de 4 de Maio retirou-se, e o senador Diogo de Vasconcellos no intervallo das sessões legislativas exerceu na cidade do Rio de Janeiro a advocacia com louvor bem merecido por illustrada intelligencia e exemplar probidade.

Já doente e abatido aceitou a presidencia de sua querida provincia, e exercendo-a aggravarão-se os seus padecimentos, e chegou-lhe a morte na cidade do Ouro Preto, em Março de 1863.

Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, commendador da Ordem de Christo, e official da imperial da Roza, foi varão distincto e illustrado, na magistratura typo de justiça e de incorruptibilidade ; em politica membro importante do partido conservador, e desde 1857 manifestamente pronunciado em alliança com os liberaes sobresahiu em todos os tempos (fóra dos periodos de revolta e de reacções, em que o contagio das paixões chegou á todos) como homem tolerante, moderado, justiceiro e de magnanimo caracter.

Brilhou na vida menos do que suas faculdades podião; porque duas contrariedades o honrárão.

A primeira foi a sua modestia, que apenas esmagada pelo dever em 1857 e em 1858, só nos ultimos annos de sua vida deixou que resplendessem os raios fulgurantes de seu espirito.

A segunda foi o nome de Vasconcellos, nome que obrigava comparação temivel, e offuscadora.

Francisco Diogo era irmão de Diogo Pereira de Vasconcellos, o primeiro estadista do Brazil, o Hercules da tribuna parlamentar, o gigante ao pé do qual seus contemporaneos forão quasi todos pequenos vultos.

Francisco Diogo dizião aquelles que o apontavão : « é irmão do *Vasconcellos*.»

Vasconcellos o *velho* eclypsava Vasconcellos o irmão mais moço.

E enorme a responsabilidade de um nome grande e glorioso.

Mas Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos legou suave, esclarecida e bella memoria ; porque foi illustrado prtriota, servidor constante e zeloso do imperio, e porque depois de longos annos de serviços nos mais altos cargos e elevadas posições sociaes morreu, legando á sua unica e queredissima filha immaculado o nome de seu pae, e por toda fortuna... a maior pobreza.

29 DE DEZEMBRO

D. ROMUALDO ANTONIO DE SEIXAS

ARCEBISPO DA BAHIA, MARQUEZ DE SANTA CRUZ

Na villa hoje cidade de Camutá, provincia do Grão-Pará nasceu á 7 de Fevereiro de 1787 Romualdo Antonio de Seixas, filho legitimo de Francisco Justiniano de Seixas, e de D. Angela de Souza Bittancourt.

Aos sete annos de idade chegou á capital da provincia recommendado á seu tio o padre Romualdo de Souza Coelho, secretario do bispo da diocese do Pará D. Manoel de Almeida de Carvalho: o menino mandado para receber educação litteraria fez os seus estudos no seminario do Pará e aos treze annos de idade completou os de latim, francez, e de philosophia racional e moral com tanto applauso dos mestres, e com tanto ardor de applicação, e brilhantismo de intelligencia, que, dedicando-se ao sacerdocio, seu tio o enviou para Portugal afim de seguir as aulas da celebre

Congregação de S. Felippe Nery, onde muito approveitou, e recebeu lições de physica do illustre padre Theodoro de Almeida.

No fim de dous annos deixou a Congregação, demorou-se em Lisboa alguns mezes, aperfeiçoando-se no estudo de eloquencia e da litteratura com o famoso Dr. José Joaquim Ferreira de Moura.

Aos dezoito annos de idade voltou para sua provincia, e inaugurando-se então com grande selemnidade e em presença do capitão general conde dos Arcos a aula publica de philosophia, o joven Romualdo depois ser ouvido o discurso do competente professor, recitou, com autorisação previa, um seu e analogo ao objecto, merecendo elogios geraes, e desde esse dia a estima do conde dos Arcos, que depois no Rio de Janeiro fallava sempre do estudante futuro padre com os maiores louvores ao seu auspicioso talento.

O joven Romualdo apenas recebeu a primeira tonsura, foi logo nomeado mestre de ceremonias do solio e desde a idade de dezenove annos fulgurou no magisterio do Seminario Ecclesiastico do Pará, ensinando successivamente latim, rhetorica e poetica, philosophia, a lingua franceza, e por fim theologia dogmatica.

Subdiacono aos vinte e um annos, teve por graça especial de seu Prelado permissão para annunciar a palavra divina e estreou-se, improvisando o panegyrico de S. Thomaz de Aquino, substituindo na tribuna sagrada o proprio bispo diocesano que devia pregar, e adoecêra na vespera da festividade religiosa e solemne.

Ainda aos vinte e um annos e apenas com a ordem de diacono foi com outro joven ecclesiastico enviado ao Rio de

Janeiro em 1809 á cumprimentar á rainha, ao principe regente, e á familia real portugueza na nova capital da monarchia, e tambem á tratar de graves e importantes negocios da diocese.

Receberão ambos o melhor acolhimento do principe regente, cumprirão dignamente sua duplicada missão, e voltarão agraciados com o habito da Ordem de Christo, e com a promoção ás cadeiras de conegos da Sé do Pará, então vagas.

Regressando á sua provincia, o conego Romualdo recebeu a sagrada Ordem de Presbytero em 1810, e celebrou sua primeira missa na igreja parochial de Camutá, a villa de seu berço, a 1 de Novembro do mesmo anno.

Vigario encommendado em Camutá, logo depois chamado á capital da provincia para exercer os cargos de provisor e vigario geral durante a auzencia do seu tio, o conego Souza Coelho, á quem o bispo mandára ao Rio de Janeiro para represental-o na coroação de D. João VI, occorrêrão a vaga a Sé do Pará pela morte do bispo, e a nomeação de seu tio o conego Souza Coelho para succeder no bispado, e Romualdo de Seixas foi vigario capitular, emquanto o novo bispo eleito, de volta ao Rio de Janeiro, alli esperava a bulla de confirmação.

Tambem Souza Coelho falleceu, e ao conego Romualdo coube a piedosa tarefa de tecer o elogio do illustre finado, seu tio, seu segundo pae, seu virtuoso e illustre director, nas exequias desse Prelado. A eloquentissima e tocante oração funebre foi impressa em Lisboa, e submettida a critica de um dos mais abalisados pregadores dessa capital recebeu este conciso e eloquentissimo juizo: « o conego Romualdo começa por onde os outros acabão. »

Foi por este tempo que os dous sabios naturalistas allemães Spix e Martius chegárão ao Pará, e ahi tanto apreciarão as luzes e o merecimento do conego Romualdo, que, mais tarde de volta á patria, lhe enviarão o diploma de socio da real academia de sciencias de Munich.

Em 1821 o conego Romualdo Antonio de Seixas foi eleito membro e presidente da Junta provisoria do Pará organisada em consequencia da revolução constitucional de Portugal, e nesse governo elle não sómente foi elemento poderoso de ordem e de justiça, como prestou consideraveis serviços administrativos.

Em 1823 a tropa luzitana ainda dominante no Pará obrigou o conego Romualdo á aceitar a presidencia de nova Junta provisoria: nesse cargo imposto pela força e contrario á causa nacional do Brazil, elle soube ser de proveito á patria, vencendo a furente resistencia dos chefes militares, e salvando as vidas de jovens patriotas paraenses condemnados á morte por adhesão proclamada á independencia e á união brazileira. O illustre e benemerito conego Romualdo, arriscando até sua vida, propoz e fez adoptar a medida de se enviarem presos para Lisboa os patriotas, já marcadas victimas. A cidade de Nossa Senhora de Belem illuminou-se á noute em applauso da sabia providencia salvadora daquelles gloriosos paraenses, entre os quaes se contou Bernardo de Souza Franco. mais tarde, o Hercules liberal do parlamento brazileiro.

A oppressão luzitana foi abatida: o Pará radiou enthusiasmado saudando o estandarte nacional do imperio. Na primeira eleição ordinaria essa provincia contemplou no numero dos seus deputados, e no dos membros do seu conselho geral o conego Romualdo, que tambem incluido em

lista para senador, fez della riscar o seu nome, declarando que aindá lhe faltavão dous annos para a idade que a constituição exigia aos senadores.

Em 1826 o conego Romualdo tomou assento na camara temporaria e á 12 de Outubro do mesmo anno foi nomeado Arcebispo da Bahia, sendo expedidas as Bullas de confirmação á 30 de Maio de 1827 pelo S. P. Leão XII.

Conego ainda, tinha na pomposa e solemne apresentação do principe imperial (o senhor D. Pedro II) recemnascido desempenhado com jubilosa eloquencia a tarefa honorifica de orador na tribuna sagrada: bispo eleito foi o pregador escolhido para as exequias da primeira imperatriz do Brazil, e seu discurso correu impresso e ganhou applausos ainda mesmo daquelles que conservavão viva a lembrança do de S. Carlos nas exequias da rainha D. Maria I.

Em 1828 o arcebispo da Bahia foi presidente da camara dos deputados.

Na terceira legislatura de 1834 a 1837 a Bahia deu-lhe assento na camara temporaria pela segunda vez, e ainda depois o elegeu para a quarta legislatura.

No parlamento fulgurou como orador de profundo saber e de eloquencia arrebatadora em assumptos pertinentes á religião. Sem ligação estreita ou disciplinar de partido politico algum, não recusou ante ás questões mais graves e ardentes dos nove annos de regencia trina e de regentes: foi dos desesete deputados que votarão contra o projecto do banimento de D. Pedro I, o ex-imperador por voluntaria abdicação; foi estrenuo defensor de José Bonifacio, quando na camara se tratou da remoção da tutoria do imperador menor e de suas augustas irmãs; em 1836 declarou-se em opposição ao regente Feijó e por suas idéas e convicções

já era em politica conservador, quando Bernardo de Vasconcellos encontrou-o já de antes doctrinario da escola conservadora ao organisar o partido, que levou o regente Feijó á renuncia do seu alto cargo.

Em 1838 o Arcebispo da Bahia occupou de novo a cadeira da presidencia da camara : então combatião-se ardente e desabridamente os partidos ; mas a voz do Metropolitano brazileiro era tão respeitada, que ao seu primeiro conselho, á sua mais simples prevenção os oradores mais fogosos, e menos comedidos arrefecião logo, e obedecião sem protesto.

A' 18 de Julho de 1841 presidiu como Metropolita e Primaz do Brazil a brilhante solemnidade da sagração de S. M. o Imperador o senhor D. Pedro II.

Em 1839, não tendo podido deixar á Bahia para comparecer á sesão legislativa, foi lá surprehendel-o o decreto do regente que o nomeava ministro do imperio de novo gabinete organisado; mas resistindo á todas as instancias, não se prestou á aceitar o alto e honroso cargo.

O anno de 1841 foi o ultimo em que o Arcebispo da Bahia teve assento no corpo legislativo.

Na provincia da Bahia o venerando Arcebispo pertenceu por muitos annos desde a primeira legislatura á assembléa provincial e nella prestou relevantes serviços.

Em 1835 achando-se o Pará á braços com horrivel e barbara revolta, dirigiu o sabio Arcebispo commovente e patriotica pastoral aos paraenses, persuadindo-os á voltar á obediencia ás leis, depondo as armas.

Em 1837 rebentando na cidade da Bahia a revolução republicana que dominou alli por alguns mezes, o Arcebispo retirou-se para o Reconcavo e lá publicou duas pastoraes que produzirão effeito consideravel, animando e exaltando o

povo, que acudio na defesa das instituições, da união do imperio e da ordem.

No governo do arcebispado D. Ramualdo de Seixas deixou exemplo e lição de sabedoria, de moderação temperadora da energia, de harmonia patriotica e admiravel com o poder do Estado sem sacrificio algum do poder espiritual. Ao governo imperial nunca desobedeceu e quando tinha de zelar pelos direitos da igreja, nem protestava, escrevia representando, discutindo, illuminando, e chegava sempre á accôrdo sem precedencia de conflicto.

Distinguiu-se no empenho da illustração, e da moralidade do clero ; tudo porém conseguiu sem ostentação de energico esforço, e sempre com o maior tino e prudencia, e com as reservas precisas para não expôr os sacerdotes menos zelosos ás censuras e á irrisão do publico menos sensato que ás vezes ataca o ministerio sagrado pelos erros e abusos de alguns ministros reprehensiveis.

Tão sabio como era modesto, de accesso facilimo e agradavel, amante dedicado do seu paiz, enthusiasta da mocidade talentosa, mestre que pedia conselhos, o venerando e esclarecidissimo Arcebispo D. Ramualdo foi explendido pharol de civilisação, animador de jovens litteratos e poetas, guia paternal, chefe que se mostrava irmão amigo do clero que governava, e seio aberto aos pobres em evangelica e tanto quanto podia escondida caridade.

Na tribuna parlamentar fez brilhar os reflexos dos raios admiraveis da sua eloquencia arrebatadora na tribuna sagrada. Era orador todo luz de sciencia, arroubo de enthusiasmo, e imponènte de convicções.

Homem gigante pela intelligencia, e pela vasta illustração, brilhou como o sol no céo da igreja no Brazil.

Sobrarão-lhe honras da terra, cujo explendor offuscava, assombrando sua modestia. Sabios do velho mundo, os mais eloquentes oradores sagrados do Brazil, todos os estadistas do imperio, poetas, litteratos, historiadores do paiz pagavão tributos de respeito e de admiração ao venerando Arcebispo.

A academia real de sciencias de Munich, o Instituto de Africa em Pariz, o Instituto Geographico Brazileiro, e dez outras ou mais saciedades scientificas e litterarias lhe conferirão diplomas de socio honorario ou correspondente.

O imperador D. Pedro I nomeou-o pregador da capella imperial, e grande dignitario da Imperial Ordem da Roza: o Sr. D. Pedro II agraciou-o com a grã-cruz da Ordem de Christo e com o titulo bem merecido e inspiradamente escolhido de conde e depois Marquez de Santa Cruz.

O Arcebispo da Bahia marquez de Santa Cruz falleceu na capital do seu arcebispado á 29 de Dezembro de 1860.

O que valia esse homem immenso na estima e na veneração do povo, disse-o a cidade da Bahia no luto profundo ainda mais nos corações, do que na publica e geral manifestação, em que a acompanhou com o mais doloroso sentimento o Brazil todo.

O Arcebispo da Bahia Marquez de Santa Cruz deixou á sua patria o thezouro de algumas de suas obras em seis volumes que são preciosos; mas apenas dão idéa incompleta do grandioso merecimento, e do saber profundo e vasto, que o recommendarão á admiração dos seus comtemporaneos.

30 DE DEZEMBRO

LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO

Natural da cidade de Porto Alegre capital da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, onde nasceu em 1817 Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, filho legitimo do brigadeiro Wenceslão de Oliveira Bello e de D. Anna Bello, pertencia a uma das mais consideradas familias de sua provincia.

Perdendo muito cedo sua mãe, e em consequencia do serviço militar que frequentemente obrigava seu pae á ausentar-se, ficou sob os cuidados de seu avô materno, o major André Alves Ribeiro Vianna, que o amou estremecido por si e pela filha que lhe roubára a morte; foi o idolo e o companheiro inseparavel do extremoso velho, sua segunda Providencia na terra.

Fez os seus primeiros estudos em Porto-Alegre, e foi concluir os que lhe faltavão em S. Paulo, onde se formou em sciencias juridicas.

Destinando-se á carreira da magistratura, estreou no lugar de promotor publico da villa de Itaborahy, na provincia do Rio de Janeiro, deixando alli suaves recordações, e nem um só desaffecto, tendo desempenhado o seu cargo com intelligencia e exemplar honestidade; exerceu depois em Porto-Alegre a vara de juiz de direito criminal, e nesse lugar foi aposentado com honras de dezembargador.

Influencia legitima na sua provincia, o dezembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello era nella um dos dous principaes chefes do partido conservador, e, eleito por vezes deputado á assembléa geral, mereceu sempre muita consideração dos seus collegas na camara temporaria; foi nella orador estimado; e na tribuna respeitava tanto as conveniencias, e quebrava lanças com tão esmerada cortezia, que sempre no fim do combate podia o adversario apertar-lhe nobremente a mão.

Na qualidade de vice-presidente do Rio-Grande do Sul, coube-lhe por algumas vezes a gloria de administrar sua provincia natal, distinguindo-se principalmente em 1851, quando o actual Sr. duque de Caxias, seu parente pelo lado paterno, passou á frente do exercito brazileiro aos campos do Prata para fazer a campanha contra Oribe e o dictador de Buenos-Ayres.

Cavalleiro de fina educação, homem de caracter grave, de costumes puros e de severa probidade, o dezembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello era excellente esposo e desvelado pae; morreu no vigor dos annos, chorado por

quantos o conhecerão, e que accordes dão testemunho do seu ameno trato e das suas virtudes civicas e particulares.

Sua morte foi o mais lamentavel desastre. Andava elle divertindo-se á caça em uma de suas estancias na provincia do seu berço, quando por descuido proprio, ou por triste fatalidade, a espingarda disparou não esperado tiro, que o fez cahir morto á 30 de Dezembro de 1865.

A patria perdeu no dezembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello um cidadão distincto, e dedicado, e o partido conservador o seu principal e mais estimado chefe na provincia do Rio-Grande do Sul.

Era um homem de grande futuro politico, que morreu ao meio dia de sua vida já preclara.

A embaixada era de caracter apparatoso e de ostentação de amizade, e o seu pessoal foi esmeradamente escolhido : a guerra da successão de Hespanha tinha acabado : a paz geral estava feita, e pelos tratados e pelas convenções de 1712, 1713 e 1714 estavão resolvidas as questões politicas; mas Portugal queria firmar boas relações com a França e honrar o seu velho rei Luiz XIV, que aliás morreu pouco depois da chegada do embaixador portuguez em Pariz no anno de 1715.

Alexandre de Gusmão aproveitou sua demora em França para tomar na competente faculdade o gráo de doutor em direito civil, romano e ecclesiastico, e para aprofundar seus conhecimentos principalmente em assumptos diplomaticos.

Em 1720 de volta á Portugal com a embaixada, foi elle empregado na secretaria dos negocios do reino, e começou a serie de seus longos e importantes serviços.

Em 1721 seguio para Roma adjunto á missão particular de seu irmão Bartholomeu Lourenço de Gusmão, á quem em breve substituio, ficando á lutar com embaraços e delongar de todo o genero até 1730, em que tornou para Portugal, tendo conseguido as honras de patriarcha para o arcebispo de Lisboa, e o titulo de *Fidelissimo* para o rei.

D. João V nomeou Alexandre de Gusmão para o cargo de *escrivão da puridade* não denominado; mas equivalente á ministro de importante repartição ; porque transmittia as ordens do rei sobre quasi todos os serviços da administração do Estado.

Além desse cargo Alexandre de Gusmão foi incumbido da decifração da correspondencia diplomatica, e substituio o antigo signo por novo que creou. Até 1750 foi elle a intelligencia, inspiradora das mais importantes negociações

externas: entre outras a prerogativa da apresentação dos bispos pelo rei fidelissimo á seus esforços e habilidade se deveu. Documentos incontestaveis provão que era elle o mais consummado diplomata do seu tempo em Portugal e pelo menos igual á D. Luiz da Cunha que aliás o tinha naquelle elevado conceito.

Na administração dos negocios internos abundão provas documentaes, de que Alexandre de Gusmão foi, como escrivão da puridade, ministro recto, energico, liberal e habilissimo.

O Sr. conselheiro Pereira da Silva na sua obra (neste e em outros artigos de perto seguida) *Os Varões Illustres do Brazil,* tratando deste celebre e sabio brazileiro, copia diversos *avizos* do escrivão da puridade Alexandre de Gusmão, que bastarião para realce e honra do seu nome.

O famoso *tratado de Madrid* de 13 de Janeiro de 1750, aliás tão mal comprehendido pelos portuguezes, foi a ultima obra, e a chave de ouro da vida diplomatica de Alexandre de Gusmão. Esse tratado, pelo qual se fixavão os limites do Brazil com os dominios hespanhóes na America do Sul, embora deixasse á Hespanha a *Colonia do Sacramento,* era muito vantajoso, e digno do imminente brazileiro que o preparou, esclareceu em memoria offerecida á D. José I, e ainda depois defendeu em escripto primoroso que publicou em Lisboa sob o titulo—Impugnação.

Em 1742 nomeado ministro do conselho ultramarino, Alexandre de Gusmão prestou bons serviços á administração e á colonisação do Brazil, sua patria.

Mas em 1750 fallecêra D. João V, e no reinado de D. José I Alexandre de Gusmão posto de lado, e cahido em desfavor, ainda mais se sentio ferido no coração, perdendo

dous filhos que de seu consorcio tivera, e perdendo-os horrivelmente em 1751 em um incendio que lhe devorou a casa, e quanto possuia.

Pouco sobreviveu á semelhante golpe: morreu á 31 de Dezembro de 1753, sendo sepultado no convento de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas descalços.

Diplomata, estadista, e administrador de primeira ordem, homem de vasta intelligencia, e de grandes e variados conhecimentos Alexandre de Gusmão foi um dos cincoenta membros da Academia Real da Historia Portugueza, e de diversas academias estrangeiras, e ganhou por discursos academicos, composições poeticas, e memorias sobre interessantes assumptos notavel reputação litteraria.

FIM DO TERCEIRO VOLUME

INDICE

TERCEIRO VOLUME

Setembro

Outubro

Novembro

Dezembro